



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
DOUTORADO EM SOCIOLOGIA

ARTUR ALVES DE VASCONCELOS

**“NORDESTINANDO AS ARQUIBANCADAS”: OS CANGACEIROS ALVINEGROS
NO UNIVERSO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS CEARENSES**

FORTALEZA

2016

ARTUR ALVES DE VASCONCELOS

“NORDESTINANDO AS ARQUIBANCADAS”: OS CANGACEIROS ALVINEGROS
NO UNIVERSO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS CEARENSES

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientadora: Prof. Dra. Isabelle Braz Peixoto da Silva

Coorientador: Prof. Dr. Domingos Sávio Abreu

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- V45n Vasconcelos, Artur Alves de.
“Nordestinando as arquibancadas” : os cangaceiros alvinegros no universo das torcidas organizadas cearenses / Artur Alves de Vasconcelos. – 2016.
256 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2016.
Área de Concentração: Sociologia.
Orientação: Profª. Dra. Isabelle Braz Peixoto da Silva.
1. Futebol – Torcedores – Ceará. 2. Futebol – Aspectos sociais – Ceará. 3. Regionalismo e esportes – Ceará. 4. Violência nos esportes – Ceará. I. Título.

CDD 796.334098131

ARTUR ALVES DE VASCONCELOS

“NORDESTINANDO AS ARQUIBANCADAS”: OS CANGACEIROS ALVINEGROS
NO UNIVERSO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS CEARENSES

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientadora: Prof. Dra. Isabelle Braz Peixoto da Silva

Coorientador: Prof. Dr. Domingos Sávio Abreu

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Isabelle Braz Peixoto da Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Domingos Sávio Abreu
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luiz Fábio Silva Paiva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Josiane Maria de Castro Ribeiro
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof. Dra. Rosângela Duarte Pimenta
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

À memória de minha avó *Severina
Gomes Alves*, que amou o seu sertão.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Francisco Carlos Colares Vasconcelos (*in memoriam*) e Maria Águida Alves dos Santos Vasconcelos, por todo carinho e dedicação. Também pela certeza de que uma boa educação, tanto em casa quanto em boas escolas (cujas quitações de mensalidades muitas vezes vieram mediante grande esforço), era fator fundamental para um bom caminho na minha vida.

À minha avó Severina (*in memoriam*) e tios José, Bosco e Ágila Alves, pelo apoio e ajuda em todos os momentos da vida.

À minha esposa, amiga e companheira Maria Alda (que nos agradecimentos da dissertação ainda estava na parte de “amigos”!).

Ao pessoal da Sociedade de Estudos em Esporte: Amanda Lima, Caio Pinheiro, Diego Morais, Germana Rufino, Joaquim Sobreira, Marcelo Ribeiro, Mário Costa, Radamés Rogério, Ricardo Gadelha. Ao Mário agradeço ainda pela grande ajuda na revisão do texto.

A todos do GEPE: André Barbosa, Elói Magalhães, Ercílio Langa, Daniele Moreno, Rafael Viana, Ronaldo Queiroz e Ryanne M. Bahia.

Aos alunos da disciplina Sociologia do Esporte, que ajudaram a formar o banco público de dados que teve enorme importância neste trabalho: Amanda Lima, Bruno Camilo, Germana Rufino, Iohanna Luiza, Renan Tchalikian, Renato Gurgel.

A todos do cangaço, pela grande ajuda na pesquisa e pela oportunidade de conhecer uma nova e empolgante forma de torcer.

À prof. Isabelle Braz, pelo incentivo e aprendizado desde a graduação; ao prof. Domingos Abreu, pela paciência e inestimável ajuda nesses anos de pós-graduação.

Profs. Luiz Fábio Paiva, Josiane Ribeiro e Rosângela Pimenta, pela leitura, críticas e sugestões ao trabalho.

Profs. e colegas do Departamento de Ciências Sociais da UFC, grato pela grande experiência pessoal e acadêmica ao longo desses doze anos de curso, desde a aula inaugural de 01/03/2004 até a data de defesa desta tese.

...e eu não poderia deixar de agradecer à Capes pela bolsa de pesquisa.

“In science, when human behavior enters the equation, things go nonlinear. That's why Physics is easy and Sociology is hard” (Neil deGrasse Tyson, astrofísico).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender de que modo a Torcida Cangaceiros Alvinegros se posiciona dentro do universo das Torcidas Organizadas de futebol cearenses, notadamente as qual abrangem os dois principais times da cidade de Fortaleza: o Ceará SC e o Fortaleza SC.. Metodologicamente, observou-se esses torcedores em dias de jogos, dentro dos estádios e em seus entornos. Realizou-se entrevistas com integrantes, além de questionários com componentes dos Cangaceiros e também com de duas Organizadas tradicionais: a Cearamor e a TUF, constituindo assim uma abordagem qualitativa, com viés também quantitativo. As Torcidas Organizadas podem ser divididas em dois grupos: as "tradicionais" e as "alternativas". Enquanto as primeiras surgiram a partir da década de 1980, estas últimas aparecem já nos anos 2000. Os Cangaceiros afirmam ser uma "torcida diferente" em relação às tradicionais. Para isso, lançam mão de dois discursos principais: o de "movimento cultural nordestino" e o de condenação à violência física. Entretanto, constatou-se que os Cangaceiros estão em um movimento constante de aproximação e distanciamento em relação às Organizadas tradicionais. Se em alguns momentos eles buscam uma diferenciação, em outros demonstram desejo de se inserir no *campo* das torcidas, compartilhando de certos *capitais* comuns à Organizadas tradicionais. Menos do que uma contradição, esse movimento indica estratégias conscientes de inserção e de reconhecimento dentro desse *campo*.

Palavras-chave: Futebol. Juventude. Nordeste. Regionalismo. Torcidas Organizadas. Violência.

ABSTRACT

This research aims to understand how the football cheerleaders named “Cangaceiros Alvinegros” position themselves in the universe of cheerleaders in the Brazilian state of Ceará, mainly those who support the two principal teams from the city of Fortaleza. Methodologically, “Cangaceiros” were observed in the stadiums and in its surrounds. It was realized interviews with this group members, and also questionnaires with “Cangaceiros” and members of the cheerleaders Cearamor and TUF. It’s a qualitative and quantitative approach. The cheerleaders groups can be categorized into two types: the “tradicional cheerleaders” (Organizadas tradicionais) and the “alternative cheerleaders” groups (Organizadas alternativas). The “tradicional” appeared in the 80s; while the “alternatives” are from the 2000s. “Cangaceiros” say that they are a “different type of soccer fans”, based on two speeches: the “cultural movement” about the Northeast region of Brazil, and the condemnation to physical violence. However, it was noticed that “Cangaceiros” are in a constant movement of approaching and distancing to “tradicional cheerleaders”. In some moments they try to affirm themselves as “diferentes”, but in other times they try to enter the *field* cheerleaders groups, sharing certain types of *capital* that are typical in “tradicional cheerleaders” groups. This isn’t a contradiction, but a conscious strategy of insertion and recognition in this *field*.

Key words: Football. Youth. Northeast. Localism. Cheerleaders groups. Violence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Escudos dos principais grupos de torcedores do Ceará SC	46
Figura 02 – Protestos dos torcedores <i>anti-exofiliação</i>	61
Figura 03 – Torcedor com a camisa dos Cangaceiros participando de uma briga	69
Figura 04 – Divisão de torcidas no Castelão em partidas comuns	76
Figura 05 – Divisão de torcidas no PV em partidas comuns	76
Figura 06 – Divisão de torcidas no Castelão em Clássico-Rei	79
Figura 07 – Divisão de torcidas no PV em Clássico-Rei	79
Figura 08 – Emblema de 2011	107
Figura 09 – Emblema comemorativo do centenário do Ceará CS em 2014	108
Figura 10 – Emblema de 2015	109
Figura 11 – Camisa oficial dos Cangaceiros lançada em 2011	112
Figura 12 – Camisa em homenagem a Luiz Gonzaga	114
Figura 13 – Camisa em homenagem a Dominginhos	116
Figura 14 – Camisa sobre patativa do Assaré	118
Figura 15 – Camisa alusiva a Antônio Conselheiro	123
Figura 16 – “Três anos nordestinando as arquibancadas”	125
Figura 17 – Faixa com o nome completo da torcida	129
Figura 18 – Faixa “Orgulho de ser nordestino”	130
Figura 19 – Uma das faixas usadas durante viagens	131
Figura 20 – Bandeira com o primeiro escudo da torcida	134
Figura 21 – <i>Bandeirão</i> da torcida	135
Figura 22 – Bandeira em Homenagem a Luiz Gonzaga	136
Figura 23 – Capa do CD	138

Figura 24 – Triângulo	142
Figura 25 – Zabumba e triângulo “brigam” para alegar o arraiá do cangaço	143
Figura 26 – Quadrilha junina no cangaço	144
Figura 27 – Presidentes de quatro das Torcidas Organizadas do Ceará SC	147
Figura 28 – Quadro “Retirantes” (1944), de Cândido Portinari	158
Figura 29 – A mascote da torcida	184

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Idade nos Cangaceiros	87
Gráfico 02 – Idade na Cearamor	87
Gráfico 03 – Idade na TUF	88
Gráfico 04 – Renda familiar nos Cangaceiros	89
Gráfico 05 – Renda familiar na Cearamor	90
Gráfico 06 – Renda familiar na TUF	90
Gráfico 07 – Escolaridade nos Cangaceiros	92
Gráfico 08 – Escolaridade na Cearamor	93
Gráfico 09 – Escolaridade na TUF	94
Gráfico 10 – Bairros de moradia dos Cangaceiros	96
Gráfico 11 – Bairros de moradia dos componentes da Cearamor	97
Gráfico 12 – Bairros de moradia dos componentes da TUF	98

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – O que me levou a participar da T.O: sinto-me nordestino	52
Tabela 02 – Você torce ou já torceu por um time de outro estado?	62
Tabela 03 – Minha motivação para ir ao estádio é fazer parte da T.O.	81
Tabela 04 – Você participa ou já participou de outra T.O.?	81
Tabela 05 – Minha motivação para ir ao estádio é que este é o meu momento de lazer	82
Tabela 06 – Minha motivação para ir ao estádio é que gosto de ver o jogo ao vivo	82
Tabela 07 – Minha motivação para ir ao estádio é que gosto de participar da festa e da vibração da torcida	83
Tabela 08 – Minha motivação para ir ao estádio é a fase vitoriosa do clube	83
Tabela 09 – Minha motivação para ir ao estádio é incentivar o meu time	85
Tabela 10 – Eu estou disposto a ajudar com dinheiro	91
Tabela 11 – Eu estou disposto a cantar	173
Tabela 12 – Eu estou disposto a brigar	193
Tabela 13 – Eu estou disposto a brigar, divisão por sexo	194
Tabela 14 – Minha motivação para ir ao estádio é brigar pelo meu time	196
Tabela 15 – Minha motivação para ir ao estádio é brigar pelo meu time, divisão por sexo	196
Tabela 16 – Eu acho que as T. O. em geral são uma família	198
Tabela 17 – Eu acho que a minha T. O. é uma família	198
Tabela 18 – Eu acho que as T.O. em geral são bagunceiras	199
Tabela 19 – Eu acho que a minha T.O. é bagunceira	199

Tabela 20 – Eu acho que as T.O. em geral são briguentas	200
Tabela 21 – Eu acho que a minha T.O. é briguenta	200
Tabela 22 – O que me levou a participar da T.O.: me sinto em família	204
Tabela 23 – O que me levou a participar da T.O.: acompanho os meus amigos	205
Tabela 24 – Eu acho que as T.O. em geral são pacíficas	208
Tabela 25 – Eu acho que a minha T.O. é pacífica	208
Tabela 26 – O que me levou a participar da T.O.: me sinto seguro	209
Tabela 27 – Eu estou disposto a fazer coreografia	214
Tabela 28 – Eu estou disposto a fazer coreografia. Divisão por sexo	214
Tabela 29 – Eu estou disposto a chorar	215
Tabela 30 – Eu estou disposto a chorar, divisão por sexo	215
Tabela 31 – Composição das torcidas pela variável “sexo”	216
Tabela 32 – Qual Torcida Organizada do seu time você considera que se comporta de maneira mais parecida com a sua?	217
Tabela 33 – Qual Torcida Organizada do seu time você considera que se comporta de maneira mais diferente da sua?	218
Tabela 34 – Que nota você dá para a sua e para as outras T.O. do seu time?	219
Tabela 35 – Eu acho que as T.O. em geral são as que mais têm o time no coração	224
Tabela 36 – Eu acho que a minha T.O. é a que mais tem o time no coração	225
Tabela 37 – Os torcedores do meu time que não fazem parte de nenhuma T.O. são menos dedicados	226
Tabela 38 – Os torcedores do meu time que não fazem parte de nenhuma T.O. são importantes porque também incentivam o time	226

Tabela 39 – Os torcedores do meu time que não fazem parte de nenhuma T.O.:	
não ligo pra eles.	227
Tabela 40 – Eu costumo vir ao estádio com:	228
Tabela 41 – Eu costumo vir ao estádio com: (divisão por sexo)	229
Tabela 42 – Você vem ao estádio com um torcedor do outro time e se separa dele dentro do estádio?	230
Tabela 43 – Quando você começou a torcer pelo time?	231
Tabela 44 – Quando você começou a torcer pelo time? (divisão pro sexo)	231
Tabela 45 – Quando você ingressou na sua T.O.?	232
Tabela 46 – Quando você ingressou na sua T.O.? (divisão por sexo)	233
Tabela 47 – Quem levou você a torcer pelo time?	233

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Ceará SC	Ceará Sporting Club
Fortaleza EC	Fortaleza Esporte Clube
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
JGT	Jovem Garra Tricolor
MOFI	Movimento Organizado Força Independente
NFB	Livro “O negro no futebol brasileiro”
PV	Estádio Presidente Vargas
T.O.	Torcida Organizada / Torcidas Organizadas
TUF	Torcida Uniformizada do Fortaleza
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	19
2.	TORCIDAS ORGANIZADAS NO ESTADO DO CEARÁ: BREVE HISTÓRICO	38
2.1	As Organizadas tradicionais do estado do Ceará	42
2.2	As Organizadas alternativas do Ceará SC	49
2.3	Surgem os Cangaceiros Alvinegros	51
2.3.1	<i>Um “movimento cultural” sobre o Nordeste</i>	52
2.3.2	<i>Uma torcida não-violenta</i>	53
2.3.3	<i>Exofiliação vs anti-exofiliação clubística: “Sou Nordestino e tenho time pra torcer”</i>	59
2.4	O universo das Torcidas Organizadas como um <i>campo</i>	65
2.5	A setorização dos torcedores	75
2.6	As diferentes motivações dos torcedores organizados para ir ao estádio	80
2.7	Perfis socioeconômicos	85
2.7.1	<i>Idade</i>	86
2.7.2	<i>Renda</i>	89
2.7.3	<i>Escolaridade</i>	92
2.7.4	<i>Bairros de moradia</i>	95
3.	“NORDESTINANDO AS ARQUIBANCADAS”	102
3.1	A cor laranja	103
3.2	Mascote	105
3.3	Emblemas	106
3.4	Camisas	110

3.5	Faixas	126
3.6	Bandeiras	132
3.7	Músicas e bateria	137
3.7.1	<i>O primeiro CD dos Cangaceiros Alvinegros</i>	137
3.7.2	<i>Os instrumentos e as canções nos estádios</i>	140
3.8	Chapéus de couro	145
3.9	Discurso regionalista nordestino	150
3.9.1	<i>Conceitos de região e regionalismo</i>	151
3.9.2	<i>O nascimento de uma identidade regional</i>	152
3.9.3	<i>O Nordeste “atrasado”</i>	154
3.9.4	<i>O nascimento institucional da Região</i>	162
3.9.5	<i>O cangaço</i>	165
3.9.6	<i>Tradições inventadas, culturas em movimento</i>	166
3.10	O Nordeste da Torcida Organizada Cangaceiros Alvinegros	169
4.	OS CANGACEIROS ALVINEGROS NO UNIVERSO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS CEARENSES	172
4.1	Ritmos musicais: <i>funk</i>, forró, axé, samba	172
4.2	Visões sobre violência entre torcidas	182
4.2.1	<i>Resignificando o cangaço</i>	183
4.2.2	<i>Bebida alcoólica e violência</i>	185
4.2.3	<i>Violência e Torcidas Organizadas</i>	193
4.2.4	<i>Violência verbal e questões de gênero</i>	210
4.3	Identificação com outras Organizadas	216

4.4	Identificação com os torcedores comuns	224
4.5	Companhias e influências para torcer e para entrar na Organizada	227
	REFERÊNCIAS	245
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	251
	APÊNDICE B – MODELO DE QUESTIONÁRIO	252

1. INTRODUÇÃO

O meu interesse em trabalhar com torcedores de futebol começou durante o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, do qual fui discente durante os anos de 2009 a 2011. Naquela oportunidade, estudei os torcedores “mistos” da região Nordeste. Muito resumidamente, “misto” é alguém que torce por um time de Rio de Janeiro ou São Paulo sem, no entanto, ser cidadão daqueles estados. Essa maneira de torcer é criticada pelos “anti-mistos”. Estes defendem que os fãs devem torcer para equipes da sua própria região. Apoiar os clubes do Nordeste seria uma maneira de mostrar orgulho pela região. Por outro lado, ainda dentro desse discurso “anti-misto”, ser fã de um time “de fora” significaria envergonhar o Nordeste.

Conheci, já no processo de finalização daquela pesquisa, um recém-fundado grupo de torcedores do Ceará SC que também compartilhava do discurso “anti-misto”: a “Torcida Cangaceiros Alvinegros”. O lado regionalista dessa torcida parecia ser muito forte. Seus integrantes, por exemplo, usavam chapéus de couro e usavam camisas que faziam referência aos cangaceiros históricos. Os materiais também tinham a presença vibrante da cor laranja, que se destacava em meio ao preto-e-branco das torcidas do Ceará SC. *A priori*, essa cor parecia aludir ao sol e chão sertanejos. Sem dúvida era um grupo que merecia uma atenção especial. Contudo, aquela torcida fora fundada em março, apenas dois meses antes de minha defesa, de tal modo que não tive tempo para melhor estudá-la.

Os meses entre a conclusão do mestrado – final de maio – e o início da seleção para o doutorado em Sociologia – outubro de 2011 – foram suficientes para observar um pouco melhor os Cangaceiros e tomá-los como tema para um projeto de pesquisa. O que mais me chamava a atenção eram os símbolos escolhidos para se falar sobre a região, como os chapéus de couro, as referências ao cangaço e o uso do forró em um universo onde predomina o *funk*. Outra fala recorrente entre esses torcedores, embora menos forte do que o lado regional, era a afirmação de que eles eram uma torcida pacífica. Há uma imagem social de que as torcidas de futebol são violentas. Os Cangaceiros em parte compartilham dessa imagem, e justamente por isso viam a necessidade de salientar essa sua característica de não violência.

Desde cedo, então, notei que os discursos que essa torcida produzia pareciam ser focados principalmente em dois pontos: a questão da “cultura nordestina” e a crítica à violência entre torcedores de futebol. Seria a partir desses dois princípios que os Cangaceiros buscariam se apresentar esse diferencial no contexto das torcidas do Ceará SC.

Levando em conta essas observações, a pesquisa foi norteada pela pergunta: “de que maneira os Cangaceiros Alvinegros se posicionam dentro do universo das Torcidas Organizadas”? Ela é complementada por objetivos específicos:

- Quais são os símbolos de identidade nordestina acionados pela torcida? E de que modo esse discurso regional é produzido?
- O que esses torcedores compreendem por “violência” quando se identificam como uma torcida “não violenta”?

O trabalho envolveu duas grandes áreas. Uma delas é a questão das Torcidas Organizadas, bem como seus temas relacionados: juventude, identidade social, pertencimento (a um clube, a um bairro) e confrontos entre torcedores. A outra grande área diz respeito às representações sociais sobre a região Nordeste. A pesquisa bibliográfica foi norteada buscando autores e conceitos que ajudassem na reflexão desses temas que, embora distintos, em algum momento se entrecruzam. Além dessa consulta a livros, artigos e documentos, também fiz observações no campo, entrevistas e questionários.

Antes de chegar aos aspectos metodológicos de campo e entrevista, é importante rever alguns dos principais momentos, autores e obras que tornaram os esportes um tema de investigação social relevante no Brasil e no estado do Ceará em particular. A partir disso será possível compreender onde e de que modo esta tese se situa no campo científico social.

Gilberto Freyre foi um dos primeiros grandes intelectuais a pensar o futebol no Brasil a partir de sua dimensão cultural, ainda na década de 1930. Esse esporte era uma dentre outras esferas sociais pensadas pelo autor sob a questão da mestiçagem. A introdução de *Sobrados e Mucambos*, publicada originalmente em 1936, fala sobre o êxito de pessoas mestiças ocupando lugares nas Forças Armadas e nos esportes (FREYRE, 1981, p. 362). Crônicas publicadas no jornal *Diário de*

Pernambuco traziam análise do desempenho esportivo pela dimensão racial, que defendia a mestiçagem como prova de força. Uma delas é o artigo “Foot-ball mulato”, de 17 de junho de 1938:

Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar foot-ball, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (FREYRE apud. GUTERMAN, 2006, p. 32-33).

Esse tipo de análise está presente também no livro “Brazil: an interpretation”, de 1945, onde Freyre enxerga uma “forma dançada” de o brasileiro jogar futebol, que seria adquirida por “elementos de dança africana que estariam entranhados ‘racial e culturalmente’ em nossa sociedade” (SOARES, 2003, p. 151).

Vê-se como as primeiras análises de cunho sociológico/antropológico sobre o futebol no Brasil se deram pela perspectiva racial. Esse viés nunca saiu totalmente de pauta. Mesmo hoje em dia, sobretudo no senso comum, é frequente se ouvir tentativas de explicação do sucesso ou do fracasso do futebol brasileiro a partir da “mistura de raças”. A perspectiva “biologizante” ou raciológica (e racista) também não está ausente das discussões acadêmicas sobre desempenho esportivo (GAUDIN, 2014, p. 04). Apesar de os estudos genéticos se mostrem por vezes insuficientes, eles ainda desfrutam da legitimidade maior para se falar sobre aptidões esportivas, sendo um desafio para as Ciências Sociais e Humanas conseguirem demonstrar sua capacidade explicativa (*Ibid.*, p.01).

A autoridade de Gilberto Freyre influenciou outras análises sociais nas décadas seguintes, como é o caso do jornalista Mário Filho e seu clássico livro “O negro no futebol brasileiro” (NFB). Contudo, não foi suficiente para constituir um campo de estudos sobre o grande tema “esporte e sociedade no Brasil” de imediato, sobretudo no âmbito das ciências. Mais algumas décadas foram necessárias para que isso finalmente acontecesse.

Felizmente, conforme destaca Rosângela Pimenta (PIMENTA, 2009), “foi-se o tempo em que podíamos ler na introdução de dissertações e teses sobre futebol no Brasil a reclamação dos autores sobre a falta de bibliografia sobre o tema” (p.23). Isso porque a produção acadêmica brasileira a respeito das dimensões

cultuais e sociais das práticas esportivas em geral, e do futebol em particular, cresceu significativamente a partir dos anos 1980.

Um dos trabalhos pioneiros dessa perspectiva foi publicado ainda no final da década anterior. A antropóloga Simoni Guedes apresentou em 1977 sua dissertação de mestrado intitulada “O Futebol brasileiro: instituição zero” (GUEDES, 1977), pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Poucos anos depois, em 1982, foi lançado o livro “Universo do Futebol” (DAMATTA, 1982), organizado por Roberto DaMatta e que conta com artigos do próprio antropólogo e de Simoni Guedes, além de Luiz Felipe B. N. Flores e Arno Vogel. Esses primeiros trabalhos tinham em comum o fato de pensar o futebol brasileiro enquanto um “drama” através do qual a sociedade brasileira “se deixa perceber” (*Ibid.*, p. 21). Os times de futebol, especialmente a seleção do Brasil, são vistos como pontos de convergência de um sentimento de nacionalidade para (quase) todos os brasileiros. O futebol, assim como o carnaval, samba e religiosidade, seriam uma via secundária de construção da identidade nacional (SOARES & LOVISOLO, 2003, p. 138). Essa perspectiva de DaMatta, na opinião de alguns autores, é uma clara influência da obra de Gilberto Freyre (*Ibid.*, *idem*).

É notável naqueles primeiros trabalhos a busca de se pensar esse esporte para além da crítica acadêmica de “ópio do povo” (DAMATTA, 1982, p. 21). Esse pensamento sentenciava o futebol como instrumento de alienação das massas, distraindo a atenção para assuntos “realmente importantes” ao país, e mais nada se precisaria dizer sobre ele. Embora os usos políticos do futebol (e de tantas outras coisas da vida) não possam ser negados, o seu próprio poder de atrair a atenção de grande parte da população já deveria ser um ótimo motivo para que ele fosse estudado mais profundamente por quem procura compreender a sociedade. Esses pesquisadores dos anos 1980 têm o importante mérito de superar essa crítica e enxergar o lugar dos esportes na sociedade de maneira mais complexa.

É um movimento comum e necessário nas ciências: mesmo as teorias mais frutíferas, em algum momento da história, receberão críticas e terão suas limitações expostas. Foi assim com o pensamento radical de esquerda e sua condenação do futebol; foi também com essa primeira grande geração de

pesquisadores desse esporte. Atualmente, muitos intelectuais consultam esses trabalhos com ressalvas. Já não há tanta segurança em se pensar a sociedade brasileira de maneira global a partir de sua relação com o futebol. Soares (1998) é um dos que criticam a maneira como a teoria freyreana encontrou sucessão em obras de Mário Filho e DaMatta. Ele questiona os princípios que descrevem o futebol como “esporte democrático” e, tomando mais especificamente o livro NFB, a ideia de “democracia racial” do futebol. Embora sejam ideias inspiradas em Gilberto Freyre, Soares avalia que a identificação de Mário Filho “com o pensamento freyreano não faria do NFB um texto com o mesmo rigor das obras de Gilberto Freyre” (SOARES, 1998, p. 80). O autor afirma também a necessidade de se ler o NFB de maneira contextualizada, visto que o livro foi escrito em um período de inflamação nacionalista. Alguns pesquisadores tomariam NFB de maneira acrítica e, ao tentarem fazer um trabalho combativo ao racismo, terminariam por reproduzir uma ideologia nacionalista que na verdade acentuou a segregação e a discriminação racial (Soares, 2001, p. 15).

Algumas hipóteses sobre o sucesso do futebol no Brasil apontadas pela “escola” de DaMatta também são problematizadas. Lovisolo (2002), por exemplo, compreende essa abordagem como “romântica”, por considerar o futebol enquanto “paixão nacional” graças a condições quase inerentes a ele, não dedicando uma análise mais detalhada sobre o processo de construção do gosto pelo esporte (*Ibid.*, p. 4).

Em todo caso, é importante perceber que a produção acadêmica voltada ao futebol nos anos 80 tendia a tomar “a torcida brasileira” de maneira uniforme. A grande diversidade de fãs e de maneiras de torcer não era o foco dessas perspectivas. É na década seguinte que as pesquisas brasileiras começam a tratar definitivamente a questão não mais pelo viés nacionalista, mas para a diversidade de significados envolvidos nas atividades esportivas, pensadas de maneira menos totalizante.

Uma motivação forte para essa nova abordagem foram as Torcidas Organizadas. Estruturadas em sua forma moderna a partir dos anos 80, é na década seguinte que elas chamam a atenção da mídia e da sociedade de maneira geral, não apenas pela beleza de suas *performances* nas arquibancadas, mas também

pelos confrontos físicos. As brigas entre torcedores, chocantes para os observadores externos, despertavam muitas dúvidas sobre as causas dos confrontos e suas possíveis soluções. Essa demanda de interesse trouxe consigo os primeiros trabalhos mais sólidos sobre os grupos de torcedores.

Uma dessas pesquisas inaugurais é a dissertação de mestrado do antropólogo Luiz Henrique de Toledo, “Torcidas organizadas de futebol: lazer e estilo de vida na metrópole”, defendida em 1994 na Universidade de São Paulo, e que pouco depois seria publicada como livro (TOLEDO, 1996). Tomando as Organizadas do estado de São Paulo, o autor escapa das observações e análises feitas apenas no contexto do estádio, acompanhando os grupos em diversas outras situações, como trajetos na rua, quadras das torcidas, escolas de samba. Desenha uma rede de sociabilidades complexa, compreensível dentro do contexto de vida urbana e que envolve várias dimensões como religiosidade, lazer, trabalho, pontos de encontro, e também as atividades de torcida.

Além das Torcidas Organizadas, outro tema importante ligado ao futebol teve sua gênese nos anos 1990: a ideia do pertencimento clubístico. O antropólogo Arlei Damo defendeu sua dissertação “Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores” em 1998, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (DAMO, 1998). Este foi o primeiro trabalho denso que tomou o vínculo afetivo com um time de futebol enquanto conceito científico. O conceito de “clubismo” foi refinado alguns anos depois em sua tese de doutorado (DAMO, 2005) e trabalhos subsequentes, sendo o autor e seu conceito uma das principais referências para quem estuda esse tipo de pertencimento (SILVA NETTO & SANTOS, 2012, p. 12).

Os anos 2000 são marcados pelo crescimento de temas envolvendo a dimensão social dos esportes. Questões de gênero (ALDEMAN, 2003), comunicação (HELAL et. al., 2001), formação de atletas (DAMO, 2005), mercado de jogadores (RIAL, 2009), aposentadoria dos futebolistas (ROGÉRIO, 2015) são exemplos da variedade de temáticas que tomaram conta dos estudos sobre esportes neste século. A “cultura fitness” também vem crescendo na academia – tanto a de exercício físico quanto as universidades – e suscitando pesquisas interdisciplinares

que dialogam com Antropologia, Ciências da Saúde, Educação Física, Psicologia e Sociologia (SABINO & LUZ, 2014). A chegada de megaeventos esportivos ao Brasil (Jogos Pan-americanos de 2007, Copa do Mundo de 2014, Olimpíada de 2016) contribuíram ainda mais para o crescimento de interesse dentro dos esportes. Assuntos como *City marketing* (ROGÉRIO & VACONCELOS, 2014), “legado” (CURI, 2013) e protestos contra a realização dos jogos (CATTANI et. al., 2014) são algumas das perspectivas que norteiam os estudos brasileiros sobre os eventos esportivos de grande porte¹.

Os anos 2000 também marcaram o crescimento significativo de Grupos de Trabalho e Mesas Redondas em eventos acadêmicos de Ciências Sociais e Humanas. Encontros como a Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) e o Congresso Brasileiro de Sociologia (CBS) trazem há vários anos consecutivos atividades sobre Antropologia/Sociologia dos Esportes. É sintomático que a RBA tenha realizado, em suas edições de 2012, 14, e 2016, dois GTs simultâneos sobre esporte. Isso mostra a quantidade de abordagens e o crescimento do número de pesquisadores interessados. Já a Reunião Equatorial de Antropologia/Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste teve pela primeira vez, em 2015, um GT sobre o tema, o que significou mais um passo na consolidação dos esportes nesse campo científico.

Um dos primeiros grupos de pesquisa em Ciências Sociais e Humanas sobre esportes foi criado ainda em 1990: o Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, por Mauricio Murad (HELAL, 2011, p. 21). Contudo, foi a partir dos anos 2000 que esses grupos cresceram substancialmente. Silva Netto e Santos (2012) fazem um levantamento de dezenas de Núcleos de pesquisa inaugurados a partir do novo século. Faço parte de um deles, a Sociedade de Estudos em Esporte, grupo de leitura criado em 2012 por alunos de graduação e pós-graduação do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará.

Tomando o contexto cearense, uma quantidade mais significativa de trabalhos sobre esportes veio um pouco mais tarde em comparação a centros como os das regiões Sudeste e Sul. É nos anos 2000 que surgem pesquisas de maior

¹ As referências que trago neste parágrafo não são necessariamente trabalhos fundantes nessas temáticas. São indicações relevantes, a partir das quais o leitor pode conhecer uma bibliografia mais ampla.

porte. Rosângela Pimenta defendeu, em 2002, dissertação de mestrado em Sociologia intitulada “Arte e força no futebol brasileiro” (PIMENTA, 2002). Dentre outras coisas, a autora analisa os processos e discursos que marcam as práticas de futebol profissional como, de um lado, “arte”, drible, improvisação, espontaneidade, individualidade; e do outro “força”, tática, coletividade, preparo físico. Dentro dessa discussão, ressalta o momento em que Pimenta fala a respeito do “preparo para a violência” pelo qual que os jogadores e seus corpos passam (PIMENTA, 2002, p. 54). Essa ideia da preparação à prática violenta estará presente também em trabalhos sobre Torcidas Organizadas.

A socióloga Glória Diógenes lançou em 2003 o livro “Itinerários de corpos juvenis: o baile, o jogo e o tatame” (DIÓGENES, 2003). A autora desvenda diversos contextos de sociabilidades juvenis, nos quais se incluem as Torcidas Organizadas. Através de sua leitura, compreendemos como as práticas e pensamentos de componentes das torcidas Cearamor e TUF não se fecham em si mesmas, mas sim fazem parte de uma rede de socializações composta, por exemplo, pelos bailes *funk*, pelos percursos e ocupações na cidade, pelas pichações e grafites, bem como, para alguns daqueles componentes, pelas academias de artes marciais.

Anos mais tarde, em 2009, Inês Vieira apresentou sua tese de doutorado em Sociologia: “Delicadeza e espírito de grupo: o basquetebol como invenção cultural” (VIEIRA, 2009). A autora observa como o ensino da prática de basquete entre jovens ajuda a construir e difundir certos tipos de valores sociais, ligados à ideia de “espírito de equipe” e trabalho em conjunto. Além disso, as relações de amizade e coleguismo que esses aprendizes estabeleciam por conta da motivação inicial dos jogos acabam extrapolando os limites do contexto esportivo, “contribuindo para o fortalecimento de suas identidades” (VIEIRA, 2009, p. 170).

Pouco depois veio a tese de Doutorado em Sociologia de Josiane Ribeiro (RIBEIRO, 2010), “Conflitos, territórios e identificações: o encontro de experiências nas torcidas organizadas Cearamor e M.O.F.I.”. Essas são duas torcidas do Ceará SC que têm a imagem de violentas e que, à época da pesquisa, travavam confrontos físicos entre si. A briga entre torcedores de um mesmo time desmonta as explicações estritamente ligadas ao vínculo a um clube. A autora nos apresenta outras vias explicativas, que se interligam: as rivalidades de bairros, que os

torcedores levam consigo para outros contextos; a “disposição” para o combate influenciada pelos bailes *funk*; a construção de uma identidade viril. Essas questões são pensadas com a ajuda de conceitos como *capital simbólico*, que contribui na compreensão da importância daqueles valores para a afirmação desses sujeitos enquanto torcedores e homens.

Também em 2010 foi divulgada a dissertação em Sociologia de Diego Cavalcante (CAVALCANTE, 2010). O autor reflete sobre a construção social e cultural de determinados estilos de se jogar futebol. Para isso, toma como tipos exemplares três formações: o “pensamento-malandro”, representado pela *performance* do jogador Garrincha; a “malandragem-disciplinada”, encontrada na maneira de jogar de Pelé; e a “tática-polifuncional”, pensada a partir do estilo de jogo de Kaká. Além disso, Cavalcante estuda o modo como essas formações são interpretadas e reapropriadas por torcedores de futebol que assistem partidas em bares.

Radamés Rogério apresentou sua tese de doutorado em Sociologia no ano de 2014 (ROGÉRIO, 2014). Investiga as trajetórias de vida de ex-jogadores de futebol após a aposentadoria no esporte: quais as escolhas, possibilidades, conversões e reconversões de *capital* utilizadas para dar prosseguimento ao novo momento da vida. Para isso, analisou as carreiras e pós-carreiras de quatro ex-atletas cearenses.

O ano de 2016, ainda em janeiro, viu a defesa de dissertação em História e Culturas de Caio Pinheiro (PINHEIRO, 2016). O autor analisa as mudanças da forma de se torcer coletivamente por um time, selecionando o contexto ligado a duas equipes da capital cearense, o Ceará SC e o Fortaleza EC. Pinheiro traça uma trajetória que parte das “charangas” e chega ao modelo de torcidas organizadas dos anos 90. Demonstra como essas transformações estão relacionadas às mudanças históricas, sociais e culturais da cidade, ligadas especialmente ao fenômeno da urbanização.

É importante perceber como alguns dos trabalhos cearenses que citei, especialmente os pioneiros, são de mulheres. Além de romperem com a postura acadêmica em tratar o esporte e seu público como “tema menor”, elas foram de encontro à representação dos esportes como área masculina (MOURA, 2005; RIAL,

1998). É válido ainda notar que algumas dessas pesquisas tocam no tema dos esportes enquanto via para construções identitárias de jovens, sejam eles praticantes ou espectadores, demonstrando a validade dessa perspectiva.

As Torcidas Organizadas são um dos principais temas estudados pelas pesquisas em Ciências Sociais sobre futebol, seja no Ceará ou no Brasil em geral. É importante ponderar que a maior parte dessas pesquisas opta por estudar as torcidas “violentas”, aquelas com histórico de confrontos físicos. Entretanto, por volta dos anos 2000 começaram a surgir outros modelos de Organizadas (que às vezes sequer desejam ser chamadas assim) que refutam veementemente esses conflitos, posicionam-se distantes deles e tentam construir uma imagem social de “torcida pacífica”. Esse novo modelo ainda foi alvo de poucos estudos mais detalhados.

Observando o cenário cearense, também não são muitos os trabalhos que tomam torcidas com essas características. O sociólogo Ricardo C.G. de Oliveira Junior defendeu dissertação (OLIVEIRA JUNIOR, 2012) sobre um tipo de torcedores que se organiza para ajudar financeiramente e promover ações em prol do Fortaleza EC. Contudo, eles não se enquadram como uma Torcida Organizada. Em 2015, o cientista social Marcelo Ribeiro apresentou monografia sobre os Cangaceiros Alvinegros, mesma torcida que é tema desta tese. O título da pesquisa de Ribeiro é “Identidade futebolística e regional nas arquibancadas: o caso da Torcida Organizada dos Cangaceiros Alvinegros e sua ideologia de valorização regional” (RIBEIRO, 2014). O primeiro trabalho cearense de mestrado/doutorado sobre uma torcida “não violenta” foi a dissertação em Sociologia de Diego Morais chamada “O jogo na arquibancada: o *Setor Alvinegro* e as *performances* do torcer no contexto do futebol espetacularizado” (MORAIS, 2015).

Deste modo, os (poucos) trabalhos em Ciências Sociais sobre esse novo modelo de Organizadas, no estado do Ceará, são bastante recentes, sendo importante a ampliação dessa bibliografia. Esta tese surge com o objetivo de contribuir na ampliação das discussões teórico-metodológicas sobre o tema.

A inserção no campo foi desafiadora para mim. Não que o estádio me fosse um ambiente desconhecido, visto que eu já era um frequentador assíduo dos jogos do Ceará SC na capital cearense. Mas eu sempre fui o “torcedor comum”, que prefere assistir ao jogo sentado, falando apenas para gritar gol ou manifestar

insatisfação, e eventualmente batendo palmas para acompanhar a torcida. Posturas bem diferentes das do torcedor organizado. Essa foi uma das primeiras coisas a fazer: dar uma nova disciplina ao corpo. Outra dificuldade é o fato de eu não estar familiarizado às sociabilidades da mesa de bar, ou, no caso, das mesas de barracas ambulantes no entorno do estádio. Ser abstinente em um ambiente fortemente marcado pelo consumo de álcool era uma grande desvantagem para conseguir me integrar.

Neste ponto, é honesto dizer que nunca me tornei “um deles”. Fui do começo ao fim da pesquisa, “o cara que está fazendo um trabalho sobre a torcida”. O fato de eles terem convivido há pouco tempo com outro pesquisador da área (RIBEIRO, 2015) contribuiu para diminuir o estranhamento deles com a minha presença. Apresentar-me como “amigo do Marcelo” foi uma estratégia tanto para romper as barreiras do anonimato como para que eles compreendessem *grosso modo* o motivo de eu estar ali. Passados alguns meses, considero que não foi tão negativo à pesquisa essa desvantagem de não ter me tornado “um cangaceiro”. Durante o convívio ouvi desabafos, opiniões políticas polêmicas, informações confidenciais “de bastidores” sobre o time e até alguns segredos. Isso me faz crer que a minha presença não deve ter inibido tanto suas ações.

Antes de me apresentar a eles como pesquisador, tive o cuidado de acompanhar anonimamente a torcida em vários jogos. Eu tinha o receio de que, quando eu falasse sobre a pesquisa, eles talvez orientassem suas performances e falas para coisas que eu “desejasse ver”². Só depois de passados alguns meses é que finalmente iniciei o contato. Devo dizer que não percebi mudanças significativas dos comportamentos nesse novo cenário.

Foi no segundo semestre de 2014 que busquei a aproximação. A página da torcida no Facebook indicava um contato via *Whatsapp*³ através do qual o interessado podia comprar uma camisa dos Cangaceiros. Entrei em contato e ficou combinado que eu iria receber diretamente das mãos do presidente da torcida, que era o responsável pelas vendas. Foi desse modo que me apresentei a ele e falei sobre a pesquisa. Já na partida seguinte do Ceará SC, fui ao ponto de encontro da

² Compreendo que mesmo as atitudes “encenadas” para o pesquisador podem servir de dados. Mas minha intenção era primeiro perceber as práticas comuns para, só então, se fosse o caso, comparar com as “encenações”.

³ Aplicativo de mensagens instantâneas para aparelhos celular do tipo *smartphone*.

torcida no PV, cumprimentei o presidente e fui apresentado por ele a vários outros integrantes, saindo, por fim, da invisibilidade.

Neste ponto uma eventual dúvida do leitor deve ter sido esclarecida: eu não fazia parte dessa torcida, nem comecei a fazer após a pesquisa. Minha forma de torcer é diferente, e o convívio mostrou que temos visões distintas sobre vários assuntos não relacionados ao futebol, embora eu prudentemente nunca tenha exposto aos componentes minhas opiniões.

Acompanhei os Cangaceiros em vários jogos nos estádios Presidente Vargas e Arena Castelão. Através disso, pude observar o comportamento dos integrantes durante a partida, as músicas que mais cantavam e a postura em relação aos jogadores e adversários rivais. Foi a partir dessas observações que consegui, por exemplo, perceber quais as músicas mais cantadas nas arquibancadas e qual o gênero musical mais executado nesses momentos. Durante o Capítulo 04 será visto que há diferenças importantes entre o que é tocado no CD da torcida e o que é executado nas arquibancadas. Essas diferenças não são ao acaso, elas têm sentido dentro da lógica de se inserir no universo das Organizadas.

Foi importante comparar como se davam os comportamentos dos Cangaceiros nas arquibancadas em dois contextos: o primeiro, em jogos contra times da região Nordeste; o segundo, em partidas cujo adversário era um grande clube de Rio de Janeiro e São Paulo. Isso porque o discurso regionalista da torcida já indicava que ela poderia ter um tratamento diferente nessas duas situações. Como veremos, isso se confirmou. Os torcedores dos grandes times cariocas e paulistas são alvo de gritos de guerra específicos.

A observação de dentro da torcida também foi importante para identificar como se dava, na prática, o discurso de não violência. Será visto que, embora seus integrantes não se envolvam em confrontos físicos, alguns deles praticam atos que podem ser interpretados como “violência verbal”.

Além das arquibancadas, convivi com os Cangaceiros também nos momentos que antecedem às partidas. A torcida possui pontos de encontro determinados nas proximidades de cada um dos dois estádios. Esses pontos têm a presença também de vendedores ambulantes, que chegam muito cedo ao lugar para distribuírem as mesas e cadeiras de plástico que serão usadas pelos clientes, dentre

eles os componentes “do cangaço”⁴. Os componentes começam a chegar por volta de duas a três horas antes do início do jogo. Participar desses momentos me ajudou a perceber as relações de sociabilidade e o modo como eles costumam ir para o estádio. Também foi importante para tratar de um tema em específico: os tipos de bebidas alcoólicas que eles costumam consumir. Conforme será discutido nos Capítulos 03 e 04, essa torcida faz ode ao consumo de álcool, sobretudo a cachaça. Foi interessante comparar os discursos e a prática em relação a esse tipo de consumo.

Realizei entrevistas com sete componentes. Optei pelo modelo semiestruturado, de maneira que novas perguntas e provocações pudessem ser elaboradas durante a própria conversa. Cada nova informação conseguida suscitava outras perguntas, que por sua vez já eram adicionadas à lista de questões para a entrevista seguinte. Esses integrantes são citados aqui com nomes fictícios. A escolha desses nomes foi feita por mim em homenagem à equipe do Ceará SC campeã em 1919⁵. Os jogadores dessa conquista foram: **Aldo, García e Gotardo; Célio Moraes, Braga e Alúcio; Walter Barroso, Mamede, A. Braun, Enoch e Cearense**. (DAMASCENO, 2002, p. 70). Os nomes em negrito são os que tomei de empréstimo.

Aldo tinha 32 anos à época da entrevista, dezembro de 2014. A reunião aconteceu em seu apartamento, à noite, após sua jornada de trabalho. Ele é um dos fundadores da torcida e ocupa um dos principais cargos de diretoria. Por conta disso, foi um interlocutor-chave, tendo muito a falar sobre o surgimento da torcida, suas motivações iniciais, objetivos atuais, detalhes sobre a fabricação dos materiais e da relação com outras Organizadas. Vive união estável com uma “Maria Bonita” (componente feminina da torcida), tem filho e possui ensino superior incompleto.

García, 25 anos, concedeu a entrevista em março de 2015 em um *shopping center* próximo à sua casa. Foi à noite, depois do seu trabalho. Componente desde 2012, ele é um dos integrantes da bateria e já fez parte de uma Organizada tradicional, a MOFI. Além das informações gerais sobre os Cangaceiros,

4 “O cangaço” é uma das maneiras pelas quais os integrantes se referem à sua torcida.

5 A relevância dessa conquista, para os fãs do clube, se dá no fato de que ela foi a primeira e única vez que um time cearense conquistou cinco vezes seguidas um mesmo torneio. A antiguidade do feito, antes de desqualificá-lo, reforça a sua relevância. Essa é, pelo menos, a visão que nós, torcedores alvinegros, damos a ele.

procurei em seu relato detalhes sobre as músicas cantadas, sua experiência com a Organizada anterior e o que ele vê de semelhante ou diferente entre essas duas torcidas. Ele é solteiro, sem filhos e com ensino médio completo.

Gotardo tinha 27 anos em agosto de 2015, época em que o entrevistei. O encontro aconteceu à tarde, no apartamento do interlocutor. Ele ingressou nos Cangaceiros em 2013. Além de ser componente da bateria, é ainda um dos diretores da torcida. Ele também já fez parte de uma Organizada tradicional, a Cearamor. Do mesmo modo que García, busquei com Gotardo informações mais detalhadas sobre as canções e ritmos musicais dos Cangaceiros, além de sua experiência na torcida anterior. Ele tem ensino superior completo e trabalha como professor em uma faculdade particular. É solteiro e sem filhos.

A reunião com Célio, 32 anos, foi em junho de 2015, á tarde, em seu escritório de trabalho no centro da cidade. Está no cangaço desde 2012. É um dos “puxadores”, responsável por iniciar o grito das músicas e incentivar a todos para que mantenham a vibração na arquibancada. Além de dados gerais a respeito da torcida, Célio trouxe novas informações sobre o processo de escolha e composição das músicas e dos materiais. Ele tem ensino médio completo, é casado e com filho.

Essas quatro primeiras entrevistas aconteceram em ambientes fora do contexto do futebol. Os interlocutores estavam sóbrios e bastante receptivos para falar sobre a torcida. Essa sobriedade pode ter influenciado no modo como trataram de assuntos mais delicados, como a relação entre Torcidas Organizadas e violência. Esses interlocutores tiveram o cuidado em fazer críticas mais ponderadas, assumindo o discurso de que essas práticas são ações de “falsos torcedores” que estão “infiltrados” nas torcidas. Dois desses entrevistados fazem parte da diretoria do time, o que reforça a sua obrigação de serem mais “políticos” em suas respostas.

Os outros três torcedores que entrevistei estão em um contexto diferente. Apesar do meu pedido em fazer a entrevista em outros dias e locais, eles preferiram conversar no ponto de encontro da torcida antes do jogo. Procurei, pelo menos, chegar cedo e ocupar lugares mais afastados do barulho para a conversa. Todos foram entrevistados em agosto de 2015. Cada um deles já estava consumindo álcool. Braga e Alúcio seguravam garrafas de cerveja; Walter não portava nenhuma bebida em mãos, mas estava nitidamente sob efeito. Creio que, de

todos, era o que estava mais distante da sobriedade. Não parece ser por acaso que ele foi o componente que fez críticas mais contundentes aos torcedores que se envolvem em brigas.

Considerei aquele contexto propício para fazer mais perguntas sobre o consumo de álcool. Eu tinha duas dúvidas principais. A primeira era: será que essa torcida realmente bebia tanta cachaça quanto era divulgado em suas músicas e em outros materiais? A segunda dizia respeito ao vínculo que socialmente se admite entre a ingestão de álcool e práticas violentas: os Cangaceiros ao mesmo tempo criticam a violência, mas fazem ode ao consumo alcoólico. Como eles enxergam essa relação? Essas três entrevistas focaram especialmente nessas dúvidas, mas certamente aproveitei para falar de questões mais gerais.

Braga tinha 35 anos quando foi entrevistado. Ingressou nos Cangaceiros em 2014. Assim como García, já fez parte da MOFI. Seu depoimento foi interessante, sobretudo quando ele me disse sinceramente não ver significado nenhum na cor laranja. Isso ajudou a desconstruir a ideia de que os símbolos que a torcida usa seriam escolhidos e compartilhados por absolutamente todos os componentes. É trabalhador autônomo, tem esposa e filhos.

Aluísio, 44 anos, está na torcida desde o início. Mesmo sendo curto nas respostas, trouxe informações relevantes sobre o consumo de bebidas pela torcida e os significados que a cachaça possui enquanto discurso regional, além de alguns detalhes sobre o início da torcida. Possui ensino fundamental incompleto, trabalha como autônomo. É casado e com filhos.

Walter, 24 anos, também está nos Cangaceiros desde o ano de fundação. Compõe a equipe da bateria. Dentre outras coisas, falou sobre o estilo das músicas tocadas e sobre as bebidas mais consumidas. Suas informações a respeito desse último ponto são diferentes da maioria dos outros entrevistados: enquanto aqueles falam que a cerveja é o álcool mais ingerido, ele diz que é a cachaça. Conforme já dito, ele também faz críticas mais duras e conservadoras às brigas entre torcidas. Suas respostas possibilitam confrontar informações, visões e discursos. Está trabalhando, é solteiro e sem filhos.

Além das entrevistas, foi aplicado um questionário que continha cerca de vinte questões. Essa parte da pesquisa não foi feita apenas com os Cangaceiros

Alvinegros. Levando em conta que eles afirmam ser uma “torcida diferente”, logo me veio a pergunta: em relação a quem? Não demorei a perceber que esse *outro* eram as Torcidas Organizadas tradicionais. A partir disso, os questionários foram pensados para ouvir também componentes da principal organizada do Ceará SC, a Cearamor, e da maior Organizada do time rival, a Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF). Desse modo, seria possível pensar sobre os Cangaceiros tanto em comparação a uma Organizada “amiga” quanto uma adversária.

Os questionários são fruto de uma atividade desenvolvida na disciplina optativa de Sociologia do Esporte, ministrada pelo Prof. Domingos Abreu no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, na qual fui estagiário-docente. As aulas, que contemplavam tanto o bacharelado quanto a licenciatura, aconteceram durante o primeiro semestre de 2015. As perguntas foram elaboradas pelo professor e por mim, contando também com observações e sugestões dos alunos da disciplina. A aplicação foi feita tanto pelos seis discentes, pelo docente, por um colaborador e por mim. O objetivo foi formar um banco de dados com informações das mais variáveis possíveis, que possam ser trabalhadas por todos os que tiverem interesse. Eu, certamente, fui um desses interessados⁶.

A aplicação dos questionários aconteceu mediante quatro visitas aos estádios em dias de jogos, tomando duas partidas de cada time⁷. Foram ouvidos 24 Cangaceiros (que é uma torcida com número bem menor de integrantes do que as outras duas), 85 componentes da Cearamor e 168 da TUF⁸. Desse total de 276 torcedores, temos 236 homens (85,5%) e 40 mulheres (14,5%).

É importante destacar que grande parte dos torcedores e torcedoras consultados estava bebendo álcool no momento que foram abordadas. Eram visíveis as garrafas de bebida em suas mãos. Essa condição deve de algum modo ter influenciado suas respostas. Além disso, É de se imaginar que as perguntas que tratavam diretamente sobre a questão das práticas violentas entre torcidas tenham sido respondidas com maior cautela. Isso porque algumas Organizadas da cidade

6 Reforço minha gratidão aos alunos e ouvintes da disciplina, como já fiz nos Agradecimentos.

7 As visitas a campo aconteceram nos dias 12/04/2015 (Fortaleza EC 0x0 Icasa); 16/04/2015 (Fortaleza EC 3x0 River-PI); 18/04/2015 (Ceará SC 3x0 Guarani de Juazeiro) e 29/04/2015 (Ceará SC 2x1 Bahia).

8 O último dia de questionários com a Cearamor ocorreu na decisão da Copa do Nordeste. Naquela ocasião aconteceram conflitos entre alguns torcedores e policiais. Por conta disso, foi prudente terminar a aplicação mais cedo. É por esse motivo que o número de respostas da Cearamor é menor do que em relação à TUF.

de Fortaleza, entre elas Cearamor e TUF, estavam impedidas de entrar nos estádios com materiais e símbolos daquelas torcidas, por conta de confrontos entre torcedores no ano anterior. Mesmo com essa provável precaução dos entrevistados, algumas respostas foram bastante significativas.

Em relação aos Cangaceiros, trabalhar conjuntamente as entrevistas com os questionários me possibilitou comparar certas impressões individuais que alguns componentes têm de sua torcida com informações mais amplas a respeito dela. Foi dessa forma que, por exemplo, o discurso unânime de não violência nas conversas foi relativizado com uma pequena porcentagem de Cangaceiros que afirmaram, nos questionários, estarem bastante dispostos a brigar pelo seu time.

Boa parte das questões seguiu um padrão em que o entrevistado tinha que dar notas para algumas opções predeterminadas. Por exemplo: perguntou-se “O que você está disposto a fazer junto com sua Torcida Organizada”? Essa pergunta foi acompanhada de seis opções: cantar; fazer coreografia; gritar; brigar; chorar; ajudar com dinheiro. Para cada opção dessas, o entrevistado deveria indicar uma nota de 01 a 05, de acordo com o grau de importância que ela tivesse na sua decisão. Deste modo, se o torcedor atribuísse nota 01 para “cantar”, significaria que tal prática é algo que ele definitivamente não estaria disposto a fazer junto com sua torcida. Já se a nota fosse 05, o torcedor estaria muito disposto a cantar. As demais notas indicariam uma graduação de intensidade dessa disposição.

Depois das entrevistas, questionários e visitas ao estádio, foi o momento de analisar tudo o que foi visto, ouvido e escrito, articulando com reflexões teóricas pertinentes. Esse trabalho resultou em três capítulos, cujos conteúdos essenciais descrevo agora.

O capítulo “Torcidas Organizadas no estado do Ceará: breve histórico” fala sobre o desenvolvimento dos grupos de torcedores de futebol cearenses, desde as primeiras charangas até o atual formato de Torcidas Organizadas. Autores como Toledo (1996), Holanda & Silva (2006) foram importantes para essa revisão histórica no Brasil, enquanto Pinheiro (2014) traz informações relevantes sobre o contexto cearense. Esse capítulo mostra as principais características das Organizadas hoje em dia, tanto em seus aspectos sociais quanto na sua estruturação, modos de agir e valores. Ribeiro (2010) e Diógenes (1995 e 2003) ajudam a pensar a relação das

Organizadas tradicionais com os bailes *funk*, bem como a compreender a relação dessas torcidas com práticas violentas enquanto reflexos de questões sociais e identitárias mais amplas. Sobre este último ponto, Garriga Zucal (2005) também apresenta reflexões pertinentes. As Torcidas Organizadas podem ser divididas em dois grupos: as Organizadas tradicionais, que seguem um formato iniciado nos anos 80; e as Organizadas alternativas, nascidas já nos anos 2000 e que propõem mudanças nos comportamentos e nos valores que norteiam o modo de ser das torcidas. O universo desses agrupamentos de torcedores é pensado como um *campo* (BOURDIEU, 1983) no qual existem determinados *habitus*, maneiras de agir e pensar próprios desse meio, bem como certos *capitais* importantes para se conquistar uma posição de destaque dentro dele. Alguns desses *habitus* e *capitais* são compartilhados por todas as torcidas, enquanto outros são criticados e combatidos por uma parcela delas. O capítulo ainda traça um perfil socioeconômico básico da torcida estudada, os Cangaceiros, sendo comparado com o de Cearamor e TUF. Esse perfil é analisado a partir das informações sobre idade; escolaridade; renda familiar; e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do bairro de moradia.

O capítulo seguinte, “Nordestinando as Arquibancadas”, faz a análise dos principais tipos de material produzidos pelos Cangaceiros Alvinegros: cores, mascote, emblemas, camisas, faixas, bandeiras, músicas, instrumentos de bateria, CD e chapéus de couro. Toma por princípio que esses elementos são um dos principais meios pelos quais as torcidas expõem seus estilos, ideologias e identidades. Dedico atenção especial para os símbolos de “cultura nordestina” que os Cangaceiros selecionam para divulgar através desses materiais. Sigo as orientações metodológicas de Barreira e Vieira (2010), de observar esses elementos não como símbolos “autênticos” de uma identidade regional, mas sim como um processo de recriação e adaptação de uma cultura supostamente “original” a um novo contexto.

Procurou mostrar que esses símbolos indicam um determinado tipo de *representação social* (Moscovici, 2009) regional, que por sua vez não foi constituída ao acaso. Isso porque ela é fruto de um discurso ideológico nascido há várias décadas, com objetivos políticos e econômicos bem definidos. Esse discurso ideológico, pautado basicamente na representação de Nordeste como homogêneo e pobre, continua presente hoje em dia de maneira bem estruturada graças a

processos de reinterpretações e reinvenções. A discussão sobre as características históricas, econômicas e sociais desse discurso é feita a partir de vários especialistas na temática, como Albuquerque Junior (2001 e 2007), Penna (1992) Silveira (1984), Oliveira (1993), França Junior (2003) e Carvalho (1987). Foi pertinente pensar a respeito dessa representação de Nordeste também a partir de conceitos como *tradição inventada* (HOBBSAWN, 1997), afinal esse imaginário regional não é algo natural, mas sim socialmente construído.

“Os Cangaceiros Alvinegros no Universo das Torcidas organizadas cearenses”, capítulo final, traz uma análise ampliada dos questionários e das entrevistas. Indico que os Cangaceiros estão em um constante movimento de aproximação e distanciamento em relação às Organizadas tradicionais. Há determinados momentos em que eles desejam ser reconhecidos como uma Organizada e partilham de certos comportamentos e valores das torcidas tradicionais; em outras situações eles procuram reafirmar sua distinção, “somos uma Torcida Organizada diferente”, acionando valores e modos de conduta distintos das organizadas tradicionais e fazendo críticas a estas. Algumas dessas semelhanças e diferenças são conscientes e intencionais; outras parecem não ser tão evidentes, ficando claras apenas a partir da comparação das respostas entre as três torcidas consultadas para o questionário.

O mundo dos torcedores de futebol e das Torcidas Organizadas é bastante diverso. Encontramos no estádio, em um mesmo jogo, vários tipos de torcedores que se diferenciam no perfil socioeconômico, nas ideologias, no vocabulário, na maneira de se vestir e no modo de torcer. Uma parcela desses torcedores, as Torcidas Organizadas, não é menos diversificada. Essas distinções geram tanto redes de amizades quanto momentos de divergências e conflitos internos. A torcida que resolve se inserir nesse universo precisa necessariamente tomar posições diante desse cenário. Vejamos então como os Cangaceiros Alvinegros fazem isso.

2. TORCIDAS ORGANIZADAS NO ESTADO DO CEARÁ: BREVE HISTÓRICO

Os primeiros agrupamentos de torcedores de futebol que se mobilizavam, no Brasil, com uniformes próprios e bandas de música, datam da década de 1940, sendo encontrados no Rio de Janeiro, São Paulo e alguns estados da região Nordeste (TOLEDO, 1996). Eles constituíam os grupos conhecidos como *charangas*, compostas por aficionados que tocavam instrumentos de sopro e percussão dentro dos estádios. Até então, esse tipo de manifestação musical ficava restrito ao espaço fora das praças esportivas, como bares, cafés e desfiles comemorativos (HOLLANDA e SILVA, 2006, p. 02).

Nota-se, aqui, o advento de uma nova maneira de se torcer por um time nas arquibancadas, um estilo que diferenciava determinado grupo de torcedores dos demais. É verdade que, assim como hoje, naquelas décadas também não era possível se pensar os fãs de futebol nos estádios como um grande grupo homogêneo, haja vista as divisões territoriais que já existiam, como os setores populares – as gerais – e os mais caros. Mesmo assim, as *charangas* indicavam uma nova diferenciação dentro do mesmo grupo que ocupava a geral do estádio (*Ibid.*, p. 04).

Toledo (1996) aponta algumas características das *charangas*: além da já mencionada presença de uma banda, esses grupos possuíam também a figura de um grande líder, um “torcedor-símbolo”, que personalizava e identificava aquelas torcidas (*Ibid.*, p. 26). O autor afirma que o trabalho desses líderes não deve ser equiparado ao dos modernos presidentes de Torcidas Organizadas. Isso porque estes últimos representam outro tipo de estrutura organizacional de torcida, mais complexa e burocrática, com diversos cargos e hierarquia (*Ibid.*, p. 27).

Outro aspecto das *charangas*, ainda de acordo com Toledo, era a proximidade destas com a diretoria do clube, algo que continua presente nas Organizadas hoje em dia. O autor cita o exemplo de uma das primeiras *charangas* ligadas ao Flamengo/RJ, que na década de 1940 passou a ter suas despesas custeadas pelo clube. Outro caso mencionado é o da Torcida Uniformizada do São Paulo, surgida na década de 1940 e liderada por Laudo Natel, que também contava com recursos oriundos do próprio clube ou de seus dirigentes.

A cidade de Fortaleza viu o surgimento de suas primeiras charangas a partir dos anos 1960, perdurando até a década seguinte. O Ceará SC tinha o apoio de um grupo liderado por um senhor conhecido como “Pedrão da Bananada”, enquanto o Fortaleza EC contava com a “Charanga do Gumercindo” (PINHEIRO, 2014a, p. 3-4).

O grupo de Pedrão promovia batucadas com instrumentos de percussão nas arquibancadas, além de realizar desfiles dentro do próprio estádio, o que indica proximidade com a diretoria do time. Por outro lado, de acordo com o líder, essa charanga não recebia apoio financeiro por parte do clube, sendo as despesas custeadas pelo próprio organizador, contando com a contribuição de voluntários. Segundo suas palavras, em entrevista ao jornal Diário do Nordeste:

“Antigamente não tinha essa estória de botar nome em torcida, porém a coisa era bem mais organizada, bem mais festiva. A gente pegava e armava um show mesmo, que era apresentado antes dos jogos e acompanhava o time para onde ele fosse. Tínhamos um grupo de batuqueiros e um grupo que fazia um desfile dentro do campo, antes da entrada do time. Todo mundo aplaudia e era um espetáculo à parte. Isso levava dinheiro pra fazer essas coisas, nunca recebi dinheiro do Ceará, muito pelo contrário. Eu era responsável pelas mocinhas e pelos rapazes da batucada; e levava e trazia todo mundo em ônibus alugado por mim mesmo e depois ainda dava o lanche da turma toda: bananada, é claro, no Abrigo Central”. (Diário do Nordeste, 22.mar.1982, p.4, *apud* PINHEIRO 2014a, p. 3).

O relato do líder indica um grupo formado por homens e mulheres, subdividido entre os que tocavam os instrumentos e os que faziam os desfiles. Não tinham um nome oficial, o que não deixa claro a maneira como eram reconhecidos pela imprensa e demais torcedores. Esses adeptos acompanhavam o time “onde quer que ele fosse”, indicando que eles incentivavam o clube em jogos fora de sua cidade. As ações da charanga, dentro do estádio – “um show”, “um espetáculo” – teriam uma boa aceitação pelos demais torcedores. O líder, além de torcedor-símbolo, também seria o organizador e pagador das despesas.

Por sua vez, a “Charanga do Gumercindo” tinha atividades para além do futebol, estando também presente nos desfiles de carnaval de rua da cidade de Fortaleza. Era um grupo de certo destaque, vencedor de alguns troféus carnavalescos. Costumava se dirigir ao estádio tocando suas marchinhas e o hino do Fortaleza EC pelas ruas da cidade, tendo como condutor o próprio líder. Antes dos jogos, assim como o grupo de Pedrão, Gumercindo e seus amigos desfilavam

dentro do estádio, também ganhando aplausos dos demais torcedores (*Ibid.*, p. 4 e 5).

Toledo afirma que o modelo de torcidas charangas foi mais forte até o início dos anos 1970, quando o futebol ainda não era o fenômeno que envolve de maneira abrangente diversos aspectos da vida social, política e econômica.

Os anos 70 marcam um período crucial para a consolidação do futebol como *mania nacional* (...). É a partir desta década que ele extravasa domínios mais locais, tornando-se explicitamente um fator de agenciamento de interesses políticos, econômicos e sociais mais abrangentes (...) (TOLEDO, 1996, p. 24).

Foi a partir daquela década que esse esporte no Brasil passou por grandes mudanças estruturais. A Copa do Mundo de Futebol de 1970 foi um marco significativo para isso. A Seleção Brasileira, ao conquistar o título daquela edição, firmou-se definitivamente como uma potência futebolística, atraindo e reforçando o gosto popular por esse esporte. Um exemplo de como o futebol passou a fazer parte do cotidiano do brasileiro está no advento da Loteria Esportiva. Essa modalidade de aposta legalizada movimentou, em 1974, “cerca de 10% de todo o dinheiro em circulação no país” (*Ibid. idem*).

O mesmo autor aponta ainda outro desdobramento do crescimento da importância do futebol no Brasil; a construção de grandes estádios:

Outro fenômeno associado à explosão do gosto pelo futebol foi a construção de 30 estádios de médio e grande porte em inúmeros estados no país, no período compreendido entre 1972 a 1975 (TOLEDO, 1996, p. 24-25).

O Ceará fez parte desse conjunto de estados que construíram praças esportivas de grande porte. O Estádio Plácido Aderaldo Castelo (Castelão) teve sua partida inaugural em 1973, com o empate sem gols entre Ceará SC x Fortaleza EC (DAMASCENO, 2002, p. 216). Isso sugere que as terras alencarinhas também viveram a “explosão do gosto pelo futebol”, observada por volta dos anos 1970.

Toledo destaca ainda que as mudanças do futebol acarretaram também em modificações na formação de grupos de torcedores, fazendo com que eles chegassem a um modelo próximo das Organizadas de hoje:

...o surgimento das Torcidas Organizadas acompanhou algumas das mudanças ocorridas na época, impondo gradativamente outras formas de sociabilidade, de desfrute do futebol como lazer e hábito, fundamentando um outro modo de torcer diverso do comportamento usual observado (...).

Possuem um organograma mais complexo estruturado em cargos, presidência, conselho deliberativo, diretorias (...) (TOLEDO, 1996, p. 26).

A constituição dos grupos de torcedores tornou-se mais complexa, burocratizada. A liderança, antes concentrada no torcedor-símbolo, passou a se distribuir em cargos de diretores e conselheiros. Isso significa, na interpretação do autor, que a imagem das torcidas deixou de ser personificada em um único indivíduo, além de essa burocratização tornar as relações mais impessoais e independentes:

Se, no período anterior, as torcidas eram personificadas naqueles *torcedores-símbolo*, agora são representadas por coletividades mais autônomas, impessoais e independentes de torcedores (*Ibid*, p. 28).

Os modelos mais recentes de Torcidas Organizadas, no estado do Ceará, podem ser divididos em basicamente dois tipos: de um lado, as **Organizadas tradicionais**; do outro, as **Organizadas alternativas**. As primeiras são aquelas que seguem um modelo de Torcida Organizada caracterizado pela forte rivalidade com outras torcidas, às vezes do seu próprio time, e trazem um histórico de confrontos físicos e, por vezes, com casos de morte contra seus oponentes. Além desses conflitos diretos, essas torcidas também cantam músicas que falam explicitamente sobre brigar, ferir e matar aqueles inimigos. Dentre as torcidas do Ceará SC, as que representam esse perfil são Cearamor, Fúria Jovem e MOFI – Movimento Organizado Força Independente.

Opostas a esse tipo de torcida existem outras, que denominarei como **Organizadas alternativas**, cuja principal característica é a proposta de se fazer um modelo diferente de Torcida Organizada, desvinculado à imagem de violência. Tomando o contexto das torcidas alvinegras, as que possuem o padrão de “alternativas” são a Ceará Chopp, o Setor Alvinegro e os Cangaceiros Alvinegros. Os torcedores que não fazem parte de nenhum grupo organizado serão chamados aqui de **torcedores comuns**.

É válido citar ainda outro tipo de organização de torcedores. São pessoas que formam espécies de associações que têm o objetivo fundamental de angariar recursos financeiros e promover trabalhos voluntários procurando trazer melhorias ao clube, especialmente em seu patrimônio físico. Esses **torcedores associados**

estão presentes em vários estados, incluindo o Ceará, como nos apresenta o sociólogo Ricardo C. G. Oliveira Junior:

Nos últimos anos, torcedores têm formado grupos organizados que visam primordialmente trabalhar e arrecadar recursos para a melhoria da infraestrutura dos clubes. Esses grupos geralmente têm estatutos, eleições de diretoria, razão social e quadro de sócios próprios, e são autônomos em relação às diretorias dos clubes. No futebol cearense, os três clubes de maior tradição, torcida e títulos, Fortaleza, Ceará e Ferroviário, têm grupos de torcedores nesse formato (OLIVEIRA JUNIOR, 2012, p. 33).

Apesar de serem grupos organizados de torcedores, essas associações não se encaixam no perfil de Torcidas Organizadas, visto que não são grupos uniformizados que promovem performances nas arquibancadas. Sua atuação enquanto coletividade é fora do estádio.

2.1 As Organizadas tradicionais do estado do Ceará

As primeiras Organizadas de moldes modernos fundadas na capital cearense datam do início dos anos 1980. Considera-se a Torcida Garra Tricolor a pioneira (PINHEIRO, 2014b, p. 2). Este grupo nasceu em 1980 e ficou em atividade por 12 anos. Embora mantivesse instrumentos e músicas semelhantes às das tradicionais charangas, a Garra Tricolor se constituía como um agrupamento diferente daquelas, constituído por pessoas mais jovens. Possuía também uma postura mais contestadora em relação à diretoria do time, realizando protestos quando os resultados dentro de campo ou questões de ordem administrativa do clube lhes pareciam insatisfatórios. O grupo de pessoas que fundou essa torcida era composto, em sua maioria, de jovens adultos, universitários e casados (*Ibid.*, p. 6).

Três anos após sua fundação, a Garra Tricolor já possuía cerca de 800 integrantes. Para fazer parte dela o postulante devia realizar um cadastro. De acordo com um dos fundadores, “a pessoa, pra se associar à Garra Tricolor, tinha que passar por uma triagem. Então, a gente só aceitava quem achava que deveria aceitar” (*Ibid.*, p. 8).

A Torcida Organizada Cearamor, apoiadora do Ceará SC, foi criada em 1982, passando por uma reestruturação em 91, sendo atualmente a maior Organizada desse clube. Josiane Ribeiro (RIBEIRO, 2010) aponta que, no princípio, esse grupo era constituído por aproximadamente trinta pessoas, de classe média e média alta. Para fazer parte dela, assim como na Garra Tricolor, o postulante

precisava conquistar a confiança dos demais membros, convivendo com eles por um tempo até finalmente ganhar a aceitação. Isso se modificou à medida em que a torcida foi crescendo.

Após a já citada reestruturação, o cadastramento passou a ser feito mediante a apresentação de uma foto 3x4, cópia do documento de identidade e pagamento de taxa de inscrição. A filiação, portanto, tornou-se uma questão mais burocrática que subjetiva. Também com o passar do tempo o perfil socioeconômico dos integrantes mudou, ganhando a predominância de classes populares ou classe média baixa, conforme será visto em breve.

Outra torcida relevante no universo das Organizadas do estado do Ceará é a Torcida Uniformizada do Fortaleza – TUF. Fundada em 1991, ela é hoje a maior Organizada vinculada ao Fortaleza EC e trava com a Cearamor a principal rivalidade entre torcidas do Estado. Sua estrutura é semelhante às demais Organizadas do país, com divisão de cargos entre presidência e diretorias. A filiação é feita por meio de cadastro, preenchimento de ficha e entrega de foto 3x4.

Várias outras Organizadas existem em diversas cidades cearenses. Não faz parte dos objetivos deste trabalho listá-las detalhadamente, mas é preciso falar um pouco sobre o conjunto de torcidas que apoiam o Ceará SC, como forma de contextualizar o universo de Organizadas no qual os Cangaceiros Alvinegros estão. Além da Cearamor e dos próprios Cangaceiros, outras torcidas importantes são a Ceará Chopp, a Fúria Jovem, o Movimento Organizado Força Independente (MOFI) e o Setor Alvinegro.

A “Torcida Fúria Jovem do Ceará” nasceu em 1992. Protagonizou uma forte rivalidade com a Cearamor, o que levou a Fúria à quase extinção no início dos anos 2000. Após passar alguns anos de muita fragilidade, permanecendo nos estádios graças às faixas que alguns poucos integrantes continuavam a pendurar, a Fúria voltou a se fortalecer após 2010.

O “Movimento Organizado Força Independente – MOFI” foi criado em 2005, tendo boa parte dos seus primeiros integrantes chegado a partir da Fúria Jovem. Assim como a antecessora, também a MOFI se envolveu em vários conflitos

com a Cearamor, embora atualmente ambas as torcidas estejam em uma situação de paz.

Antes de falar sobre as torcidas alternativas, é preciso tocar num ponto fundamental sobre a história das Organizadas tradicionais da capital cearense: os antigos bailes *funk* da cidade de Fortaleza.

Esses eventos *funk* aconteceram na capital cearense entre meados dos anos 80 e 90. É importante falar deles porque boa parte dos jovens que vivenciavam aqueles bailes passou a incorporar as Torcidas Organizadas, quando aquelas festas se tornaram *proibidas*. Proibição que se deu, sobretudo, por conta dos frequentes confrontos físicos entre os jovens que deles participavam.

A interdição dos bailes *funks* resultou numa remodelação significativa das torcidas organizadas, principalmente por dois motivos: primeiro, a interdição dos bailes não implicou a dissolução das significações organizadoras das sociabilidades que lhes eram características; segundo, com o fim dos bailes, todo aquele contingente juvenil que os frequentava migrou para as torcidas organizadas, com a mesma demanda por poder e enfrentamento (RIBEIRO, 2010, p. 115).

Os jovens oriundos das festas *funk* chegaram às Organizadas trazendo consigo as lógicas e sociabilidades que eram características dos bailes. Uma delas era a questão do sentimento de pertença ao bairro. Muito mais do que o time pelo qual torciam, eram os bairros de moradia que tornavam os jovens pertencentes a um ou outro grupo. Através desse critério, haviam grupos integrados simultaneamente por torcedores de Ceará SC e Fortaleza EC, por exemplo. Embora obviamente essa mistura de torcedores não esteja presente nas Organizadas, o vínculo ao bairro é um elemento muito forte nelas, sobretudo nas Organizadas tradicionais. É frequente ouvir torcedores, a caminho do estádio, bradando gritos de guerra que falam o nome de seus bairros; nas arquibancadas também é comum ver pessoas segurando faixas em formato de cachecol com o nome do bairro. A socióloga Glória Diógenes descreve como as Organizadas criam subdivisões internas, tendo os bairros como critério:

As subdivisões das torcidas organizadas esquadriham a cidade de acordo com o bairro ao qual pertencem (...). Cada bairro de periferia vai de galera para o estádio, e quase sempre é mencionado assim: bairro X é Ceará; Bairro Y é Fortaleza (...). A torcida opera um sentimento de posse em relação à sua subdivisão: esse espaço da cidade me pertence e eu carrego para onde eu vou. É preciso que as torcidas exerçam um poder de comando, de domínio nas áreas onde se situam suas subdivisões (Diógenes, 2003, p. 86).

O bairro é tão importante para os torcedores organizados que, muitas vezes, é motivo de brigas e rivalidades severas entre torcidas, inclusive de um mesmo time. Já citei os conflitos entre Cearamor vs Fúria Jovem e Cearamor vs MOFI. Entre as Organizadas do Fortaleza EC, a disputa TUF vs Jovem Garra Tricolor (JGT) é marcante. Se nos bailes *funk* torcedores de diferentes times conseguiam conviver em um mesmo grupo, unidos pelo bairro, nas torcidas a convivência entre alguns torcedores é tensa justamente porque eles são de bairros rivais. Desse modo, nesses casos, o “bairro em comum” aparece como fator de integração mais forte do que o “time em comum”, exatamente como acontecia nas festas *funk*.

Outro aspecto das sociabilidades *funk* que chegou até às Organizadas (o que não significa que elas já não o tivesse antes) é a questão da virilidade voltada ao “combate”. A juventude, nas pistas de dança dos bailes, ordenava seus grupos de tal modo que, naquele espaço, se reproduzia as divisões territoriais da cidade de Fortaleza. Divisões simbólicas determinadas pelas redes de amizade, inimizade e rivalidades entre bairros. A certa altura das festas, iniciavam-se os contatos violentos entre esses diferentes grupos, numa mistura e alternância de briga e dança. Participar desses momentos necessitava de certo preparo:

A construção das experiências dos jovens frequentadores de bairro também implicava em (...) uma aprendizagem relacionada à construção de uma corporalidade aguerrida, voltada ao conflito. Para tanto, durante o período de aprendizagem, era preciso o preparo do suporte físico do corpo e a construção da sustentação emocional para o combate (RIBEIRO, 2010, p. 108).

A disposição e preparo para o confronto seguem presentes em muitos torcedores, sobretudo os organizados. Observando os escudos das Organizadas tradicionais, por exemplo, nota-se como seus mascotes trazem feições de agressividade e/ou de muita força física, ilustrando esse aspecto do preparo para o confronto:



Figura 01: Escudos dos principais grupos de torcedores do Ceará SC. Em cima, as Organizadas tradicionais; embaixo, as alternativas.

Veremos mais sobre isso no último capítulo. Ribeiro chama a atenção ainda sobre como esses momentos de confronto, muito mais do que simples manifestações irracionais de “selvageria”, refletem contextos sociais de demarcações territoriais simbólicas, rivalidades, amizades e conflitos que aqueles jovens experimentam no seu dia a dia no bairro, na cidade.

O baile *funk* se coloca como um espaço de continuidade dessa lógica demarcatória e seu poder agregador e de atração sobre os jovens frequentadores advinham da continuidade oferecida pelo baile às marcações identitárias daí decorrentes, ao passo que oferecia o efeito arena, imprescindível para a constante construção dessa formação cultural juvenil (*Ibid.*, p. 110).

Esse preparo à briga, nas Organizadas, pode ter sido influenciado pelos bailes *funk*. Mas os confrontos que existiam nessas festas não eram algo que surgiam dentro delas: refletia relações sociais mais profundas. O antropólogo José Garriga Zucal, falando sobre o contexto da violência entre torcedores de futebol na Argentina, reforça a importância de se pensar esse fenômeno dos conflitos de outra forma que não pelo superficial viés da “irracionalidade”:

El primer paso para entender la violencia en el fútbol es rever aquellas concepciones que afirman la irracionalidad de estas acciones. La común caracterización de irracional e incivilizado del accionar violento lo incluye dentro de los límites de lo patológico y lo penable; esto mismo dificulta una discusión seria sobre sus causas y consecuencias. La práctica violenta es una acción nutrida de significación por sus actores, que no debe ser interpretada como “salvajismo” o muestra de incivildade (GARRIGA ZUCAL, 2005, p. 60-61).

O comportamento torcedor segue uma lógica própria que lhe confere sentido aos olhos dos que estão inseridos naquele contexto. Descrivê-lo como “irracional” seria demonstrar que, na verdade, não se conseguiu alcançar as razões que o motivam. O primeiro passo para se entender as práticas torcedoras, dentre elas os confrontos físicos, é identificar os códigos que a fundamentam. Dentro de uma perspectiva de intervenção social, essa identificação seria também o primeiro passo para se oferecer soluções àquelas condutas.

Retornando às especificidades das torcidas cearenses, Ribeiro argumenta que os jovens incorporam essas experiências de conflitos vividas no cotidiano e as levam para outras situações, como os bailes *funk* e, posteriormente, as Torcidas Organizadas. As vivências dos bairros, então, extrapolam suas próprias fronteiras físicas e tomam toda a cidade junto com os rapazes e moças que as trazem consigo. O conceito de *território* enquanto experiências carregadas nos próprios corpos nos ajuda a refletir sobre essa questão:

O Território se constitui como marca que cada um carrega para onde vá, marca que cada um carrega dentro de si, cujo terreno cartográfico é, fundamentalmente, o corpo. O território das gangues é movediço. Ele se constitui sob o referente territorial, o lugar de moradia e circula, explicita-se, através do nomadismo de seus integrantes, em pontos diversos da cidade. É desse modo que a cada lugar de encontro, de festa, uma mesma trama territorial se desenha. As divisas dos bairros projetam-se nos estádios, através das torcidas organizadas e nos bailes funks através das galerias (DIÓGENES, 1995, p. 145).

Uma dessas marcas carregadas no corpo são as práticas de violência. Garriga Zucal, novamente falando sobre torcedores argentinos, mostra como um dos aspectos cotidianos comuns aos *hinchas* que pesquisou é a presença de atitudes violentas como mediadoras de conflitos, comportamentos aprendidos e reproduzidos por eles em outras esferas, como as rivalidades entre torcidas:

Las prácticas violentas, al igual que el consumo de droga y algunos delitos menores, son comunes en los contextos de socialización de los integrantes de la hinchada. Por ejemplo, la violencia es parte de las experiencias corrientes de los participantes de la hinchada, es una herramienta legítima para dirimir sus conflictos. La práctica violenta no se reduce al ámbito del fútbol (...). Un hincha en una conversación me comentó que así se solucionaban los problemas en “el barrio”, que no era como en la “facultad” donde las cosas se podían conversar; las disputas se zanjaban de esta manera “o te pasan por arriba” (GARRIGA ZUCAL, 2005, p. 69-70).

Compreender os comportamentos das Organizadas passa, portanto, pela análise do contexto social dessa juventude. Ribeiro aponta que os jovens de

Cearamor e MOFI, em sua maioria, vêm de uma realidade de pobreza material, estigmas de marginalidade e um campo bastante restrito de “possibilidades de construções identitárias” (RIBEIRO, 2010, p. 63). Garriga Zucal interpreta as práticas violentas como uma via para uma construção identitária ativa dentro desse campo restrito de possibilidades.

Concebimos un margen de autonomía dentro de las relaciones de dominación que permite a los actores construir, muchas veces a partir de estas relaciones, un estilo propio, dentro de cuyos límites existen elecciones identitarias que pueden terminar siendo criminalizadas (GARRIGA ZUCAL, 2005, p. 72).

Diógenes vai ao encontro dessa interpretação que confere às atitudes de violência um estado de criação e afirmação de uma identidade. A autora enfatiza o sentimento de pertença ao bairro nesse processo:

No espaço de entorno dos bailes *funk* e dos estádios de futebol, “um império fervilhante de signos” produz uma cenografia particular e paradoxal: galeras de jovens, através de seus corpos, “conduzem territórios”. Símbolos, “montagens”, bandeiras recriam a geografia da cidade, “desfilam cidade”. Uma dinâmica particular da violência, toda ela construída através da defesa de área, de projeção da força e do poder de um bairro sobre os demais, se faz anunciar como meio de instituir um signo territorial (...). Corpo e território (bairro) operam uma semiologia da cidade, registram e fazem circular significantes relativos a modos diversos de inserção urbana (DIÓGENES, 2003, p. 77-78).

Desse modo, pensar sobre as práticas violentas entre Organizadas tradicionais requer, necessariamente, compreender o contexto social de exclusão, violência, rivalidades e outros aspectos que compõem o dia a dia desses jovens, sobretudo no contexto dos seus bairros. Os Cangaceiros vivem uma dinâmica completamente diferente. O perfil socioeconômico que será traçado no ponto 2.7 deste capítulo mostrará como os componentes dessa torcida pertencem a um contexto social diferente, com mais renda e escolarização. Os bairros em que a maior parte de seus integrantes mora não estão entre as regiões mais estigmatizadas ou de piores condições de vida da cidade, conforme será visto no ponto supracitado.

Encerrando por hora essa discussão sobre Organizadas e práticas violentas, é curioso perceber como uma parcela da responsabilidade sobre isso cai sobre os próprios times e seus jogadores: espera-se que eles deem “o exemplo”. É comum campanhas contra a violência nos estádios promovidas pelos clubes, usando seus principais jogadores como porta-vozes de um discurso de paz entre as

torcidas. Quando a troca de provocações entre times é exagerada, ou quando os jogadores entram em confrontos físicos dentro de campo, eles recebem críticas por estarem, imagina-se, dando “mau exemplo”, incentivando os torcedores a agirem do mesmo modo.

Radamés Rogério (2014) traz diversos trechos de colunas, reportagens e até pronunciamentos políticos criticando as condutas agressivas do jogador Edmundo (Palmeiras/SP, Vasco/RJ, dentre outros) dentro e fora de campo. Críticas que consideravam esse comportamento um estímulo para os torcedores. O apelido do jogador é “Edmundo animal”, justamente por conta dessas atitudes.

A associação do jogador ao acontecimento [uma briga sangrenta entre organizadas do Palmeiras/SP e do São Paulo] estava baseada na caracterização da ação dos torcedores como também animalesca, bem como no recente histórico de cenas de violência protagonizadas pelo jogador em campo (...). O clímax da culpabilização do jogador, porém, ocorreria com a publicação de uma reportagem do Jornal da Tarde que citava um pronunciamento feito no Congresso Nacional pelo deputado federal Paulo Delgado (PT/MG) em que este sentenciava Edmundo como “o” principal responsável pela violência nos estádios (ROGÉRIO, 2014, p. 77).

O autor conclui demonstrando a força que a imagem social dos jogadores possui, a ponto de ser vinculada a esses sujeitos parte da responsabilidade de uma questão social tão complexa:

Segundo esse raciocínio, o poder de influência do jogador de futebol é muito grande, ao ponto de consagrar este ou aquele modelo de conduta e de vida. Embora considere extremamente exagerada, precipitada e generalista esta associação da violência da torcida com as atitudes do jogador Edmundo, considero pertinente refletir sobre a posição destacada que esses indivíduos ocupam na sociedade, particularmente, devido à exposição midiática e a intensidade com que tanto a profissão quanto o esporte inundam o imaginário coletivo (*Ibid.*, p. 78).

O senso comum geralmente julga a questão da violência entre Organizadas como fruto de “selvageria”, “irracionalidade” ou mesmo “má índole”. Mesmo assim, nota-se como há nessa percepção o reconhecimento de que alguns fatores externos podem sim influenciar o comportamento dos torcedores, seja para condutas positivas ou negativas. Esses fatores externos, ainda no raciocínio do senso comum, são em geral as ações de clubes e jogadores.

2.2 As Organizadas alternativas do Ceará SC

Depois de apresentar as Organizadas tradicionais e problematizar suas principais características, é hora de conhecer os grupos de torcedores que desejam servir de contraponto: as Organizadas alternativas.

A “Torcida Alcoolizada Ceará Chopp” foi fundada em 2005. Ela, ao contrário de outras Organizadas, não possui instrumentos de bateria e costuma assistir aos jogos de maneira mais “passiva”, se comparada às demais torcidas. O nome já deixa claro sua ode à bebida alcoólica, algo semelhante aos Cangaceiros, como será visto. Ela se descreve, em sua página no portal “Organizadas Brasil”, como um grupo que “prima pela amizade e o respeito entre as pessoas, é na verdade um grande encontro de amigos”⁹. Há aqui uma crítica implícita à violência entre as torcidas, e da autodescrição como um grupo pacífico, “uma família”.

A “Torcida Setor Alvinegro” surgiu em 2009. Ela não se define como uma Organizada, mas sim como uma “torcida de alento”, inspiradas nas *barras bravas*. Estas, por sua vez, são grupos de torcedores muito populares na América do Sul de colonização espanhola, bem como no estado do Rio Grande do Sul. Elas vêm ganhando adeptos, nos últimos anos, em outros estados e regiões brasileiras. Uma das características das *barras bravas* é o estilo de música tocado nas arquibancadas: embora relativamente lento, é tocado durante toda a partida, repetindo com pouca variação as mesmas batidas. Enquanto em outros países da América do Sul as *barras bravas* são fortemente ligadas à questão da violência entre torcedores e práticas criminosas (GIULIANOTTI, 2010, p. 83), no Brasil esse modelo de torcer foi apropriado, sobretudo, por grupos que buscam se desvincular dessa imagem. É o que acontece com o Setor Alvinegro que, além de promover um discurso de não violência, evita até mesmo citar outras torcidas e times. A ideia de suas músicas, faixas, bandeiras é falar apenas do Ceará SC (MORAIS, 2015, p. 82). Moraes destaca ainda como os integrantes do Setor resistem em se descrever como Organizada, preferindo usar termos como “Setor” ou “movimento” (*Ibid.*, p. 51). É válido ainda observar o escudo da torcida, que traz a bandeira do estado do Ceará além de dois pequenos chapéus de cangaceiros. Isso mostra como a questão da identidade regional ou estadual também está presente no imaginário dessa torcida,

9 Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcida/TORCIDA-ALCOOLIZADA-CEARA-CHOPP-305.html>>. Acesso: 27/01/2016.

embora não seja o foco central de sua *performance* nas arquibancadas, como se dá com os Cangaceiros Alvinegros.

A mais recente das Organizadas alternativas é a “Torcida Cangaceiros Alvinegros”, fundada em 2011. Falarei sobre ela no próximo item. É importante perceber desde já como as três Organizadas alternativas foram fundadas, todas, após o surgimento das tradicionais. Isso reforça a ideia de que elas emergiram como uma forma de contestação às Organizadas tradicionais e como propostas de alternativas ao modelo tradicional.

2.3 Surgem os Cangaceiros Alvinegros

A Torcida Cangaceiros Alvinegros foi fundada em 2011, a partir da mobilização de um pequeno grupo de amigos, possui uma história “oficial” que narra a ideia de sua criação.

Flamengo/RJ e Ceará SC enfrentaram-se no Rio de Janeiro no dia 14 de agosto de 2010, em partida válida pelo Campeonato Brasileiro Série A. Era o último jogo que o estádio do Maracanã recebia antes de ser fechado para as reformas visando à Copa do Mundo de 2014, da qual o Rio de Janeiro era uma das cidades-sede.

O atual presidente dos Cangaceiros, Mário Veríssimo¹⁰, viajou para acompanhar a partida ao vivo. Chegou ao estádio trajando um chapéu de vaqueiro, costume que já conservava há algum tempo.

...antes dela [a torcida Cangaceiros] ser fundada, eu já andava com chapéu de vaqueiro no estádio, e tal. Camisa normal do Ceará, chapéu de vaqueiro, cangaceiro, sempre gostei de representar, né, nossa região (Mário).

E teria sido exatamente essa indumentária o estímulo para que alguns flamenguistas cariocas dirigissem comentários discriminatórios sobre os cearenses e nordestinos.

E a gente dentro da escolta, caminhando para entrar no Maracanã, alguns torcedores começaram a xingar a torcida do Ceará, e quando me viram com aquele chapéu que chamava um pouco a atenção, aí deram um foco especial, aí chamaram de cada nome que você nem imagina. É... “comedor

10 A história da fundação da torcida é contada pelo próprio presidente Mário Veríssimo em reportagens de jornal e TV. Por essa razão não houve a necessidade de criar um nome fictício para ele nesta parte do trabalho.

de calango”, “cabeça chata”... é... e um dos nomes foi “cangaceiro”, né. “Cangaceiro! Volta pra sua terra (Mário)!

O preconceito regional sofrido foi, de acordo com o relato, a motivação para se fundar uma torcida com a temática da identidade regional. Mário e alguns amigos já pensavam na hipótese de se fundar uma torcida. Os eventos no Maracanã teriam amadurecido ainda mais essa disposição, indicando a ela ainda uma temática criativa: a ideia de afirmar o orgulho em ser nordestino como resposta ao preconceito.

2.3.1 Um “movimento cultural” sobre o Nordeste

A questão da identidade regional nordestina teve um papel central na concepção da torcida. O próprio nome “Cangaceiros”, segundo Mário, saiu de uma das tentativas de insultos que sofrera no Maracanã. Desde seu nascimento, contudo, havia a ideia de não se formar exatamente uma torcida nos moldes tradicionais. Aldo, também um dos fundadores, fala da intenção em se criar um “movimento cultural”.

A gente pensou: “a gente vai tirar esse preconceito dele pra gente montar um movimento”, né, que começou como um movimento cultural, e foi criando corpo e acabou se tornando uma torcida e virou “Cangaceiros Alvinegros” (Aldo).

Os materiais que os Cangaceiros produzem, como camisas, bandeiras, faixas, músicas, dentre outros, fazem todos referência a uma determinada ideia de identidade nordestina. O forró pé-de-serra e o sertão da seca são símbolos acionados com frequência. Personalidades como Luiz Gonzaga, Dominginhos e Patativa do Assaré, que ganharam fama nacional falando sobre alguns aspectos da vida no sertão nordestino, também aparecem, como forma de homenagem. A análise detalhada desses vários materiais será feita no próximo capítulo.

Uma das perguntas do questionário foi: “o que levou você a participar de sua Torcida Organizada”? Foram dadas cinco opções que deveriam receber, cada uma, notas de 01 a 05. Dentre as cinco opções, que serão trabalhadas no último capítulo, destaco desde já uma: “me sinto Nordestino”. As respostas foram:

Tabela 01: O que me levou a participar da Torcida organizada: me sinto nordestino			
	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	0,0%	1,2%	7,7%
Nota 02	0,0%	2,4%	3,0%

Nota 03	0,0%	4,7%	3,0%
Nota 04	4,2%	2,4%	6,0%
Nota 05	95,8%	89,4%	79,8%

As respostas dessa questão me causaram surpresa. Não imaginava que o sentimento de “nordestinidade” fosse um motivador relevante para se ingressar na Cearamor ou na TUF, já que estas torcidas não costumam criar materiais que remetem à identidade regional. Mesmo assim, essa foi considerada uma motivação muito importante para grande parte desses torcedores, 91,8% da Cearamor e 85,8% da TUF, somando-se as notas 04 e 05. Os Cangaceiros, torcida que trata explicitamente desse sentimento, ficou com 100% das notas altas.

Assim sendo, os Cangaceiros, mesmo tendo a questão do orgulho da identidade regional como tema principal de seus materiais, não detém o “monopólio” desse sentimento. Os integrantes de outras Organizadas também o conservam de maneira forte, ainda que não o exibindo com frequência.

2.3.2 Uma torcida não-violenta.

Assim como o Setor Alvinegro, os Cangaceiros resistiram, em um primeiro momento, à ideia de se apresentarem como Torcida Organizada. Hoje em dia, já se referem a si mesmos desse modo, embora por vezes acrescentem um adjetivo de distinção, como “diferente” e “diferenciada”, conforme ilustram alguns fragmentos: “o nosso estilo ali, que é uma coisa mais cultural, e tal, uma coisa diferenciada” (Aldo); “Os Cangaceiro implantaram um diferencial” (Gotardo); “lá dentro do estádio a gente toca um pouquinho de axé, toca samba, pra diferenciar um pouco das outras torcida” (Walter); e a frase que, creio, melhor sintetiza a ideia: “uma torcida que é Organizada mas é uma torcida diferente” (Célio).

Mesmo desejando se constituir enquanto um grupo que não fosse classificado como Torcida Organizada, os Cangaceiros acabaram por aceitar essa condição. A ação do Ministério Público do Estado do Ceará é apontada como fator decisivo para essa transição de “movimento” para “Organizada”.

Como eu te disse, a gente começou como movimento cultural, mas a gente foi obrigado a virar uma torcida organizada pelo fato do Ministério Público ter batido em cima das outras torcidas que já tinham problemas, né, com crimes, algumas coisas (...), aí exigiu cadastro das torcidas pra realmente identificar os membros (...) e exigiram também que a gente fizesse um

estatuto como torcida organizada. Aí a gente tinha que ter uma diretoria, e tal, aquela coisa toda formalizada (Aldo).

O entrevistado refere-se ao “Termo de Ajustamento de Conduta” pactuado entre o Ministério Público e as Torcidas Organizadas. O documento foi assinado em abril de 2012, contando na ocasião com a presença de representantes do Comando de Policiamento da Capital, da Polícia Civil, da Secretaria de Esporte e Lazer de Fortaleza e da Federação Cearense de futebol. Aldo faz questão de salientar que a determinação do Ministério foi motivada por ações problemáticas de outras torcidas. Os Cangaceiros tiveram que aderir a ela, mesmo sem possuir histórico de brigas. O acordo estabeleceu, entre outras coisas, o comprometimento das torcidas em evitar qualquer forma de incitação à violência, além de cadastrar todos os seus componentes:

Cada torcida precisa cadastrar todos os membros no prazo de cinco meses, a contar da assinatura do Termo. O cadastro deve ser realizado por meio eletrônico, com cópia para várias instituições, entre elas a Polícia Civil e o NUDETOR. É preciso que constem, dentre outros dados, nome completo do integrante, naturalidade, filiação, RG, CPF, estado civil, profissão, escolaridade, endereço residencial e comercial, fotografia, além de assinatura, nos termos do art. 2º-A, parágrafo único, da Lei nº 10.671/03 e do art. 2º, da Lei Municipal nº 9.192/2007 (...). A torcida organizada deverá expedir carteira de identificação de seus integrantes com uma fotografia. O modelo deve ser entregue a várias instituições (MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ, 2012).

A fala de Aldo e as determinações do Ministério Público mostram como o modelo tradicional de Torcida Organizada está de fato ligado à ideia de burocratização, com criação de estatuto, diretorias e cadastros. Os Cangaceiros, para continuarem com o direito de frequentar o estádio enquanto grupo de torcedores, precisaram concordar em se cadastrar enquanto Torcida Organizada. Essa situação levou inclusive à saída de alguns membros fundadores, que não desejavam de modo algum burocratizar aquele “movimento cultural”. Essa informação não me foi passada em entrevistas, apenas em conversas informais, de tal modo que não posso embasá-la em citações.

Uma das razões da resistência em ser uma Organizada é a imagem socialmente negativa que essas torcidas têm, fortemente ligadas à violência. Os Cangaceiros em geral concordam com esse vínculo: na opinião deles, as Torcidas Organizadas em geral são de fato violentas, briguentas, e justamente por isso não queriam ser reconhecidos como uma delas. Quando se tornou inevitável apresentar-

se como uma Organizada, a estratégia foi reforçar os discursos de não violência e de “torcida diferente”. Essa discussão será pormenorizada nos próximos capítulos.

Dois dos entrevistados afirmaram terem feito parte, ao menos uma vez, de conflitos entre torcidas. Isso se deu na época em que eram componentes de Organizadas tradicionais. García, 24 anos, fazia parte da MOFI; Gotardo, 27, da Cearamor. Ambos apontam, inclusive, que esses episódios foram a maior motivação em sair da antiga torcida.

García relata um confronto entre Cearamor e MOFI ocorrido na cidade de Horizonte em 2009, época em que essas torcidas ainda não haviam chegado ao atual acordo (nunca definitivo) de paz. O entrevistado estava a dois meses de completar 18 anos, na ocasião.

Primeiro jogo do Campeonato Cearense, a gente coletou três ônibus entupidos da MOFI, e a gente chegou mais cedo, ficamos lá em Horizonte (...). Quando a gente menos espera a gente escutam um fogos. “Ói, a Cearamor tá chegando”. Sete ônibus da Cearamor (...). Eles *rebolaram* uma garrafa na Força Independente. Quando tava tudo preparado já, porque ninguém confiava. Foi... parecia aqueles 300 de Esparta. Quando menos espera lá vem mais. Aí tome *peia*¹¹. Nesse dia diretoria, todo mundo brigou, não teve quem não brigou. Aí beleza, aí policiamento chegou, depois de uns 20min de briga... (García).

O confronto entre as duas torcidas começou já no entorno do estádio, no momento em que se cruzaram. García, ao longo da entrevista, disse que nunca havia se envolvido em brigas, buscando sempre se afastar delas. Esse dia, no entanto, foi uma exceção. Mesmo os diretores, que procuram se guardar desses confrontos, participaram. Levando-se em conta o que já foi abordado no item “2.1 As Organizadas tradicionais do estado do Ceará”, sabemos bem que o motivo desse confronto vai muito além de uma simples garrafa arremessada. O gesto de jogar a garrafa parece servir muito mais como um ritual de início, o “soar do gongo” avisando que o confronto, já aguardado (“porque ninguém confiava”), poderia começar.

Após a chegada da polícia, a briga foi contida. Mas o assunto ainda não estava encerrado:

Quando a gente entrou [no estádio], a gente foi lá pro outro lado [das arquibancadas]. Quando a gente foi lá pro outro lado, aí lá se vem o pessoal da Cearamor por aqui (...), e tome *peia*. Por um lado e pelo outro. Resumindo, foi o jogo *todin* brigando, o jogo *todin*. Eles rasgaram bandeira

11 “Rebolar”: expressão coloquial para o verbo “jogar”. “Peia”: termo equivalente a “surra”, “briga”.

da gente, instrumento quebrou, tudo isso. Aí pronto, aí foi quando eu falei “vou sair” (García).

Os *territórios* dos jovens são movedições, como já foi dito. As rivalidades entre bairros e, por consequência, entre torcidas, deixaram as fronteiras físicas dos bairros e também da própria cidade, sendo levados a um espaço a princípio totalmente diferente: um estádio de futebol em um município da região metropolitana. Os jovens, entretanto, eram os mesmos, assim como a briga.

A experiência de Gotardo aconteceu seis anos antes. Dessa vez o confronto foi com a principal Organizada do time rival: a TUF. O entrevistado tinha, naquele momento, 15 anos.

Eu me envolvi em uma [briga] em 2003, Ceará e Fortaleza. O jogo era quatro horas da tarde, a gente saiu daqui, a rapaziada que eu fazia parte, saiu daqui onze e meia. Eu cheguei no Castelão doze e meia. O que é que eu ia fazer no Castelão doze e meia? Entende? É uma coisa assim, meio que adrenalina, não sei (...). Até mesmo os amigos, os amigos entre aspas, né, a turma que ia, “vamo, vamo!” (Gotardo).

A pergunta sobre o que o entrevistado iria fazer no Castelão tão cedo é retórica: a chegada ao estádio com antecedência fazia parte da preparação para o confronto. Gotardo interpreta a busca por “adrenalina” e a influência do grupo de colegas de bairro (“a rapaziada que eu fazia parte”) como motivação. Quando se refere a “adrenalina”, parece estar falando sobre certa sensação de prazer estimulada pela luta. Norbert Elias (ELIAS & DUNNING, 1992) fala da propriedade que os esportes em geral têm de proporcionar aos atletas e espectadores as emoções de um confronto físico de maneira mimética, controlada, sem muitos riscos reais:

O carácter mimético de uma prova desportiva como uma corrida de cavalos, um combate de boxe ou um jogo de futebol, é devido ao facto de aspectos da vivência-sentida associados à luta física real entrarem no campo da vivência-sentida de uma luta “de imitação” própria de um desporto (...). O desporto permite às pessoas a experiência da excitação total de uma luta sem os seus perigos e riscos. O elemento do medo na excitação, ainda que não desapareça por completo, é bastante reduzido, e o prazer da excitação do combate é, por esse motivo, elevado (*Ibid.*, p. 81).

Se a imitação de uma luta causa sensações agradáveis, é certo que o próprio combate também possa fazê-lo. David Le Breton (LE BRETON, 2009) fala sobre a paixão por atividades físicas e esportivas “radicais”, aquelas nas quais a dimensão de risco, medo, vertigem, dentre outros, é alta. Ele apresenta o conceito de *stress seeking*, tomado por sua vez de Samuel Klausner:

O *stress seeking* remete a uma busca de emoções fortes, de *stress* (a linguagem dos praticantes evoca, aliás, a “procura de adrenalina”), por meio da exposição de si mesmo a situações marcadas pelo medo e pela excitação. Longe de ser sempre uma situação que se deva evitar, o *stress* torna-se nesse caso, nas circunstâncias desejadas pelo indivíduo, objeto de uma afeição apaixonada destinada a dar um sabor adicional à existência (LE BRETON, 2009, p. 109).

Gotardo usou exatamente a explicação da procura por adrenalina como motivadora da sua participação na briga. O medo gerado pelo confronto não foi um fator para fugir dele. Pelo contrário, transformou aquela experiência em algo desejado. Le Breton lembra que “o prazer pelo perigo em uma dada situação pode ser acompanhado pela sua aversão em outra” (*Ibid.*, *idem*). O perigo da briga tanto é atrativo para algumas pessoas quanto repulsivo a outras. Gotardo sentiu esses dois lados. Primeiro, foi ao confronto em busca de adrenalina. Depois, entendeu que o prazer do momento não era forte o suficiente para compensar o medo. É o que ele conclui no final do seu relato:

Cheguei era umas 12 e meia e aí a gente começou a formar, começou a reunir o maior número de torcedor. E aí vai chegando, vai chegando. Aí eu lembro que passaram uns cinco, seis caras da TUF, já também querendo arrumar confusão. E aí foi só um motivo. Isso foi fora do estádio, o estádio tava nem aberto, ainda. O estádio ia abrir uma e meia, duas horas. E aí foi só o motivo, mesmo. E a nossa turma era bem maior, e aí a gente foi lá pro lado do Fortaleza, com pedra, com pau, com rojão, aí era aquele estrago. Mas também foi essa mesmo, ali eu vi que não dava pra mim, não, porque eu morro de medo de policial (Gotardo).

Os torcedores, predispostos ao combate, chegavam cedo e se reuniam em um ponto de encontro, “formando” o grupo para o enfrentamento. Da mesma forma que no evento relatado por García, a partir da chegada do grupo oponente só foi necessário “um motivo”, embora Gotardo não tenha citado qual foi. E também nesta ocasião a briga se deu entre torcidas com número de componentes desequilibrado, sendo uma delas bem mais numerosa do que a outra. Isso não foi motivo para se evitar o confronto. Conforme será visto no item “O universo das Torcidas Organizadas como um *campo*”, ser vencedor numa briga não é necessariamente a única forma de ganho do *capital* simbólico representado pela disposição ao combate; a coragem do enfrentamento, mesmo em situações de minoria, já representa uma conquista desse valor.

Gotardo conclui sua descrição afirmando que a experiência da briga, ou pelo menos a consequência dela (conflito com policiais) foi desagradável o suficiente para não a reviver. Ele fala ainda de arrependimento por ter participado desse

evento: “Hoje eu vejo que é algo totalmente errado e eu não apoio”. A diferença fundamental nas duas experiências relatadas é que Gotardo procurou deliberadamente o confronto, desejando viver aquela experiência, enquanto García, de acordo com sua fala, só participou da briga por não ter conseguido evitá-la.

Já foi falado sobre a influência dos bailes *funk* na constituição das Organizadas tradicionais. O forte sentimento de pertença ao bairro e a disposição para o combate são exemplos de práticas e valores dos bailes que foram apropriados ou reforçados nas Organizadas. O vínculo com o *funk* é explícito e sempre lembrado, seja nas músicas das arquibancadas, dos CDs, ou nas festas promovidas. Tal relação com esse tipo de festa não é tratada com o mesmo entusiasmo pelos Cangaceiros que delas já fizeram parte. Pelo contrário. Perguntei a alguns deles se vivenciaram a experiência desses bailes. Apenas um deles, Célio, 32 anos, afirmou que ia aos bailes na época em que era componente da Cearamor.

Já... já cheguei [a frequentar os bailes *funk* da Cearamor]. Os baile, como eram conhecidos, os baile *funk*. Hoje, os dois últimos eu fui pra representar os Cangaceiros. Porque geralmente eles dão uma placazinha de homenagem, simbolizando a idade que a torcida está complementando, no caso a Cearamor hoje tem 33 anos. E tem outras torcidas de fora, também, porque tem aquelas amizades entre torcidas, né? E quando os Cangaceiros são convidados eu também vou. Mas quando eu fazia parte da Cearamor eu já participei de dois ou três bailes *funks* também (Célio).

Célio foi componente da Cearamor durante a adolescência. Durante essa época, participou de alguns bailes promovidos pela torcida (e não aqueles eventos que foram posteriormente *proibidos*). Sua afirmação de que foram “dois ou três” mostra a intenção em deixar claro que foram poucas vezes, ou seja, não era muito envolvido nessas festas. Hoje em dia ainda participa delas eventualmente, mas agora seria apenas por uma questão de “boa vizinhança”: ele comparece enquanto representante dos Cangaceiros para participar de pequenos rituais de troca de presentes.

Aldo, de forma semelhante, também já fez parte da Cearamor na adolescência. Atualmente visita algumas festas daquela Organizada tradicional enquanto representante dos Cangaceiros:

Pergunta: Você já chegou a ir a um baile *funk*?

Resposta: Já, pior que já, porque como eu te disse, voltando ao assunto das boas relações que a gente tem com as outras torcidas, todas as festas da Cearamor, como aniversário, festa de comando de bairro, e tal, eles convidam a gente pra gente prestigiar, e sempre que eu posso eu marco

presença. Inclusive a nossa torcida, fizeram/fizemos placas, e tal, em homenagem, e tudo isso.

O “pior que já” deixa bastante claro o desconforto em participar desses eventos. Talvez esse desconforto, venha, dentre outras coisas, justamente por conta do vínculo dos bailes com violência, algo do qual os Cangaceiros desejam se afastar. Mas ele não está se referindo aos bailes que existiam na época em que era componente da Cearamor. Fala apenas da sua participação atual, que não acontece necessariamente por prazer, mas por motivações de diplomacia entre as torcidas. Resolvi insistir:

Pergunta: E antes de ser representante dos Cangaceiros, você chegou a frequentar os bailes também?

Resposta: [tosse] Rapaz, que eu me lembre, acredito que não. É que realmente é a necessidade, né, a gente vai pelas circunstâncias.

A tosse antes de responder e o “que me lembre, acredito...” demonstram uma imprecisão na resposta. Seria uma hesitação em “admitir” que sim? De qualquer modo, o entrevistado rapidamente volta a falar de seu envolvimento atual, reforçando a ideia da obrigação, da força das circunstâncias, e não do gosto.

Já foi visto como as práticas violentas envolvendo Organizadas tradicionais devem ser pensadas a partir do contexto social dos jovens que delas fazem parte; realidade geralmente marcada por exclusão, conflitos, rivalidades, identidades sociais negativas, estigmas. Os componentes do cangaço, por sua vez, vivem em bairros onde esses problemas não são tão intensos quanto o que ocorre na periferia e regiões mais pobres da cidade.

2.3.3 Exofiliação vs anti-exofiliação clubística: “Sou nordestino e tenho time pra torcer”

A exaltação da identidade nordestina e as críticas contra a violência são duas características importantes que compõem os discursos dos Cangaceiros. A primeira é um aspecto quase exclusivo dessa torcida, enquanto a segunda é compartilhada por outras torcidas de modelo alternativo. Há ainda pelo menos mais um elemento que precisa ser citado. Ele é também um pensamento que está presente em outras torcidas, especialmente no Setor Alvinegro. Trata-se da crítica aos nordestinos que torcem por um time da região, ou, em outros termos, o discurso “anti-misto”.

Um fenômeno que está presente em quase todos os estados do Brasil é o de pessoas que torcem para times das cidades do Rio de Janeiro e/ou São Paulo. Essas pessoas podem tanto ter dois times do coração (um de sua cidade, outro carioca/paulista), quanto podem torcer exclusivamente pelo time de outra região. Nesses dois casos, esses fãs são chamados de “torcedores mistos”. É um termo pejorativo que acusa uma ideia de impureza, de mistura, que não seria compatível com o ato de torcer. Flávio Campos e Luiz Henrique de Toledo (CAMPOS & TOLEDO, 2013) trazem o conceito de *bifiliação clubística* para se referir a esses fãs que torcem para dois ou mais clubes. Esse conceito, entretanto, não parece tratar daqueles que torcem para um único clube, sendo ele de outro estado. Inspirado no conceito daqueles autores, proponho o uso da expressão *exofiliação* para se referir àquele que torce para um time de outro estado, sendo ele seu único clube ou não. Os críticos dessa forma de torcer, então, podem ser chamados de *anti-exofiliação*.

A expressão “misto” foi criada por grupos de torcedores que são contrários a esse modo de torcer e que nomeiam a si mesmos como “anti-mistos”. Esses grupos estão presentes em vários estados, congregando fãs de diferentes times, inclusive rivais. Estados do Nordeste como Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia, por exemplo, já tiveram várias manifestações¹² *anti-exofiliação*. Eles defendem a visão de que o futebol brasileiro está dividido em basicamente dois lados: em um deles estão os times “do eixo”, compostos por equipes da região Sudeste e Sul, muito especialmente dos estados do RJ e SP, e também do Rio Grande do Sul; no outro lado estão os times dos demais estados.

12 Os protestos *anti-exofiliação* se dão, sobretudo, com faixas nos estádios, vídeos, sites/redes sociais na internet e camisetas.



Figura 02: “Vergonha”, “burros”, “alienados”, “aculturados”. Protestos dos torcedores *anti-exofiliação*

Também de acordo com os *anti-exofiliação*, as principais instituições do futebol brasileiro, CBF e Rede Globo¹³, atuam em favor dos interesses dos times “do eixo”, oferecendo a eles mais repercussão, dinheiro e poder político, dentre outros tipos de favorecimento, em detrimento das necessidades dos demais clubes. Torcer por times “do eixo” seria reforçar esse cenário de desigualdades. Seria ainda um ato de insensatez, visto que esses times seriam algo que pertencem apenas aos cariocas ou aos paulistas. O *exofiliado*, então, deixaria de valorizar algo “seu” para se vincular a times que na verdade pertenceriam “aos outros”.

Os *anti-exofiliação* afirmam que a existência dos *exofiliados* se daria, sobretudo, pela influência (em suas palavras: alienação) midiática, em especial da Rede Globo. A superexposição de times cariocas e paulistas na programação da TV e em outros veículos faria com que esses torcedores perdessem senso crítico e passassem a irrefletidamente torcer pelos clubes “dos outros”. A proposta dos *anti-exofiliação* seria, também em suas palavras, conscientizar os “mistos” para que saíssem desse estado de alienação¹⁴.

Os Cangaceiros, dentro da sua proposta de valorização da identidade nordestina, também afirmam compor o movimento *anti-exofiliação*. Durante os jogos

¹³ A Confederação Brasileira de Futebol é a instituição que promove os principais campeonatos de futebol de nível estadual, regional e nacional no Brasil. As Organizações Globo são detentoras dos direitos de transmissão da maior parte desses torneios.

¹⁴ Falo de maneira mais detalhada sobre essa questão dos torcedores “mistos” e do movimento “anti-misto” em minha dissertação de mestrado (VASCONCELOS, 2011).

do Ceará SC contra equipes cariocas ou paulistas tradicionais, como Flamengo/RJ, Vasco/RJ, Corinthians/SP, São Paulo, dentre outros, é bastante comum ouvir os Cangaceiros gritarem contra os torcedores daquelas equipes presentes no estádio, versos assim:

*Ô flamenguista [ou vascaíno, são-paulino etc.]
Vai se foder
Sou nordestino e tenho time pra torcer!*

Aldo comenta essa postura da torcida.

Então a gente montou os Cangaceiros, esse movimento, e tudo, também pra bater de frente com isso, é... é a questão dos anti-mistos, né (...). A gente bate na tecla que a gente não concorda com cearense que torce pra outro time (Aldo).

Uma das perguntas do questionário aplicado com as torcidas quis saber se o entrevistado torce ou já torceu por um time de outro estado. Isso ajuda a perceber como o discurso *anti-exifiliação*, que costuma estar mais presente nos Cangaceiros do que nas outras torcidas consultadas, de fato tem reflexo, ou não, nas respostas.

Tabela 02: Você torce ou já torceu para um time de outro estado?			
	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Torce	16,7%	42,4%	58,3%
Já torceu	16,7%	5,9%	1,8%
Nunca torceu	62,5%	51,8%	38,1%

Os Cangaceiros de fato se mostram a torcida com menos abertura a torcer para um time de outro estado. Eles têm a maior porcentagem de “nunca torceu” e a menor porcentagem de “torce”. Além disso, proporcionalmente são os torcedores que mais abandonaram o vínculo afetivo por clubes de outras partes do país. A TUF, por sua vez, é a que mostrou maior incidência de *exofiliados*, menor porcentagem de “nunca torceu” e de pessoas que deixaram de torcer para times de outros estados. A Cearamor tem o predomínio de pessoas que nunca torceram, mas com presença alta de *exofiliação* e números relativamente baixos de “já torceu”.

Os dados sugerem que, apesar de todas as torcidas terem dado notas altas para “me sinto Nordestino”, quando se trata de dar exclusividade aos times da região, esse sentimento é mais forte nos Cangaceiros. Os números não causam surpresa quando lembramos que essa torcida é declaradamente *anti-exofiliação*. Mesmo assim, ainda chama a atenção a presença de 16,7% que torcem para times

de outros estados, demonstrando que esse discurso é hegemônico na torcida, mas não é aderido por 100% dos componentes.

Uma fala que ilustra essa questão é a de Braga. Ele ao mesmo tempo declara seu amor ao estado do Ceará e ao Nordeste, lamenta o preconceito que o torcedor nordestino sofre quando vai jogar em outras regiões, mas torce também para o Vasco da Gama/RJ:

Ele [Luiz Gonzaga] representa muito o Nordeste. Porque você sabe que, muitas vezes, a maioria dos cantos que o Ceará vai jogar fora, até a nossa torcida representa, o nordestino é sempre criticado. Então essa torcida foi fundada para amor ao Ceará e ao Nordeste (...). Porque é muito chato a gente ser criticado pelo Sul, Centro-Oeste.

Entrevistador: Você torce ou já torceu por algum outro time?

Braga: Só o Vasco da Gama. Em segundo lugar o Vasco. Mas o Ceará é o meu primeiro time! Com certeza, aonde eu for, sou Ceará.

Braga tem o cuidado de salientar que o Ceará SC é o time pelo qual dedica mais amor. Talvez seja a maneira encontrada de ao mesmo tempo manter a *exofiliação* sem deixar de levar em conta o sentimento e o compromisso com o regional.

García também torce para um time de outro estado, o Corinthians/SP. Ele até mesmo vestia uma camisa da equipe paulista quando nos encontramos para a entrevista. Eu havia deixado bem claro que o encontro solicitado era para falarmos sobre os Cangaceiros, mesmo assim ele se sentiu à vontade para trajar o uniforme corintiano, mostrando o quanto esse vínculo afetivo deve ser forte.

Quando perguntei se esse lado regional dos Cangaceiros o influenciou no momento de ingressar na torcida, ele concordou, mas sua resposta não demonstrou tanta empolgação:

Com certeza, é bem interessante, porque às vezes, coisa que você não sabe, no seu dia a dia você aprende dentro da torcida. Coisa que você não sabia você aprendeu lá dentro (García).

O entrevistado mostra como a questão da identidade regional não é tanto um sentimento que já carregava consigo e desejava ter em uma torcida, mas sim algo ele está mais aprendendo agora, pelo convívio.

Em contrapartida, quando perguntei se a torcida fazia críticas a quem torce para um time de outro estado, ele foi bem mais enfático:

É, os menino toda vida *fresca*¹⁵, “ah, misto, não sei o quê”, mas foi como eu já falei: antes de torcer Ceará eu sempre fui Corinthians. Porque Corinthians eu sou desde pequeno mesmo (...). Eu comecei a torcer Ceará pela influência de quê, do meu tio, que foi morar lá em casa (García).

A resposta é bem mais longa do que esse trecho, mas em nenhum momento dela há a preocupação de afirmar, por exemplo, que o Ceará SC seria sua primeira paixão, como fez Braga.

Aldo, um dos fundadores, representa os componentes que já torceram por outro clube, no seu caso também o Corinthians/SP.

Rapaz, pra falar a verdade, quando eu era muito novo, muito novo, eu tinha uma simpatia, pra você ver como é que são as coisas, eu tinha uma simpatia pelo Corinthians. Não pelo fato de gostar. É porque é o que a gente via na mídia, né? Sendo que a gente na época não tinha essa mentalidade. Criança não dá pra controlar. Ai depois que a gente vai vendo as coisas, os preconceitos eu a nossa região sofre com o povo de lá, aí a gente vai tendo a mentalidade “Pô, por que que eu tô valorizando uma coisa que é lá de São Paulo”? (Aldo).

Sua fala é tipicamente *anti-exofiliação*: cita a influência da mídia, os preconceitos que os nordestinos sofreriam pelas pessoas de outras regiões e a visão de que os times de outras partes do país são algo que pertencem “aos outros”. Ele cita explicitamente o movimento *anti-exofiliação* (“anti-misto”) como algo que a torcida apoia:

Então a gente montou os Cangaceiros, esse movimento, e tudo, também pra bater de frente isso, é... é a questão dos anti-mistos, né. A gente não concorda [com os “mistos”], assim, apesar de, na época, eu simpatizar pelo Corinthians, mas eu não conhecia o Ceará, não tinha essa mentalidade cultural, aquela coisa, e tal, e a gente bate na tecla que a gente não concorda com cearense que torce pra outro time. Tipo assim, eu errei no passado mas corriji, me pus no meu lugar e tô querendo dar um exemplo pra que um erro que eu cometi não se volte a acontecer (Aldo).

Aldo continua enumerando argumentos característicos dos *anti-exofiliação*: a visão de que ser “misto” é um erro que precisa ser corrigido; a ideia da conscientização, aqui trazida pela expressão “mentalidade cultural” (mais uma vez o *capital* cultural como meio de distinção). Afirma que a torcida foi formada também com o objetivo de fortalecer o movimento “anti-misto”.

O questionário pediu: “em uma palavra, como você descreveria a pessoa que torce para um time de outro estado”? Isso foi perguntado apenas para os que já haviam declarado só torcerem para o Ceará SC. Excetuando-se um torcedor que disse não ter “nada contra” e outro que respondeu “não sei”, todas as demais

15 “Frescar”, termo coloquial equivalente a “fazer chacota”, “zombar”.

palavras escolhidas foram de teor negativo. "Alienado" e "misto", por exemplo, foram ditas, cada uma, quatro vezes. Outras expressões usadas: "desinformado", "sem noção", "não é cearense", "falta de respeito", "incoerente" e "paspalho". Predomina, então, a ideia do *exofiliado* como uma pessoa cuja preferência clubística foi ditada pela mídia e que não respeita sua região.

Percebe-se como os Cangaceiros são realmente uma torcida mais crítica aos *exofiliados* do que as duas Organizadas tradicionais ouvidas. Esse discurso *anti-exofiliação*, contudo, não é absoluto, havendo integrantes que torcem sim por clubes de RJ ou SP. Encerro essa discussão sobre os *exofiliados* reforçando que os Cangaceiros não são o único grupo de torcedores a ter essa postura crítica. Dentro das Organizadas do Ceará SC, o Setor Alvinegro é outra torcida que estimula bastante esse debate, inclusive tendo feito camisas com frases como "Eu escolhi meu time, a mídia escolhe o seu" (MORAIS, 2015, p. 44), vide a figura 02. Trata-se de um bom exemplo do discurso *anti-exofiliação* que toma a influência da mídia como alienante.

2.4 O universo das Torcidas Organizadas como um *campo*

O cenário das Torcidas Organizadas do Ceará SC pode ser dividido basicamente em dois grupos. De um lado estão as Organizadas tradicionais, com estrutura burocratizada e presença cotidiana da violência, seja nas músicas, nos uniformes ou nos confrontos diretos contra rivais. O contraponto se dá com as Organizadas de modelo alternativo, que oferecem outra forma de se torcer em grupo pelo time, focando especialmente na recusa da violência física. Embora existam, no futebol brasileiro e no cearense, exemplos de brigas envolvendo Organizadas do mesmo time, atualmente a relação entre esses dois grupos e no interior deles é de paz, sem confrontos.

As Organizadas de modelo alternativo, já se sabe, querem se diferenciar das tradicionais. Isso não significa, contudo, que não haja estratégias de diferenciação dentro desse mesmo grupo. Por exemplo, a Ceará Chopp não possui instrumentos de bateria, criando uma *performance* mais discreta nas arquibancadas; o Setor Alvinegro se define como "torcida de alento", não como Organizada; já os Cangaceiros destacam sua proposta "cultural" de valorização da identidade nordestina. Apesar dessas distinções, os grandes "outros" que ajudam a formar o

“nós” de cada uma dessas torcidas é, de fato, as Organizadas tradicionais. Posso afirmar isso com bastante segurança no que diz respeito aos Cangaceiros. As tabelas trabalhadas no último capítulo mostrarão como eles possuem uma afinidade muito maior com as Organizadas alternativas do que as tradicionais, e presumo que algo semelhante aconteça nessas outras Organizadas alternativas.

A identidade torcedora desses grupos se dá pelo modo como veem e julgam as Organizadas em geral. É uma visão negativa que os impulsiona a construir um novo modelo, propondo outras vias para o *modus operandi* das Torcidas Organizadas. Mas vão além disso: esse novo padrão visa também construir uma imagem positiva das torcidas alternativas diante das outras Organizadas, dos torcedores em geral, da imprensa e da diretoria do clube. Trata-se, então, também, de uma questão de *reconhecimento*. O filósofo e sociólogo alemão Axel Honneth ajuda a esclarecer esse conceito, ao diferencia-lo da definição de “conhecimento”:

Se por “conhecimento” de uma pessoa entendemos exprimir sua identificação enquanto indivíduo (...), por “reconhecimento” entendemos um ato expressivo pelo qual este conhecimento está confirmado pelo sentido positivo de uma afirmação. Contrariamente ao conhecimento, que é um ato cognitivo não público, o reconhecimento depende de meios de comunicação que exprimem o fato de que outra pessoa é considerada como detentora de um “valor” social (HONNETH, *apud* CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p. 31).

A busca por reconhecimento significa o desejo de ser visto por outros como detentor de “valor social”, de características socialmente positivas. O principal valor que as Organizadas alternativas buscam é o da paz.

Esse “valor social” pode ser pensado também sob a perspectiva de *capital*, no modo como esse conceito é trabalhado por Bourdieu. Os *capitais* são determinados valores, poderes, conhecimentos e qualquer tipo de objeto cuja posse é considerada importante dentro de certo meio social. Quanto mais uma pessoa ou grupo possuem os *capitais*, mais elas se destacam naquele meio, mais ocupam uma posição privilegiada (ORTIZ, 1983, p. 21). Esse meio social com regras e valores específicos, dentro do qual os componentes estabelecem relações de poder e disputam a maior posse desses *capitais* em busca de uma posição de destaque – serem dominantes – é o que o Bourdieu conceitua como um *campo*.

Um campo se define, entre outras coisas através de definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos (...) e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar nesse campo (...). Para que um campo funcione, é necessário que haja objetos de disputas e

peças prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas (BOURDIEU, 1983, p. 89).

O autor destaca como esses valores e objetos em disputa nem sempre são reconhecidos por quem está fora do jogo desse campo. Isso está presente no universo das Organizadas quanto, por exemplo, à disputa pelo *capital* da violência. Tomado como um valor negativo para a sociedade de maneira geral, dentro do *campo* específico das torcidas tradicionais ele é visto como positivo e desejável; isso só faz sentido para quem está familiarizado e integrado às lógicas daquele meio. São lógicas que nem os torcedores comuns nem as Organizadas alternativas compartilham, porque têm raízes sociais mais profundas e mais comuns aos componentes das torcidas tradicionais.

O *modus operandi* do qual falei há pouco pode ser descrito também sob a perspectiva do conceito de *habitus*. Para Bourdieu, o *habitus* chega às pessoas na forma de

...*disposições* duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam nas suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações do seu meio social existente (WACQUANT, 2007, p. 66, destaques no original).

A postura dos torcedores organizados nas arquibancadas segue certas condutas que são comuns a todos eles, independente de qual organizada façam parte. Devem torcer de maneira ativa, e não sentados assistindo ao jogo calados. É desejável que fiquem de pé, cantem e gritem durante a maior parte do jogo, busquem motivar os demais torcedores que estejam calados, promovam uma festa com bandeiras, balões, papéis e outros materiais, dentre outras atitudes que são mais recorrentes nos torcedores organizados do que nos demais, que preferem assistir aos jogos de maneira menos ativa. São maneiras de pensar e agir que já existiam antes desses indivíduos e continuarão depois que eles saírem das torcidas. Eles as aprendem, reproduzem, ensinam aos novatos, enfim, as atualizam. Se não são práticas e pensamentos absorvidos mecanicamente, tampouco são frutos de construções conscientes e objetivas. Bourdieu, ainda sobre o *habitus*, adverte que há “uma reeducação a ser feita para escapar à alternativa entre o finalismo ingênuo (...) e a explicação de tipo mecanicista” (BOURDIEU, 1983, p. 94). Ser torcedor Organizado é, em geral, agir de tais modos e valorizar tais pensamentos. Alguém

que ingressa em uma torcida já possui alguma informação prévia sobre isso, mas está longe de ter o conhecimento absoluto de como as coisas funcionam lá dentro.

Essas, como disse, são as condutas que unem os integrantes de qualquer Organizada. Há, entretanto, outro tipo de *habitus* e *capitais* que demarca a diferença entre as Organizadas tradicionais e as alternativas: são as atitudes ligadas à violência física. As Organizadas tradicionais trazem nas suas músicas, camisas e bandeiras, diversos símbolos que remetem aos confrontos físicos. É desejável que seus torcedores estejam preparados “para o combate”. Trata-se de um *habitus* existente desde a época dos bailes *funk*, nos quais a disposição e preparação para o combate eram condições quase obrigatórias para se vivenciar a experiência da pista de dança. Já os componentes das Organizadas alternativas recusam essa postura e a negam enquanto *habitus* do torcedor “de verdade”. Para eles, esse *habitus* deve ser exatamente o contrário: a paz entre as torcidas e a atenção exclusiva ao time. Esse tema também será retomado de forma pormenorizada no último capítulo.

O conceito de *capital* também contribui na reflexão sobre essa questão das brigas. Para as Organizadas tradicionais, a participação em confrontos físicos e a “fama” de torcida que não foge à luta constituem um capital simbólico bastante valorizado. Ribeiro mostra um veículo claro de ostentação desse *capital*: as cartas que integrantes de Organizadas trocam com amigos de torcidas de outros estados:

[O presidente da MOFI] me entregou uma caixa contendo cartas trocadas por M.O.F.I. e Fúria Jovem com torcidas organizadas do Brasil inteiro. Analisando o material, vi que muitas cartas são escritas no verso de notícias de jornais e revistas, cujo conteúdo trata da ação violenta das organizadas. As matérias foram recortadas, coladas e copiadas. O verso das cópias foi usado para as cartas endereçadas às torcidas organizadas aliadas e amigas, tendo o redator o cuidado de frisar as partes que atestam a ação de um membro de sua torcida (RIBEIRO, 2010, p. 63).

A autora mostra como a repercussão dos confrontos físicos é encarada de maneira positiva pelos componentes daquelas torcidas. Essa divulgação é de tal modo valorizada que eles fazem questão de divulgá-la para os amigos. A Cearamor faz parte da principal rivalidade entre torcidas do estado, junto com a TUF. Diante disso, é possível dizer que a Cearamor possui em grande quantidade esse *capital* da violência, mais ainda do que as outras Organizadas. Quando lembramos que as rivalidades internas se deram entre Cearamor vs Fúria Jovem e, posteriormente, entre Cearamor vs MOFI, fica claro como a principal torcida do Ceará SC é sempre protagonista nas disputas por esse *capital*.



Figura 03: Torcedor com a camisa dos Cangaceiros participando de uma briga. Constrangimento e reação imediata da torcida. Foto: Edimar Soares/OPovo¹⁶

Se a repercussão dos conflitos é para as Organizadas tradicionais um ganho, as torcidas alternativas, em contrapartida, têm nessa repercussão um elemento extremamente negativo. Isso aconteceu com os Cangaceiros, conforme narra o torcedor García:

[Quando os Cangaceiros vendem uma camisa da torcida para alguém] a gente não pode falar assim: “Você mora aonde? Você vai fazer o quê com a camisa”? Porque acho que quem vai comprar é os torcedor. Logo, acho que com um ano de torcida, mais ou menos, que eu tava, no clássico-rei, primeira página no jornal: “briga entre torcida organizada”. Aí um ônibus da TUF ia passando, uma cara, a foto bem direitinha, assim, com a pedra na mão assim, com a camisa dos Cangaceiros. Na primeira página no jornal! A gente identificou, olhou bem direitinho, e tal, esperou passar na televisão, olhamo, aí, pá, ele foi, apareceu lá. Aí a gente foi e falou: “Bora, tira a camisa. Taqui teu dinheiro, toma, não venha mais aqui, não”. Foi uma coisa que a gente já baniu, já (García).

Célio também narra esse episódio, com algumas alterações em relação ao relato de García:

O cara que tinha comprado a camisa da torcida, ele não era membro, apenas tinha comprado a camisa, como um apaixonado pela torcida. E quando o nosso presidente olhou, o rapaz tava jogando uma pedra na torcida adversária com a camisa da torcida [Cangaceiro]. Isso foi um fato lamentável que aconteceu. E na mesma hora o nosso presidente foi lá, devolveu o dinheiro ele, pegou a camisa do cara, que viu que nossas torcida não é disso. Foi o único fato isolado que aconteceu (Célio).

Relevando-se a divergência nos detalhes das duas narrativas, os entrevistados concordam ao ponderar que nem todos os que comprem as camisas dos Cangaceiros são de fato próximos à torcida. Isso possibilitaria que pessoas que não procedem de acordo com os preceitos dos Cangaceiros acabem por ser

16

<http://esportes.opovo.com.br/app/esportes/futebol/campeonatocearense/2013/03/18/noticiacampeonatocearnense,2523322>

confundidos com um integrante “de verdade”. Foi, ainda no relato de García, o que aconteceu no caso acima descrito.

Marcelo Ribeiro (RIBEIRO, 2014) informa que a torcida lançou uma nota de esclarecimento em sua mídia social Facebook para mostrar desagravo à atitude daquele torcedor e reforçar o posicionamento dos Cangaceiros em serem contrários aos atos violentos. A nota foi redigida e publicada por um dos diretores:

Esclarecimento

Isso é uma foto do [Jornal] Diário [do Nordeste]¹⁷ e ontem mesmo já estava publicada eu vi esse rapaz ai umas três vezes andando e de longe posso afirmar que não faz parte da torcida, infelizmente ainda não temos controle quanto a venda de camisetas ou quem veste, o certo é que não compactuamos nem estamos de forma alguma autorizando ou deixando quem for da torcida produzir ou promover violência de qualquer forma que seja estamos imensamente chateados com a veiculação dessa foto nos colocando no patamar do que mais reprovamos e batalhamos para não nos tornarmos. Cangaceiros ALVINEGRO, Nordeste, Ceará e Paz tudo isso com muita cachaça, diversão e amizade essa foto retrata marginalidade e isso não está inserido em nossa cultura (*apud* RIBEIRO, 2014, p. 76).

Além de repudiar o ocorrido, o diretor também se mostra preocupado com a veiculação da foto e os prejuízos à imagem da torcida. Essa repercussão, que em Organizadas tradicionais poderia se transformar em material a ser comemorado e divulgado, significou um grande constrangimento para os Cangaceiros. A nota se encerra com uma frase que resume bem os principais pontos dos discursos da torcida: o time, o Nordeste, a cachaça, a amizade e a não violência.

Outro *capital* que divide as Organizadas tradicionais das alternativas é a rede de alianças com torcidas de outras cidades ou estados. Essa é uma prática bastante comum nas Organizadas tradicionais. Ser aliada de uma torcida significa ter uma série de direitos e obrigações. Tomarei como exemplo uma das alianças mais famosas no universo das torcidas do Ceará SC: a amizade entre a Cearamor e a Torcida Uniformizada Tradição Bicolor (T.U.T.B.), do Paysandu/PA. É comum ver alguns componentes da Cearamor com camisetas da T.U.T.B. nos estádios, e vice-versa, bem com ver uma torcida tremulando uma bandeira de sua Organizada amiga. Quando o Ceará vai à cidade de Belém, a T.U.T.B oferece à Cearamor apoio logístico e de hospedagem, sendo retribuída quando ocorre o inverso. Não posso informar quantas aliadas cada torcida do Ceará SC possui, mesmo porque são redes que se alteram com frequência. De qualquer modo, é seguro afirmar que a

¹⁷ A foto em questão foi divulgada pelo menos em dois grandes veículos de comunicação: o Jornal Diário do Nordeste, citado na nota oficial, e o Jornal O Povo, vide a Figura 03.

Cearamor, por seu tamanho, tradição e prestígio, deve ter uma rede de alianças mais forte e consolide do que as outras. Ou, no mínimo, tão forte quanto às delas.

Se as alianças formam um *capital* positivo para as Organizadas tradicionais, o mesmo não ocorre com as alternativas. Os Cangaceiros Alvinegros não possuem torcidas amigas em outros estados. O Setor Alvinegro também não, afirmando que esse tipo de aliança só reforçaria a questão da violência entre grupos de torcedores (MORAIS, 2015, p. 95).

Os materiais das torcidas são outros bons exemplos de *capital* simbólico. As torcidas se esmeram em ter camisas bonitas, faixas, bandeiras de belas e de grandes proporções. De tempos em tempos reacende a disputa sobre qual torcida tem o maior *bandeirão*¹⁸. O número de instrumentos de bateria e sua capacidade de fazer barulho também são *capitais* simbólicos bastante valorizados. As maiores Organizadas tradicionais são as que mais detêm esse tipo de *capital*, no caso das torcidas do Ceará SC a Cearamor. As demais torcidas, mesmo não conseguindo alcançar a Cearamor na quantidade e no tamanho dos materiais, se mobilizam para produzirem os seus, tanto quanto for possível financeiramente. Ter faixas e *bandeirões*, por exemplo, é um símbolo de *status* de qualquer modo, mesmo não sendo os maiores. Os Cangaceiros, conforme será visto no próximo capítulo, possui um *bandeirão*, várias bandeiras, algumas faixas e diversos modelos de camisa já produzidos, além de alguns instrumentos de bateria. Deste modo, ela detém o *capital* simbólico dos materiais, embora em menor expressão do que a Cearamor.

O número de componentes é mais um *capital* simbólico relevante. Se os clubes de futebol gostam de se referir à sua torcida (composta de torcedores comuns e de organizados) como “a maior do estado”, “da região” ou “do Brasil”, o mesmo ocorre com as Organizadas. Cearamor e TUF, por exemplo, constantemente cantam nos estádios músicas que fazem referência a serem as maiores da capital cearense, do estado ou até mesmo do Nordeste. Esse é mais um *capital*, entre as torcidas do Ceará SC, dominado pela Cearamor. A superioridade numérica de seus componentes nas arquibancadas é de contraste evidente.

O número de integrantes influencia outro *capital*, o econômico. Embora os integrantes da Cearamor tenham um perfil econômico de menor poder aquisitivo em

¹⁸ *Bandeirões* são bandeiras de grandes dimensões que não são sustentadas por varas de bambu, mas sim encobrimdo os torcedores, como um lençol gigante.

relação, por exemplo, aos Cangaceiros (trarei dados sobre isso em breve), a grande quantidade de torcedores faz com que essa torcida consiga juntar muito mais dinheiro em doações. Dinheiro que, entre outras coisas, ajuda na confecção de materiais (o *capital* econômico ajudando o *capital* simbólico, e vice-versa). Deste modo, se individualmente os componentes dos Cangaceiros dominam o *capital* econômico, coletivamente ele prevalece na Cearamor, não apenas em comparação com os Cangaceiros, mas também com as demais Organizadas.

O *capital* político também é objeto de disputa entre as Organizadas, inclusive do mesmo time. Esse capital é expresso pela influência que a torcida é capaz de exercer sobre as decisões tomadas pela diretoria. Neste ponto, o *capital* simbólico representado pelo número de componentes ajuda bastante. Quanto mais integrantes a torcida tiver, mais vozes para protestar (ou braços para promover depredações, em situações extremas) ela trará para pressionar diretoria, comissão técnica e jogadores. Esse poder de protesto estimula na diretoria a abertura ao diálogo com a torcida. Sob esse ponto de vista, a Cearamor mais uma vez desponta como principal possuidora do *capital*. Mas é válido salientar que esse diálogo ocorre também com as outras Organizadas. Além disso, por vezes diretores e conselheiros do clube, por amizades e/ou por questões de apoio político-partidário, conservam boas relações com as torcidas, comparecendo em eventos promovidos por elas, fazendo doações, dentre outros.

Todos esses tipos de *capital* contribuem na formação de mais um, também bastante almejado pelas torcidas: o *capital* da visibilidade. As torcidas e seus componentes querem ser vistas, nas arquibancadas, no entorno do estádio, no trajeto para o jogo, nas festas, no dia a dia. Quanto mais integrantes, materiais e dinheiro, mais a Organizada terá condições de fazer uma festa grandiosa nas arquibancadas, chamando a atenção dos torcedores presentes e da imprensa. Também terá mais componentes andando nas ruas (ou dentro de ônibus), com suas camisas, declamando seus gritos de guerra e soltando rojões. Uma fala de García demonstra a importância desse *capital* para essas torcidas. O entrevistado se refere à época em que fazia parte da MOFI:

Primeiro jogo do Campeonato Cearense, a gente coletou três ônibus entupidos da MOFI, e a gente chegou mais cedo, ficamos lá em Horizonte, aí a gente fez a invasão em Horizonte. Pessoal em cima do ônibus, soltando

fogos (...). Aí a gente foi, **a gente parou a cidade. Três ônibus entrando, o pessoal olhando assim, e tal** (García).

García narrava empolgado o fato de sua torcida ter “parado a cidade”. Quando disse que as pessoas na rua ficavam olhando, suas feições imitavam a reação dos transeuntes. Ou, dizendo de outro modo, retratava as reações que ele imagina/deseja que elas tenham esboçado. Eram reações de admiração, não de medo. Entretanto, se os três ônibus da MOFI chamaram tanto a atenção, o que pensar dos sete fretamentos da Cearamor, que vieram logo em seguida? Essa capacidade de atrair para si os olhares dos transeuntes enquanto percorre a cidade é mais um elemento que a Cearamor detém de maneira mais forte do que as demais. Isso, somado ao maior número de componentes e materiais demonstra que a Cearamor domina também o *capital* da visibilidade.

Percebemos como a Cearamor é detentora dos principais tipos de *capital* simbólico, econômico e político no *campo* das Torcidas Organizadas do Ceará SC. Possuem o maior número de integrantes; materiais em maior quantidade e tamanho; poder de protesto mais intenso e seu consequente ganho político junto à diretoria do clube; maior fonte de renda vinda dos próprios componentes e maior visibilidade. É detentora ainda dos *capitais* específicos das Organizadas tradicionais, o da violência e o das alianças com torcidas de outros estados.

A posse desses *capitais* não se dá sem disputas. O *capital* da violência é um exemplo disso. Quando estavam “em guerra” com a Cearamor, Fúria Jovem e MOFI desafiavam-na em confrontos físicos, mesmo seus integrantes sendo, em geral, minoria. Isso se mostra uma tentativa de ganho desse *capital* não necessariamente pela vitória nas brigas, mas na disposição em lutar. A fala de García, já citada em páginas anteriores, demonstra isso. O confronto Cearamor vs MOFI na cidade de Horizonte em 2009 mostrava um desnivelamento no número de combatentes. Enquanto a primeira chegou àquela cidade ocupando sete ônibus, a segunda possuía menos da metade: três. Isso não despertou, contudo, nenhuma postura defensiva por parte da MOFI, que desde a chegada a Horizonte já estava preparada para o confronto. O gesto de chamamento da Cearamor – arremessar uma garrafa em direção à MOFI – provocou nessa a reação imediata de “partir para a briga”. O relato de Gotardo se faz no mesmo sentido: a briga entre seu grupo da Cearamor contra a TUF teve muito mais integrantes no primeiro lado do que no

outro, o que não impediu aos poucos torcedores da TUF de caminharem próximos aos da Cearamor, indicando o “convite” ao conflito. É válido lembrar que, em dias de Clássico-Rei, o acesso de cada torcida ao estádio é fortemente dividido: torcedores do Ceará SC utilizam a Av. Alberto Craveiro, enquanto os do Fortaleza EC usam a Av. Paulino Rocha. Todo o entorno do estádio é ocupado por policiais e por vezes há escoltas acompanhando grupos de Organizadas. Desse modo, componentes da Cearamor e TUF não poderiam se encontrar por acidente, mas sim de maneira deliberada. Participar da briga, em maior ou menor número, ganhando ou perdendo, pode ser visto por si só como um ganho de *capital* simbólico da violência, da disposição ao combate.

O *capital* da visibilidade também é disputado. Mesmo as torcidas que tem menos condições de fazer festas grandiosas se esforçam em ter suas faixas, bandeiras, *bandeirões*, baterias e outros elementos para deixar sua marca nas arquibancadas. É possível pensar isso como uma resistência: mesmo não podendo competir com a Cearamor, elas querem se mostrar presentes. O mais vergonhoso para uma torcida não é ter materiais menores, é sequer se esforçar em tê-los. As torcidas, em geral, publicam com orgulho diversas fotos em suas redes sociais mostrando suas *performances* nas arquibancadas, mesmo que não cheguem perto de fazer concorrência à da Cearamor. Aldo fala sobre o uso da cor laranja também como uma estratégia dos Cangaceiros para conseguir chamar a atenção:

E o laranja, a intenção da gente colocar o laranja foi realmente causar impacto. O cara, o pessoal olhar pra gente, mesmo, já na mente pra chamar a atenção (...). Exatamente pra despertar essa curiosidade que você me fez e pra eu ter que explicar que a nossa ideia não é só ser uma torcida do Ceará, é passar uma mensagem além, né, que agregue valores culturais (Aldo).

Em poucas palavras: todas as torcidas querem ser vistas, mesmo que essa visibilidade seja secundária. Negativo mesmo é sequer ser notado, é não agir enquanto uma Torcida Organizada. A disputa das torcidas pela visibilidade é mais um tema que será comentado novamente no último capítulo.

Desta forma, o mundo das Torcidas Organizadas pode ser pensado como um *campo*. Ele possui disposições, ações, gestos e pensamentos característicos desse ambiente, os *habitus*. Existe um conjunto de atributos, os *capitais*, importantes para se conseguir um lugar de destaque nele. A maior posse desses valores

simbólicos garante uma condição de *dominante*. A torcida que apresenta o maior número desses *capitais* é a Cearamor.

Esses *capitais* são disputados pelos diferentes grupos que compõem o *campo*, gerando por vezes rivalidades, crises ou, no mínimo, reprovações de uma parte à outra. Cada torcida individualmente busca o ganho desses atributos para alcançar patamares de *status* maiores dentro do *campo*. As Organizadas alternativas, como os Cangaceiros, são radicais nessa disputa, ao negar a validade de alguns *capitais*, e até mesmo tentar modificar toda a estrutura que sustenta esse *campo*, propondo mudanças no *habitus* do torcedor organizado e a revisão da validade de alguns *capitais*. Essa mudança estrutural, em última instância, negaria a própria instituição Torcida Organizada. Os novos *habitus* e *capitais* terminariam por criar um novo conceito de grupos de torcedores, que poderia ser caracterizado como “movimento”.

2.5 A setorização dos torcedores

Os torcedores de futebol não podem ser vistos de maneira homogênea, dada a variedade de atitudes, gostos, disposições e perfis socioeconômicos de cada um deles. As arquibancadas, lugares por excelência dos fãs mais presentes, demonstram bem isso. A divisão dos torcedores obedece a demarcações explícitas ou implícitas; algumas físicas, outras simbólicas. Diego Morais (MORAIS, 2015, p. 68-70) elaborou mapas indicando como se dá a setorização de torcedores no PV e no Castelão. Levou em conta tanto os jogos Ceará SC vs Fortaleza EC – onde as arquibancadas são divididas meio-a-meio entre as torcidas dos dois times – quanto em partidas “comuns” – aquelas em que o predomínio absoluto é de torcedores do Ceará SC. Tomo emprestadas essas figuras.

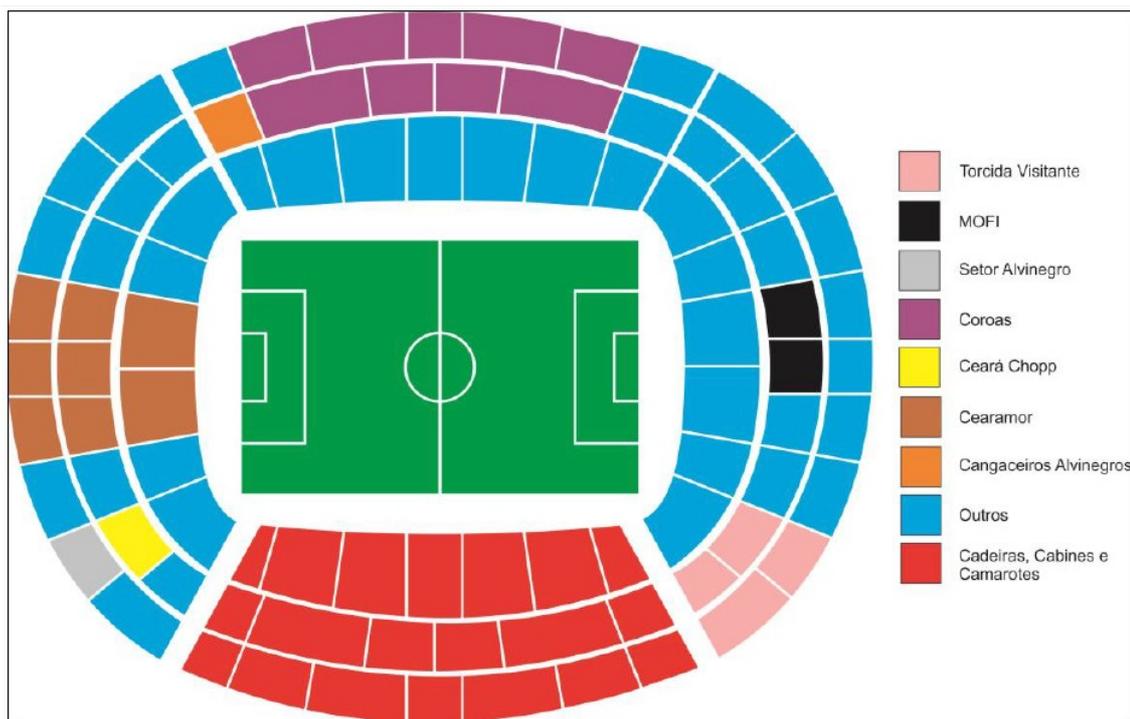


Figura 04: Divisão de torcidas no Castelão em partidas comuns. Fonte: MORAIS, 2015.

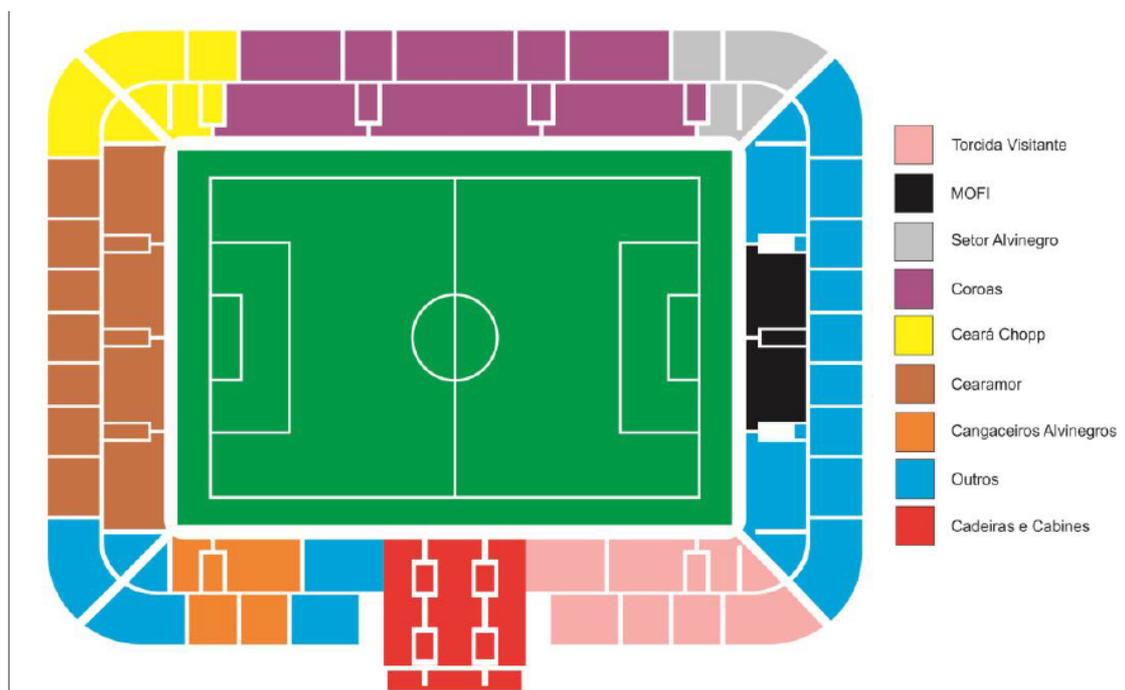


Figura 05: Divisão de torcidas no PV em partidas comuns. Fonte: MORAIS, 2015 (com adaptações).

Uma primeira divisão, que a própria estrutura dos estádios impõe, é a que opõe os torcedores de “arquibancada” dos de “cadeiras especiais”. As “cadeiras especiais” (ou “camarotes”, como também são chamadas no Castelão) são os

setores mais caros dos estádios. Eles são separados dos demais lugares, no Castelão, por vãos de alguns metros de largura, como ilustra a Figura 04. Já no PV essa divisão se dá por cercas. São posicionados abaixo das cabines onde as equipes de rádio e TV fazem suas transmissões, proporcionando ao torcedor um ângulo de visão próximo ao que é visto na televisão. As cadeiras são mais confortáveis e o espaço entre as mesmas é maior. Esse setor, no estádio Presidente Vargas (PV), é o único que possui cobertura para proteger de sol e chuva. Já no Estádio Castelão ele é subdividido, possuindo partes ainda mais caras e com mais serviços, como restaurantes.

Outra divisão que alguns estádios possuem são os anéis das arquibancadas. Geralmente, os inferiores, mais próximos ao campo, são mais caros do que os superiores. Apenas o Castelão, na capital Cearense, tem esse tipo de estrutura. O PV possui uma discreta divisão entre as fileiras mais altas e as mais baixas, mas não há alteração de preço nem bloqueio de acesso entre elas.

A concentração de pessoas se dá, sobretudo nas arquibancadas, que afinal compreendem a maior parte do estádio. Mas os torcedores das arquibancadas, por sua vez, também não podem ser descritos como um grupo uniforme. Os lugares atrás dos gols, por exemplo, são ocupados por algumas Organizadas tradicionais, com seu perfil socioeconômico característico (veremos em breve). Os torcedores que preferem assistir ao jogo sem proximidade do barulho e da agitação daquelas Organizadas, então, ocupam lugares mais próximos à parte central. Há um curioso perfil de torcedor chamado de “coroas” ou “os véi” que, como sugere o apelido, são formados por pessoas mais velhas, já idosas ou próximas disso. Desconheço a origem dessa expressão, mas sei que atualmente é usada por muitos torcedores, comuns ou de Organizadas.

O lugar que uma organizada ocupa na arquibancada não depende exclusivamente da sua vontade. A Polícia Civil deve indicar e/ou aprovar esses lugares, a fim de facilitar a localização desses grupos de torcedores. Durante uma conversa informal com Aldo no intervalo de uma partida no PV, perguntei por que os Cangaceiros resolveram ocupar exatamente aquela parte do estádio. Ele me respondeu que aquele espaço foi uma determinação da polícia, a partir do momento em que os Cangaceiros foram apresentados enquanto Torcida Organizada.

Inicialmente eles ocupavam uma posição de várias fileiras acima, mas tiveram que se adequar ao lugar definido pelos policiais. O entrevistado não falou em tom de reclamação, pelo contrário, disse que eles gostaram e se acostumaram com aquele espaço.

As figuras 04 e 05 mostram como a disposição das torcidas não é exatamente a mesma nos dois principais estádios da capital cearense. Observando o Castelão, a maior parte das Organizadas do Ceará SC posiciona-se em lugares próximos ao da Cearamor. Os Cangaceiros ficam a Noroeste do mapa; o Setor Alvinegro e a Ceará Chopp ficam a sudoeste. A Cearamor a Oeste, e apenas a MOFI fica mais distante, no lado oposto ao da torcida *dominante*. É interessante notar como todas as torcidas alternativas ficam no entorno da Cearamor.

Essas posições mudam um pouco no PV: o Setor Alvinegro desloca-se para a posição Nordeste. Os Cangaceiros e a Ceará Chopp invertem de lugares: os primeiros vão para o Sudoeste, os segundos para Noroeste. Deste modo, nos jogos comuns no Castelão e no PV, os Cangaceiros ficam sempre mais próximos à Cearamor do que de qualquer outra Organizada. Fica distante de Ceará Chopp e Setor alvinegro, as outras duas torcidas alternativas, enquanto estas, no Castelão, posicionam-se vizinhas uma à outra.

Toda essa divisão se modifica em Clássicos-Rei¹⁹. Isso porque as torcidas de Ceará SC e Fortaleza EC ocupam grande espaço, necessitando de uma divisão meio-a-meio dos espaços do estádio. Desta forma, torcedores do Ceará se concentram no lado esquerdo, enquanto os do Fortaleza EC ocupam o lado direito. Desde 1973, quando o Castelão foi inaugurado, a maior parte desses clássicos acontece naquele estádio. Entretanto, quando por motivos diversos ele precisa ficar interditado, o PV vira palco dos jogos. Os dias que antecedem às partidas são marcados por reuniões entre Polícia Civil, clubes e representantes das torcidas.

¹⁹ “Clássico-Rei” é a forma pelo qual o confronto Ceará SC vs Fortaleza EC é chamado por torcedores e imprensa. “Clássico” é uma expressão comum no futebol e indica uma partida tradicional e/ou entre rivais; o “Rei” destaca como esse é o principal clássico do futebol cearense.



Figura 06: Divisão de torcidas no Castelão em Clássico-Rei. Fonte: MORAIS, 2015.

Durante os Clássicos-Rei no Castelão, a mudança de lugar mais significativa, em relação aos jogos comuns, é a da MOFI, que sai da parte Leste para se posicionar a Noroeste, próxima aos Cangaceiros. Estes, por sua vez, têm um pequeno deslocamento para a esquerda e ocupam um espaço entre a Cearamor e a MOFI. Ceará Chopp e Setor Alvinegro permanecem vizinhas.

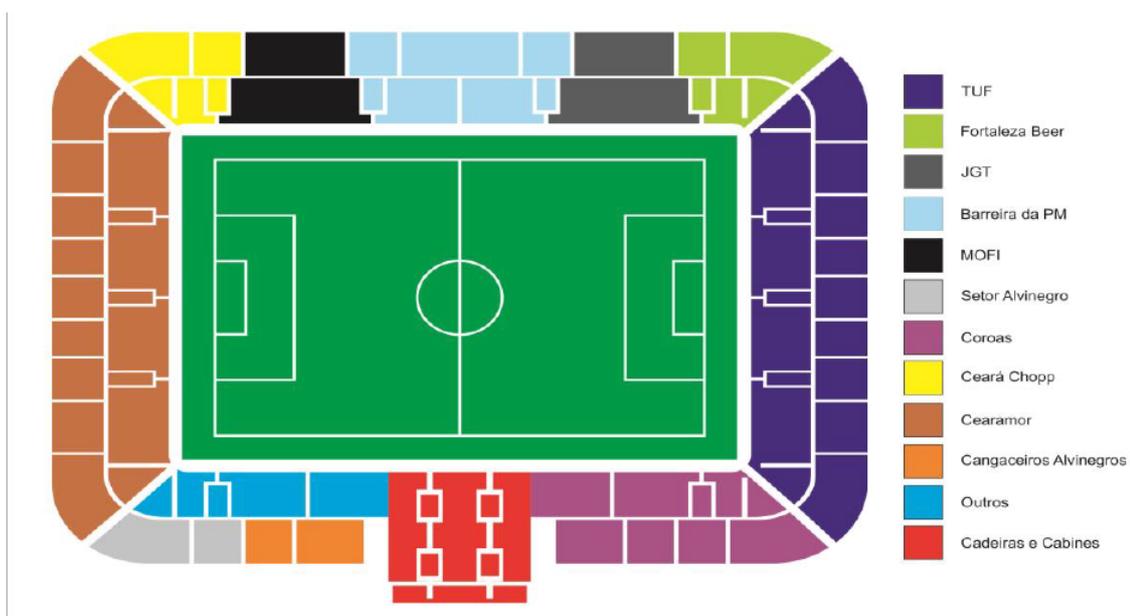


Figura 07: Divisão de torcidas no PV em Clássico-Rei. Fonte: MORAIS, 2015 (com adaptações).

Já durante os Clássicos no PV, MOFI e Setor Alvinegro sofrem grandes deslocamentos em relação aos jogos comuns naquele estádio: o setor sai do Nordeste para ficar a Sudoeste, ao lado dos Cangaceiros. Estes permanecem na mesma posição, perdendo espaço em algumas cadeiras para os torcedores comuns. A Ceará Chopp, assim como os Cangaceiros, continua no mesmo lugar de costume, mas também cedendo algumas fileiras. Dessa vez, é ela que fica posicionada entre a Cearamor e MOFI.

Nota-se como os (raros) Clássicos-Rei no PV são a única ocasião, nos jogos realizados na capital cearense, em que os Cangaceiros ficam próximos a outra Organizada alternativa, nesse caso o Setor Alvinegro. Não existe, por consequência, nenhuma ocasião em que ela se posicione ao lado da Ceará Chopp. Conforme será visto no último capítulo, as torcidas com as quais os Cangaceiros mais se identificam são, pela ordem, Ceará Chopp e Setor Alvinegro. Quando lembramos que a posição das torcidas nas arquibancadas é determinada pela Polícia Civil, tendemos a crer que a vontade real dos Cangaceiros seria ficar próxima às outras Organizadas alternativas. Entretanto, conforme um dos diretores me falou, mesmo quando os Cangaceiros ainda não eram obrigados a obedecer a esse tipo de ordem da polícia, eles já ocupavam lugares mais ou menos equivalentes aos de hoje²⁰. Outras razões, como o fato de o lugar deles ficar à sombra, enquanto os da Ceará Chopp e Setor Alvinegro são ao sol, também foram levados em conta na escolha.

2.6 As diferentes motivações dos torcedores organizados para ir ao estádio

Qual a razão de um torcedor ir ao estádio? Uma primeira motivação parece óbvia: torcer pelo time. Mas dificilmente seria a única. Fazer parte da Organizada, participar da festa e da vibração dela, seria outro motivo? Assistir à partida ao vivo também influencia? E a fase vitoriosa do time, é levada em conta na hora do torcedor sair de sua casa para ir ao estádio?

Podemos deixar as hipóteses de lado e ouvir diretamente os torcedores. Uma das perguntas do questionário indagou exatamente isso: “Qual sua motivação para ir ao estádio”. Foram dadas sete opções: fazer parte da Torcida Organizada; é o meu momento de lazer; gosto de ver o jogo ao vivo; gosto de participar da festa e da

²⁰ Essa afirmação é correta em relação ao PV. Os Cangaceiros surgiram em 2011, em um momento em que o Castelão estava fechado para reformas. Quando a principal praça esportiva do estado foi reaberta, essa torcida já estava cadastrada como Organizada e sua localização no Castelão já era determinada pela polícia.

vibração da torcida; a fase vitoriosa do clube; incentivar meu time; e brigar pelo meu time. Novamente, cada uma delas deveria receber nota de 01 a 05, indicando seu nível de importância.

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	8,3%	2,4%	3,6%
Nota 02	4,2%	1,2%	6,5%
Nota 03	12,5%	5,9%	9,5%
Nota 04	8,3%	7,1%	8,3%
Nota 05	66,7%	83,5%	72,0%

Somando-se as notas 04 e 05, percebe-se que fazer parte da Organizada é uma motivação mais forte na Cearamor, com 90,6%. A TUF vem em seguida, com 80,3%. Já os Cangaceiros somam a menor porcentagem: 75%. Mesmo sendo a opção mais votada pelos integrantes dessa torcida, a diferença em relação às outras Organizadas é alta.

Uma hipótese para isso é o fato de os Cangaceiros estarem muito mais vinculados a outras Organizadas do que os torcedores da Cearamor e TUF, como mostra a tabela a seguir. Foi perguntado “Você participa ou já participou de outra Torcida Organizada”? As respostas:

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Já participei de outras, mas saí	25,0%	2,4%	7,7%
Nunca participei de outra Torcida Organizada	66,7%	96,5%	90,5%
Participo de duas ou mais Torcidas Organizadas	8,3%	1,2%	1,8%

A Cearamor e a TUF, na maioria absoluta dos casos, são as primeiras e únicas Organizadas dos seus integrantes. Nos Cangaceiros isso se dá em porcentagem bem menor, mesmo ainda sendo maioria: 66,7%. Além disso, eles também são os torcedores que mais participam de outras Organizadas. Pode-se inferir que o sentimento de pertencimento a uma Organizada será maior quanto mais ela for a única na vida daquele torcedor. O fato de os Cangaceiros terem se envolvido, no passado ou no presente, com outras Organizadas, pode reduzir esse

sentimento, o que faria “fazer parte da minha Organizada” uma motivação menos forte entre seus integrantes.

É importante ainda lembrar que os Cangaceiros são uma torcida de fundação bem mais recente, 2011, enquanto a Cearamor surgiu em 1982 e a TUF em 1991. Não é estranho, então, que os Cangaceiros tenham participado (ou ainda participem) de outras Organizadas.

Finalmente, não devemos esquecer as discussões levantadas por Ribeiro e Garriga Zucal, de como as Organizadas (implicitamente as tradicionais) são importantes para os seus componentes como uma via de construção de identidades positivas, afirmativas, contrapondo-se à imagem social negativa que lhes é atribuída. Isso deve contribuir para que o sentimento de pertença à torcida seja mais forte nos componentes das Organizadas tradicionais.

Voltando à pergunta do questionário sobre “Qual sua motivação para ir ao estádio”. A alternativa seguinte foi “é o meu momento de lazer”:

Tabela 05: Minha motivação para ir ao estádio é que este é o meu momento de lazer			
	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	0,0%	2,4%	1,8%
Nota 02	0,0%	1,2%	3,0%
Nota 03	4,2%	9,4%	7,7%
Nota 04	20,8%	3,5%	10,7%
Nota 05	75,0%	83,5%	76,8%

As notas mais altas para essa opção prevaleceram em todas as torcidas, mas se sobressaem no caso dos Cangaceiros, única que ultrapassou os 90%, chegando a 95,8%, quando somamos as notas 04 e 05. A ideia do jogo de futebol no estádio como forma de lazer, é então, mais forte neles do que nas demais torcidas. Mesmo assim, conforme visto nas tabelas anteriores, essa visão de lazer não retira dos Cangaceiros a relação passional com o time, como mostram suas altas disposições em gritar, cantar e chorar, por exemplo.

Tabela 06: Minha motivação para ir ao estádio é que gosto de ver o jogo ao vivo			
	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	0,0%	3,5%	2,4%
Nota 02	0,0%	0,0%	0,0%
Nota 03	0,0%	2,4%	1,2%
Nota 04	12,5%	2,4%	1,2%

Nota 05	87,5%	91,8%	95,2%
---------	-------	-------	-------

Todos os torcedores deram notas altas para essa opção, com destaque dos Cangaceiros, onde 100% das respostas estão nas notas 4 ou 5. Ver o jogo ao vivo é importante para todas as torcidas, mas parece ser ainda mais entre os Cangaceiros.

Tabela 07: Minha motivação para ir ao estádio é que gosto de participar da festa e da vibração da torcida

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	0,0%	0,0%	0,0%
Nota 02	4,2%	0,0%	0,6%
Nota 03	0,0%	1,2%	3,0%
Nota 04	8,3%	0,0%	1,2%
Nota 05	87,5%	98,8%	95,2%

Todas as torcidas deram notas altas para essa opção. Os Cangaceiros são os que mostram a porcentagem mais baixa, 95,8% ,(contando juntas as notas 04 e 05), embora muito próxima à TUF, 96,4%. Essa (um pouco menor) motivação em participar da festa da torcida vai ao encontro do que foi observado na opção “minha motivação é fazer parte da Torcida Organizada”, na qual a Cearamor também se destacou em primeiro, ficando os Cangaceiros na terceira posição. O fato de os Cangaceiros estarem mais motivados em “fazer parte da festa e da vibração da torcida” do que em “fazer parte da Torcida Organizada” pode indicar que os torcedores levaram em conta a festa promovida pelos torcedores do time por completo, não apenas da Organizada.

Gotardo, em sua entrevista, destacou como tinha o desejo, desde criança, de fazer parte de uma Organizada, justamente por conta da festa nas arquibancadas:

Aí eu ia [para a Cearamor] mesmo mais pra ficar na torcida, porque eu gosto da batida, da animação, daquele povo todinho cantando sincronizado. Quando eu era criança, quando eu ia pra jogo, eu dizia “rapaz, quando eu crescer eu quero tá ali, sentir aquela vibração” (Gotardo).

A opção seguinte da pergunta trata da influência que a fase vitoriosa pode exercer no momento em que o torcedor resolve ir ao estádio.

Tabela 08: Minha motivação para ir ao estádio é a fase vitoriosa do clube

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	45,8%	24,7%	13,1%

Nota 02	0,0%	3,5%	1,8%
Nota 03	0,0%	4,7%	4,2%
Nota 04	4,2%	2,4%	3,6%
Nota 05	50,0%	64,0%	77,4%

Um tipo idealizado de torcedor deve estar ao lado do time nos momentos bons e nos ruins. Isso é reforçado pelas torcidas em diferentes modos de discurso. Cito, no caso dos Cangaceiros, algumas músicas (destaques meus):

Sou alvinegro apaixonado
Ceará até morrer
 Lê lê lê, lê lê lê
 (Música “Lê lê lê alvinegro”)

Tomara que ganhe logo
 Tomara, meu deus, tomara
Não deixo o meu Ceará
 Nem se a cachaça acabar
 (Música “Não deixo o meu Ceará nem se a cachaça acabar”)

O vozão é minha vida
Sempre vou te apoiar
 Com orgulho sou cangaço
 Nossa glória é lutar
 (Música “Olê, sou alvinegro”)

É só por ti que eu canto
 É só por ti que eu vibro
 Oh glorioso alvinegro
Nunca vou te abandonar
 (Música “Louco eu sou por ti oh Ceará”).

Se o apoio do torcedor é permanente e incondicional, espera-se que ele vá ao estádio durante todas as fases do time, tanto as vitoriosas quanto as decepcionantes. Aquele que afirma só ir ao estádio nos bons momentos do clube estaria fugindo do modelo ideal, podendo ser tachado de termos pejorativos como “modinha”²¹. Mesmo assim, a maioria dos componentes das três torcidas deu notas altas para essa condição. Os Cangaceiros foram os que apresentaram porcentagem mais baixa desses casos: 54,2%, somando as notas 04 e 05. A TUF foi a torcida que mais indicou a fase do time como condição muito importante para ir ao estádio: 81%. A Cearamor ficou com 66,4%.

Tabela 09: Minha motivação para ir ao estádio é incentivar o meu time

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
--	-------------	----------	-----

²¹ Expressão coloquial muito comum entre os torcedores. Descreve a pessoa que só se afirma torcedora quando o time está “na moda”, está vitorioso.

Nota 01	0,0%	0,0%	1,2%
Nota 02	0,0%	0,0%	1,2%
Nota 03	0,0%	0,0%	0,0%
Nota 04	0,0%	1,2%	0,6%
Nota 05	100%	98,8%	97,0%

Esta é outra característica comum à imagem do torcedor ideal: aquele que não fica “passivo” na arquibancada, apenas assistindo ao jogo, mas sim apoiando o time com seus gritos e cantos. Todas as torcidas deram porcentagens muito elevadas às notas altas, com destaque aos Cangaceiros, onde todos deram a nota máxima. A TUF destoa um pouco em relação às notas baixas (ou seja, pela presença de pessoas que não vão ao estádio motivadas a incentivar o time), que receberam ainda 2,4% dessa torcida (juntando as notas 01 e 02), enquanto não foram citadas por ninguém das outras duas.

A última opção, “minha opção para ir ao estádio é brigar pelo meu time” será discutida no último capítulo, mas é possível adiantar que Cearamor e TUF foram as torcidas que deram mais notas altas a essa alternativa.

As razões dos Cangaceiros para ir ao estádio são em geral distintas das que motivam Cearamor e TUF. Fazer parte da Organizada é uma motivação mais fraca nos Cangaceiros; a fase vitoriosa do time também é uma motivação bem mais fraca nessa torcida. “Brigar pelo time” foi outra motivação que teve porcentagens bem mais expressivas entre os Cangaceiros, neste caso entre as notas mais baixas. Apenas a alternativa “incentivar meu time” não traz distinções significativas entre as três.

2.7 Perfis socioeconômicos

Os itens anteriores mostraram o cenário básico no qual os Cangaceiros Alvinegros estão inseridos. É válido agora começar a conhecer mais de perto esses torcedores. Começo demonstrando o perfil socioeconômico básico deles, baseado nas respostas dos questionários. São quatro as informações: idade, escolaridade, renda familiar e bairro de moradia.

Levando-se em conta que os Cangaceiros se definem como uma torcida “diferente”, e essa diferença se dá sobretudo em relação às Organizadas tradicionais, é importante fazer uma comparação direta entre essas duas partes, a

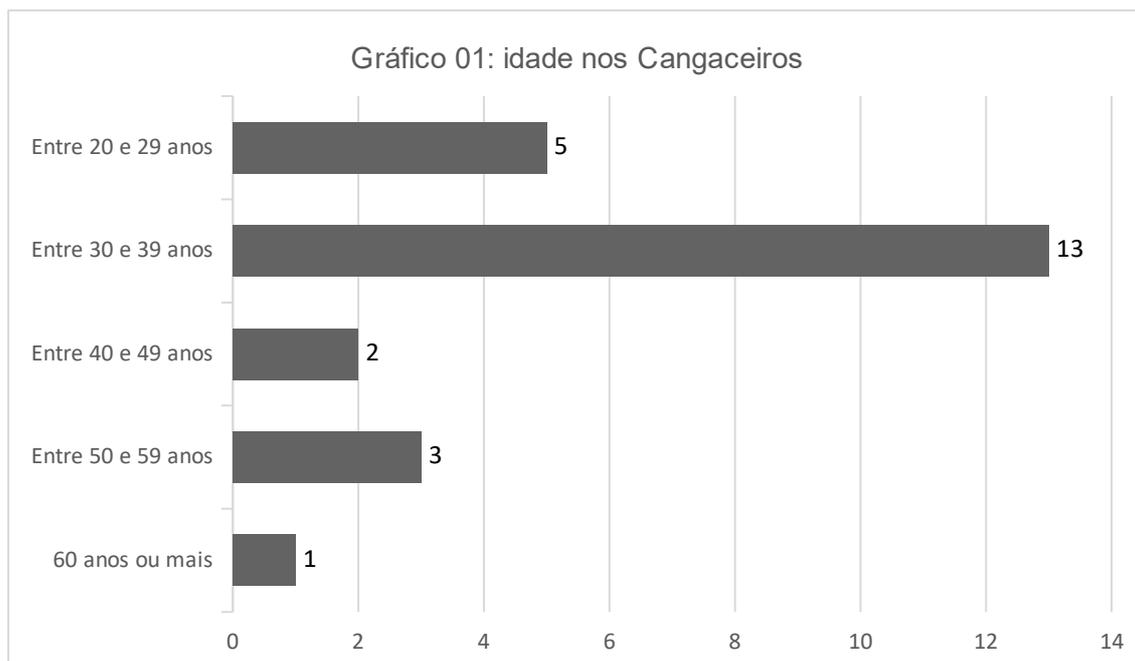
fim de compreender melhor o que elas têm, realmente, de semelhante ou de diferente. O perfil socioeconômico é a primeira dessas comparações. As outras virão no último capítulo deste trabalho, junto com a análise detalhada das entrevistas e questionários.

Trago nos dados duas Organizadas tradicionais: a Cearamor e a TUF. A escolha da primeira se dá pelo fato de ela ser a principal Organizada do Ceará SC'; a TUF está presente por ser a principal Organizada do Fortaleza EC, equipe rival do Ceará SC. Essa comparação mostrará o que os Cangaceiros tem de semelhante ou de diferente em relação a uma Organizada tradicional do seu time e também em relação a uma torcida rival.

2.7.1 Idade

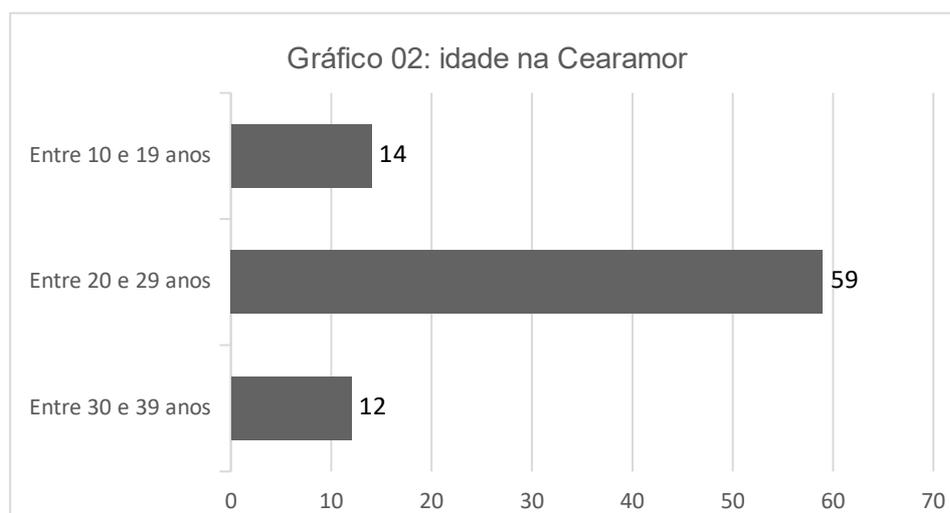
Dentre os Cangaceiros que responderam ao questionário, o torcedor de menor idade tinha 24 anos. Por conta disso, é inviável apresentar os dados sobre essa variável através da divisão de faixas etárias (criança, adolescente, adulto, idoso), porque praticamente todos os Cangaceiros são adultos, exceto por um idoso. Como desejo detalhar melhor essa variável "idade", optei por organizá-la em grupos de 10 em 10 anos.

A Cearamor e a TUF apresentam uma diversidade maior de idades, o que tornaria possível a classificação nos termos de faixas etárias. Mesmo assim, para manter o padrão adotado com os Cangaceiros e facilitar a comparação entre torcidas, classifico as idades dos integrantes da Cearamor e da TUF na mesma divisão de 10 em 10 anos.



Há um predomínio de pessoas adultas na torcida, mas não são adultos na faixa dos 20, 40 ou 50 anos: eles estão especialmente na margem dos 30. A média de idade é exatamente 36,3 anos.

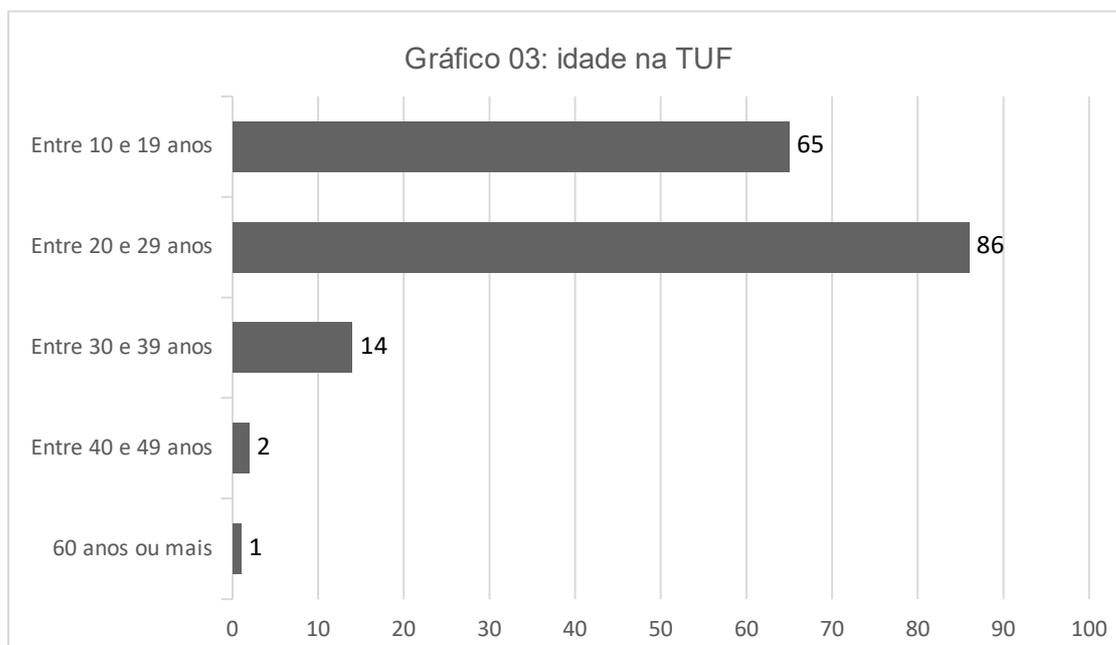
A seguir, os dados referentes à Cearamor. Seu torcedor mais jovem a responder ao questionário possuía 15 anos, enquanto o mais velho tinha 37.



Assim como os Cangaceiros, a Cearamor também é uma torcida predominantemente de adultos. Entretanto, são mais jovens, na faixa dos 20 anos. É

também um grupo de torcedores que contém adolescentes (entre 13 e 19 anos), um perfil que não foi encontrado nos Cangaceiros. A média de idade é de 23,6 anos.

Mostro agora os números da TUF. O torcedor mais jovem tinha 14 anos; o mais velho, 70.



A TUF, do mesmo modo que a Cearamor, é uma torcida composta principalmente por adultos na faixa dos 20 anos de idade, encontrando-se também adolescentes. Por outro lado, nesta torcida do Fortaleza aparecem pessoas acima dos 39 anos, o que não foi verificado na Cearamor. A média de idade na TUF fica em 21,95 anos. Se excluirmos dessa contagem a presença atípica de um torcedor de 70 anos (o único dentre todos os 289 consultados a ter mais de 69 anos), a média se reduziria em alguns décimos: 21,6 anos.

Comparando com os Cangaceiros, a TUF é uma torcida mais jovem. Os dados coletados com os Cangaceiros não mostram adolescentes, ao contrário da TUF, composta por 39% deles. Em contrapartida, essas duas torcidas mostraram integrantes acima dos 39 anos e até idosos.

A comparação dos dados sobre idade mostra que os Cangaceiros possuem um perfil diferente em relação à Cearamor e à TUF. Estas duas são compostas principalmente por adultos na “casa” dos 20 anos, tendo suas médias de

idade aproximadamente em 23,6 e 21 anos, respectivamente. Já os Cangaceiros estão em sua maioria na faixa dos 30 anos, com média de 36,6. Eles formam, portanto, uma torcida de integrantes mais velhos.

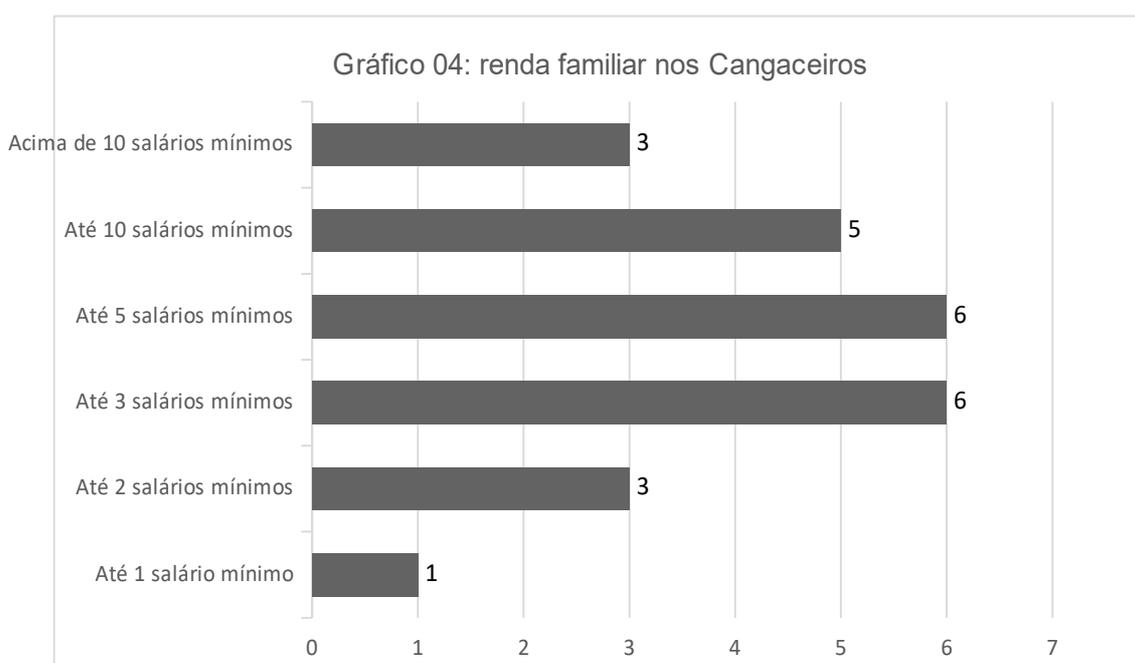
Essa constatação está presente na fala de Aluísio:

A nossa torcida, graças a deus, as pessoas que entram nela são pessoas adultas, são pessoas que vem pra se divertir, não pra fazer confusão. É tanto que essa meninada nova, a maioria não se identifica com a nossa torcida, porque acha é que uma torcida... tipo... antiga, quadrada, alguma coisa assim (Aluísio).

Esse torcedor de 44 anos vê os Cangaceiros como uma torcida mais velha, “de adultos”, enquanto os integrantes de outras Organizadas são descritos como uma “meninada nova”. A diferença de idade, na visão de Aluísio, faria com que os Cangaceiros tivessem uma imagem de torcida antiquada em relação aos torcedores de outras Organizadas.

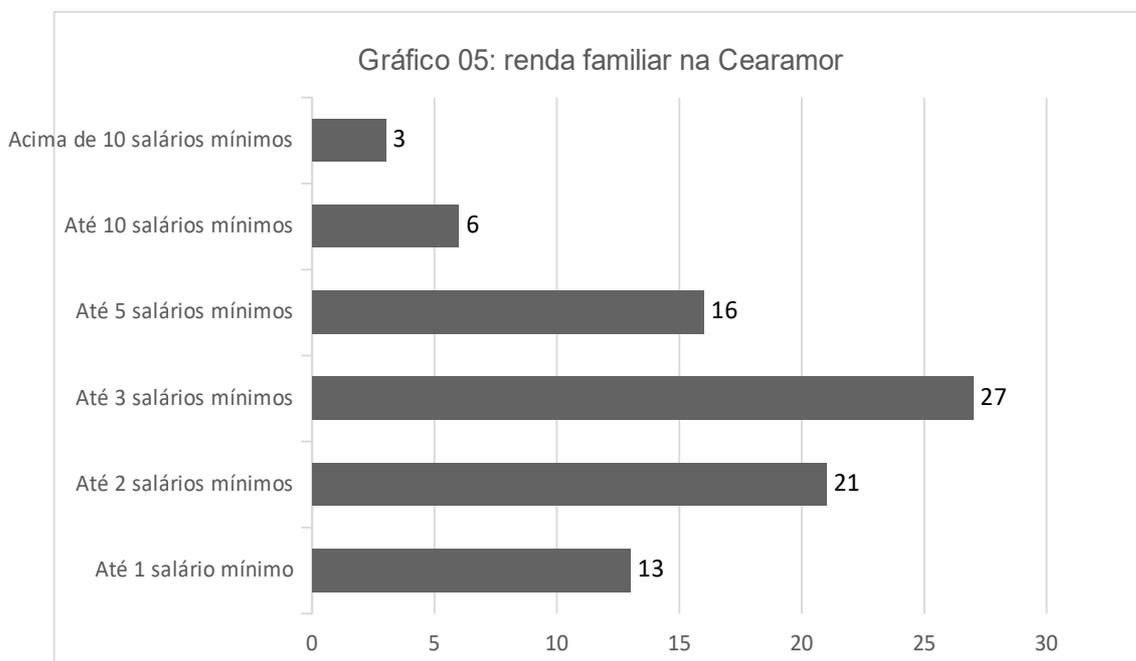
2.7.2 Renda

O próximo item para se traçar o perfil socioeconômico das torcidas é a renda. Foi perguntado “qual a renda familiar na sua casa”?, tomando como base o valor do salário mínimo em 2015, que era de R\$ 788,00. Esse valor foi informado aos torcedores no ato da pergunta. Começo com as respostas dos Cangaceiros:

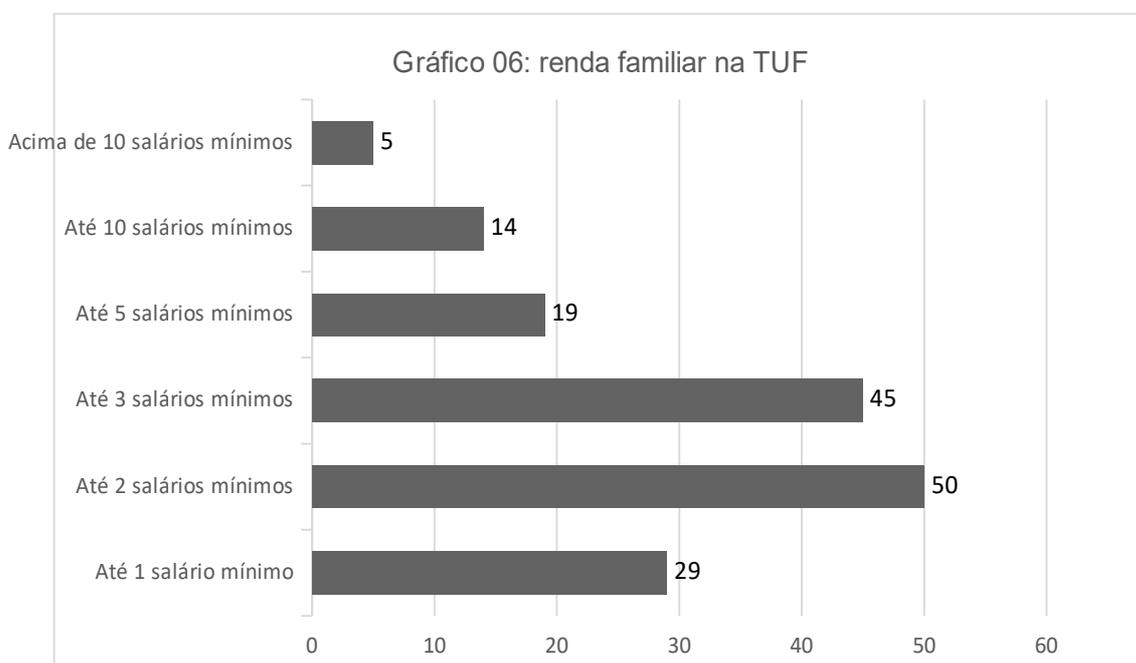


As opções “até 3” e “até 5 salários mínimos” foram as mais escolhidas, cada uma com 25% de respostas. Depois delas, a mais indicada foi “até 10 salários

mínimos”. O nível de renda com menos representantes foi o de patamar mais baixo, com 4,2% de torcedores, um único deles.



A Cearamor é predominante formada por pessoas com renda familiar de até 3 salários mínimos, 31,4% do total de torcedores que participaram do questionário. Em seguida está a opção “até 2 salários”, com 24,4%. O nível de renda com menos representantes foi o de patamar mais alto, com 3,5% das respostas.



O grau de renda familiar de até 2 salários mínimos é maioria entre os integrantes da TUF (quase 40%) seguido de “até 3 salários” (27,8%). O nível de renda com menos representantes é o de patamar mais alto, com 3,1% das respostas.

Os números mostram que a TUF é uma torcida de nível de renda familiar inferior às outras duas. Também é a que traz a menor porcentagem de integrantes no patamar mais elevado de renda: 3,1% estão “acima de 10 salários mínimos”, contra 13% dos Cangaceiros e 3,5% da Ceararamor.

Dentre essas três torcidas, Ceararamor e TUF são as que estão mais próximas no que diz respeito à renda familiar. Nelas, as opções “até 2” e “até 3 salários mínimos” somam mais da metade dos componentes (55,8% na Ceararamor e 58,7% na TUF), enquanto nos Cangaceiros elas ficam exatamente em 50%. Já as alternativas mais elevadas, “até 10” e “acima de 10 salários mínimos”, totalizam 34% nos Cangaceiros, enquanto não passam de 11% nas outras duas. Os Cangaceiros, então, são uma torcida de nível de renda familiar bem mais elevado do que Ceararamor e TUF.

Essa condição pode ter influenciado nas respostas dos representantes dessas torcidas em uma das perguntas do questionário. Foi indagado: “O que você está disposto a fazer junto com a sua Torcida Organizada”? Foram dadas cinco opções para receberem notas de 01 a 05.

Uma dessas opções foi: “eu estou disposto a ajudar com dinheiro”. As notas ficaram assim:

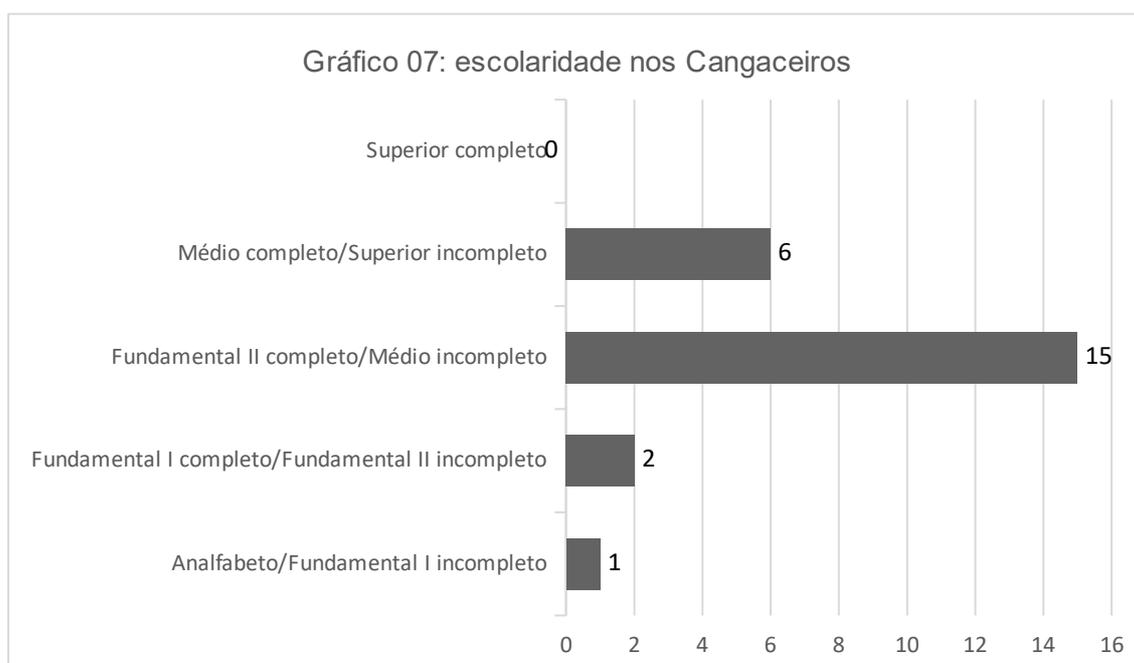
	Cangaceiros	Ceararamor	TUF
Nota 01	0,0%	2,4%	6,5%
Nota 02	8,3%	3,5%	5,4%
Nota 03	0,0%	9,4%	12,5%
Nota 04	25,0%	8,2%	4,8%
Nota 05	66,7%	76,5%	70,8%

Os torcedores que deram notas 01 ou 02 para esse item indicam que estão pouco dispostos a ajudar com dinheiro; os que deram notas 4 ou 5 demonstram que estão bastante dispostos a isso. A nota 3 aponta um meio-termo. Os Cangaceiros foram os que mais deram notas altas (4 ou 5), totalizando 91,7%.

São seguidos pelos torcedores da Cearamor, 84,7%. Já os integrantes da TUF somaram 75,6%. A ordem crescente de disposição em ajudar com dinheiro é, então: TUF → Cearamor → Cangaceiros, que é exatamente a mesma ordem de renda familiar. Isso sugere que, quanto maior é esta renda, mais o torcedor está disposto a ajudar com dinheiro. Todas as três torcidas mostraram uma porcentagem relativamente alta de integrantes com essa vontade, mas os Cangaceiros se destacam, sendo os únicos a ultrapassar a fronteira dos 90%.

2.7.3 Escolaridade

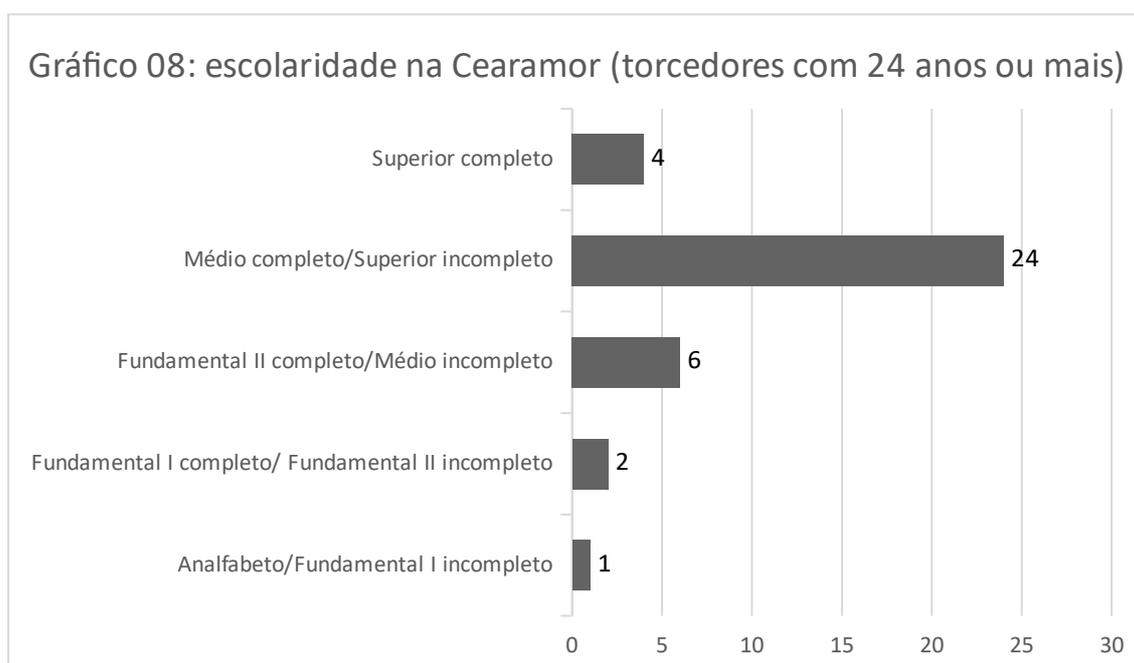
O próximo item deste perfil socioeconômico das torcidas é a escolaridade. Mais uma vez, começo com os Cangaceiros.



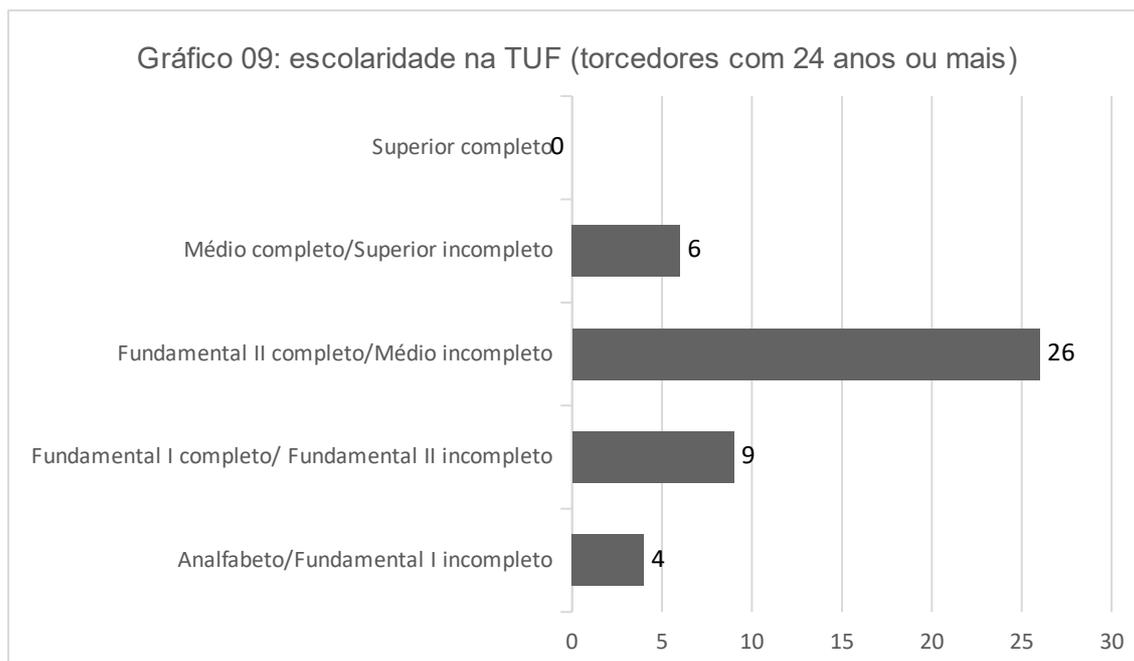
A opção “Fundamental II completo/Médio incompleto”, que constava no questionário, não foi citada por nenhum dos consultados. Isso indica que todos os que concluíram o Fundamental II também terminaram o Ensino Médio.

Sabe-se que todos os Cangaceiros que colaboraram com o questionário possuem 24 anos ou mais, idade na qual já é possível ter-se completado um curso de ensino superior. Mesmo assim, a quantidade de integrantes nessa condição é seis, ou 25% do total. Esse é o segundo grau de escolaridade com mais componentes. O predominante é “Ensino Médio completo/Superior incompleto”, com 62,5%.

Antes de entrar nos números de Cearamor e TUF, é importante lembrar que os integrantes dessas torcidas são mais jovens que os Cangaceiros, tendo em sua amostra, inclusive, adolescentes. Uma parcela dos componentes da Cearamor e TUF não tem ainda idade para completar o Ensino Superior ou mesmo o Médio. Esse fato influencia na composição do perfil de escolaridade, o que dificultaria a comparação dessas duas torcidas com os Cangaceiros. Para ser possível uma análise mais pertinente, optei por criar os gráficos de escolaridade da Cearamor e da TUF levando em conta exclusivamente seus torcedores que possuem 24 anos ou mais, equiparando com o piso de idade dos Cangaceiros.



Mais da metade dos torcedores da Cearamor com 24 anos ou mais está na condição de “Ensino Médio completo/Superior incompleto”: são quase 65%. O segundo grau de escolaridade com mais componentes é o “Fundamental II completo/Médio incompleto”, com 16,2%. Vem, em seguida, o Ensino Superior completo, com 10,8%. Nota-se como há um grande desnível entre idade e grau de escolaridade. Os torcedores desta contagem possuem idade suficiente para terem completado todos os estágios da educação formal, mas menos de 11% conseguiram. Algo semelhante é observado na TUF.



A opção “Analfabeto/Fundamental I incompleto” não foi respondida por nenhum componente da TUF com idade de 24 anos ou mais. Deve-se registrar, contudo, que ela foi escolhida por um torcedor de 17, um de 20 e dois integrantes de 21 anos.

Quase 58% dos torcedores da TUF nesse levantamento estão em “Ensino Médio completo/Superior incompleto”. O segundo grau de escolaridade com mais integrantes é “Fundamental II completo/Médio incompleto”, exatamente 20%, seguido do Superior completo, 13,3%. Cearamor e TUF, deste modo, possuem números de escolaridade semelhantes, com grande predomínio de “Médio Completo/Superior incompleto”, com uma porcentagem relativamente baixa de torcedores que concluíram todas as etapas da educação formal.

A comparação dos dados de escolaridade mostra como, mais uma vez, os Cangaceiros possuem a maior porcentagem de integrantes nos patamares mais elevados dos gráficos. Eles são a torcida com maior frequência no nível de escolarização mais alto: 25% com Ensino Superior completo, enquanto Cearamor e TUF não passam de 11% e 13%. Este é o segundo grau de escolarização mais frequente entre os Cangaceiros, enquanto é o terceiro nas outras duas.

Por outro lado, chama a atenção o fato de as três torcidas terem, em sua maioria, componentes na condição de “Ensino Médio completo/Superior incompleto”. Também é interessante como, percentualmente, os Cangaceiros são a torcida com

maior número de integrantes em “Analfabeto/Fundamental I incompleto”. Mas a “vantagem” que os Cangaceiros levam em relação ao Superior completo é maior do que a “desvantagem” que possuem no quesito baixo grau de escolaridade.

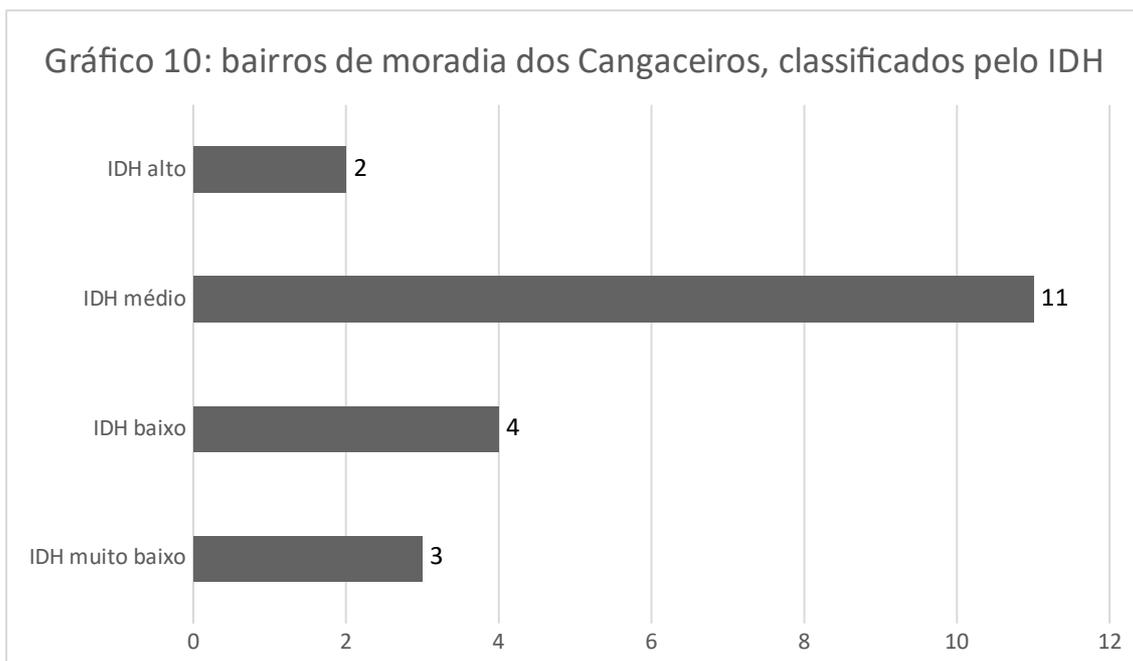
O levantamento da escolaridade dessas três torcidas, conforme já dito, foi feito mantendo-se um piso de idade comum a todas elas. Isso significa que a predominância dos Cangaceiros no Ensino Superior em relação às outras torcidas não pode ser explicada por essa variável. Certamente, apenas estudos mais aprofundados poderiam trazer respostas seguras, mas penso que a questão financeira pode ser uma pista. A torcida de grau de escolaridade mais alto é também a de maior nível de renda familiar. Isso pode significar, por exemplo, mais oportunidades para pagar uma faculdade particular. Embora não se tenha perguntado esse detalhe nos questionários, fiz entrevista com três torcedores que chegaram ao Ensino Superior. Todos eles estavam vinculados a faculdades privadas: Aldo, Gotardo e Walter. Apenas um já havia concluído. Outro trancara o curso, enquanto o terceiro estava com os estudos em andamento.

2.7.4 Bairros de moradia

Trago agora dados referentes aos bairros de moradia dos torcedores, classificando-os a partir do Índice de Desenvolvimento Humano de cada um²². O objetivo é articular essas informações com os outros dados trazidos acima, a fim de observar em que medida a torcida segue ou não o perfil de “juventude estigmatizada moradora de bairro pobre”. Perfil este que, como vimos, é o que mais tende a lançar mão das práticas violentas como forma de alcançar uma identidade pessoal e social, em uma avaliação, positiva, marcada pela afirmação da virilidade e da disposição ao combate.

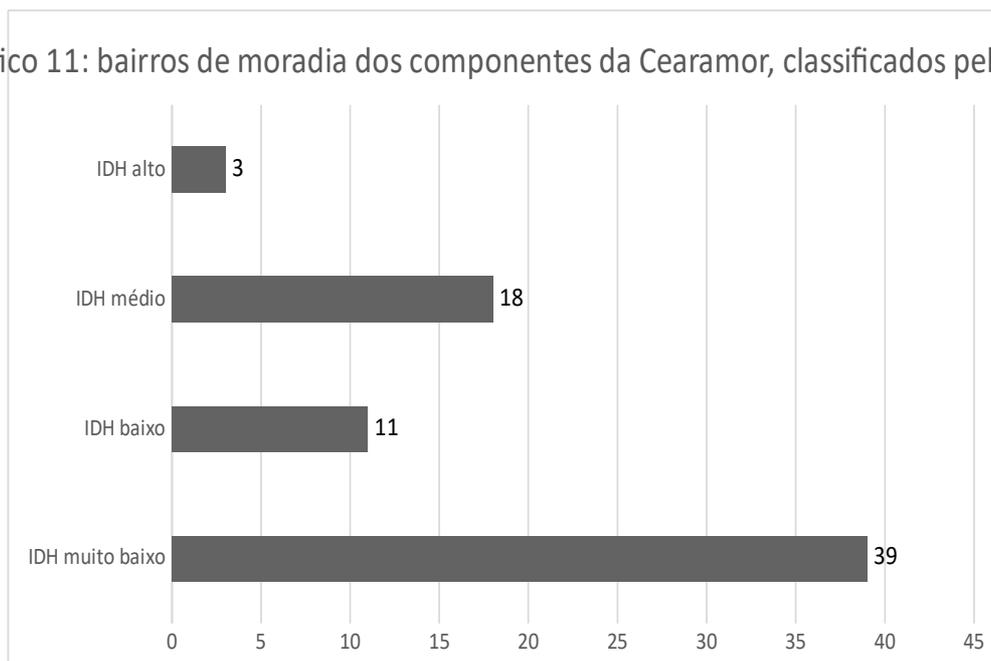
É certo que os dados sobre o IDH são de confiança relativa. Isso porque uma pessoa pode morar em um bairro de IDH baixo, mas ter um perfil socioeconômico considerado elevado àquele meio, sendo “a parte rica do bairro pobre”. Ou vice-versa: é possível que o entrevistado componha a parcela pobre de um bairro rico. De qualquer modo, é mais um dado que pode ser levado em conta nas reflexões.

²² Informações fornecidas pela Prefeitura de Fortaleza a partir de dados divulgados pelo IBGE em 2010. Disponível em <http://www.fortaleza.ce.gov.br/sde/indice-de-desenvolvimento-humano-por-bairro-idh>. Acesso: 01/02/2015.



Mais da metade dos Cangaceiros residentes em Fortaleza mora em bairros classificados como de IDH médio. O número dos que vivem em IDH muito baixo ou baixo é 35%. A minoria está em bairros de IDH alto, exatamente 10% deles. Nenhum mora em bairro de IDH muito alto. Deste modo, a maioria dos Cangaceiros está fora dos bairros de IDH mais baixos. Esse dado, somado ao da idade (a maioria está na casa dos 30 anos), ajuda a entender como a maior parte desses torcedores está distante do contexto social de juventude pobre e estigmatizada, que é justamente o perfil mais propenso a adotar práticas violentas como uma via para se construir uma identidade social ativa e “positiva”.

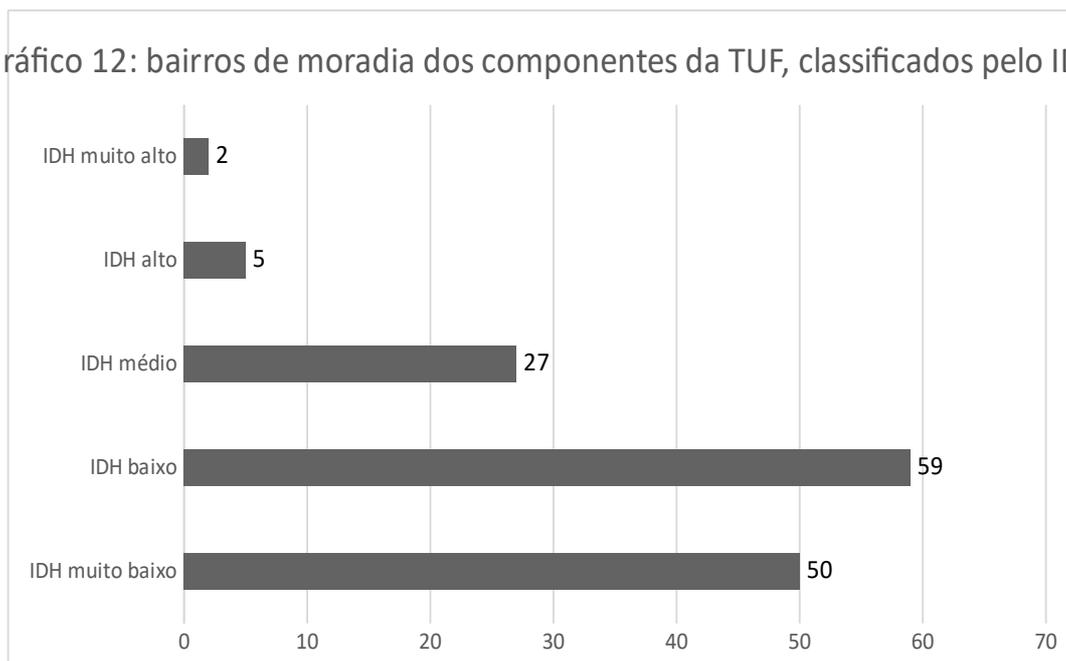
Gráfico 11: bairros de moradia dos componentes da Cearamor, classificados pelo IDH



Mais da metade dos componentes da Cearamor que moram na capital cearense vivem em bairros de IDH muito baixo. Quando somados aos de IDH baixo, chegam a 70%. Os de classificação “médio” não ultrapassam a casa dos 26%. Já os de IDH alto, que nos Cangaceiros chega a 10%, na Cearamor ficam em 4,2%. Percebe-se como os torcedores da Cearamor se encaixam bem no perfil da juventude estigmatizada: a maioria está na casa dos 20 anos, com presença também de adolescentes, e quase todos moram em bairros que apresentam grandes problemas sociais.

É curioso que alguns entrevistados não se referiam ao nome oficial do seu bairro, mas sim a uma localização mais específica dentro dele. Por exemplo, sete torcedores afirmaram morar “na Rosalina”. Essa é uma área de favela localizada no bairro Passaré. Outro disse morar em São Cristóvão, um conjunto residencial também do bairro Jangurussu. Um torcedor respondeu “Parque Jerusalém”, que fica no bairro Canindezinho, dentre outros exemplos. Isso mostra que, em alguns casos, mais do que o bairro em si, a identificação se dá com uma parte daquele bairro.

Gráfico 12: bairros de moradia dos componentes da TUF, classificados pelo IDH



A quantidade de torcedores da TUF em bairros de IDH muito baixo é sensivelmente menor que os da Cearamor: 35%. Por outro lado, o número deles em IDH baixo é bastante superior. Somando esses dois grupos, os integrantes da TUF em bairros de IDH muito baixo ou baixo chegam a 76%, números ainda maiores do que os da Cearamor. Os localizados em “médio” e em “alto” são menores, respectivamente 19% e 3,5%. A TUF foi a única que indicou membros em bairros de IDH muito alto: 1,4% deles. Mais uma vez somando esses dados às informações sobre idade (na qual a TUF tem os torcedores mais jovens e com maior presença de adolescentes), os componentes dessa torcida do Fortaleza são os que mais fortemente estão localizados naquele perfil do jovem que sofre com os estigmas vinculados à pobreza. Não parece ser por acaso, então, que estes tenham sido os torcedores que mais mostraram disposição em brigar junto com sua Organizadora, e também os mais motivados em ir ao estádio para brigar pelo time.

A exemplo do que aconteceu com a Cearamor, também na TUF houve torcedores que não se referiram ao bairro em si como lugar de moradia, mas a alguma comunidade ou conjunto habitacional. Foi o caso de Jardim Fluminense (Manuel Sátiro), Parque Santana (Mondubim), Piedade (Joaquim Távora), Primavera e Tupã Mirim (ambos no Parque Dois Irmãos) e São Cristóvão (Jangurusu).

A análise dos dados de idade, renda familiar, escolaridade e bairros mostra como os Cangaceiros Alvinegros são uma torcida de perfil socioeconômico diferente da maior Torcida Organizada do Ceará SC, a Cearamor, e também da principal torcida do time rival, a TUF. Os Cangaceiros são formados por integrantes mais velhos, na faixa dos 30 anos, enquanto as outras duas ficam na “casa” dos 20 anos. Os componentes do cangaço têm uma renda familiar mais alta, sendo a torcida que apresenta maior frequência de integrantes entre os patamares mais elevados de renda, enquanto na Cearamor e na TUF predominam os níveis intermediários. A escolaridade dos Cangaceiros também é maior, sendo o grupo de torcedores que percentualmente mais completaram o Ensino Superior. Os bairros de moradia também são bastante diferentes: 65% dos Cangaceiros estão na faixa de IDH médio ou alto, enquanto mais de 70% dos integrantes de Cearamor e TUF se concentram em bairros de IDH muito baixo ou baixo. Esses dados, combinados com o perfil de idade, ajudam a ver como os Cangaceiros, ao contrário das outras duas torcidas estão distantes do perfil do jovem de áreas pobres estigmatizado. Isso significa que é um grupo bem menos propenso a tomar as práticas violentas como estratégia de uma construção de identidade positiva. Portanto, vai ao encontro dos discursos que os Cangaceiros apresentam sobre a não violência.

Esses dados socioeconômicos também mostram como Cearamor e TUF, torcidas tradicionalmente rivais, são bastante semelhantes nos dados levantados. Suas médias de idade, renda familiar e grau de escolaridade são aproximadas, diferenciando-se em poucos pontos percentuais.

Todas as informações e discussão trazidas neste capítulo demonstram que os Cangaceiros fazem parte de um universo de Torcidas Organizadas divididas basicamente em dois grandes tipos: as tradicionais e as alternativas. Eles integram esse segundo. Esse *campo* de torcidas é marcado por disputas por *capitais* que consolidam a Cearamor como *dominante*. Os Cangaceiros e outras torcidas alternativas, mesmo na condição de secundários, empenham-se em conquistar *capitais* simbólicos e políticos tanto quanto for possível. Também refutam a validade de certos valores, como os da violência. Em última instância, defendem mesmo a desestruturação de todo esse campo, questionando parte dos *habitus* dos grupos de torcedores organizados.

Nessa proposta, as torcidas alternativas refutam, ou ao menos relativizam, sua condição de Organizadas. Os Cangaceiros fizeram isso ao, no ato de fundação, se descreverem como “movimento cultural”. Após intervenções do Ministério Público do Estado, passaram a tolerar o rótulo de Organizada, mas sempre com o adjetivo “diferente” a acompanhando. Essas diferenças se dão de maneira consciente, ao promover discursos de não violência (o *capital* da violência é um dos mais valorizados no *campo*, pelas Organizadas tradicionais), ao se definirem como uma torcida “cultural”. Marcelo Ribeiro comenta sobre o uso desse discurso como afirmação de uma identidade no universo das torcidas:

Condenar a violência praticada por outros torcedores organizados, afirmar-se defensor de uma possível identidade regional, centrada em valores *regionalistas*, cultuar o consumo de bebida alcoólica tomando-o como algo positivo ao invés de cultuar a violência, por exemplo, são tipos de enunciados identitários, fundamentalmente distintivos, que cumpre uma função clara, a de enunciar: “somos organizados, mas não somos como aqueles outros organizados, somos diferentes” (RIBEIRO, 2015, p. 76-77).

Outras singularidades, entretanto, vêm de questões sociais mais profundas, como o perfil socioeconômico. Os Cangaceiros possuem grau de escolaridade e de renda mais elevados do que a torcida dominante, Cearamor, e a principal organizada rival, a TUF. São também uma torcida mais velha, na “casa” dos 30 anos.

Essas estratégias de diferenciação se dão em boa parte nos materiais dessa torcida. A questão “cultural” da identidade nordestina é presente de maneira extremamente forte, sendo tema de praticamente tudo o que eles produzem. Os discursos de não violência também estão presentes em algumas músicas, camisas e gestos. Outra característica, ainda pouco falada, mas que ganhará mais importância a partir de agora neste trabalho, é a questão da ode à bebida alcoólica, com atenção especial à cachaça. Dentre as torcidas alvinegras, apenas a Ceará Chopp, como o próprio nome já sugere, parece dar uma atenção tão grande ao álcool.

Mesmo diante de tanto empenho em se fazer ver diferente, há momentos em que essa torcida se aproxima do modelo tradicional de organizada. Uma vez inserida nesse campo, ela adota certas características dele, como forma de obter aceitação e a consolidação de um lugar dentro dele. Também nesses casos a semelhança pode ser consciente – como no uso do ritmo *funk* em músicas – como menos conscientes, como suas motivações e disposições, enquanto torcedores,

semelhante às da Cearamor e TUF. Esses movimentos de aproximação e distanciamento do modelo tradicional são o foco do terceiro capítulo.

O ponto a seguir tratará da análise dos diversos materiais produzidos pela torcida: camisas, bandeiras, faixas, escudos, lemas, gestos, dentre outros. Dará atenção especial ao discurso da identidade nordestina, tão presente nessa torcida. Quais os aspectos de identidade nordestina são evocados pela torcida, e por quê? Igualmente importante: como essa evocação é feita? São perguntas que o nortearam.

3. “NORDESTINANDO AS ARQUIBANCADAS”

Os materiais que as Torcidas Organizadas produzem são sua principal forma de identificação visual. As camisas, faixas e bandeiras, além das músicas e gritos de guerra, demarcam o lugar que elas ocupam nas arquibancadas e as distinguem das demais Organizadas e dos torcedores comuns. Esse conjunto de itens traz em sua composição referências ao time – nome do clube, suas cores, seu escudo – e também à própria torcida – seus lemas, emblemas e mascotes próprios.

Há ainda em alguns materiais o destaque ao bairro do componente. Assim, algumas camisas trazem o nome do lugar de moradia do torcedor que a veste. Existem também cachecóis (que não são usados ao redor do pescoço, mas sim estendidos com as duas mãos) que igualmente estampam esses nomes. Eventualmente um pequeno grupo de torcedores segura, na arquibancada, um conjunto de letras que formam o nome de um bairro. Diógenes destaca:

A torcida organizada, quando se faz presente no estádio, precisa estampar os signos de representação e instituição de seu time, de seu bairro. Para isso, leva faixas, bandeiras, canta músicas, cria paródias, pula, grita, vibra... (DIÓGENES, 2003, p. 84).

Os materiais, desse modo, são uma grande forma de afirmação das identidades torcedoras: identidades de clube, de Organizada e de bairro (e, no caso dos Cangaceiros, também identidade regional), que são afirmadas para eles mesmos, para os outros torcedores e para a mídia. Por essa razão, é fundamental observar a composição desses materiais na torcida Cangaceiros Alvinegros, analisando quais representações, ideologias e identidades eles constroem.

Para essa análise, foi importante seguir alguns procedimentos teórico-metodológicos defendidos por Barreira e Vieira (2010). Essas autoras, ao estudarem as representações de Nordeste em restaurantes especializados em culinária regional, advertem: não se trata de opor o “verdadeiro sertão” ao sertão recriado, buscando na recriação traços de fidelidade ou infidelidade ao “original”, mas sim de pensar sobre esse procedimento de recriação como uma exposição de ícones em um novo contexto, adaptados a novas funções no cenário urbano (BARREIRA & VIEIRA, 2010, p. 124). Deste modo, é preciso pensar sobre os símbolos de identidade nordestina tomados pela torcida como recriações, adaptações de uma representação (e não de uma cultura “original”) a um novo contexto, o das torcidas de futebol do meio urbano do Século XXI.

3.1 A cor laranja

A análise dos materiais mostrará como a cor laranja está presente enormemente em quase todas as camisas, faixas, bandeiras e outros itens produzidos pela torcida. Creio que essa é o segundo elemento mais acionado por ela, ficando atrás apenas do seu emblema.

Perguntei a alguns Cangaceiros o significado dessa cor nos materiais da torcida, já que laranja não faz parte das cores do alvinegro Ceará SC. Aldo, um dos fundadores, começou a falar sobre essa cor citando os questionamentos que a torcida recebe justamente por adotá-la:

É, o laranja é o seguinte. Muita gente fala que, “pô, torcida do Ceará e os caras usando laranja, não tem nada a ver com a cor do Ceará”, sendo que na realidade a nossa torcida começou como um movimento cultural (Aldo).

A primeira justificativa cita o fato de que os Cangaceiros não nasceram como uma Organizada, mas sim como um “movimento cultural”. Isso daria a eles a “licença” de adotar outras cores que não as do clube. Mas o que tem a ver a cor laranja com a questão cultural? O entrevistado prossegue:

A gente quis apresentar o laranja pelo, como é que eu posso dizer, por ser uma cor além do Ceará. Pra mostrar que aquela cor era uma cor que representava o nosso interesse em passar a mensagem do Nordeste (Aldo).

O uso de uma cor diferente das do Ceará SC tem a finalidade de mostrar que essa torcida, além de apoiar o time, possui ainda outras pretensões. Para “além do Ceará” está o objetivo de se falar sobre o Nordeste, e Aldo explica o que essa cor tem a ver com a região:

O que seria: o laranja do sol, entendeu, nordestino, quente, a areia, seca, do sertão. Então a gente queria uma cor, além da cor alvinegra, pra representar o nosso ideal que é, como é que eu posso dizer, é realmente valorizar, mostrar a valorização da nossa cultura (...). E a gente queria uma cor exclusiva pra mostrar isso (Aldo).

Deste modo, a cor laranja, na interpretação de Aldo, representa a intensidade do sol e também o solo arenoso e seco do sertão. É o Nordeste representado pela seca. Célio vai ao encontro dessa explicação, mas se concentra na simbologia do sol:

Essa cor laranja é aquele formato do... geralmente o sol nordestino, aquele pôr do sol bem nordestino, aquele alaranjado assim (...). Esse laranja é o sol nordestino, aquele que castiga mesmo o povo cearense, e o nordestino, o Nordeste em si (Célio).

A representação do sol, na visão de Célio, caminha tanto por algo bucólico, como o crepúsculo, como pela faceta mais severa, do castigo. Já Gotardo traz novas interpretações e informações sobre essa questão.

Rapaz, o laranja, se eu não estou enganado... assim, a jaqueta do Lampião²³, a roupa, não sei, é aquele mais puxado pro amarelo-queimado, cor de madeira, enfim. E aí, se eu não me engano, é... eu nem fazia parte da torcida (Gotardo).

Nem sol, nem solo. O laranja, para Gotardo, simboliza o couro, material usado nas roupas dos cangaceiros históricos, como o grupo de Virgulino Lampião. É a mesma interpretação de Walter e de Aluísio:

O laranja é pra diferenciar um pouco, né. Pra puxar mais pro cangaço, o cangaço é meio marrom, meio laranja. E o nosso estado é meio do cangaço, né, dos cangaceiros (Walter).

E essa cor vem muito do couro, do couro do vaqueiro, entendeu? Então é mais ou menos por aí (Aluísio).

Mas eu disse há pouco que Gotardo trouxe mais informações sobre o uso dessa cor. Uma delas é a seguinte.

Eu escutei, acho que foi o [um dos fundadores] falando, ou foi um outro integrante, que mandou confeccionar as camisas, e aí parece que a camisa saiu com um tom muito laranja, entendeu? Não era pra sair daquele jeito, mas saiu, aquele laranja muito forte, muito chamativo (Gotardo).

O laranja, que se tornou uma marca dos Cangaceiros, originalmente não deveria ter uma tonalidade tão forte, “chamativa”, mas as primeiras camisas teriam saído desse modo por conta de erros serigráficos. Neste ponto, Gotardo traz ainda outra informação: enquanto Aldo cita a repercussão negativa que a cor diferente trouxe em uma parcela da torcida, Gotardo afirma que as primeiras camisas laranjas teriam causado grande admiração positiva:

E aí, rapaz, foi uma loucura. A torcida do Ceará achou muito bacana, porque, querendo ou não, o laranja no preto chama muito a atenção, né, e aí foi todo mundo querendo camisa, e comprando, e comprando, e querendo, e aí surgiu, surgiu o laranja (Gotardo).

Diante dessas diferentes visões e informações, chama bastante a atenção a resposta de Braga:

Pra mim não tem significado nenhum, né? Porque todas as torcidas hoje em dia elas leva as cores do time, né, significa sempre apoiando o time do coração dos torcedores, né. Com os Cangaceiro não é diferente (Braga).

23 Virgulino Ferreira “Lampião” foi por 16 anos o líder do “mais célebre e fugidivo do grupo de cangaceiros de toda a história do banditismo brasileiro”, situação que lhe valeu a alcunha de “Rei do Cangaço” (MARQUES & VILLELA, 1997, p. 82). Sua companheira, conhecida como Maria Bonita, teve o nome adotado pelos C.A. para se referir às mulheres integrantes da torcida.

A simbologia da cor não provocou nenhuma tentativa de interpretação desse torcedor. Tampouco ele tentou se informar sobre a razão. O desconhecimento sobre o uso, por parte de sua própria torcida, de uma cor que nada tem a ver com o clube, demonstra o total desinteresse desse componente por essas simbologias. Indica também como nem todos estão a par das mensagens simbólicas que a torcida deseja passar.

O uso do laranja não tem um significado “oficial”. Não está escrito em nenhum estatuto, carta ou qualquer outro tipo de documento institucional da torcida. Aliás, nenhum dos símbolos que essa torcida adota está oficialmente explicado em algum escrito. Seus sentidos são descobertos perguntando diretamente aos torcedores. Tomando o caso da cor laranja, nota-se que não há um consenso de explicação. Uma parte dos entrevistados, incluindo um dos fundadores, destaca a referência ao sol “castigador” e ao solo seco do sertão. Outros veem uma ligação com a cor do couro. Há ainda o caso peculiar de Braga, que desconhece e nunca se interessou em desvendar as razões dessa cor.

3.2 Mascote

A maioria dos clubes de futebol no Brasil possui uma mascote: um animal ou personagem que representa o time e que geralmente faz alguma referência à sua origem ou a qualidades que o clube afirma ter. Tomando como exemplo alguns times cearenses, o Ferroviário Atlético Clube, cuja sede fica localizada no bairro Barra do Ceará, em Fortaleza, tem como mascote o Tubarão, em referência à proximidade do clube ao mar. O Fortaleza Esporte Clube adotou o Leão como símbolo da valentia de seus jogadores; e o Ceará Sporting Club escolheu o Vovô, em homenagem a um antigo funcionário que era chamado de “vovô” pelas crianças que iam jogar no campo de futebol do time.

As torcidas organizadas também adotam mascotes, que nem sempre são os mesmos dos seus respectivos times. Deste modo, a Torcida Organizada Cearamor, maior grupo de torcedores organizados do Ceará SC, tem como mascote o Urubu. Trata-se de um animal geralmente de penas negras, cor das camisas que esta torcida usa.

Os Cangaceiros têm sua mascote. Eles optaram por seguir o mesmo símbolo adotado pelo clube: o Vovô. Mas esse personagem recebeu uma importante

modificação: a torcida lhe vestiu um chapéu de cangaceiro, enquanto o velhinho “original” do time não usa nada sobre sua cabeça. Deste modo, a mascote dos Cangaceiros não é apenas o Vovô, mas o Vovô Cangaceiro. Algumas versões mais recentes deste símbolo o trazem fazendo o gesto característico da torcida, sobre o qual falarei em breve. As diferentes versões do Vovô Cangaceiro serão vistas nos tópicos a seguir.

Toledo (1996) ressalta que a escolha de uma mascote não é arbitrária: ela segue “a lógica do universo relacional e a dimensão imaginária que existe entre esses torcedores, a sociedade e o futebol” (*Ibid.*, p. 55). Isso ajuda a compreender por que as Organizadas tradicionais, que valorizam o *capital* simbólico da violência, criam mascotes geralmente musculosas e com feições sisudas; enquanto as Organizadas alternativas procuram ressaltar em seus símbolos outros aspectos. Os Cangaceiros, por exemplo, trazem em sua mascote determinados elementos que representam o Nordeste.

3.3 Emblemas

O emblema de uma torcida é uma das suas marcas mais fortes. Esse símbolo é utilizado em suas camisas, faixas, CDs, vídeos, sites, comunidades virtuais, documentos e outros materiais oficiais, funcionando como uma assinatura desse grupo. O escudo dos Cangaceiros já ganhou algumas versões nestes três anos de existência da torcida. Apresento a seguir alguns dos que considere mais significativos para os fins desta pesquisa.



Figura 08: emblema de 2011

O primeiro emblema da torcida traz as cores alvinegros, características do Ceará SC, além do laranja, terceira cor adotada pelos Cangaceiros. Possui um formato arredondado, com contorno espesso na cor preta. A parte superior tem em letras brancas o nome da torcida; a inferior descreve o seu lema: “Orgulho de ser Nordestino”, demonstrando a característica da torcida que talvez seja a mais peculiar em relação a outras: o objetivo de falar, com orgulho, sobre o Nordeste. Esta frase poderá ser lida em outros materiais, conforme será visto. O lado esquerdo do escudo tem o número “20”; o direito, “11”. Juntos, eles formam o ano de fundação da torcida.

A parte central do emblema tem o escudo do Ceará SC. Sobre o escudo há a cabeça do Vovô Cangaceiro, mascote da torcida. Os Cangaceiros usaram a arte gráfica oficial do Vovô adotada pelo Ceará SC em seus produtos oficiais. Como plano de fundo veem-se listras alternadas nas cores laranja e preto, separadas entre si por discretas linhas brancas. Estão dispostas formando um arco, simulando a representação gráfica de raios do sol nascente. O ponto de convergência dos raios está por trás do escudo, sugerindo que o “sol” esteja escondido, ou talvez que o próprio escudo seja a fonte da “luz”.



Figura 09: emblema comemorativo do centenário do Ceará SC em 2014

O Ceará SC chegou, no primeiro semestre de 1914, aos 100 anos de fundação. Os Cangaceiros comemoraram a marca criando um modelo de camisa e um emblema especiais.

O plano de fundo do escudo da torcida segue o formato de semicírculo, sendo composto exclusivamente pelas listras “raios de sol”. Estas, por sua vez, estão nas cores preto e bronze. Esta segunda cor, que não fora usada antes em nenhum material da torcida, dá um aspecto “de luxo”, destacando a importância do que é comemorado. Um pequeno efeito de luz no canto superior direito salienta a ideia de acabamento detalhado, sofisticado.

É válido destacar que o Ceará SC também produziu alguns materiais comemorativos, mas a cor “de luxo” escolhida pelo clube foi o dourado. Os Cangaceiros, entretanto, optaram pelo bronze. Não parece ter sido uma seleção ao acaso. Embora menos nobre que o dourado, o bronze tem uma coloração mais próxima ao laranja e ao marrom. Como foi dito, laranja é uma cor “quente” que ao mesmo tempo remete ao sol, ao solo rachado do sertão da seca e também ao couro. O marrom também é um tom semelhante ao do couro. Este é uma das matérias primas dos chapéus de cangaceiro e sertanejo, bem como do instrumento musical zabumba. A relevância da escolha desses materiais como elementos de “identidade nordestina” será discutida em breve.



Figura 10: Emblema de 2015.

A torcida lançou novo emblema no segundo semestre de 2015. É a primeira vez que o Vovô Cangaceiro é desenhado de corpo inteiro. Vemos que ele usa o uniforme do time: camisa alvinegra (com o nome “Cangaceiros Alvinegros” estampado) e calção preto. Mas em vez de chuteiras ele veste chinelos de couro. Esse tipo de calçado é mais uma indumentária que remete ao cangaço. As “alpercatas de rabicho” faziam parte das vestimentas típicas dos cangaceiros históricos, assim como os chapéus de couro, as cartucheiras, dentre outros itens (MARQUES & VILLELA, 1999, p 133). Os chinelos de couro têm uma ligação também com as festas de forró e xaxado:

No contexto da musicalidade, o Nordeste está expresso nos gêneros musicais "nordestinos" como território de dor, mas também de alegria. São símbolos desta, por exemplo, a dança no forró pé-de-serra, o chiado do chinelo no contato da pele suada em consequência da dança e o ritmo musical do "xaxado" - *"onomatopeia do rumor xa-xa-xa das alpercatas de rabicho arrastadas no chão"* (MORAES, 2011, p. 450, destaques no original).

Se o chinelo lembra a festa da dança, o que o Vovô Cangaceiro traz em sua mão direita reforça a alegria: uma garrafinha de cachaca. O sorriso da mascote está mais aberto, mostrando os dentes, e seu desenho agora possui traços próprios, e não mais o padrão oficial adotado pelo clube. Ficou menos infantilizado. A mão esquerda segura uma pequena bandeira alvinegra. Acima da personagem, o nome da torcida em preto, branco e laranja, junto com o escudo do time. Há também a marca de 4 anos de fundação da torcida. Ao fundo, um objeto em formato de escudo feito de couro. Falarei mais sobre essas referências ao couro durante os comentários sobre os chapéus de cangaceiro/sertanejo que esses torcedores usam.

3.4 Camisas

A camisa de uma Organizada é uma de suas *marcas distintivas* mais importantes, diferenciando-a de outras organizadas e de torcedores “comuns”, que não participam desse tipo de grupos. Essas vestes reforçam sua identificação e ajudam a dar visibilidade à torcida (TOLEDO, 1996, p. 52).

Além dos integrantes das organizadas, muitos torcedores que não fazem oficialmente parte delas – não estão cadastrados, não participam de suas reuniões e atividades oficiais, não acompanham o dia-a-dia da torcida, por vezes não ocupam o mesmo espaço no estádio que ela – também compram suas camisas por simpatizarem com aqueles grupos.

A expressão “vestir a camisa” refere-se pouco a um ato físico e muito a um gesto simbólico do indivíduo em tomar se apropriar dos valores e práticas apreciados dentro do grupo ao qual pertence.

A camisa da torcida (...), sendo uma das principais marcas de reconhecimento entre os torcedores organizados, reforça o compromisso com o grupo. É muito comum as pessoas serem repreendidas por estarem usando outra camisa diversa daquela predominante na Torcida Organizada. Sobretudo nos dias de jogos. As pessoas que ignoram este fato estão ignorando uma certa conduta e uma estética estabelecida grupalmente (TOLEDO, 1996, p. 57).

Deste modo, ao “vestir a camisa” dos Cangaceiros, mesmo não sendo a rigor um integrante, o torcedor demonstra estar de algum modo identificado com os comportamentos e ideologias ligados àquela torcida.

As maiores motivações em participar de uma Torcida são armazenadas nestes símbolos e marcas, que ordenam determinadas experiências, ou seja, de ocupar os espaços públicos na condição de torcedores organizados. A camisa relaciona-se a uma certa conduta e estética; assumir-se enquanto membro de uma Torcida Organizada é, sobretudo, assumir seus símbolos e marcas (*Ibid.*, idem).

Levando em conta a importância simbólica da camisa como uma referência física dos valores e condutas de uma Organizada, é relevante observar esse tipo de material produzido pelos Cangaceiros, procurando identificar quais discursos e elementos distintivos da torcida estão, literalmente, estampados nelas.

Os Cangaceiros já fabricaram dezenas de camisas, sempre evocando basicamente as mesmas referências: o Nordeste homogeneizado, a seca, o forró e o

cangaço. Para não ficar repetitivo, selecionei apenas alguns modelos que parecem ilustrar bem essa proposta da torcida.

O processo de escolha dos modelos dessas vestes é, a princípio, feito coletivamente. O componente que tiver uma ideia pode compartilhá-la com os demais. Se for aprovada, ela é encaminhada a um profissional que desenhará o modelo. Após algumas modificações, a camisa é aprovada e enviada à confecção.

Na realidade a gente tem um designer que a gente tem a ideia e o cara executa, né. Não sou eu que faço o desenho. Assim, a gente dá um norte pra ele: “ó, eu quero a camisa assim” (Aldo).

Embora todos os integrantes tenham a liberdade de dar sugestões, a decisão sobre a escolha da camisa fica sob a responsabilidade da diretoria, sobretudo na figura do presidente:

Isso fica mais a cargo do presidente, e geralmente ele faz reunião com os diretores da torcida, né, e lá, entre eles mesmos, é feita uma escolha. Mas geralmente é mais com o presidente (Célio).

Essas ideias partem na maioria das vezes do presidente, mesmo (Aldo).

É válido, ainda, ressaltar que a maioria dessas vestes foi desenhada e fabricada pelos mesmos profissionais responsáveis pelas camisas de organizadas tradicionais como Cearamor e MOFI. Entretanto, fazem questão de frisar que, se o profissional é o mesmo, as mensagens que as camisas dessas diferentes torcidas trazem seriam diferentes:

Pergunta: Você disse que tem um designer, né, ele trabalha com outras torcidas, também?

Resposta: Trabalha, ele trabalha, mas as camisas da gente é totalmente diferente do estilo... se você for ver, a camisa de algumas torcidas como a M.O.F.I., a Cearamor, nada contra, né, mas que eles tem um estilo mais ríspido, né, são imagens e... caricaturas musculosas, fazendo posição de luta, e tal. A gente não tem esse estilo, né.

Essa é uma boa hora de ver, então, qual é o estilo das camisas dos Cangaceiros. Notaremos que mesmo modelos tão diversos têm em comum ao menos duas coisas: os símbolos de identidade nordestina e ausência de referências explícitas às práticas violentas.



Figura 11: camisa oficial dos Cangaceiros lançada em 2011

O primeiro uniforme oficial da torcida, lançado em 2011, traz diversas referências ao Ceará Sporting Club (Ceará SC) e à figura do cangaço. Sua cor básica é preta, a mesma do clube alvinegro.

A parte frontal traz um enorme escudo do time “vestindo” em seu topo um chapéu de cangaço. O símbolo está entrelaçado com a cartucheira de ombro, suporte de couro que era usado pelos soldados do cangaço como local para guardar suas munições. Entretanto, as cartucheiras, na camisa da torcida, não guardam balas, mas sim pequenas garrafas de cachaça, comumente conhecidas como “celulares”. A explicação para isso encontra-se na parte de trás da camisa. Nela, podemos ler, na parte inferior, a frase “Não portamos armas, bebemos cachaça!”. Essa recusa aos armamentos de fogo mostra a intenção da torcida em criar um discurso de não violência. Isso se torna ainda mais significativo quando lembramos serem relativamente frequentes as agressões físicas entre torcedores de futebol, muitas das vezes envolvendo integrantes de torcidas organizadas. Os Cangaceiros, ao substituírem em suas camisas as munições por bebida, estão reforçando, ao mesmo tempo, sua recusa em fazer parte do cenário de violência que acompanha a imagem das torcidas organizadas e também o aspecto lúdico, descontraído, deste grupo de torcedores.

Abaixo da frase “Não portamos armas...” lê-se outro lema dos Cangaceiros: “Orgulho de ser nordestino!”. A região, em sua totalidade, se faz presente como objeto de amor e orgulho. O lema está escrito em cor amarronzada,

semelhante à do couro. Posicionado acima destas frases está a mascote oficial do Ceará SC e dos Cangaceiros: o Vovô. A arte gráfica da personagem, assim como aconteceu nas primeiras versões do emblema da torcida, é aquela adotada oficialmente pelo clube, mas com algumas adaptações. O velhinho também aqui usa o chapéu de cangaceiro. Além disso, veste os suportes de munição, ou melhor, de cachaça. É interessante perceber que a mascote, nessa sua primeira versão, porta a cartucheira de ombro, enquanto seu modelo mais recente visto no emblema de 2015, não veste mais o tal suporte. O “celular” de cachaça passou diretamente para a mão do Vovô Cangaceiro.

Sobre a mascote do clube, contornando seu chapéu, está o nome da torcida em letras brancas: “Cangaceiros Alvinegros”. Mascote magra e sorridente, adotando o desenho oficial utilizado pelo Ceará SC, sem músculos avantajados ou feições raivosas. García faz um breve comentário sobre isso:

[A torcida] já fez várias camisas representando o Nordeste. Já fez Luiz Gonzaga, já fez Dominginhos, já fez agora Patativa do Assaré. As camisas sempre, é... bonecos, assim, animados, nada agressivo, nada, nenhum lema agressivo à torcida rival, nada... as músicas também (García).

Voltando à camisa: atrás do Vovô, em segundo plano, mais uma vez o escudo do time, em tamanho que ocupa boa parte das costas da camisa. Destacam-se também várias listras de cor laranja que aparecem em formato de arco simulando raios de sol, tal como já foi visto nos emblemas.

As mangas da camisa são pretas com desenhos em branco. A esquerda estampa novamente o escudo do time “vestindo” um chapéu de cangaceiro; a direita mostra o desenho de um sanfoneiro, também usando a indumentária do cangaço. Sobre este desenho, o nome da torcida escrito de maneira arqueada.



Figura 12: camisa em homenagem a Luiz Gonzaga

Um dos uniformes da torcida lançados em 2012 retoma alguns elementos da versão do ano anterior, mas traz outros novos, bastante significativos.

A parte frontal traz listras verticais alternadas em branco e preto, semelhante ao uniforme usado pelo Ceará SC. Essas listras, no entanto, não ocupam todo o espaço. As laterais da parte frontal da camisa são desenhadas de maneira a simular uma jaqueta de couro marrom. É como se o torcedor, trajando a camisa do clube, tivesse vestido por cima dela uma jaqueta. Mas não se trata de uma jaqueta de couro ao estilo urbano, roqueiro ou motoqueiro, por exemplo. Sua cor predominantemente marrom (acompanhada em detalhes pelo alvinegro do time) e seus adornos demonstram ser uma peça sertaneja. Há ainda desenhos que lembram a arte das rendas. Conforme demonstra Vieira (VIEIRA, 2012, p. 119), os “bordados do norte” e as “rendas do Ceará” eram alguns dos produtos “do norte” em anúncios publicitários vendidos para o Sul. O emblema oficial da torcida aparece na parte central do peito da camisa, bem como na manga direita. O escudo do clube está na manga esquerda e também na parte inferior das laterais da camisa. Pode-se ver, também, a bandeira do estado do Ceará na extremidade inferior esquerda.

O verso da camisa (ou da jaqueta de sertanejo) mostra o nome da torcida, desta vez em um estilo gráfico bem mais sofisticado em relação ao uniforme de 2011. Além disso, a letra “o” em “Cangaceiros” foi trocada pelo escudo do clube. A parte inferior traz outro lema: “o Nordeste está na veia e o Vozão no coração”. O

amor pelo time, condição essencial a um torcedor de futebol, é ressaltado. O orgulho pela região Nordeste continua presente no lema dos Cangaceiros, agora reforçado com o apelo simbólico da “veia”, do sangue. É interessante observar que a simbologia do sangue, que se faz presente em alguns aspectos da vida social, como a família e a honra, compõe também o complexo de sistemas simbólicos relacionados ao esporte. Jogar com garra, com “o coração”, são valores apreciados e desejáveis nos atletas. Alguns, inclusive, em momentos de extravasamento, batem com a mão sobre o braço, como uma forma de demonstrar essa garra, esse jogar com o sangue.

O grande destaque das costas da camisa é a foto do cantor, compositor e sanfoneiro Luiz Gonzaga, o “Rei do Baião”. A estampa tem um estilo gráfico que causa a impressão de a imagem do sanfoneiro ser feita a partir de inúmeras tiras de couro marrom, como um artigo de artesanato. A importância da foto de Luiz Gonzaga como elemento de “identidade nordestina” será retomada em breve.

Aldo comentou sobre essa camisa em específico, que ele vestia na ocasião da entrevista:

Por exemplo, essa aqui do Luiz Gonzaga. A gente pediu pra ele fazer um gibão que é isso aqui, né, uma jaqueta, vestindo em cima da camisa alvinegra, né, do Ceará. Ele botou o símbolo da gente no meio, e como era o ano do centenário do Luiz Gonzaga, a gente fez essa homenagem e colocou uma caricatura dele nas costas, né, por cima do gibão, gravado (Aldo).

A ideia de colocar o gibão por cima da camisa do Ceará SC pode ser interpretada a partir da metáfora do “vestir a camisa”, já comentada no início deste tópico. Os Cangaceiros, ao usarem essa indumentária em homenagem a Luiz Gonzaga, vestem ao mesmo tempo duas “camisas”, o uniforme do Ceará SC e uma roupa “nordestina”. Isso indica, por consequência, os dois compromissos que motivam a torcida e pelos quais ela deseja ser reconhecida.

Essa camisa fez sucesso entre os torcedores, sendo a mais vendida pelos Cangaceiros. Ela já foi, inclusive, relançada em 2014, tamanha a demanda. A nova versão teve apenas uma alteração: foi substituído o escudo de 2011 da torcida por outro mais recente.



Figura 13: camisa em homenagem a Dominguinhos

Uma das camisas criadas em 2013 tem as cores alvinegras como predominante, estando o laranja presente apenas em detalhes. A parte frontal traz o novo emblema da torcida, um pouco diferente do que era usado anteriormente, à altura do peito em tamanho grande. Este emblema é arredondado por pequenos pedaços de formas indefinidas na cor laranja. Elas dão, ao mesmo tempo, o visual de raios do sol e também de rachaduras de solo do sertão em tempos de seca. É este sertão que serve de cenário para o desenho estampado na parte frontal. Nele se veem alguns cactos acompanhados dos restos mortais de um boi. Este desenho adota um estilo semelhante à xilogravura, costumeiramente usada em literatura de cordel. Esta literatura é caracterizada por histórias contadas em pequenos versos, e outro elemento presente na camisa é justamente um verso:

Sou daquela gente forte
 Que tira do chão duro
 O seu sustento, seu pão
 Sempre cheio de orgulho
 com muita fé no coração.

Há nestas frases algumas referências a elementos tidos como típicos do sertão, como o chão duro, as dificuldades de sustento (sempre combatidas com força, bravura) e a religiosidade. Apesar dessas adversidades, essa gente forte mantém seu orgulho. A bandeira do estado do Ceará está presente na parte inferior direita. A manga direita traz o emblema antigo da torcida, e a esquerda o escudo do Ceará SC.

Aldo descreve as partes dessa camisa que mais lhe são significativas:

A gente colocou nas costas da camisa uma sanfona, um chapeuzinho dele [Dominginhos], né, de vaqueiro, e o nome dele passando, assim, no meio da sanfona. Uma pequena homenagem, depois que ele morreu, porque era mais do que justa, e foi uma camisa da gente de dois anos. Aí na frente a gente colocou o sol do sertão, com umas imagens bem sertanejas na frente, assim, de seca, o boi morto, ali, e tal, aquela coisa bem representativa (Aldo).

As costas da camisa estampam o nome da torcida em sua parte superior, nas cores alvinegras e laranja. A maior parte do espaço é tomada pelo escudo do time à direita e por uma sanfona à esquerda. Toda essa arte, a exemplo da parte frontal, está nas cores alvinegras e seguindo um estilo semelhante à xilogravura. Lê-se inscrito na sanfona o nome de Dominginhos, cantor, compositor e sanfoneiro pernambucano que integrou, durante anos, a equipe de músicos de Luiz Gonzaga e que mantinha semelhanças artísticas com o seu “mestre”, incluindo a temática do sertão nas músicas. Dominginhos morreu em junho de 2013. Esta camisa dos Cangaceiros, assim, tinha o objetivo também de uma homenagem póstuma. É possível ver traços que se assemelham às gotas de chuva que remetam ao sertão da fartura. Enquanto a parte frontal retrata o sertão da seca e da morte, as costas falam do sertão da alegria, da chuva e do forró. O time do coração também está ao lado desses ícones de festa. A parte de baixo da camisa traz a frase “Orgulho de ser nordestino!”, que já pôde ser vista em outros materiais da torcida.



Figura 14: Camisa sobre Patativa do Assaré

A camisa em honra à memória de Patativa do Assaré foi lançada em janeiro de 2015. Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa, (1909-2002) foi um poeta popular cearense nascido na região do Cariri, localizada no semiárido nordestino. Sua obra foi marcada pelas descrições da vida no sertão sob a experiência pessoal do autor. O geógrafo Jörn Seemann comenta que Patativa “traduz a paisagem conforme o seu próprio olhar, sua imaginação, sua cosmologia e seus sentimentos” (SEEMANN, 2007, p. 52). Assim como Luiz Gonzaga, o Nordeste declamado por Patativa é marcado pelas dificuldades climáticas e pobreza:

Patativa descreve a vida no sertão como relação entre cultura e natureza. Os castigos da seca e a espera pelas chuvas deixam um cenário desolado do Cariri. Na estiagem, a paisagem verde do Cariri dá lugar a um cinzento cenário de vegetação raquítica, lavouras perdidas e falta de água (SEEMANN, 2007, p. 62).

Uma das poesias mais conhecidas de Patativa, “A triste partida”, publicada em 1966, é emblemática ao narrar a migração de uma família nordestina fugindo da seca em direção a São Paulo. O sofrimento pelo abandono da terra natal, a saudade do sertão e as grandes dificuldades na cidade são destaque nos versos. Essa obra foi transformada em música por Luiz Gonzaga. Os ritmos dançantes que o cantor geralmente adotava deram lugar a uma toada lenta e lamuriosa²⁴.

²⁴ Uso aqui a transcrição da letra feita por Sulamita Vieira (VIEIRA, 2012, p. 205-209), respeitando as peculiaridades fonéticas da linguagem oral.

Setembro passou
 Cum oitubro e novembro
 Já tamo em dezembro
 Meu deus, que é de nós,
 Assim fala o pobre
 Do seco Nordeste
 Cum medo da peste
 Da fome feroz

(...)

Nós vamo a São Palo
 Que a coisa tá feia
 Por terras aleia
 Nós vamo vagá
 Se o nosso destino
 Num for tão mesquinho
 Pro mesmo cantinho
 Nós torna a volta

A toada termina sem final feliz. A última estrofe mostra que o desejo de um dia voltar à terra natal dá lugar à saudade e à desesperança:

Distante da terra
 Tão seca, mais boa
 Exposto à garoa
 à lama e o paú
 Faz pena o nortista
 Tão forte e tão bravo
 Viver como escravo
 No Norte e no Sul

Vê-se que o sertão da seca, da pobreza, da saudade de da partida tem um espaço importante na obra de Patativa. Por outro lado, assim como nas músicas de Luiz Gonzaga, os dias de festa, alegria e fartura também são lembrados, e ocorrem especialmente em épocas de chuva:

A chegada das chuvas transforma a paisagem em um ambiente de esperança, alegria, festa e cores: quando chove, “*o nosso sertão amado, estrumicado e pelado, fica logo transformado no mais bonito jardim*” (A festa da natureza, Patativa do Assaré (1978)). Realiza-se uma transformação na paisagem (SEEMANN, 2007, p. 62. Destaques no original).

Deste modo, novamente a torcida homenageia um artista nordestino que teve sua carreira marcada pela narração da vida sertaneja. Vida geralmente de seca e dificuldades, mas com espaço também para os festejos. Consolida-se cada vez mais a ideia de que é esse o imaginário de Nordeste que os Cangaceiros reconhecem, conservam e divulgam.

A camisa com o tema Patativa do Assaré traz, na parte frontal, uma grande figura do poeta em estilo de xilogravura. Essa técnica, como já dito, é muito usada na literatura de cordel, que por sua vez foi um dos veículos mais populares na divulgação da obra de Patativa. A figura do artista divide espaço com o escudo do time. Ao fundo o céu laranja mostra o sol forte e duas figuras de aves do sertão. O emblema da torcida está localizado à altura do peito, no centro.

As costas mostram outro desenho de xilogravura. Dessa vez é uma família sertaneja, aparentemente mudando-se da sua terra, tal como narra "A triste partida". A vegetação caatinga e o solo rachado indicam o motivo dessa migração. Acima, um verso de Patativa:

Eu sou de uma terra que o povo padece
mas não esmorece e procura vencer.
Da terra querida, que a linda cabocla
De riso na boca zomba no sofrer.
Não nego meu sangue, não nego meu nome.
Olho para a fome, pergunto o que há?
Eu sou brasileiro, filho do Nordeste,
Sou cabra da Peste, sou do Ceará"

A manga esquerda traz novamente o escudo do time, enquanto a direita estampa a mesma foto do poeta que é vista na parte frontal.

Luiz Gonzaga, Dominginhos e Patativa do Assaré. São as três personalidades artísticas que receberam homenagens dos Cangaceiros em forma de camisas. Perguntei a alguns Cangaceiros a razão dessa escolha:

Olha, porque os caras são símbolos, né, do Nordeste. Apesar do Luiz Gonzaga não ser cearense, né, a gente tinha que representar, porque o cara, ele simboliza não só o Nordeste, o Brasil geral, ele extrapolou as fronteiras (...). E o Patativa, também, não teve aquela coisa que o Luiz Gonzaga teve de mídia, mas é um cara que era um poeta, era semi-analfabeto, e ficou super conhecido pelas suas poesias matutas, e tal. E destacou o nome do nosso Ceará (...). A gente fez uma também depois que o Dominginhos morreu, em homenagem ao Dominginhos (..). Uma pequena homenagem, depois que ele morreu, porque era mais do que justa (Aldo).

A explicação para a escolha, na visão de Aldo, é que esses três artistas simbolizam e difundiram "o Nordeste" para o Brasil. Aluísio vai ao encontro dessa ideia:

Então a gente resolveu mostrar o Luiz Gonzaga, os valores do Ceará, do Nordeste, dar uma ênfase em cima desses temas, né. O Patativa do Assaré, Luiz Gonzaga, esses valores do nosso Nordeste (Aluísio).

Braga, aquele componente que confessou não ver significado especial na cor laranja, dessa vez mostrou ter uma explicação para essas homenagens. Ele cita especificamente o “Rei do Baião”:

Porque representa muito o Nordeste. Porque você sabe que, muitas vezes, a maioria dos cantos que o Ceará vai jogar fora, até a nossa torcida representa, o nordestino é sempre criticado. Então essa torcida foi fundada para amor ao Ceará e ao Nordeste, né, passou a representar os dois. Tanto o Ceará quanto o Nordeste (Braga).

O entrevistado destaca a questão do preconceito que os nordestinos sofreriam em outros estados. Ele traz o exemplo dos torcedores do Ceará SC que escutam xingamentos discriminatórios quando vão assistir aos jogos da equipe em outras regiões, tal como é dito que aconteceu com Aldo. Braga também fala sobre o duplo compromisso dos Cangaceiros: tanto apoiar o Ceará quanto valorizar a cultura nordestina.

Walter também fala em termos de oposição nós nordestinos vs eles “de fora”. Prestigiar esses três artistas seria uma forma de valorizar o que é “nosso”, nordestino, e não o que é “de fora”:

Rapaz, além de ser um representante do Nordeste, né, do nosso forró, que é nossa cultura, a gente toca dentro do estádio também (...). E eu acho que é pra homenagear eles, o Nordeste, dá mais valor à gente do Nordeste, e não o pessoal lá de fora, tá entendendo? Eles são um ícone da música brasileira. O Patativa, o Luiz Gonzaga, ah, é foda, né? E também o Dominginhos, né? (Walter).

Célio, mesmo mais econômico nas palavras, é mais um que vê aqueles três artistas como representativos do Nordeste:

Realmente a gente tem várias camisas que têm várias homenagens: ao Patativa do Assaré, nos temos homenagem ao rei do baião, que é o Luiz Gonzaga, ao Dominginhos. Sempre homenageando uma figura cearense (Célio).

Aqui o entrevistado se refere aos três como cearenses, embora Luiz Gonzaga e Dominginhos tenham nascido em Pernambuco. Talvez tenha sido simples ato falho, mas há a possibilidade também de isso demonstrar falta de conhecimento mais aprofundado sobre os homenageados. Se essa segunda hipótese estiver correta, isso mostra que nem todos os torcedores estão plenamente informados (ou mesmo interessados) sobre a história do artista que recebe a honraria. Já levando em conta esse potencial desconhecimento de alguns

integrantes sobre o conteúdo das homenagens, perguntei a Célio sobre quem toma a frente nas decisões desse tipo:

Parte mais da diretoria. Porque a gente quer puxar muito a cultura nordestina, né? A nossa torcida tem vários com chapéu de couro. O Mário, que é o presidente, ele sempre usa o chapéu de cangaceiro, tem outros com chapéu de couro. E nos formatos das camisas a gente sempre quer homenagear uma figura bem nordestina, mesmo (Célio).

O entrevistado comenta apenas que a escolha fica sob a responsabilidade dos diretores. Em seguida, volta a falar sobre a relevância que esses artistas tiveram em relação à divulgação da cultura nordestina. Parece correto, então, afirmar que nem todos os integrantes estão envolvidos no processo de concepção das camisas e na escolha de personalidades-símbolos para a torcida. Isso mostra que, mais do que um discurso **dos** Cangaceiros, trata-se de um discurso de **alguns** Cangaceiros. Os demais podem aceitar esse discurso ou mesmo ficarem indiferentes.

Perguntei a alguns torcedores se eles tinham o costume de ouvir músicas de Luiz Gonzaga antes do surgimento da torcida. A maioria das respostas afirma que, embora já existisse o contato, eles passaram a aprender muito mais sobre esse artista a partir do convívio na torcida:

Assim, no meu dia a dia, não vou dizer no meu dia a dia, mas vivenciei momentos do Luiz Gonzaga em colegial, faculdade. Tipo, na minha faculdade tive a disciplina Dança. E aí buscou muito essa temática do Luiz Gonzaga, do forró pé de serra mesmo, do sertão, entendeu (...)? Mas acredito que agora bem mais, na torcida, por conta da valorização da nossa cultura (Gotardo).

Gotardo conta que seu contato com Luiz Gonzaga se dava geralmente no período de festa junina, o que de fato é bastante comum. A música "Olha pro céu", por exemplo, é um clássico dessas festividades. Mas ressalta que, por conta da torcida, essa frequência aumentou bastante.

Até eu mesmo, quando entrei na torcida, aprendi a gostar mais do Luiz Gonzaga. Fui até a história, fui saber direitinho como era a história do Luiz Gonzaga, e realmente nossa torcida tem a cultura nordestina (Célio).

Para Célio, a entrada na torcida significou mais do que aumentar o contato com as músicas de Luiz Gonzaga, seu próprio gosto pelo cantor teria aumentado, bem como a vontade de se informar sobre a história do artista.

Aldo, por sua vez, afirma que mesmo antes da torcida já tinha o hábito de frequentar festas de forró pé-de-serra:

Eu sempre gostei realmente disso, entendeu? E festas, também, forrós, eu sempre gostei muito de dançar forró. Sempre que posso, andava muito no Kukukaya, ali, que é uma coisa bem regional, bem característico mesmo, e sempre andei ali (Aldo).

Deste modo há, entre os Cangaceiros, uma variedade de conhecimentos e interesses a respeito dos artistas mais homenageados pela torcida. Enquanto alguns afirmam já terem contato desde muitos anos, outros apontam o ingresso na torcida como motivador para se conhecer melhor aquelas obras. Isso demonstra como Luiz Gonzaga é capaz de despertar o reconhecimento como símbolo de nordestinidade mesmo entre os que não conhecem bem sua obra e história. Talvez, não por acaso, ele seja o principal homenageado da torcida, a grande fonte de inspiração nas vestes e nas músicas.

Já próximo à conclusão deste trabalho, os Cangaceiros lançaram uma nova camisa:

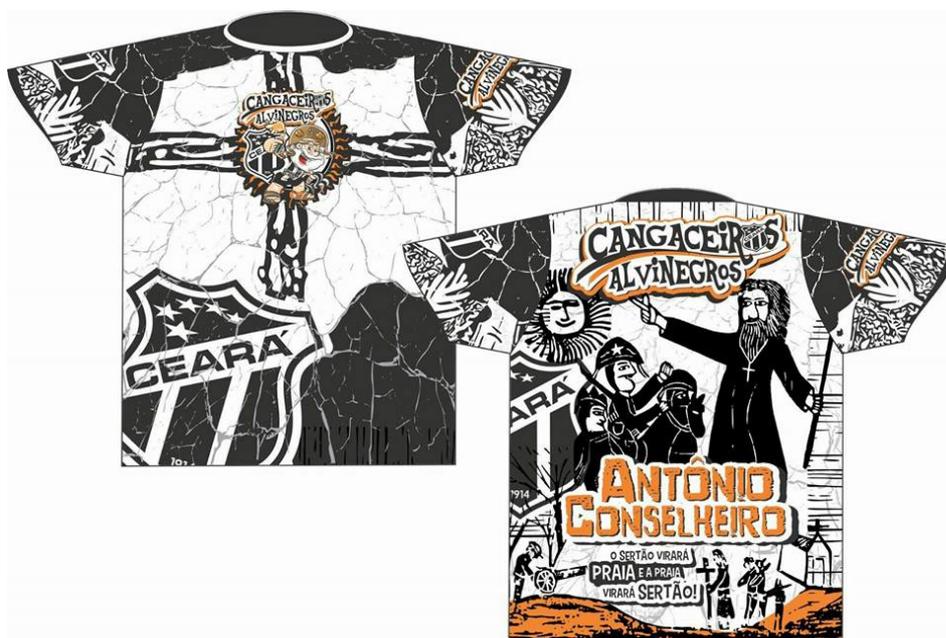


Figura 15: Camisa alusiva a Antônio Conselheiro

A primeira camisa do ano de 2016 foi feita em homenagem a Antônio Conselheiro. Ventura (1993) assim resume a saga dessa personalidade marcante da história brasileira:

Em 1893, o peregrino Antônio Conselheiro se instalou, com seus seguidores, na fazenda abandonada de Canudos, às margens do rio Vaza-Barris, no nordeste da Bahia. Criou Belo Monte, ou Canudos, como refúgio sagrado contra as secas da região e as leis seculares da República. Conselheiro se opunha à República, que via como a personificação do Anti-Cristo, e criticava o casamento civil e o registro de mortes e nascimentos,

introduzidos com a constituição de 1891. Acreditava no retorno da monarquia, forma política tida como eterna.

Foi uma guerra moderna, longa e sangrenta. O exército empregou contra Canudos, em 1897, equipamento bélico atualizado: carabinas Mannlicher, metralhadoras Nordenfelt, canhões Krupp e bombas de dinamite. Foi uma guerra de extermínio, que o escritor-engenheiro [Euclides da Cunha] denunciou em **Os sertões**, de 1902, cinco anos após o massacre da vila (VENTURA, 1993, p. 41, destaques no original).

Toda a camisa é marcada por imagens retratadas na técnica de xilogravura. As cores alvinegras são predominantes, com espaço também para o laranja em alguns detalhes. A parte frontal traz uma cruz feita de madeira. Vê-se no ponto de interseção o escudo da torcida, já com a mascote em sua versão de 2015. Abaixo, o escudo do Ceará em tamanho grande de um lado; do outro, o desenho de uma montanha. Essa parte da frente é inteiramente marcada por linhas negras que simulam o solo rachado do sertão.

As costas trazem, no topo, o nome estilizado da torcida, em preto, branco e laranja. O escudo do Ceará está presente, substituindo a letra “O” de “Cangaceiros”. A parte central mostra, também em xilogravura, uma arte de Antônio Conselheiro pregando para alguns sertanejos. Novamente vemos o escudo do time, agora ao lado dos fiéis. Acima deles está o sol. Diferente do que vimos em outras camisas, aqui ele está antropomorfizado com olhos, nariz e boca humanos. Também não é retratado como sol castigador, inclusive está sorrindo. Não é por acaso, afinal, ele parece estar assistindo à pregação. Abaixo se vê um desenho representando a Guerra de Canudos. À esquerda, um canhão das tropas sob ordens do governo brasileiro; do outro, os sertanejos desarmados, tendo à sua frente, Conselheiro, municiado apenas de sua grande cruz. É possível ver uma pequena capela ao fundo. O solo dessa cena está na cor laranja. Também nessa cor está o nome “Antônio Conselheiro”, estampado sobre a cena de guerra. A manga esquerda traz o escudo do Ceará SC; a direita, o emblema dos Cangaceiros. Ambas as mangas têm ainda artes retratando a vegetação do sertão.

Antônio Conselheiro e o massacre em Canudos são símbolos do sertão de secas e injustiças. Representam também uma imagem de religiosidade, força e valentia das pessoas do sertão. Daí o interesse dos Cangaceiros em fazer uma homenagem a elas através das camisas. Quando divulgou a venda desse modelo de camisa na rede social Facebook, a torcida deixou esta mensagem:

Nesta próxima quinta feira, será a estreia do Ceará no PV pela Copa do Nordeste 2016. Reservamos essa data pra lançar nossa nova camisa dos Cangaceiros modelo 2016. A mesma irá fazer uma homenagem a Antônio Conselheiro. Um grande Nordestino nascido no Ceará na cidade de Quixeramobim. Líder da famosa resistência de Canudos. #OrgulhoDeSerNordestino²⁵

A palavra “resistência” reforça a ideia de valentia, garra sertaneja. Conselheiro foi lembrado pelo seu papel como líder político de Canudos, e não por sua religiosidade, embora esta seja marcante na camisa. A vestimenta foi lançada em uma data específica, o primeiro jogo do time em solo cearense na Copa do Nordeste de 2016, o grande torneio de futebol da região. A mensagem se encerra com a *hashtag*²⁶ #OrgulhoDeSerNordestino, lema da torcida.

Antes de encerrar este tópico sobre as camisas, é importante citar mais uma: a comemorativa de três anos da torcida. Isso porque é ela que traz a frase que serviu de inspiração ao título desta tese:



Figura 16: “três anos nordestinando as arquibancadas”

A camisa comemorativa de três anos de fundação da torcida, lançada em 2014, tem a cor preta como predominante, mas com uma boa quantidade de branco e laranja em estilo rajado. A parte frontal traz o emblema da torcida à altura do peito.

²⁵ Disponível em: < <https://goo.gl/IQPzJ6> >. Acessado em 13 de fevereiro de 2016.

²⁶ *Hashtags* são palavras-chave usadas em mídias sociais como Facebook e Twitter. É precedida pelo sinal gráfico de cerquilhas (#). Quando usa mais de uma palavra, a *hashtag* é escrita sem espaço entre elas.

Ele também está na manga direita, enquanto a esquerda mostra a frase “3 anos”. Vemos o escudo do time em tamanho grande posicionado no canto esquerdo inferior. Já no direito está um pequeno selo que traz o ano de fundação do Ceará SC (1914) e cinco estrelas que também são parte integrante do escudo do time.

As costas têm o nome da torcida em sua parte superior escrito em letras pretas com contorno branco e detalhe laranja. Abaixo está o Vovô Cangaceiro. O escudo do clube está ao lado da mascote. A parte de baixo tem como destaque a frase “3 anos” e, abaixo, “Nordestinando as arquibancadas!”. Fica claro, aqui, um dos grandes objetivos oficiais da torcida, levar a sua imagem de cultura nordestina às arquibancadas; incrementar o ambiente das torcidas de futebol com elementos do Nordeste.

Separei nesta parte do trabalho as camisas que considerei mais significativas, como o primeiro modelo lançado e as camisas que homenageiam personalidades nordestinas. Vejamos agora algumas das faixas dos Cangaceiros.

3.5 Faixas

As faixas são outro tipo de material comum a qualquer T.O. Além de trazerem o nome da torcida, elas também podem conter seus lemas, escudos e mascotes. Existem as faixas confeccionadas para serem usadas na própria cidade onde a torcida e seu time são sediados e aquelas fabricadas para acompanharem a torcida em viagens a outras cidades e estados. As primeiras, devido a maior facilidade de logística, costumam ser maiores e mais bem produzidas. As outras são menores, visando à facilidade de transporte. É comum que algumas torcidas, em tempos de instabilidade no clube, criem faixas de protesto aos jogadores ou à diretoria, além de posicionarem as demais de cabeça para baixo, em sinal de insatisfação.

Esse tipo de material desempenha ainda a função de demarcar territórios no estádio. De acordo com o que foi visto no capítulo anterior, as torcidas organizadas costumam ocupar espaços fixos nas arquibancadas. Suas faixas ajudam a estabelecer visualmente as fronteiras. Justamente por conta de seu papel demarcador, esse tipo de material costuma ser o primeiro a ser posicionado pela torcida ao chegar às arquibancadas.

As *faixas* também são marcas de diferenciação das Torcidas Organizadas (...). Basicamente são utilizadas como endereços na demarcação e delimitação de *territórios* nas arquibancadas nos dias de jogos. Uma maneira de estes torcedores demonstrarem e expressarem descontentamentos com os times ou dirigentes dos clubes ou ainda sinalizarem algum protesto, consiste em posicioná-las de cabeça para baixo (...). Nos rituais dos jogos, as faixas são as marcas que, por servirem na delimitação do espaço a ser ocupado nas arquibancadas, primeiro são colocadas a público e que, pelo tamanho, são facilmente identificáveis (TOLEDO, 1996, p. 59).

Percebe-se como as faixas são um instrumento importante de identificação para uma Organizada. Deste modo, é relevante tomar nota de alguns desses materiais produzidos pelos Cangaceiros.

Assim como as camisas e as bandeiras, também as faixas dos Cangaceiros foram encomendadas aos profissionais que cuidam da fabricação desse material para a torcida Cearamor. Nem todos os componentes ficam responsáveis por fixar as faixas nas arquibancadas. Há algumas pessoas em específico que costumam fazer isso. Ser responsável por pendurar a faixa significa ter que chegar ao entorno do estádio horas antes do início da partida e ficar menos tempo confraternizando e bebendo com os colegas. É, de fato, uma função de responsabilidade. Os componentes que levam o material para dentro do estádio passam por uma entrada específica, que não é a mesma do público em geral. Lá, os equipamentos são vistoriados pela polícia, para que nenhuma torcida entre com objetos ilegais, como armas, bebidas ou psicotrópicos.

García é um dos responsáveis por isso. Em sua fala, destaca que não encara essa tarefa como fardo, mas sim com satisfação:

Eu sempre procuro chegar cedo no estádio, por quê? Pra colocar a faixa, pra ajeitar uma bandeira, quando a gente entra, a bateria, já deixar ali organizada, e tudo. É uma coisa que eu faço, não porque é a minha obrigação. Eu até falei pro presidente, eu entrei pra torcida pra ser da bateria, mas eu faço questão de ajudar no que eu posso, no que eu puder ajudar (García).

O primeiro contato que tive com García foi na estreia do Ceará SC no campeonato estadual de 2015, em janeiro. Naquela ocasião eu estava no ponto de concentração dos Cangaceiros na Praça da Gentilândia, a poucos metros do estádio Presidente Vargas. Eu conversava com um diretor da torcida enquanto ele retirava alguns materiais de dentro do carro do presidente. Foi quando García se aproximou. Fomos apresentados e logo aquele componente começou a conversar com o diretor sobre a ausência de alguns integrantes da bateria, sobre como isso poderia tornar

inviável para a torcida executar as músicas naquele dia. E de fato foi o que aconteceu. Depois da conversa, García pegou algumas faixas e bandeiras e se dirigiu ao estádio.

Organizar o material nas arquibancadas é um trabalho voluntário que exige certa dose de sacrifício. Como já foi mencionado, os responsáveis por isso perdem algum tempo de confraternização com os demais componentes. Em outro jogo resolvi entrar cedo no PV, exatamente para acompanhar esse processo. É uma atividade lenta e quase solitária. Três ou quatro componentes chegam às arquibancadas ainda vazias e começam a pendurar as faixas e, sem seguida, desfraldar as bandeiras. Muitas vezes o presidente é um desses integrantes que entram cedo e ajudam na arrumação.

O compromisso de García em ajudar “no que puder” indica que esse trabalho voluntário, para ele, é algo prazeroso. A doação “desinteressada” é algo comum à figura do torcedor. Oliveira Junior nos lembra de que “um dos aspectos que marcam a relação do torcedor com o clube é o incentivo, o incitamento à fidelidade e à entrega do indivíduo em prol do clube” (OLIVEIRA JUNIOR, 2012, p. 57). Essa dedicação sem fins de ganho pessoal é, na visão de Damo (2005), fruto da influência que o romantismo exerceu no futebol ainda na gênese desse esporte.

Pretendendo-se estabelecer os nexos históricos para o modo como os torcedores entregam-se à paixão pelos seus clubes, exigindo o mesmo de seus atletas, tais não deveriam deixar de ser matizados pelo diletanismo, próprio do romantismo.

É notável, entretanto, que enquanto o romantismo em geral declinou ao longo do século XX, o amor aos clubes expandiu-se. O que aproxima um do outro é uma espécie de prazer decorrente da entrega, de dar-se por inteiro, sem restrições, de dar-se à morte, de morrer por amor ou de amor (...). Há qualquer coisa de romântico no amor que o soldado demonstra pela Pátria, entregando-lhe a própria vida. E não há menos romantismo nos torcedores do Grêmio quando cantam “até a pé nós iremos para o que der e vier”, seguidamente quando o time perde (DAMO, 2005, p. 85).

Esse valor da entrega do torcedor ao time pode ser adaptado na relação do componente com sua torcida. Fazer parte dela, contribuir nas suas atividades, mostrar-se prestativo à sua coletividade, seriam atributos gratificantes e recompensadores por si só.

A ideia de desinteresse do torcedor pelo clube ou torcida deve, contudo, ser relativizada. Isso porque a falta de interesse por benefícios, por exemplo, econômicos, pode trazer subjacente (talvez inconscientemente) uma busca por

prestígio, reconhecimento ou quem sabe ganhos políticos. “Por trás da aparência piedosa e virtuosa do desinteresse, há interesses sutis, camuflados” (BOURDIEU, 1996, p. 152).

Essa discussão sobre desinteresse veio a partir de uma pequena fala do cangaceiro García a respeito do trabalho voluntário de fixar as faixas. Voltemos então a elas.



Figura 17: Faixa com o nome completo da torcida.

Esta é a principal faixa dos Cangaceiros no estádio Castelão. É a que demarca seu lugar nas arquibancadas. Vê-se como ela é predominantemente na cor preta. O nome “Cangaceiros Alvinegros” é escrito apenas com linhas brancas que marcam o contorno das letras. Do lado direito, está o escudo do Ceará SC; à esquerda, o primeiro emblema da torcida.



Figura 18: Faixa “Orgulho de ser nordestino”.

O material anterior prioriza as referências ao clube, através do escudo do time e das cores alvinegras. A faixa que vemos agora, por outro lado, tem como principal objetivo divulgar o lema dos Cangaceiros: “Orgulho de ser nordestino”. O amor pela região Nordeste é o enfoque principal, sendo essa torcida a única do Ceará SC que possui uma faixa com esse tipo de tema. Esse material costuma ser exposto durante os jogos no estádio Presidente Vargas. O preto do tecido e o branco das letras seguem o padrão do time; o emblema da torcida, colocado à esquerda, é aquela primeira versão, o que demonstra ser esta uma faixa criada logo no início da fundação da torcida. Tal fato demonstra como a intenção em manifestar o orgulho pelo Nordeste ocupava uma posição central na torcida. Os Cangaceiros estamparam já em uma de suas primeiras faixas o seu lema, que também está presente no primeiro modelo de camisas e no escudo original da torcida.

As figuras 17 e 18 foram retiradas do site oficial do Ceará SC, que a cada jogo na capital cearense costuma publicar no seu site e em mídias sociais uma série de fotos dos jogadores e da torcida, capturadas durante a partida. Isso demonstra que os Cangaceiros não estão “invisíveis”, mas sim já conseguiram conquistar um lugar enquanto torcedores. Uma posição não apenas reconhecida pelo clube, como também divulgada por ele.



Figura 19: um das faixas usadas durante viagens

As faixas nas viagens para outras cidades ou estados mostram a presença da torcida naquele lugar. Também reforçam, para todos os que a virem através da mídia, o compromisso daquele grupo com o time, acompanhando e apoiando onde ele estiver.

Conforme foi dito, é comum as torcidas organizadas produzirem faixas que são usadas preferencialmente em viagens. São materiais menores, mais práticos para a locomoção, mas que não deixam de trazer as mensagens primordiais que esse tipo de artefato deve ter. Esta faixa dos Cangaceiros, feita ainda no primeiro ano da torcida, mais uma vez segue o padrão em preto. O nome “Cangaceiros” está em letra branca. À esquerda está uma arte que remete ao primeiro emblema do clube: o escudo do Ceará SC encimado pela cabeça do Vovô vestindo um chapéu de cangaceiros. Um arco formado por listras grossas laranjas contornadas por linhas brancas está ao fundo desse desenho, criando o efeito de nascer do sol. Como foi visto, essa referência ao sol está presente em praticamente todos os elementos visuais dos Cangaceiros.

Desta maneira, as faixas, o principal material usado pela torcida para demarcar seu *território* nas arquibancadas, é usada pelos Cangaceiros para fazer referência a duas coisas principais: por um lado, o clube, através de seu escudo e suas cores; por outro, representações de Nordeste. Essas representações costumam se dar pela cor laranja, pelo chapéu de Cangaceiro e por listras que

simulam o sol forte. Além disso, há uma faixa especialmente fabricada para divulgar o “orgulho de ser nordestino”.

3.6 Bandeiras

As bandeiras são outro tipo de material recorrente entre os torcedores organizados. Algumas têm como suporte varas de bambu, que possibilitam o ato de tremular, causando um efeito estético positivo na festa da torcida nas arquibancadas. Outras são desfraldadas nas mãos dos próprios torcedores, cobrindo parte deles como uma espécie de enorme lençol. Este último exemplo contempla os chamados “bandeirões”, que são os materiais grandes demais para serem manipulados pelos suportes. As bandeiras das torcidas geralmente trazem símbolos como seu emblema, o escudo do clube, as mascotes, frases, lemas e ainda figuras admiradas, como ídolos do time ou personalidades. Não é incomum, por exemplo, ver em diversas torcidas pelo Brasil uma bandeira com o rosto de Bob Marley ou Che Guevara. Vejamos, a seguir, algumas das bandeiras que os Cangaceiros levam para o estádio.

É válido lembrar que elas não são utilizadas em todas as partidas, havendo um revezamento. Apenas os jogos considerados de grande importância mobilizam o uso da maior quantidade de materiais possível. Em confrontos pouco importantes, que pouco irão alterar o rumo do time em um campeonato, é possível até mesmo que não se veja nenhuma bandeira.

Os anos de 2013 e 2014, na cidade de Fortaleza, assistiram ao surgimento de diversas regras por parte do Ministério Público Estadual restringindo a atividade de algumas torcidas organizadas do Ceará SC e do Fortaleza EC. A justificativa é que essas medidas seriam uma punição aos atos de briga e violência que esses grupos praticariam em dias de jogos. A medida afetou a Cearamor pelo lado dos alvinegros, bem como a TUF e a Jovem Garra Tricolor (JGT), pelo lado do Fortaleza²⁷. A punição determinava que nenhum torcedor poderia entrar no estádio portando qualquer material que remetesse à Organizadora enquadrada. Houve ainda o risco de extinção dos grupos citados. Entretanto, gradativamente ao longo de 2014 o Ministério Público começou a ceder novamente espaço àquelas torcidas que,

27 "Com risco de extinção, JGT, TUF e Cearamor têm 30 dias para apresentar defesa ao MP-CE" <<http://esportes.opovo.com.br/app/esportes/futebol/futebolgeral/2013/09/17/noticiafutebol,2632006/>>. Jornal O Povo Online, 17/09/2013. Acesso em 01/11/2014.

embora ainda não estejam autorizadas a usar bandeiras, faixas e camisas, já estão autorizadas a pelo menos utilizar suas baterias, que são instrumentos de grande ajuda para a *festa* nas arquibancadas e de motivação para os torcedores e jogadores.

Percebe-se que os Cangaceiros não foram afetados com aquelas punições. Entretanto, uma medida foi imposta a todos os grupos de torcedores além de Cearamor, TUF e JGT: estava *proibido* o uso de bambus para dar suporte às bandeiras. Isto, certamente, limitou o uso desses materiais. Contudo, também no decorrer de 2014, essa medida foi sendo afrouxada e em algumas ocasiões os torcedores puderam tremular suas bandeiras nos estádios.

A decisão do Ministério Público em impedir o uso de materiais de torcidas organizadas nos estádios demonstra a importância desses adornos para a identificação da torcida e o fortalecimento de sua identidade de grupo.

Toledo (1996) destaca a importância que as bandeiras têm para as torcidas:

A representação estética do grupo através das bandeiras adquire uma outra amplitude. Enquanto as camisas tornam-se mais visíveis nas ruas e trajetos por onde os torcedores passam, revelando uma identificação mais face a face, por outro lado, as bandeiras são mais notadas que as camisas a partir das arquibancadas. Esta preocupação estética é sempre reiterada pelos torcedores organizados. Quanto mais bandeiras e quanto maiores os *bandeirões*, maior é o prestígio de uma Torcida Organizada (TOLEDO, 1996, p. 58).

Vejamos, então, algumas das bandeiras dos Cangaceiros Alvinegros que, do mesmo modo que as camisas, também são confeccionadas, via encomenda, para profissionais que também fazem materiais da Cearamor:



Figura 20: bandeira com o primeiro escudo da torcida

Esta é uma das primeiras bandeiras dos Cangaceiros. Evidência disso é o uso do primeiro emblema da torcida, que ocupa quase todo o espaço. As tiras de couro que cruzam o peito de algumas camisas também estão presentes nesta bandeira, partindo dos seus quatro cantos em direção ao escudo. São da cor laranja, com detalhes em preto e branco. O restante do espaço é branco, com caracteres em linhas pretas desenhadas de maneira a simbolizar o chão rachado do sertão. Apesar de, nesta foto, a bandeira ser segurada pelas próprias mãos dos torcedores, usualmente nos estádios ela é vista com o suporte de bambu.



Figura 21: *bandeirão* da torcida. Na parte superior da imagem, tremulando no Estádio Presidente Vargas. Na parte inferior está o desenho que serviu como base à sua confecção.

O *bandeirão* da torcida tem as cores alvinegras como predominantes, ficando o laranja apenas como complementar. A maior parte dele é branca, com duas linhas pretas horizontais, uma em sua parte superior, a outra na inferior. Estão destacados o Vovô e o escudo do Ceará SC. O velhinho segue o mesmo desenho da bandeira vista anteriormente, com a diferença de estar vestindo, agora, o uniforme do time. Veem-se, no segundo plano, listras pretas e brancas, separadas por linhas laranjas, representando o nascer do sol. Uma pequena mancha laranja no ponto de convergência dessas linhas mostra o seu ponto de nascimento. Na parte superior do *bandeirão*, em letras pretas com contornos alvinegros, a palavra “Cangaceiros”; já na parte de baixo, com estética igual, “Alvinegros”.



Figura 22: bandeira em homenagem a Luiz Gonzaga

O centenário de nascimento de Luiz Gonzaga aconteceu em 2012. Os Cangaceiros celebraram a ocasião com a criação de uma bandeira em homenagem ao músico. Conforme já foi dito, não é incomum que torcidas organizadas criem bandeiras em homenagem a personalidades, mesmo que elas não estejam ligadas ao clube, como é o caso de Bob Marley e Che Guevara, por exemplo. A Cearamor é uma das que ostenta esse tipo de homenagem ao cantor jamaicano. Os Cangaceiros, entretanto, escolheram outra figura pública para prestar sua reverência: um artista que teve na região Nordeste não apenas o seu berço, como também a temática de suas músicas.

Esta bandeira também tem o predomínio das cores alvinegras, com detalhes na cor laranja. O destaque está na figura de Luiz Gonzaga com sua aparência artística: o chapéu de couro, a sanfona e sua característica “enorme alegria estampada no rosto” (VIEIRA, 2012, p. 95). Todos os traços estão em linhas pretas, sendo o branco a cor de preenchimento do desenho, que está posicionado dentro de um círculo negro.

O escudo do Ceará SC está posicionado em um dos lados desse círculo; do outro, uma estrela de David: adorno que o sanfoneiro costumava usar como enfeite de seu chapéu. Parece não haver uma explicação objetiva para a utilização dessa estrela por parte do sanfoneiro. Este “mistério” ajuda a compreender como a construção da própria imagem artística feita por Luiz Gonzaga é marcada não por

uma referência direta ao sertanejo ou ao cangaceiro, mas uma reinterpretação de símbolos, sentidos e imagens que acaba por inventar uma nova figura. Trata-se de um processo criativo que não é rígido, mas sim marcado pelo movimento (VIEIRA, 2012, p. 225 a 227).

Acima do círculo, a palavra “Cangaceiros” com letras pretas e detalhes laranja. Abaixo dele, a frase “100 anos” em letras brancas com contornos pretos e detalhes em laranja. Na parte inferior da bandeira, o nome do artista escrito com letras negras e contornos alvinegros. Toda a bandeira possui um contorno preto com aspecto ondulado, estimulando a sensação de movimento.

Gotardo comenta sobre essa bandeira:

Eu acho que essa ideia partiu mais do presidente. Que na época, o Luiz Gonzaga 100 anos, né, de Luiz Gonzaga, aí ele pegou essa temática, “rapaz, já que a gente é dessa temática, da nossa terra, e o Luiz Gonzaga é nordestino puro, né, então vamo botar (...)”. E aí a gente lançou camisa (...). A bandeira a gente fez, bandeira muito grande, bonita (Gotardo).

Novamente a informação de que o presidente seria a pessoa que mais tem iniciativa para escolher o tema e *design* dos materiais. O centenário de nascimento do cantor serviu como motivação para a homenagem. O entrevistado usa uma expressão que retoma a ideia de forte vínculo de Luiz Gonzaga com a sua região: “nordestino puro”.

3.7 Músicas e bateria

3.7.1 O primeiro CD dos Cangaceiros Alvinegros

Domingo no PV
o cangaço começou a tocar.
E chegou a Maria Bonita.
Tomei coragem e comecei a “queixar”²⁸

Comemorando seu primeiro aniversário, a torcida gravou um CD de músicas, em sua maioria paródias de canções já existentes. O CD, do mesmo modo que a maioria dos materiais dos Cangaceiros, também foi produzido pela mesma equipe que é responsável pelas gravações oficiais da Cearamor, em um trabalho encomendado. Sua capa e contracapa trazem vários elementos que já foram vistos em outros materiais.

²⁸ Trecho da música “Sou cangaceiro”. As mulheres da torcida são chamadas de Maria Bonita, em referência à famosa cangaceira esposa de Virgulino Lampião. “Queixar” é uma expressão coloquial (nordestina, talvez?) para o flerte, a paquera. PV [e a sigla do Estádio Presidente Vargas.



Figura 23: Capa do CD “Hoje eu não vou trabalhar, eu vou torcer pro CEARÁ!!!”

O último capítulo deste trabalho abordará detalhadamente a composição das músicas desse CD. Por hora, deve-se dizer que quase todas elas são paródias de canções famosas. O gênero musical que teve mais músicas parodiadas foi o forró, seguido de axé e sertanejo universitário. As paródias no CD foram gravadas em ritmo de *funk*, gênero amplamente usado pelas Organizadas do estado do Ceará, mas com a inserção ocasional de instrumentos como a sanfona e triângulo. Isso mostra como, ao mesmo tempo, as músicas estão em um ritmo tradicional no *campo* das Organizadas, enquanto buscam certa distinção trazendo instrumentos “regionais” a ele.

Levando em conta a proposta dos Cangaceiros em falar sobre o Nordeste, alguns componentes consideravam mais pertinentes a gravação em ritmo de forró, compreendendo que ele seria mais característico à identidade regional. Mesmo assim, a tradição das torcidas organizadas, pelo menos desta vez, conseguiu sobrepor-se à regional. De acordo com um interlocutor, essa decisão não foi consensual, fazendo até mesmo com que alguns componentes se afastassem da torcida. O motivo do afastamento não teria sido o *funk* por si só, mas o que ele simbolizava: a aproximação com um estilo tradicional de Organizadas. Isso mostra a força que o uso desse ritmo tem dentro desse universo.

O forró, mesmo adaptado para o *funk*, é marcante neste CD. Grande parte das músicas parodiadas pertence originalmente a esse ritmo. Nesta seleção estão tanto o chamado forró pé-de-serra quanto o forró eletrônico. Neste ponto é válido compreender no que consistem esses dois gêneros de forró e, deste modo, perceber o que a escolha de cada um deles pode significar em termos simbólicos.

Oliveira Lima e Freire (2011) afirmam que o forró pé-de-serra é aquele acompanhado pelo trio forrozeiro: sanfona, zabumba e triângulo, os instrumentos básicos desse estilo. Além disso, “caracteriza-se pela criação artística do homem sertanejo”. As autoras informam que atualmente esse gênero não tem mais alcançado grande sucesso comercial (*Ibid.*, p. 2). Por sua vez, o forró eletrônico é definido como:

[Surgido] a partir do início da década de 1990. Sua característica principal é a linguagem estilizada, eletrizante e visual, com muito brilho e iluminação, empregando equipamentos de ponta, com maior destaque para o órgão eletrônico, que aparentemente “substitui” a sanfona. Inspira-se na música sertaneja romântica (*country music*), no romantismo dito brega e na *axé music*. A banda é composta em média por dezesseis integrantes, todos jovens, incluindo músicos e bailarinas (OLIVEIRA & FREIRE, 2011, p. 2), destaque no original).

Assim sendo, o forró pé-de-serra produz uma narrativa sobre a vida no sertão tradicional, enquanto o eletrônico está mais ligado à tecnologia e ao contexto urbano. Trota (2009) afirma que boa parte da juventude do Nordeste brasileiro está muito mais ligada aos valores de “modernidade” e ao forró eletrônico do que ao pé-de-serra e seus temas tradicionais:

Para os jovens habitantes de cidades como Campina Grande, Feira de Santana, Garanhuns ou Caruaru, o interior nordestino imaginado através das obras de Luiz Gonzaga (o sertão, a seca, a pobreza, a ingenuidade) refere-se a algo distante no tempo e no espaço, retrato musical de uma

época e de um conjunto de idéias e pensamentos que simplesmente não existe mais. Esse jovem urbano do interior desenvolve novos modelos de identificação musical, aproximando tradições musicais locais de suas práticas e imaginários cotidianos como o *shopping center* ou o último lançamento cinematográfico norte-americano. De certa forma (...), este jovem urbano moderno (ou pós-moderno?) estabelece novos elos de identificação através da música e do consumo (TROTТА, 2009, p. 111-112).

O jovem de cidades marcadas, no imaginário social, como ligadas a uma modo de vida “rural”, prefere uma identificação musical ligada a um estilo de vida urbano, vinculado ao consumo da indústria de massa como os filmes *hollywoodianos* e as compras em *shoppings*. É de se imaginar que a juventude da capital, aonde esses bens chegam com mais rapidez e em maior quantidade, viva essa realidade de maneira ainda mais intensa. O autor fala a respeito:

Porém, não se pode restringir o sucesso do forró eletrônico à vertente jovem interiorana (...). O jovem das capitais também se identifica e frequenta com assiduidade as apresentações de forró eletrônico, absorvendo elementos identitários e construindo estratégias de pertencimento através dos valores, pensamentos e perfil ideológico do forró (TROTТА, 2009, p. 112).

O forró eletrônico é um gênero musical mais consumido no dia a dia pelos jovens do que o pé-de-serra. É possível que isso seja verdadeiro para o caso dos Cangaceiros, jovens adultos que vivem no contexto urbano. Já foi visto, por exemplo, que alguns componentes não tinham contato frequente nem informações aprofundadas sobre a obra de Luiz Gonzaga, sendo a chegada à torcida um incentivo para aumentar esse conhecimento.

Mesmo não sendo ouvintes assíduos do pé-de-serra, esses torcedores reconheceram esse ritmo como um símbolo da vida sertaneja, e como tal consideraram importante incorporá-lo ao repertório da torcida. Além disso, é válido considerar que o forró eletrônico, mesmo não cantando as coisas do sertão tradicional, ainda assim possui um vínculo forte com a região, visto que ele “atualmente movimentava numeroso público em feiras, arraiais, vaquejadas e eventos em todo Nordeste brasileiro” (TROTТА, 2009, p. 103).

3.7.2 Os instrumentos e as canções nos estádios

A bateria é um bem fundamental para a maior parte das torcidas organizadas. Ela é um importante recurso para se criar impacto sonoro nas músicas; ajuda na manutenção do ritmo certo e contribui na empolgação de torcedores e jogadores diante da *feira* promovida pela organizada. É possível ver em algumas torcidas – embora não nos Cangaceiros – que os integrantes da bateria vestem uma

roupa que os destaca dos demais. Os músicos da Cearamor, por exemplo, usam camisas de cor laranja que se destacam das vestimentas pretas de todos os que estão à sua volta. Isso demonstra a importância que essa alegoria tem para os grupos de torcedores organizados. Toledo (1996) afirma:

[A bateria] pode ser considerada o suporte sonoro que imprime ritmos específicos na realização das manifestações nas arquibancadas. Faz marcação dos cantos, *gritos de guerra*, dos hinos, dos xingamentos, e é responsável pela manutenção e sintonia dos movimentos e coreografias. Pelo tremular das bandeiras e entusiasmos dos integrantes (TOLEDO, 1996, p. 60, destaques no original).

Nota-se como a bateria tem uma posição-chave na torcida, sendo um ponto de apoio para que outros elementos como as músicas, coreografias, gritos de guerra, vibração da torcida e a festa de uma maneira geral ganhem estímulo e alcancem o melhor desempenho possível. Não por acaso, uma das punições mais comuns a uma torcida é exatamente proibir o uso da bateria nas arquibancadas.

Os instrumentos mais comuns são de percussão, como tambores, tarois e surdos. Com menos frequência, estão os trompetes. Sons de corneta também são ouvidos costumeiramente nas arquibancadas, embora muitas vezes elas sejam levadas por torcedores comuns.

Os Cangaceiros também possuem a sua bateria. Os instrumentos mais frequentemente usados por ela são: tambor, tarol e surdo. Raramente eles também utilizam o trompete. Além destes instrumentos, comuns a várias torcidas organizadas, os Cangaceiros por vezes usam mais um, este bem mais exclusivo:



Figura 24: triângulo

A torcida, em sua proposta de “nordestinar as arquibancadas”, levou até a sua bateria o triângulo: um instrumento fortemente vinculado ao forró pé-de-serra,

xote, baião, e gêneros relacionados. O triângulo, ao lado da zabumba e da sanfona, forma o chamado “trio forrozeiro”: conjunto de instrumentos tradicionalmente usados na execução daqueles ritmos. Esses dois outros instrumentos também são ocasionalmente usados pela torcida nos jogos, mas com menos frequência que o triângulo.

Essa tradição não é tão antiga: foi inventada por Luiz Gonzaga, que viu nos três a harmonia ideal para tocar suas músicas. Uma harmonia tanto sonora quanto simbólica. Ainda em início de carreira no “Sul”, Gonzaga viu na música pé-de-serra uma maneira de se destacar enquanto artista. Percebeu isso no dia em que, entre um tango, uma valsa e um bolero, resolveu tocar um forró das suas terras, ganhando um retorno extremamente positivo da plateia. Mas, em suas palavras, “não podia falar do sertão vestindo *black-tie*” (VIEIRA, 2012, p. 94), passando a procurar elementos “do sertão” para compor sua imagem artística. O chapéu de cangaceiro e o gibão foram os itens escolhidos, depois de as pesadas e desconfortáveis roupas de couro típicas do sertanejo terem sido descartadas. O cantor decidiu ainda que sua sanfona precisava de um acompanhamento. Mas haveria de ser um acompanhamento sertanejo, e chegou, então, ao couro da zabumba. Faltava ainda um instrumento agudo para chegar ao equilíbrio. Quando se lembrou daquele agudo instrumento usado por vendedores de “cavaco-chinês”, que ouvira em Recife²⁹, a criação estava concluída. “Fui buscar o couro no tambor que no sertão se chama ‘esquentá muié’ e, no vendedor de ‘cavaco-chinês’, descobri um instrumento vibrante agudo, pra brigar com a zabumba, o triângulo” (Luiz Gonzaga *apud* VIEIRA, 2012, p. 91).

29 Entrevista do cantor ao programa “Proposta”, TV Cultura, São Paulo, 1972. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=E6fsltmgm9k>



Figura 25: zabumba e triângulo “brigam” para alegrar o *arraiaá* do cangaço

Triângulo, zabumba e sanfona foram os instrumentos adotados pelo “Rei do Baião” para cantar sobre as coisas sertanejas. E foram também os escolhidos pelos Cangaceiros para musicar o Nordeste nas arquibancadas. Aldo explica o uso do “trio forrozeiro”:

A gente faz um forrozinho antes, no intervalo, a gente tem um triangulozinho, zabumba, leva. Toca, bota um caboclo pra cantar lá e acompanha, todo mundo canta. Teve algumas situações que a gente levou sanfoneiro também e fez a festa, né. a gente sempre procura tá, na medida do possível, mostrando as nossas raízes, né, as nossa características (Aldo).

Aqueles três instrumentos seriam os que melhor mostrariam as raízes características nordestinas. Eles, quando presentes, são executados não apenas durante os jogos, mas também nos intervalos, ocasião na qual a torcida faz uma pequena festa de forró. Célio também comenta essa confraternização, e a vê como um evento que atrai a atenção e simpatia de outros torcedores:

Eu acho que, quem chega lá, que realmente gosta do Ceará, e gosta dum bom forró, quando chega na torcida dos Cangaceiros (...) no próximo jogo já quer tá lá próximo da torcida (...). Quando chega lá, que vê um forrozinho às vezes num intervalo de jogo, às vezes a gente leva um sanfoneiro lá, leva uma zabumba, e faz muito forró. Acho que todo cearense gosta. E quem chega lá, na torcida, gosta também (Célio).

Uma dessas festas foi especial: no ano de 2012, a torcida promoveu uma comemoração junina no intervalo do jogo Ceará SC vs Clube Atlético Paranaense. Os Cangaceiros levaram bandeirolas penduradas em longas hastes de madeira, as posicionaram sobre os seus torcedores e, ao som da zabumba e do triângulo,

executaram alguns passos de festa junina. Os chapéus de palha se uniram aos de couro como vestes que, muito mais do que a proteção à luz do sol, eram usadas como referência a uma tradição nordestina.



Figura 26: quadrilha junina no cangaço

Fica mais uma vez clara a intenção dos Cangaceiros de rememorar uma tradição fortemente ligada ao Nordeste rural, do forró pé-de-serra e da vida “caipira”. Mais uma vez Aldo tem algo a dizer:

A gente fez uma quadrilha improvisada na arquibancada. Não tinha nem estrutura, eu a gente tinha que ficar subindo e descendo nas cadeiras, mas aí foi mais um evento, uma questão que a gente criou pra chamar a atenção, realmente. Tanto que saiu até no Globo Esporte, e tal. E passar essa mensagem, mesmo, né. Junina, a festa junina, coisa nordestina, e tal, a gente quis fazer aquele momento ali (Aldo).

A quadrilha junina, além de animar as arquibancadas e remeter a uma tradição tida como nordestina, tinha a intenção também de ser uma forma de chamar a atenção dos torcedores e da imprensa para os Cangaceiros. A torcida, naquela oportunidade, ainda completaria seu primeiro ano de fundação, e deste modo ainda buscava ser mais conhecida e reconhecida pelos que estão envolvidos no mundo das torcidas de futebol.

Ainda sobre essas referências à alegria no sertão, é importante destacar as festas que a torcida promove, como as comemorações de seus aniversários. Essas celebrações, que também têm espaço para o forró eletrônico e outros

gêneros “da moda”, dos quais os integrantes dos Cangaceiros são consumidores, não deixam de ter apresentações de pé-de-serra, com direito à sanfona.

É possível pensar os usos de instrumentos, ritmos e referências musicais dos Cangaceiros a partir das noções de “invenção das tradições”, “movimento” e reinterpretções de símbolos, que serão discutidas mais adiante neste capítulo. O forró pé-de-serra que cantava as “coisas do sertão” tinha, em seu contexto original, um determinado sentido, que se modificou no momento em que esse gênero e suas letras foram levados à vida urbana. Se na primeira situação essas músicas contavam sobre o sertão para os sertanejos, agora elas falam para os cidadãos; informam para os outros como é o sertão e quem é o sertanejo. Passaram do familiar para o exótico.

A música pé-de-serra não faz parte do cotidiano musical da vida na cidade atualmente, sobretudo no contexto comercial, onde gêneros como forró eletrônico, sertanejo universitário e pagode têm mais força nas rádios. Os Cangaceiros, jovens adultos cidadãos, consomem esses ritmos, o que fica claro pela presença deles no CD da torcida. Entretanto, o forró pé-de-serra supera o obstáculo da falta de visibilidade comercial e predomina no CD, levando ainda alguns dos seus instrumentos “típicos” para a bateria da torcida, como o triângulo e, raramente, a zabumba. É possível considerar que o consumo do pé-de-serra por parte dos Cangaceiros tenha um sentido diverso daqueles outros gêneros. Estes fazem parte do cotidiano urbano dos torcedores, enquanto aquele é visto como um símbolo de identidade regional. Embora seja mais fácil se ouvir Aviões do Forró do que Luiz Gonzaga numa rádio comercial, os Cangaceiros reconhecem no segundo um símbolo de “nordestinidade” mais forte, se apoiando nele quando desejam fazer suas referências à regionalidade.

3.8 Chapéus de couro

Talvez o material mais peculiar dos Cangaceiros, que não é visto em outras torcidas como indumentária oficial, são os chapéus de couro que parte dos seus integrantes usa. Alguns vestem o chapéu de sertanejo, menor e mais simples quando comparado ao chapéu de cangaceiro. Este é maior, mais imponente e pode trazer vários enfeites que incrementam a sua beleza e distinção.

O chapéu de cangaceiro pode ser usado por outros integrantes, mas é costumeiramente vestido principalmente pelo presidente da torcida. Esse uso preferencial não parece ser ao acaso. Devido sua estrutura vistosa, ele pode ser compreendido também como um símbolo de distinção dentro da torcida. Sulamita Vieira (2012) traz algumas reflexões sobre a apropriação desse tipo de chapéu por parte de Luiz Gonzaga que é interessante observar. O cantor fala:

“Eu acho que um sertanejo, para demonstrar que é sertanejo e que é vaqueiro, ele num precisa trazer o cheiro de vaqueiro, como muitos poetas aí, intelectuais, admitem (...). Basta uma estilização. Eu cheguei a usar roupa de couro, mas pesava muito, era muito incômoda e não se encontrava um couro perfeito para confeccionar a sua roupa de vaqueiro. Então, eu fui modernizando.... acabei ficando só com a cabeça de Lampião, que foi essa que escolhi para caracterizar o meu tipo” (Luiz Gonzaga *apud* VIEIRA, 2012, p. 223)³⁰.

O chapéu de cangaceiro, de Lampião, foi o símbolo escolhido por Luiz Gonzaga para caracterizar o sertanejo, visto que a indumentária completa típica do homem do sertão era inviável de ser usada no “Sul” pelo desconforto e dificuldade em encontrar boa matéria-prima. Vieira destaca ser este um “elemento cultural extremamente complexo” por ser ao mesmo tempo simpático a alguns setores da população e visto de maneira negativa por outros (VIEIRA, 2012, p. 228). Essa visão negativa pode ser entendida pelo vínculo do cangaço com o chamado “banditismo social”, “crimes”, “desordem” e contestação ao *status quo*.

O cangaço, em contrapartida, também está ligado a valores positivos, como bravura, destemor e dignidade (VIEIRA, *Ibid*). Parece ser exatamente esse tipo de valor positivo do cangaço que os Cangaceiros procuram reforçar. O lado da violência ou do crime, que poderia ser representado pelas munições e armas de fogo, é substituído, como já vimos, pela cachaça, pela festa, pelo lúdico.

Retomando o uso preferencial do chapéu de cangaceiro pelo presidente da torcida, Vieira interpreta o chapéu de couro de Luiz Gonzaga como uma espécie de “coroa”, muito pertinente ao “Rei do Baião”. O artista, ao lançar mão da vistosa indumentária, acrescentando a ela diversos enfeites como a estreia de David (o rei David) e pedras brilhosas e coloridas, imprimiu àquele material um novo significado, inventando uma “coroa singular” (VIEIRA, 2012, p. 95). Essa ressignificação,

30 Entrevista do cantor ao programa “Proposta”, TV Cultura, São Paulo, 1972. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=E6fsltmgm9k>

tomando símbolos de diferentes contextos socioculturais, é apresentada pela autora como um “movimento” de reinterpretações.

O presidente dos Cangaceiros possui alguns chapéus no estilo cangaceiro. Um deles, na cor branca, tem como enfeites duas estrelas de David e, no centro, uma coroa.



Figura 27: presidentes de quatro das Torcidas Organizadas do Ceará SC - Setor Alvinegro, Cearamor, Cangaceiros Alvinegros e Ceará Chopp.

Analisando o chapéu de cangaceiro através do sentido de “coroa”, seu uso preferencial pelo presidente da torcida ganha destaque, posição elevada na hierarquia da torcida. Acho importante ressaltar, mais uma vez, que se trata de um uso corriqueiro, mas não exclusivo. Já vi outros integrantes vestindo esse tipo de chapéu, mas em uma frequência muito inferior à que o presidente usa, visto que ele sempre está trajando aquela “coroa” nas arquibancadas.

A utilização desse acessório tinha um sentido mais pragmático no contexto do sertão, ligado à proteção ao sol e aos espinhos da vegetação caatinga. A torcida, em seu contexto urbano, dá a esses chapéus um novo sentido, agora simbólico, vinculado à lembrança de um passado, de um estilo de vida, de valores e de identidade. As palavras de Vieira (2012) ajudam a descrever e pensar sobre esse processo: um “movimento de reordenação de símbolos e sentidos, a partir de ‘novas’ experiências e de ‘novas’ associações no plano simbólico” (*Ibid.*, p. 225).

Célio fala sobre o uso dos chapéus de couro por parte desses torcedores:

Porque a gente quer puxar muito a cultura nordestina, né? A nossa torcida tem vários com chapéu de couro. O Mário, que é o presidente, ele sempre usa o chapéu de cangaceiro, tem outros com chapéu de couro. E nos formatos das camisas a gente sempre quer homenagear uma figura bem nordestina, mesmo (Célio).

O couro, o cangaceiro e o sertanejo são figuras interpretadas por esses torcedores como elementos da “cultura nordestina”. Usar aqueles tipos de chapéu é uma forma de acionar, de uma só vez, esses três símbolos. Aldo, por sua vez, percebe os chapéus não apenas como representação de uma imagem de vida sertaneja, mas também como uma reação à discriminação:

E muita gente às vezes já tinha aquela ideia de representar o Nordeste, mas muitas vezes não tinha coragem. Por quê? Porque achava que poderia sofrer algum preconceito, assim como o presidente da torcida sofreu no Rio e até por vergonha mesmo, sei lá, mas o cara gosta, mas tem vergonha, e os Cangaceiros vieram pra tirar a vergonha. Porque pô, eu sou cangaceiro, tenho é que usar o chapéu, mesmo. Os cara vestem com o maior orgulho e perderam a vergonha e tão lá na brincadeira e é só alegria, entendeu? (Aldo).

O nome “cangaceiro” e o chapéu de couro eram, na visão daqueles torcedores cariocas, motivos de chacota. Podemos pensar neles como *estigmas* (GOFFMAN, 1988): símbolos que representam características socialmente indesejadas e que podem trazer consequências negativas àquele que as possui, como isolamento ou discriminação. O cangaceiro, o sertanejo, seriam figuras de um ambiente indesejado, pobre, “atrasado”. Fazer parte dele deveria ser motivo de vergonha. Os torcedores, entretanto, respondem a isso tomando de volta todos esses elementos, mas atribuindo a eles novo sentido, agora positivo: o do orgulho.

Nota-se como a resposta não foi negar os símbolos, mas sim reconhecê-los e reinterpretá-los. Bourdieu fala sobre essa ação de se apropriar dos estigmas como forma de combater a eles mesmos:

O estigma produz a revolta contra o estigma, que começa pela reivindicação pública do estigma, constituído assim em emblema – segundo o paradigma “black is beautiful” – e que termina na institucionalização do grupo produzido (mais ou menos totalmente) pelos efeitos econômicos e sociais da estigmatização. É, com efeito, o estigma que dá à revolta regionalista ou nacionalista, não só as suas determinantes simbólicas, mas também os seus fundamentos econômicos e sociais, princípios de unificação do grupo e pontos de apoio objetivos da ação de mobilização (BOURDIEU, 2007, p. 125).

Black is beautiful. O sertão também. A postura desses torcedores diz “sou Cangaceiro sim, e não há motivo para se envergonhar disso”. Existe a fome e a seca, mas existe a força do sertanejo e a virilidade do “cabra macho”; existe a tristeza, mas também a festa, o forró, a quadrilha junina. Existe, enfim, uma cultura a se valorizar.

A representação do couro enquanto material ligado ao Nordeste não se dá ao acaso. Há uma contextualização histórica que a explica.

Djacir Menezes aponta três tipos diferentes de ocupação de áreas que hoje compreendemos como parte do Nordeste, ainda no começo dos anos 1700:

Distinguimos três áreas etnográficas no nordeste do Brasil: a dos **vaqueiros**, dominando a caatinga; a dos **engenhos**, dominando o litoral e vales úmidos da costa para o ocidente da Serra do Mar. A dos **pescadores**, dominando as praias baixas, arenosas, cheias de dunas (MENEZES, 1995, p. 33. Destaques no original).

A “indústria do pastoreio” ocupou as áreas sertanejas ao constatar que aquelas terras eram favoráveis à criação, “às margens dos rios ou riachos, nas caatingas” (*Ibid.* p. 33).

O charqueado encontrou espaço, então, onde o que hoje nomeamos sertão nordestino. Com essa atividade havia uma expressiva variedade de usos do couro do gado, conforme Capistrano de Abreu descreve:

De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro eram todas as cordas, a borracha para carregar água; o mocó ou alforje para levar comida, a mala para guardar roupa, mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as bruacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os bangüês para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz (ABREU, 2009, p. 116).

Essa quase onipresença do couro na região caatinga do século XVIII estimulou o advento de expressões como “civilização do couro” (MENEZES, 1995) e “época do couro” (ABREU, 2009, p. 185).

Deste modo, o couro está, no contexto nordestino, fortemente ligado ao sertão antigo, rural, das secas. Luiz Gonzaga, a partir do momento que decidiu falar

do sertão em suas músicas para o público do Sul, considerou que para isso era necessário couro:

“A música nordestina precisava de couro. Couro de cachorro, couro de bode, um negócio pra bater (...). Eu queria a zabumba baseado nas ‘bandas de couro’ lá do sertão, aquelas que nós chamamos de ‘esquentá muié’³¹.”

Além do instrumento musical, o couro esteve presente na produção artística de Luiz Gonzaga através das suas vestes. A princípio, toda a roupa de couro do sertanejo foi experimentada pelo cantor, que, depois de considerá-la inviável por diversas razões, ficou apenas com o chapéu de cangaceiro, a “cabeça de Lampião” (VIEIRA, 2012, p. 223).

Desta maneira, o couro como elemento de identidade sertaneja é algo que habita nosso imaginário a partir de uma realidade histórica concreta. Esteve na mente de Luiz Gonzaga ao compor sua música e seu estilo. Está presente no dia a dia dos Cangaceiros, seja nos chapéus de cangaceiro/sertanejo, seja pela zabumba que às vezes acompanha a bateria, ou ainda pela cor laranja, que é interpretada por alguns como uma referência ao couro.

Mesmo que o uso daqueles chapéus tenha tantos significados, eles são vestidos pela minoria dos componentes da torcida nas arquibancadas. A maior parte usa bonés comuns ou não porta nada sobre a cabeça. Contudo, a frequência com que esses chapéus de couro são usados não é tão importante. Mais relevante é o motivo que levou esse material a ser escolhido como parte da vestimenta característica dos Cangaceiros.

3.9 Discurso regionalista nordestino

Essa visão da região Nordeste a partir das características acima mencionadas não é algo exclusivo dos Cangaceiros; tampouco surgiu recentemente. Vasconcelos & Abreu (2015) ressaltamos como a permanência desses imaginários nos dias de hoje (da qual o discurso dos Cangaceiros é exemplo) não se dá por mero acaso:

Compreendemos a concepção de Nordeste e os discursos a respeito das “identidades” dessa região como construções nascidas dentro de contextos sociais, políticos e econômicos específicos. Essas construções, também compreendidas dentro do conceito de “representações sociais” (...), tiveram a capacidade de se estender para além de suas épocas originais, chegando

31 Luiz Gonzaga durante entrevista ao programa “Proposta”, TV Cultura, São Paulo, 1972. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=E6fsltmgm9k>

aos dias de hoje não como “resquícios”, mas de maneira forte e estruturada (VASCONCELOS & ABREU, 2015, p. 5-6).

O psicólogo social Serge Moscovici também afirma a capacidade que as representações sociais têm de se estenderem ao longo do tempo. A partir disso, defende que elas devam ser pensadas a partir de sua construção histórica.

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. Como consequência disso, para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu (...). Quanto mais sua origem é esquecida e sua natureza convencional é ignorada, mais *fossilizada* ela se torna. O que é ideal, gradualmente torna-se materializado (MOSCOVICI, 2009, p. 41, destaques no original).

Partindo desse princípio, é importante compreender o contexto social e histórico em que essas representações sociais de Nordeste se constituíram. Albuquerque Junior (2001) se pergunta: “Por que dizemos com exaltação e rancor que somos esquecidos, que somos menosprezados e vítimas históricas no país”? E continua: “que mecanismos de poder e saber nos incitam a colocarmo-nos sempre no lugar de vítimas”? (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2001, p. 31). São perguntas que desejo esclarecer nesta parte do trabalho. Para isso, lanço mão de autores como o próprio citado, além de Oliveira (1993), Penna (1992), Silveira (1984), dentre outros, que apresentam o chamado “discurso regionalista nordestino”: um conjunto de representações sobre essa região, desenvolvidas em meados do século XIX com motivações econômicas e políticas bem delimitadas.

3.9.1 Conceitos de região e regionalismo

Maura Penna (PENNA, 1992), no primeiro capítulo de seu livro “O que faz ser nordestino”, aborda os conceitos de *região* e *regionalismo*. *Região* é entendida, a princípio, a partir de sua dimensão política. É uma demarcação político-administrativa instituída pelo Estado, a fim de viabilizar a regulação de suas relações externas e internas.

Por sua vez, *regionalismo* é pensado sob sua dimensão simbólica. Ele é criado pelos homens não através do poder do estado, mas a partir de suas vivências, da forma como se relacionam com o espaço; o modo como o interpretam,

o representam, dão sentido a ele. Citando as palavras de Penna, “o regionalismo pode ser considerado como o processo que *torna o espaço significativo*” (PENNA, 1992, p. 19).

A partir da noção de regionalismo, o conceito de *região* é aprimorado. Além de uma divisão geopolítica com fins administrativos, ela também pode ser pensada como o espaço no qual os cidadãos desenvolvem seu *regionalismo*. Este torna a região “socialmente visível”. O regionalismo é, neste aspecto, um atributo da região.

É importante ponderar que as fronteiras da região e do regionalismo não são necessariamente iguais. A autora cita o exemplo do gauchismo. Trata-se de um movimento regionalista³² vinculado ao estado do Rio Grande do Sul. Apesar dessa limitação, ele é visto como uma característica de toda a região Sul. Outro aspecto da relação região e regionalismo que Penna alerta é o fato de que nem sempre o advento da primeira estimula a criação do segundo. É citado o caso da região Centro-Oeste, que pouco produz discursos regionalistas, sobretudo se comparada ao já citado gauchismo e às representações de regionalismo no Nordeste.

Assim, quando falamos de “região”, devemos ter em mente a divisão administrativa criada pelo Estado, que é significada e representada por seus povos num processo cultural entendido como “regionalismo”, que torna a região socialmente significativa e atribui a ela um caráter não apenas político, mas também simbólico.

3.9.2 O nascimento de uma identidade regional

A historiadora Rosa Maria Godoy Silveira se propõe a analisar o nascimento e desenvolvimento do discurso regionalista, referência ao que hoje chamamos de Região Nordeste (SILVEIRA, 1984). A autora aponta o século XIX como época da gênese desse processo. Trata-se do período de expansão mundial do capitalismo, trazendo mudanças profundas nas economias dos países. As principais fontes de receita do Brasil naquele momento eram a cana, o algodão (em menor escala) e o café. Os dois primeiros estavam vinculados à zona

32 A palavra “regionalista” diz respeito a regionalismo, do mesmo modo que “regional” refere-se a região.

agroexportadora dependente do mercado de Recife, delimitada nas províncias de Ceará até Sergipe. O café, por sua vez, tornou-se o principal produto de exportação do país no início do século XX, tendo como início desse crescimento o advento das lavouras cafeeiras em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo em meados do século XIX.

O crescimento do café na segunda metade do século XIX foi acompanhado da crise do açúcar. Silveira afirma que, até o período anterior a essa crise, as elites açucareiras tinham uma percepção de espaço essencialmente no ponto de vista estadual. A partir do declínio, essa classe dominante passou a reivindicar, junto ao império, o interesse das “Províncias do Norte”. Acusavam o governo central de privilegiar a zona cafeeira (“Províncias do Sul”), reduzindo investimentos e infraestrutura para o Norte, contribuindo assim para o agravamento da crise das províncias do açúcar³³.

A autora salienta que a expressão “Províncias do Norte” traz duas marcas importantes: a primeira é a marca da divisão político-administrativa, que não é inteiramente abandonada no discurso; a segunda é a noção de homogeneidade simbólica, que abarcaria todas aquelas diferentes províncias. A crise econômica e o tratamento recebido por parte do Império (desigual em relação às demais) seriam pontos que uniriam aquelas províncias açucareiras, para além de suas diferenças. Seriam todas igualmente vítimas. Além disso, são acionados outros mecanismos para reforçar essa ideia de união como o passado em comum, descrevendo o Norte como o berço da nação, de tal modo que os interesses dessa região também seriam da pátria; e a exaltação de elementos de suposta superioridade sobre a outra região (história, comércio, geografia). Silveira lembra que essa homogeneização simbólica é um dos elementos fundamentais do discurso regionalista.

Continuando sua análise sobre os discursos das elites do Norte, a autora ressalta a polarização com as Províncias do Sul: privilegiadas, elas seriam um obstáculo para o crescimento do Norte. Privilégio esse concedido pelo Estado, que estaria falhando ao não dedicar igual atenção a ambos. Também destaca a visão de que o Sul, embora um adversário, também é visto como modelo para a superação

33 Silveira ressalta que a palavra “Norte” representava, naqueles discursos, as províncias ligadas à exportação do açúcar; por sua vez, Sul referia-se àquelas dedicadas ao plantio do café.

da crise, dado o seu “equilíbrio”. Estes seriam outros elementos básicos do discurso regionalista: a oposição com outra região e/ou com o próprio Estado; e a noção de que as desigualdades entre regiões seriam “desequilíbrios”. O saudosismo seria outra marca regionalista presente no discurso nortista.

Silveira aponta três efeitos do discurso regionalista elaborado pela elite açucareira das províncias do Norte: primeiro, estabelecer uma coesão com as classes dominadas daquela região, assim, as divisões sociais também seriam minimizadas diante do discurso de homogeneidade; segundo, criar uma coesão com outras classes dominantes do Norte; por fim, aparentar um desligamento em relação às elites da outra região, sobretudo as cafeeiras. Isso reforçaria a polarização entre as duas regiões e a ideia de dominação sofrida pelo Norte. Após essas reflexões, a autora compreende a categoria “região”, bem como o discurso regionalista, como dotado de caráter ideológico, sendo ao mesmo tempo uma forma de conhecimento e de dominação.

Albuquerque Junior (2007) ressalta como esse regionalismo nortista foi o embrião do regionalismo nordestino que viria alguns anos depois, na primeira década do Século XX (*Ibid.*, p. 90).

3.9.3 O Nordeste “atrasado”

Albuquerque Junior (2011) também afirma que a obra sociológica e artística dos filhos da elite açucareira decadente foi fundamental para a vinculação do Nordeste com a ideia de atraso. Sendo o presente (daquele período) um momento de crise para a região, a definição da sua identidade se deu na busca de elementos do passado, entendidos como tradicionais. Desse modo, o passado rural e pré-capitalista, o folclore e a produção artesanal foram apresentados como “repositórios de autenticidade regional”. O desenvolvimento visto no Sul seria algo negativo por ser prejudicial àquela autenticidade. O autor apresenta a expressão “invenção do Nordeste” para caracterizar a série de situações concretas e simbólicas que possibilitaram o nascimento de determinados tipos de visões, valores e estereótipos ligados ao Nordeste.

Almeida (2007) considera que a produção sociológica de Gilberto Freyre, bem como de todo o movimento regionalista tradicionalista, reage fortemente ao moderno e às relações burguesas, entendidos como "fatores perturbadores do equilíbrio social e desagregadores de nossa nacionalidade, a qual estaria radicada na tradição" (*Ibid.*, p. 7). Esse discurso, portanto, defendia a vida social tradicional do Nordeste, nascedouro da civilização brasileira, como a ideal para a manutenção de uma nação equilibrada.

A autora acrescenta que essas obras dariam grande ênfase às semelhanças das diferentes partes do Nordeste, em detrimento da diversidade cultural e em reforço à visão dessa região como uma unidade:

Embora reconheça a diversidade espacial e sócio-cultural, o regionalismo radicado no discurso sociológico de Gilberto Freyre a reduz à semelhança, enfatizando nesse processo os traços dessa diversidade que se caracterizam pela permanência e não pela inventividade, o que torna seu discurso reacionário (ALMEIDA, 2007, p. 6).

Maura Penna (PENNA, 1992) também destaca a influência da produção literária ("formal" e "de elite", adjetiva a autora), que se juntou ao discurso político e acadêmico na construção e divulgação desse regionalismo. Afirma que escritores como Graciliano Ramos, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, dentre outros, procuravam afirmar o Nordeste apontando como traços identificadores o agrário, a pobreza, a secura, a decadência do açúcar e a linguagem, opondo a região nordestina ao Sul, este visto como desenvolvido (*Ibid.*, p. 31). A autora acrescenta que, gradativamente, a imagem do Nordeste açucareiro foi perdendo espaço para a de uma região dos latifúndios e coronéis. Isso se deve ao fato de a elite açucareira ter perdido poder para os grandes pecuaristas e algodoeiros (*Ibid.*, p. 32).

E. Diatahy B. de Menezes (2005) é outro autor que ressalta a importância da produção intelectual na solidificação desse imaginário. O autor avalia a obra de Gilberto Freyre como de relevância fundamental:

É preciso sublinhar que tanto as elites quanto os intelectuais da "região" não apenas se deixaram envolver no mesmo círculo hermenêutico e semiótico, fazendo-se *nordestinizados*, como ainda se tornando entusiasmados produtores desse imaginário. Dentre tantos que aceitaram a designação como signo de realidade e existência de uma região "Nordeste", acha-se indubitavelmente a figura exponencial de Gilberto Freyre, que cito como

ícone desse processo. Ainda moço (...) lidera no Recife dos anos 1920 um movimento de jovens intelectuais e artistas que desencadeia intensa produção simbólica em aparente divergência do que ocorria em São Paulo e Rio (MENEZES, 2005, p. 155-156, destaques no original).

Menezes conclui citando três obras freyrianas emblemáticas: o “Livro do Nordeste” (1925); o “Manifesto Regionalista” (1926), e o volume “Nordeste” (1936).

A questão da seca, abordada por esses autores, já era um problema antigo dos estados hoje chamados de nordestinos. França Junior indica um forte período de estiagem (dentre tantos que já aconteceram) ocorrido no final do século XIX como uma das primeiras motivações para se tratar, em âmbito nacional, daqueles estados:

Foi a partir da seca de 1877-1878 que surgiu uma “Questão Nordeste”, uma discussão nacional dos problemas da região. A partir da pressão da opinião pública nacional, o Governo Central tomou medidas para enfrentar o problema, que seria o início de uma intervenção do Estado através de políticas públicas de combate à seca (FRANÇA JUNIOR, 2003, p. 130).

O período de estiagem ao qual França Junior se refere ficou conhecido como “a seca dos dois setes”, marcada por “três anos seguidos sem chuvas, sem colheitas, com a morte dos rebanhos, os homens fugindo para não morrer” (NAVARRO, 2012, p. 248).

Deste modo, um dos primeiros elementos de identificação desses estados em nível nacional foi o problema da seca. É importante destacar, contudo, que essa construção de uma representação regional não se dá apenas por fatos inerentes à natureza. Conforme destaca França Junior, o problema da seca, para além de um fenômeno climático, é, sobretudo, uma questão de ordem social, política e econômica. A escassez de água é um dado a princípio natural, mas o seu combate ou a sua permanência estão no âmbito das ações humanas. Isso porque “uma adversidade natural só se transforma em flagelo social quando as condições sociais, políticas e econômicas o favorecem” (FRANÇA JUNIOR, 2003, p. 130). O fato de a seca ser tratada pelo seu aspecto exclusivamente climático conduziu boa parte das políticas públicas voltadas ao seu combate, às “políticas hidráulicas” (*Ibid.*, *idem*), fazendo com que o problema não fosse tratado em sua dimensão social, talvez a mais importante de ser modificada.

Francisco de Oliveira (1993) denuncia a ineficiência das ações de combate às secas realizadas pelo DNOCS. Isso porque elas não chegavam ao cerne social do problema. Pelo contrário: ajudavam a manter as relações de dependência e desigualdade:

Ainda que se aceite que os gastos do DNOCS eram *investimentos do Estado, não significavam eles em absoluto transformação do sistema produtivo*: não tiveram, sob nenhuma circunstância, o condão de transformar as condições da produção social do Nordeste algodoeiro-pecuário. Significaram simplesmente um reforço das condições da própria estrutura produtiva, tanto na esfera da produção quanto na esfera da circulação e da apropriação (OLIVEIRA, 1993, p. 52. Destaques no original).

A socióloga Inaiá de Carvalho exemplifica como esses investimentos ajudavam a perpetuar as desigualdades. Muitas obras do IFOCS voltadas à captação e represamento de água, como barragens, poços e açudes, eram construídas em terras privadas de fazendeiros. Essa água era consumida sem maior planejamento para uma boa utilização agrícola, e muitas vezes subutilizada (CARVALHO, 1987, p.46). A autora continua sua crítica:

Essa transferência se converteu em um dos pilares da força e do poder político da oligarquia algodoeiro-pecuária, que controlava o DNOCS, ao lado de outros expedientes que facilitavam o seu domínio e enriquecimento. Podem ser citados, entre esses expedientes, os altos preços pagos pelos mantimentos fornecidos nas frentes de trabalho e comprados pelo Estado através do crédito fornecido pelos grandes fazendeiros e comerciantes locais, o engajamento prioritário dos seus eleitores nessas frentes, as obras e trabalhadores fantasmas, ou a constante utilização do DNOCS para prover empregos burocráticos para os 'aparentados' reais ou simbólicos das bases políticas dos coronéis" (CARVALHO, 1987, 47).

Desta forma, a representação da seca foi, e ainda é feita em seu aspecto apenas climático. Não era do interesse daquelas elites outro tipo de tratamento. O Nordeste sofre com a seca; a seca acontece pela falta de água; a falta de água deve ser combatida com obras e dinheiro estatal; e estas serão atentamente acompanhadas pelas elites fazendeiras.

Voltando a tratar da importância que jornalismo, literatura e artes tiveram na consolidação dessa representação regional, considero importante citar a série de quadros "Retirantes", do pintor brasileiro Cândido Portinari.



Figura 28: Quadro “Retirantes” (1944), de Cândido Portinari.

Composta por três obras – *Retirantes* (1944), *Enterro na Rede* (1944) e *Criança Morta* (1945) – esse conjunto mostra uma família de retirantes nordestinos em condições lastimáveis de fome e miséria. O pintor buscava, através delas, a denúncia da seca “como consequência de um sistema social fundado na injustiça e na exploração” que terminaria por impedir “aos seres que lhes são subordinados de levar uma existência autêntica e humana” (FABRIS & FABRIS, 1995, p.15). Essas obras ganharam uma repercussão nacional e internacional relevante:

Somente no ano de 1944, são 87 publicações comentando sobre o pintor dos mais variados conteúdos, cinco textos falando sobre as pinturas da série *Retirantes*, inclusive com imagens, em revistas como *Revista da Semana*, *O Cruzeiro*, *Rio*, nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Diário de São Paulo*, apresentando ao grande público, o que muitas vezes fica restrito aos olhares de uma classe dominante letrada. No ano seguinte, 1945, foram encontradas 96 publicações com o tema Portinari, dentre estas, cinco com a temática dos retirantes. Em 1946, mais de 290 menções no Brasil e no exterior, principalmente na França, pois o pintor expôs neste ano na galeria Charpentier. Sendo que destas, mais de 20 textos aludem à série *Retirantes* (COELHO, 2014, p. 45-46).

É válido ainda notar que esses três quadros foram lançados em meados da década de 40. Esse período foi marcado por dois anos de fortes secas, 1932 e 1942, que obrigaram um grande movimento migratório do Nordeste para o Sudeste (COELHO, 2014, p. 36). Além disso, conforme veremos no próximo tópico, marcou o início da demarcação territorial do Nordeste pelo governo Brasileiro. Também foi no

entorno dessa década que começaram a surgir órgãos nacionais visando o “desenvolvimento” e combate à seca da região.

Essa pobreza, seca e fome, é imprescindível ressaltar, correspondiam à experiência de vida dos sertanejos pobres. As famílias abastadas não sofriam dessas privações. Comida e bebida, produzidas localmente ou trazidas de outras partes do país, existiam fartamente. Conforme destaca a historiadora Miridan Falci:

Nas festas de casamento se esbanjava comida. Se o sertão era uma região pobre em relação a outras do Brasil, se se pautava por uma economia de subsistência e não recebia o lucro de exportações, essa pobreza, vigorosa para certos grupos sociais, não estava presente para os ricos que esbanjavam comida numa festa onde a ostentação deveria emudecer os rivais (...). O prestígio de uma casa era, e é ainda, mostrado pela variedade de carnes “de criação” que se apresentava numa mesa (...). Para beber, o vinho (mandado trazer pela casa comissionada, do Recife ou do Rio de Janeiro) o chocolate, a cachaça e o refresco de groselha, umbu, cajá, caju ou mesmo cajuína. Tudo em grande quantidade (FALCI, 2012, p. 260).

Mesmo estando a miséria distante da realidade das elites, essa foi estrategicamente uma das principais características reivindicadas na hora de se retratar, homoganeamente, a região. A representação da seca e da pobreza tinha na penúria dos mais pobres a arma fundamental dos mais ricos.

A socióloga Liduina da Costa ressalta como os usos políticos e econômicos dessas representações estão presentes mesmo em décadas mais recentes. Tomando o cenário político cearense dos anos 1990, a autora fala sobre algumas ações do grupo político ligado aos empresários do Centro Industrial do Ceará (CIC), que ganhou força nos anos 70 e se firmou em 1986, com a eleição de seu representante, Tasso Jereissati, como governador do estado. A autora cita vários projetos articulados entre os governos estadual e federal – Projeto Áridas; Fundo Constitucional do Nordeste; transposição de águas do Rio São Francisco; verbas destinadas à Barragem do açude Castanhão – como exemplos da utilização política daquelas representações (COSTA, 1996, 103-105). A partir dessas informações, analisa:

Tudo isso demarca um “eterno retorno” não só à “fase hidráulica” da política de “desenvolvimento” regional das velhas elites, mas ao modo de acumulação do capital político e à natureza da classificação da “questão regional”, evidentemente, guardadas as devidas proporções (COSTA, 1996, p. 105).

Percebemos como foram muitas as vias para se difundir essas representações de Nordeste. Mas tão importante quanto os veículos de divulgação é a legitimidade que seus autores têm, aos olhos da sociedade, para apresentar essas construções enquanto verdade. Entra aqui a questão da “autoridade”. Bourdieu (2005), ao falar sobre as lutas a respeito da identidade regional, chama a atenção para a importância do “ato de autoridade” no processo de construção das representações. Se o Estado brasileiro, as instituições por ele criadas, as elites nordestinas produziram esta imagem de Nordeste, as mídias contribuíram para difundi-la e reafirmá-la. A legitimidade e o poder do enunciador são fundamentais para a eficácia na construção das representações de identidade e seu status de verdade e de natural:

A régio e as suas fronteiras (fines) não passam do vestígio apagado do acto de autoridade que consiste em circunscrever a região, o território (que também se diz fines), em impor a definição (outro sentido de finis) legítima, conhecida e reconhecida, das fronteiras e do território, em suma, o princípio de divisão legítima do mundo social. Este acto de direito que consiste em afirmar com autoridade uma verdade que tem força de lei é um acto de conhecimento, o qual, por estar firmado, como todo o poder simbólico, no reconhecimento, produz a existência daquilo que enuncia (...). O autor, mesmo quando só diz com autoridade aquilo que é, mesmo quando se limita a enunciar o ser, produz uma mudança no ser: ao dizer as coisas com autoridade, quer dizer, à vista de todos e em nome de todos, publicamente e oficialmente, ele subtrai-as ao arbitrário, sanciona-as, santifica-as, consagra-as, fazendo-as existir como dignas de existir, como conformes à natureza das coisas, como “naturais” (BOURDIEU, 2005, p. 114).

Albuquerque Junior também fala sobre a naturalização que pode marcar o imaginário sobre a identidade de uma região:

O Nordeste não é um fato inerte na natureza. Não está dado desde sempre. Os recortes geográficos, as regiões são fatos humanos, são pedaços de história (...). O Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 79).

Assim como a literatura e o próprio Estado tiveram importância na solidificação do regionalismo nordestino no imaginário popular, o jornalismo foi e continua sendo um veículo importante na atualização dessas representações, tendo em vista o alcance de seus enunciados e o status de verdade que um discurso midiático pode adquirir.

O Brasil experimentou seu processo de industrialização primeiro da sua área cafeeira que, embora prejudicada pela crise do café (começada da década de

20 e com ápice em 1929), continuava sendo a economicamente mais importante. Desenha-se uma nova divisão regional do trabalho, na qual o Nordeste torna-se fonte de mão de obra para as fábricas (PENNA, 1992, p. 35). Albuquerque Junior (2007) cita a figura do migrante como uma das imagens estereotipadas e discriminadas vinculadas a quem é nascido no Nordeste.

Ao nordestino ainda estão vinculados outros tipos sociais vistos com certo desprezo, com comiseração ou com medo, como: o retirante, o flagelado, o migrante, o pau-de-arara, o arigó, entre outros (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 89).

Após analisar materiais didáticos, jornalísticos, artísticos e acadêmicos, Penna afirma que a imagem do Nordeste enquanto região marcada pela pobreza e subdesenvolvimento não apenas foi difundida como continua a existir, posto que o discurso regionalista persiste (PENNA, 1992, p. 32-37).

Tal discurso e imagens do Nordeste rural e “atrasado” persistem apesar das mudanças econômicas experimentadas pela região na segunda metade do século XX. Tânia Bacelar de Araújo (ARAÚJO, 1995) analisa dados coletados da atividade econômica nordestina desde os anos 60 até 1992. Constata uma intensa industrialização a partir dos anos 70; o crescimento de setores modernos como petroquímica, construção civil e atividade imobiliária; fortalecimento do setor terciário; uma “reciclagem” das velhas oligarquias, cujas novas gerações estariam cada vez mais ligadas às atividades urbanas; e o surgimento de novos atores no cenário agropecuário e agroindustrial, muitos deles não-nordestinos.

A partir dessas observações, a autora afirma que “a realidade nordestina mudou e tornou-se mais complexa e diferenciada. É impossível apresentá-la a partir dos estereótipos tradicionais” (ARAÚJO, 1995, p. 152). Nota-se como aquelas construções de Nordeste pobre são fortes o suficiente para resistirem, no imaginário popular, a esses cenários que apontam realidades diferentes.

A construção do regionalismo nortista/nordestino foi promovida originalmente pela elite açucareira decadente, e posteriormente também pela nova classe dominante, ligada à pecuária e ao algodão. Foi aprimorada e difundida, através de discursos políticos e de diversas obras artísticas e acadêmicas, não apenas para os habitantes do Nordeste, mas também para todo o país. Os estados

açucareiros entraram em crise econômica com o sucesso do café e o chamado desenvolvimento do Sul. Isso estimulou essa elite a encarar essas novidades como prejudiciais e a defender o modo de vida “tradicional”, anterior a esse desenvolvimento, como o ideal. Deste modo, o discurso regionalista nordestino foi procurar no tradicional aqueles que seriam traços da identidade da região: o rural, artesanal, latifundiário, pobre, seco, não-desenvolvido. Eles passaram a ser (re) conhecidos como características do Nordeste tanto pelas pessoas da referida região quanto por cidadãos de todo o Brasil.

Este reconhecimento é muitas vezes acompanhado de uma visão estereotipada e preconceituosa sobre o Nordeste, sobretudo em um senso-comum evolucionista e etnocêntrico, que vê no maior ou menor desenvolvimento econômico, tecnológico e urbano de um povo sinais de “superioridade” ou “inferioridade”. A construção e divulgação dessas representações através da imprensa, da literatura e das artes foi de grande importância na sua consolidação. Neste ponto, é válido lembrar novamente daqueles artistas homenageados pelos Cangaceiros: Luiz Gonzaga e Dominginhos na música, e Patativa do Assaré na literatura foram três grandes divulgadores dessa imagem de Nordeste, ligada ao sertão e à seca, para todo o país. De acordo com o que já foi visto na fala dos torcedores, a capacidade de propagar “a cultura nordestina” para o Brasil (entenda-se Rio de Janeiro e São Paulo), foi uma das qualidades desses três artistas que os Cangaceiros destacaram.

3.9.4 O nascimento institucional da Região

Destacou-se, até aqui, o “nascimento” do Nordeste no imaginário do país, construído através da difusão de um discurso regionalista que conferia aos nordestinos relativa unidade cultural e econômica, quando comparados a outras partes do Brasil. Aponto, agora, como o Nordeste ganhou sua existência de fato, institucional.

Maura Penna comenta que, no final da década de 1920, o modelo agroexportador brasileiro estava falido. Isso fez com que o Estado, a partir da década seguinte, passasse a investir em um projeto industrializante. Nesse processo, a elite açucareira mais uma vez acusou favorecimento ao Sul e solicitou ao Governo medidas de manutenção da estrutura fundiária, e das relações de

produção, a fim de que continuassem a existir as bases da estrutura de seu poder. Criou-se, então, o Instituto do Açúcar e do Alcool – IAA. O grupo algodoeiro-pecuário, que também tinha interesse na continuidade daquela estrutura econômica e social, conseguiu controlar a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas – IFOCS (atual Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS), utilizando-o a serviço de seus interesses. Entretanto, se por um lado a manutenção dessa estrutura de produção preservava o poder das elites do açúcar, da pecuária e do algodão em suas fronteiras; por outro, esses grupos ficavam nacionalmente cada vez mais dominados, política e economicamente, pelos agroindustriais do Sul (PENNA, 1992, p. 27).

O desenvolvimento do capitalismo no país pedia planejamento governamental. A questão dos desequilíbrios regionais, que poriam em perigo a “unidade nacional” almejada pelo Estado, era alvo de preocupação. As tensões sociais desdobradas em movimentos populares no Nordeste também chamavam a atenção da sociedade brasileira. “Nos anos 1950/1960, ultrapassando o discurso regionalista dos grupos agrários locais, o Nordeste torna-se ‘questão nacional’” (PENNA, 1992, p. 28).

Vimos no item anterior que já se falava de Nordeste nas primeiras décadas do século XX, sobretudo na literatura e na imprensa, mas é a partir dos anos de 1940 que ela passa a existir enquanto demarcação territorial oficial do governo:

O advento da palavra “Nordeste” ocorre por volta da década de 40 do século XX. Vale lembrar que o que neste período foi chamado de Nordeste está longe de assemelhar-se à atual configuração da região, haja vista que o IBGE em 1945 separava a região em “Nordeste Ocidental” e “Nordeste Oriental”. Ressaltamos que o estado da Bahia não fazia parte de nenhum destes “Nordeste” e apenas com a divisão administrativa de 1970 é que passou a compor a região hoje conhecida por “Nordeste”. Esta divisão administrativa existe apenas há pouco mais de quatro décadas (VASCONCELOS & ABREU, 2015, p. 6).

As ações do governo eram norteadas por uma ideologia desenvolvimentista que tinha no economista Celso Furtado um de seus principais pensadores. Esta corrente de pensamento afirmava a existência de dois “brasis”, na qual o Nordeste era interpretado como área homogeneizada pelo subdesenvolvimento, pela vida agrária e arcaica, o que prejudicaria a “revolução

burguesa” que aquela ideologia considerava surgir no país (SILVEIRA, 1983, p. 28-29). Para solucionar esse problema e ajudar a trazer a desejada “unidade nacional”, o governo cria, em 1959, um órgão de intervenção planejado com o objetivo de trazer desenvolvimento àquela região: a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE. É refeita, no mesmo ano, a demarcação daquilo que seria a partir de então oficialmente tratado como “Região Nordeste”. Trata-se da versão atual, que engloba os estados de Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Esta foi a terceira fronteira oficial do Nordeste. A primeira, em 1940, considerava os estados do Maranhão a Alagoas. A segunda, de 1952, criada em função do advento do Banco do Nordeste, excluía o Maranhão e acrescentava a Bahia e áreas do norte de Minas Gerais (SILVEIRA, 1987, p. 10). Maura Penna descreve assim a ação da SUDENE nesse contexto:

Com a SUDENE, ganha novo rumo a articulação das regiões entre si, já alterada pelo intervencionismo do Estado a partir dos anos 30: a divisão regional do trabalho é redefinida, integrando cada região ao mercado comum nacional. Verifica-se a decadência da maior parte das indústrias regionais tradicionais, e a nova industrialização (via SUDENE) é marcada pela dependência e complementaridade em relação à industrialização do Sul do país (...). O espaço econômico nacional transforma-se (PENNA, 1992, p. 29).

Nota-se, assim, como um modelo de produção capitalista, industrial e urbano, teve sua chegada ao Nordeste dificultada ao máximo pelas elites do açúcar, algodão e café, que temiam perder seu poder conquistado pelo sistema agrário. Mesmo instituições do Governo instaladas na região contribuía para a manutenção daquele modo de vida social e econômico. Apenas com a intervenção do Estado, motivado pelo desejo de “unidade nacional” e pelos interesses capitalistas de expansão, o Nordeste foi alvo de um processo de industrialização planejada pelo governo. Mesmo nesse novo contexto, a região assume uma condição de periferia no mercado nacional, vinculada, dependente e complementar à produção no Sul.

É fundamental ainda notar como algumas das principais instituições criadas pensando-se no Nordeste, como o IFOCS e a SUDENE, surgiram como proposta de “desenvolvimento e combate à seca”, contribuindo para a imagem da região como atrasada e pobre.

3.9.5 O cangaço

Djacir Menezes afirma que os cangaceiros surgiram na região de caatinga do que hoje chamamos de Nordeste no século XIX. “Tipo habitual dos nossos sertões”, eram homens que formavam grupos armados particulares a serviço de grandes coronéis. As brigas entre famílias e as disputas por terras eram as maiores motivações para aquele tipo de “tropa” particular.

Emergindo entre lutas de famílias aguerridas, entre rivalidades de donos de terra, na qualidade de guarda-costas, capangas ou agregados (...). Eram homens do pastoreio, que **dormiam de trabuco na mão** (...).

Os acontecimentos **violentos**, que refletiam o ambiente colonial, seriam infundáveis. As lutas de famílias poderosas exigem a transformação das fazendas em verdadeiros feudos armados (...). O “coronelismo político” da república aparece, de início, rodeado de tropas singulares, com **vestes de couro e rifles** (MENEZES, 1995, p. 73, destaques meus).

Estas palavras de Menezes apontam algumas características que, desde seu princípio, marcariam a imagem do cangaceiro: a intensa posse de armas, a violência e a estética das roupas de couro.

Com o passar dos anos, esses grupos começaram a adquirir cada vez mais uma postura autônoma, independente das ordens dos coronéis. Os cangaceiros assumem uma luta que é vista como algo que poderia pôr em risco a estrutura de propriedades privadas e o *status quo* (“a ordem social”, nas palavras de Menezes): “Tornam-se forças autônomas que, por uma espécie de cissiparidade social, se desligam do feudo e iniciam a luta por conta própria, contra a propriedade, contra a ordem social” (*Ibid*, p. 78).

O autor estabelece um vínculo entre o movimento do cangaço e as dificuldades de vida do homem pobre sertanejo:

Diante da injustiça social e econômica, levantam-se dois protestos de tipos inteiramente diversos. O do homem que toma a arma e decide fazer sua reparação; o do homem que pega do rosário e apela para o céu. Um protesto viril e violento, um protesto resignado e místico. Um cai no cangaço e no crime; outro, se ajoelha e reza. Mas não são dois grupos estranhos, são os mesmos sertanejos, com duas formas de inconformação, nos mesmos sentimentos de insegurança (...). O mesmo ser humano esquecido, desentendido, incompreendido, explorado, jogado entre forças sociais crescentes, imolado por um desenvolvimento cego, que parece absurdo aos seus olhos (MENEZES, 1995, p. 190).

Deste modo, o cangaceiro seria o homem sertanejo pobre que tomou esse modo de vida como forma de protesto violento ao contexto social que o excluiu. Parece haver aqui um atenuante àquela imagem do cangaceiro violento. Ele também é, em certa medida, uma vítima de determinados tipos de violência social.

Talvez essa lembrança de que o cangaceiro também é um sertanejo contribua na gênese dos valores positivos que também o marcam: valentia, bravura, destemor, dignidade, coragem e até mesmo justiça, que o fazem simpático a setores da população (VIEIRA, 2012, p. 228).

Assim, vemos a construção social dicotômica da imagem do cangaceiro: ora vilão violento, ora justiceiro digno. Ora como assassino frio, ora como sertanejo sofrido que reagiu às injustiças. A partir dessa dualidade, os “cangaceiros” torcedores adotaram claramente o lado positivo dessa imagem. O violento assassino foi totalmente esquecido em nome do “cabra macho”, que dança xaxado, bebe cachaça e flerta as Marias-Bonitas. Mantém suas vestes de couro, embora sobre o corpo esse material esteja apenas simbolicamente. Até os suportes de munição ainda podem ser vestidos, mas agora apenas para guardar garrafas de cachaça. Essa discussão será retomada no próximo capítulo, quando veremos esse processo de desconstrução da imagem violenta do cangaceiro relacionado com o contexto das Organizadas em geral.

3.9.6 Tradições inventadas, culturas em movimento

Como foi visto há pouco, a imagem do Nordeste homogêneo, que liga seus estados através de características compartilhadas, como um passado em comum, só se fez presente a partir do século XIX, dentro de uma situação política e econômica que estimulou as elites do açúcar e do algodão a buscarem essa união visando seu fortalecimento contra o “inimigo” Sul. Esse processo pode ser pensado também à luz do conceito de “invenção das tradições” (HOBBSAWN, 1997).

Eric Hobsbawn compreende “tradição inventada” como um conjunto de práticas rituais ou simbólicas que visam fixar certos comportamentos e valores por meio da repetição. Esse procedimento busca uma continuidade artificial em relação a um passado apropriado e geralmente surge como reação a uma situação nova.

Essa reação pode se dar tanto na tentativa de se resgatar a situação anterior quanto no estabelecimento de seu próprio passado através da repetição. Nas palavras do autor:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (...). O passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser remoto, perdido nas brumas do tempo (...). As tradições “inventadas” visam estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória (HOBBSAWN, 1997, p. 10).

Assim, o “passado em comum” do Nordeste, a visão desta região como “berço da nacionalidade brasileira” e as imagens de pobreza e vitimização constituem um conjunto de práticas e simbologias repetidas continuamente (por meio da imprensa e da literatura, por exemplo), nascidas como reação a uma situação nova (a decadência política e econômica das elites dessa região em comparação às do Sul) que buscam uma continuidade com um passado histórico, ele mesmo reinterpretado. Hobsbawn se refere inclusive a movimentos ideológicos e grupos que, sem antecessores, estabeleceram a ideia de continuidade histórica por meio da invenção de um passado antigo que vai além da realidade da História real. Esse passado inventado se deu tanto pelas lendas quanto pela invenção. O autor aponta grupos nacionalistas como exemplo disso (*Ibid.*, p. 15). Pode-se, no contexto desta pesquisa, pensar não grupos nacionalistas, mas regionalistas, que também lançaram mão desse tipo de estratégia.

Hobsbawn indica três categorias de tradições inventadas: a primeira diz respeito àquelas que visam estabelecer ou simbolizar a coesão social ligada a comunidades reais ou artificiais; a segunda, aquelas que “estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade”; a terceira objetiva inserir ideias, valores e padrões de comportamentos (*Ibid.*, p. 17). Não são categorias separadas, mas superpostas, podendo estar umas vinculadas às outras. Percebe-se isso ao analisar o fenômeno de “invenção do Nordeste”, como características dessas três dimensões da invenção de tradições estão presentes. Buscou-se uma coesão social para formar uma comunidade imaginada; desejava-se legitimar um *status* de

pobreza e vitimização do Nordeste como maneira de se fortalecer o cenário social favorável às elites; essa invenção da região trazia ideias e valores que foram no imaginário social sobre o Nordeste e o *ser* nordestino.

O autor afirma que, no processo de invenção de tradições, por vezes velhos costumes ou modelos são adaptados para os novos contextos, ganhando outras finalidades.

Houve adaptação quando foi necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins. Instituições antigas, com funções estabelecidas, referências ao passado e linguagens e práticas rituais podem sentir a necessidade de fazer tal adaptação (HOBSBAWN, p. 13).

Cita ainda a tradição judaica de não se comer carne de porco. Essa restrição era, em algum momento da História, levada por motivações de ordem prática: higiene e saúde. Entretanto, séculos depois, mesmo com grandes melhorias na condição de higiene daquela carne, o costume continua agora não mais como medida pragmática, mas ritual. A tradição, então, pode se movimentar do plano prático para o simbólico (idem, p. 12).

Isso demonstra que o uso de costumes antigos em novos contextos não se dá como uma simples transposição: há um procedimento de adaptação, de reinterpretação, de novas finalidades. Existe, desta forma, um *movimento*.

Vieira faz uma análise de uma fala de Luiz Gonzaga na qual o cantor fala do processo de “estilização” e “modernização” do seu tipo (palavras do próprio), no qual escolheu a “cabeça de Lampião” para formar sua imagem artística.

[O depoimento de Luiz Gonzaga] pressupõe um deslocamento, ou deslocamentos e relações de alteridade. Ou seja, alguém que vai de um determinado universo cognitivo para outro e, nessa condição, precisa informar a outra pessoa a respeito da sua identidade: “quem sou eu”. Por sua vez, a informação pressupõe a utilização de códigos ou sinais, minimamente comuns aos dois universos, sob pena de não se concretizar a comunicação (...). A ideia é de construção, arranjo, “montagem”, “invenção”, porém, com perspicácia de evocar e não de reproduzir: *Basta uma estilização* (...). Instale-se, então, um movimento, Movimento de busca de definição de imagens; movimento de reordenação de símbolos e sentidos, a partir de “novas” experiências e de “novas” associações no plano simbólico (VIEIRA, 2012, p. 225).

A autora comenta que esse procedimento de Luiz Gonzaga é uma montagem, uma invenção que não é simples reprodução, mas evocação. O novo contexto em que o cantor está inserido, a vida urbana carioca e não mais o seu sertão nordestino, é um cenário em que certos símbolos que Gonzaga conhecia no sertão não teriam o mesmo sentido, embora não fossem completamente estranhos. Desta forma, sua evocação é também uma transformação de sentidos.

3.10 O Nordeste da Torcida Organizada Cangaceiros Alvinegros

Após a análise de todos esses materiais, é possível identificar quais elementos de identidade Nordestina são acionados pelos Cangaceiros em sua proposta de “nordestinar as arquibancadas”.

É possível perceber que o Nordeste é tratado de uma maneira **homogênea**. Apesar de algumas referências pontuais ao estado do Ceará, como visto na imagem 09, predominantemente a identidade territorial é de caráter regional, sem maiores considerações sobre sua diversidade cultural e divisões políticas. “O” Nordeste está na veia; Orgulho de ser “Nordestino”, compreendendo esse *ser* Nordestino como uma condição única que contempla toda a região.

O **sertão** nordestino é o principal ícone de “nordestinidade” destacado pelos Cangaceiros, estando presente em todos os materiais de maneiras diversas. O laranja, espécie de terceira cor adotada pelos Cangaceiros Alvinegros, por vezes foi, na prática, a segunda cor mais usada por essa torcida, especialmente em seus primeiros materiais, ficando ao lado da cor preta. O tom alaranjado, como já foi mencionado, remete ao sol, ao solo do sertão em tempos de seca e à tonalidade do couro que é usado na fabricação dos chapéus de cangaceiros e da roupa sertaneja. O sol também é simbolizado pelo padrão de listras arqueadas que simulam o “nascido do sol”, listras estas que tem presença constante em quase todos os materiais da torcida. Embora o sol também seja, a princípio, uma imagem ligada ao Nordeste litorâneo, das praias, dunas e turismo, é válido crer que o sol mencionado pelos Cangaceiros seja o aquele do sertão seco. Baseio esta observação no fato de que as alusões ao litoral nordestino são raras quando comparadas à quantidade elevada de referências ao **sertão da seca**.

Há ainda mais referências a essa imagem de sertão, como percebemos na camisa que ilustra a imagem 10. Nela vemos a vegetação caatinga e o desenho dos restos mortais de um boi morto, uma imagem muito comum quando observamos retratos sobre os “castigos da seca no Nordeste”. Além disso, os traços tortuosos que estão presentes em vários materiais da torcida fazem alusão à rachadura do solo do sertão da seca.

O forró-pé-de-serra, presente nas músicas parodiadas, no uso do triângulo (e, mais raramente, da zabumba) e nas homenagens a Luiz Gonzaga também remetem, em parte ao Nordeste do sertão da seca, da pobreza e da saudade. Isso porque boa parte das músicas desse gênero tinha justamente essa imagem de sertão como tema de suas letras. Luiz Gonzaga também cantou o sertão da seca (VIEIRA, 178 a 180).

Por outro lado, o Rei do Baião, bem como o forró-pé-de-serra, também cantou o **sertão da fartura**, da alegria, do retorno e das festas (idem). O próprio gênero musical do baião, do forró e de ritmos relacionados remete à ideia de alegria, por em geral serem dançantes e usados para animar festas. Há uma discreta referência ao sertão da fartura na imagem 10, quando se vê gotas de chuvas nas costas. O triângulo, que tanto embala as músicas de saudade e tristeza quanto as da alegria e retorno, pode também ser entendido como uma das alusões ao sertão das festas. A quadrilha junina promovida pelos Cangaceiros e as comemorações de aniversário feitas pela torcida também são referências importantes à vida sertaneja alegre.

É possível perceber no discurso dos Cangaceiros uma **polarização Nordeste vs Sudeste**, no que diz respeito especialmente ao futebol, vide a crítica *anti-exofiliação* destacada no primeiro capítulo. Os clubes nordestinos estariam em situação de *dominados* em relação ao *campo* futebolístico nacional, por serem mais pobres e obterem menos recursos financeiros, políticos e midiáticos. Por sua vez, os do Sudeste seriam os *dominantes*, tendo aqueles *capitais* à sua disposição em maior quantidade. Esta desigualdade aconteceria, em boa parte, sob a cumplicidade de instituições nacionais responsáveis pela gerência desse esporte, como CBF e Rede Globo. Deste modo, seria o **futebol nordestino vítima** nesse cenário, tendo

os seus interesses relegados a segundo plano pelas instituições nacionais, que priorizariam favorecer aos clubes do Sudeste.

Desta forma, o Nordeste representado pelos Cangaceiros nas arquibancadas é uma região **homogênea**, fortemente ligada ao **sertão** e ao **rural**, com grande ênfase na **seca** e na pobreza, mas que não ignora também a **festa** e a **fartura**. O **litoral** também é lembrado, de maneira mais discreta em relação à zona da caatinga. O **cangaceiro**, o **sertanejo** e o **sanfoneiro** são os grandes personagens da região. O futebol nordestino seria **vítima** das principais instituições nacionais desse esporte, que privilegiariam os interesses dos clubes do Sudeste em detrimento das necessidades das equipes do Nordeste, por sua vez mais pobres.

Essa imagem de Nordeste não vem ao acaso. Há uma série de questões históricas que ajudam a compreender como esse imaginário foi construído pragmaticamente com motivações políticas e econômicas bem definidas. O Norte (posteriormente Nordeste) pobre, homogêneo, desprestigiado pelo governo brasileiro em favor de estados do Sul, era o imaginário adequado para as elites açucareiras e algodozeiras desses estados nortistas se reivindicassem prejudicadas e exigissem mais atenção e ajuda do governo central. Essa construção foi produzida e reproduzida através dos jornais, literatura, academia e artes, não necessariamente motivadas por aqueles planos de elite, mas já como um desdobramento do poder dessa representação. Esse processo foi composto também por criação de tradições e ressignificações simbólicas.

Tais representações continuam presente nos dias de hoje, não como resquícios, mas de maneira forte e estruturada. Constituem um imaginário presente cotidianamente em vários momentos da vida, inclusive nos momentos de se torcer por um time de futebol.

4. OS CANGACEIROS ALVINEGROS NO UNIVERSO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS CEARENSES

Percebi ao longo da pesquisa que os Cangaceiros estão em um constante movimento em relação às Organizadas tradicionais: ora de aproximação, de tentativa em serem reconhecidos como parte delas; ora de afastamento, destacando suas peculiaridades que fariam deles “uma torcida diferente das outras”, como ressaltam alguns entrevistados. A aproximação ocorre, por exemplo, na escolha do *funk* como um dos ritmos usados nas músicas e na construção do *capital* simbólico da virilidade. O afastamento se dá no uso de outros ritmos musicais, no discurso de condenação da violência física entre torcidas e no ato identificação como uma torcida “cultural”.

Este capítulo se dedicará a investigar as razões sociais que dão sentido a esses movimentos de aproximação e afastamento. Procurarei demonstrar que, mais do que aparentes contradições, tratam-se de estratégias de reconhecimento e afirmação aos olhos das outras Organizadas, dos demais torcedores e da opinião pública. Para isso, apresento o resultado das análises feitas a partir das observações dos materiais produzidos pelos Cangaceiros, bem como de entrevistas e questionários.

4.1 Ritmos musicais: *funk*, forró, axé e samba

Uma das indagações do questionário quis saber: “o que você está disposto a fazer junto com sua Torcida Organizada”? Essa pergunta foi acompanhada de cinco opções, cada uma delas devia receber uma nota de 1 a 5. Nota 5 significa que essa opção tinha grande importância para o torcedor; nota 1 indicaria o oposto. Deste modo, se a opção “eu estou disposto a cantar junto com minha Torcida Organizada” recebesse nota 5, isso mostraria que o torcedor que responder está fortemente disposto a cantar.

As opções foram: [estou disposto a] cantar; fazer coreografia; chorar; gritar; brigar; ajudar com dinheiro. Para este momento do trabalho é interessante ver as respostas de “eu estou disposto a cantar”. Trago as notas das três torcidas consultadas: Cangaceiros, Cearamor e TUF, contribuindo para uma melhor comparação entre elas.

Tabela 11: Eu estou disposto a cantar

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	0,0%	0,0%	0,0%
Nota 02	0,0%	0,0%	0,6%
Nota 03	8,3%	1,2%	3,6%
Nota 04	8,3%	1,2%	0,6%
Nota 05	83,3%	97,6%	95,2%

“Cantar” pode ser considerada uma atitude positiva dentro de um modelo ideal de torcedor: aquele que canta para animar a equipe e deixar mais bonita a festa nas arquibancadas. Mais de 90% de cada torcida mostrou-se com grande disposição em cantar (notas 04 e 05). Destaque-se que as Organizadas tradicionais, Cearamor e TUF, tiveram as porcentagens mais altas, respectivamente 98,8% e 95,8%. Os Cangaceiros ficam poucos pontos atrás: 91,6%. As notas mais baixas (01 e 02) somaram quase zero absoluto.

A disposição em cantar é, portanto, algo em comum a essas três torcidas. Por outro lado, **o que** estão dispostas a cantar é um fator que mostra importantes diferenças. O ritmo *funk* é o mais executado pelas Organizadas tradicionais no estado do Ceará, tanto em seus CDs como nas festas e nas arquibancadas. Os Cangaceiros também aderiram a esse ritmo em certa medida, buscando uma aproximação com as demais torcidas, mas em diversas ocasiões optam por outros gêneros como forró, samba e axé, visando um afastamento daquelas. Vejamos isso mais detalhadamente.

O processo de escolha das músicas a serem parodiadas, adaptação das letras e escolha dos ritmos é feito principalmente pelos integrantes da diretoria, de acordo com Gotardo, um dos seus componentes.

A gente tem um grupo da diretoria [no Facebook], e a gente sai lançando. “Olha, eu escutei essa música aqui, vamo fazer uma paródia, vamo ver o que é que a gente pode adaptar pro Ceará”. E aí vai, a gente vai analisando. Mas lógico que a gente tem os apoio também dos DJs, dos MCs, que a gente leva a ideia pra ele, lógico que ele já é um profissional bem experiente nessa área (...), eles vão ajustando e aí vai dando certo (Gotardo).

Sendo uma criação da diretoria, imagina-se que as músicas devam ser feitas de acordo com a proposta planejada pelos fundadores sobre como a torcida deve ser. Todos os seus detalhes vão de acordo com um discurso de como a torcida se vê e deseja ser vista. O quadro a seguir mostra todas as músicas que compõem o primeiro CD dos Cangaceiros, com seus títulos, as canções que serviram de

inspiração para serem parodiadas, o intérprete e o gênero musical original dessas músicas.

Quadro xx – Músicas do CD Cangaceiros Alvinegros e suas fontes			
Música	Versão original	Intérprete da versão original	Gênero musical original
01. Eu vou torcer pro Ceará	Água de bar	Banda Forró Real ³⁴	Forró eletrônico
02. Lê lê lê alvinegro	Lê lê lê	João Neto & Frederico	Sertanejo Universitário
03. Sou é cangaceiro	Ai se eu te pego	Michel Teló	Sertanejo Universitário
04. Cangaço só na gelada	Só se for gelada	Conrado e Aleksandro	Sertanejo Universitário
05. Não deixo o meu Ceará nem se a cachaça acabar	Último pau-de-arara	Vários ³⁵	Forró pé-de-serra
06. Vamos pra cima vovô	Olha pro céu	Luiz Gonzaga	Forró pé-de-serra
07. Infica na carniça ³⁶	Enfica	Banda Aviões do Forró	Forró eletrônico
08. Pagode alvinegro	Pagode russo	Luiz Gonzaga	Forró pé-de-serra/baião
09. Muito mais que um vício	Música criada pela Cearamor e que é cantada por outras torcidas organizadas. Os Cangaceiros ajudaram em sua divulgação através deste CD.		
10. Pout-pourri (Cachaça)	1. Tema da Vitória 2. Autoria própria 3. Pipoca	1. Rede Globo 3. Banda Ara Ketu 4. Timbalada	1. Instrumental 3. Axé 4. Axé

34 O vocalista da Banda Forró Real, Fernandinho, é declaradamente torcedor do Ceará SC e já posou com uma camisa dos C.A. a pedido da torcida.

35 A canção já teve vários intérpretes nordestinos como Raimundo Fágner, Zé Ramalho, Clara Nunes e Gilberto Gil.

36 “Infica” é a escrita coloquial para o verbo “enfincar”. “Carniça” é uma das maneiras pejorativas com que torcedores do Ceará SC e Fortaleza EC se referem ao rival.

	4. Beija-flor		
11. Que bom te ver voção	Mimar você	Timbalada	Axé
12. Voção, você é a minha vida ³⁷	Meio dia	Banda Mastruz Com Leite	Forró eletrônico
13. Olê sou alvinegro	Mulher rendeira	Vários	Forró pé-de-serra
14. 14. Pout-pourri (Incentivo)	1. Asa Branca 2. Forró de cabo a rabo	1 e 2. Luiz Gonzaga	Forró pé-de-serra/baião
15. Louco sou por ti ó Ceará	Mais uma música de autoria da Cearamor		
16. As torcidas estão unidas	Composição própria que reforça a amizade dos Cangaceiros Alvinegros com outras torcidas do Ceará SC.		
17. Hino do Ceará	A versão oficial do hino do Ceará SC.		

Deste modo, os gêneros musicais que inspiraram o CD dos Cangaceiros são: Forró pé-de-serra/baião (5 músicas), forró eletrônico (3), sertanejo universitário (3) e axé (também 3 músicas).

O predomínio do forró sugere a preocupação da torcida em fazer referência a uma “sonoridade nordestina” a partir do ritmo musical visto como típico da região. Luiz Gonzaga é o intérprete que aparece mais vezes: em quatro músicas. Se for incluída na contagem a música “Mulher rendeira”, que também foi cantada em sua voz, chegaria a cinco. O destaque para o gênero pé-de-serra e para Luiz Gonzaga estimula a pensar que, quando falam de Nordeste, os Cangaceiros têm em mente principalmente a sua parte rural, tradicional, sertaneja, que é comumente o tema desse estilo musical. Já a presença do forró eletrônico, ainda que em menor intensidade, demonstra que há espaço também para o Nordeste “moderno”, urbano, do qual os Cangaceiros fazem parte.

Entretanto, se essas músicas em seu ritmo original são de forró, no CD elas foram adaptadas ao gênero *funk*. Apesar de ser possível escutar, em alguns momentos, a inserção de instrumentos de forró como a sanfona e o triângulo, o predomínio é da tradicional batida do *funk*. Esse ritmo, no Brasil, teve seu início na cidade do Rio de Janeiro durante a década de 80, posicionando-se como uma

³⁷ Houve um erro gráfico no encarte do CD, que afirma ser a faixa 12 a música “Camisa preto e branca”. Esta, contudo, faz parte do Pout pourri da faixa 14.

manifestação fortemente ligada àquela cidade³⁸. Evidência disso é o fato de ele também ser chamado de “*funk carioca*” (PALOMBINI, 2009, p.37). Apesar de o uso desse gênero musical aparentemente ir de encontro com o discurso de valorização da “cultura nordestina”, ele tem um significado importante para os Cangaceiros no que diz respeito à posição da torcida dentro do universo das Organizadas.

Separo duas falas, a primeira de um diretor e a outra de um integrante, explicando as razões da presença do *funk* nos Cangaceiros:

As torcidas Organizadas, hoje, elas fazem todas as músicas em ritmo de *funk*, né, pancadão, batidão. O nosso tem uma batida, também, forte, e tal, mas a gente procurou fazer uma mistura, colocar um ritmo, um forrozinho no meio, e tal. A gente fez uma mistura pra agradar a todos os gostos (Aldo).

As ideologia das torcidas do Ceará, era mais aquela batida de *funk* nas arquibancadas. E como foi o primeiro trabalho da torcida [Cangaceiros], ele puxou mais pro lado do *funk* (Célio).

A opção por adotar o *funk* como um dos gêneros musicais demonstra o objetivo dos Cangaceiros em conquistar aceitação por parte das demais Organizadas. A mistura de ritmos – o *funk* e “um forrozinho” – possibilita agradar aos gostos mais consolidados dentro do universo das Organizadas ao mesmo tempo em que demarca o discurso regionalista, um dos elementos de distinção.

É válido lembrar que o primeiro CD dos Cangaceiros foi gravado no ano de fundação da torcida, 2011, um momento em que ela estava em fase de ser conhecida e reconhecida como tal. A necessidade de lançar mão de um elemento tradicional nas Organizadas cearenses, o *funk*, parece ser mais forte nesse contexto, afinal, “foi o primeiro trabalho da torcida”. O segundo CD do grupo, ainda sem data definida de lançamento, terá, de acordo com Célio, um dos puxadores da torcida³⁹, uma presença mais forte do forró.

Tá saindo o segundo [CD] agora (...). Tanto do lado da torcida do Ceará quanto da torcida do Fortaleza, os CDs todos das torcidas Organizadas que a gente mais vê é *funk*. A gente já quer fazer bem mais diferente, também, já tá na ideia do nosso presidente aí pra sair um CD bem... forrozinho também, que é a nossa cultura, que é o forró, e juntando com nossa torcida, que é bem forrozeira também (Célio).

38 Carlos Palombini sintetiza a trajetória do moderno *funk carioca*: nos anos 70 havia os bailes *black* no Rio de Janeiro, movidos a *soul* e *funk* norte-americanos; esses eventos se constituíram na década seguinte nos bailes *funk* animados a *funk* e rap estadunidenses; finalmente, a partir dos anos 90 se constituiu o atual *funk carioca*, influenciado diretamente por um gênero de hip hop chamado “Miami bass”.

39 “Puxador” é o integrante responsável por iniciar os gritos de guerra ou as músicas, devendo ser acompanhado pelos demais logo em seguida.

Os Cangaceiros, pouco mais de quatro anos após sua fundação, já sendo reconhecidos pelo Ministério Público como Organizada e já participando de reuniões, comemorações e demais eventos junto com as outras torcidas que apoiam o Ceará SC, já ocupam um lugar dentro desse *campo*. Diante desse novo cenário, desenvolvem um CD em que a marca de aproximação, o *funk*, perde espaço para a distinção, o forró. Já não é necessário recorrer aos “batidões” para buscar uma aceitação, posto que ela já existe. O que não significa necessariamente que os Cangaceiros despertem a simpatia de todas as outras torcidas alvinegras. Isso porque todas elas, pelo que constatei na aplicação de questionários, encontram aspectos tanto positivos quanto negativos sobre as outras. Mesmo assim, é seguro afirmar que os Cangaceiros já são reconhecidos como uma delas.

O forró é um ritmo de distinção porque não é tocado por outras torcidas. Além disso, vai ao encontro do discurso sobre valorização da identidade nordestina, já que esse seria um estilo musical fortemente ligado à região. Célio se refere ao ritmo como “a nossa cultura”. Braga informa: “é porque o ritmo do nordestino é o forró”.

Embora o *funk* seja o ritmo predominante no primeiro CD dos Cangaceiros, nas arquibancadas ele é pouco executado. Foi o que percebi acompanhando a torcida nos jogos, reforçado pela fala de um dos integrantes da bateria:

Época de baile *funk* há muito tempo atrás tinha torcida do Ceará, torcida do Fortaleza, até torcida do Ferroviário, tudo no mesmo baile *funk*. E o que foi que aconteceu? Por motivos que eu não sei, acabou o baile *funk*, né, e aí o *funk* ficou como origem de música, de batida. E aí foi, as torcidas foram levando, o público, estádio, gostava das músicas, do ritmo, e aí pegou (...). Na nossa torcida, nos Cangaceiros mesmo, o ritmo do *funk* é muito difícil a gente tocar. A gente gosta mais de tocar um axé, já uma batida mais rápida, que dê mais dinâmica na música, entendeu? Às vezes, também, nos intervalos a gente toca forró pé de serra, e aí a gente vai levando, mas o *funk* em si é muito difícil a gente tocar (Gotardo).

O entrevistado relaciona a predominância do *funk* nas principais Organizadas do estado aos bailes que aconteciam na capital cearense, um ponto já visto no primeiro capítulo deste trabalho. Por outro lado, destaca que não é algo compartilhado pelos Cangaceiros nas arquibancadas, ocasião nas quais preferem outros ritmos como axé e forró. A presença do primeiro é justificada pela sua batida “rápida”, “dinâmica”, que favoreceria a *performance* da torcida no estádio. Mas é importante perceber que o *funk* também pode ser considerado um gênero musical

com essas características. Mesmo assim, nas arquibancadas, é no ritmo baiano que os Cangaceiros buscam essa dinâmica. A preferência pelo axé em detrimento do *funk* pode ser compreendida como outra estratégia de distinção, conforme indica a fala de Walter, um integrante da bateria:

Aqui dentro do estádio, a outra torcida faz *funk*, a gente também fez. Além do *funk* a gente toca também o axé. A pegada do *funk* com axé pra diferenciar das outras torcidas, tá entendendo? Pra não ficar na mesma monotonia, só de *funk, funk, funk*, não. Forró... lá dentro do estádio a gente toca um pouquinho de axé, toca samba, toca tudo lá dentro. Pra diferenciar um pouco das outras torcida (Walter).

É interessante como as entrevistas dos integrantes da bateria são conflitantes. Enquanto Gotardo afirma que “*funk* é muito difícil a gente tocar, Walter entende que esse ritmo também é tocado, junto com outros. Já García, mais um componente da bateria, fala que o ritmo mais usado pela torcida nas arquibancadas seria o *funk*:

As músicas são sempre estilo forró. A gente sempre toca o *funk* na arquibancada porque não combina o forró com o estádio (García).

O entrevistado ao mesmo tempo informa que as músicas dos Cangaceiros são “estilo forró” (conforme já dito, as músicas do CD são em boa parte canções de forró adaptadas ao *funk*), mas que nas arquibancadas se toca o gênero carioca porque o outro ritmo não combinaria com o ambiente do estádio. Mais uma vez aparece a ideia do *funk* como o ritmo próprio do estádio, das Organizadas, e que isso não poderia deixar de ser levado em conta pelos Cangaceiros.

Há desta forma uma divergência de opiniões sobre qual o gênero musical mais tocado pela torcida nas arquibancadas, vinda justamente de quem mais está envolvido nesse cenário, os componentes da bateria. Pode-se interpretar essas visões discrepantes como uma evidência de que talvez não haja um planejamento severo sobre o que deve ser tocado.

De qualquer modo, a escolha em trazer ritmos além do *funk* tem o objetivo de se distinguir das outras Organizadas. Em sua curta fala, Walter usou “diferenciar das outras torcidas” duas vezes, mostrando a força dessa ideia. O axé é um ritmo baiano, portanto de um estado do Nordeste. Já o forró, outro ritmo tocado pelos Cangaceiros, é descrito por Gotardo como “pé de serra”, mais uma vez remetendo à questão da identidade nordestina. Walter foi o único entrevistado que mencionou o samba. Assim como o *funk*, o samba também é um ritmo enraizado no

Rio de Janeiro. Entretanto, ainda na primeira metade do Século XX, se constituiu como “música nacional”⁴⁰. Deste modo, tocar samba não seria uma reverência à cultura carioca, mas sim à brasileira.

É interessante observar como o *funk* está tão presente no CD da torcida ao mesmo tempo em que é preterido por ela nas arquibancadas. É possível compreender o CD como veículo oficial de divulgação das suas músicas, aquele que era tocado no entorno do estádio antes e depois dos jogos – prática frequente em 2011 e 2012, perdendo força posteriormente, de acordo com minhas observações –, distribuído cordialmente às outras Organizadas e vendido para os demais torcedores. O CD, portanto, é a principal forma dos Cangaceiros se apresentarem no universo das Organizadas em seu aspecto musical.

As músicas tocadas pelos Cangaceiros nas arquibancadas, em contrapartida, têm um alcance relativamente reduzido. Posicionada ao lado da Cearamor, detentora de um número incomparavelmente maior de integrantes e instrumentos musicais, a voz dos Cangaceiros é abafada pela Organizada dominante aos ouvidos da maior parte do estádio. Essa situação talvez possibilite aos Cangaceiros ficarem mais “à vontade” em executar os ritmos de seu maior interesse.

Uma das músicas mais tocadas por eles durante os jogos é a “Bebo todas que vier”. Curiosamente, não é de sua autoria. Essa canção foi trazida ao universo das torcidas do Ceará SC pelo Setor Alvinegro⁴¹. Também não é em ritmo de *funk* nem de forró. É uma “música de alento”, típica das *barras bravas*, que no modo como é executada pelos Cangaceiros, fica mais próxima do samba.

Sou alvinegro sim, senhor!
E bebo todas que vier
Para apoiar meu Vovô
Meu único amor!
Dá-lhe, dá-lhe, meu Vovô

40 Hermano Vianna (VIANNA, 1995) indica os processos políticos da década de 30, caracterizados pela ideologia unificadora da nação, como fundamentais à elevação do samba à condição de ritmo do Brasil. A Rádio Nacional, retransmitida em todo território brasileiro, mas sediada na cidade do Rio de Janeiro, foi uma de suas grandes divulgadoras. O mercado de gravadoras no Brasil se fortaleceu nessa época, também em terras cariocas. Vianna afirma que o samba teve “tudo a seu dispor – rádios, gravadoras e interesse político – para se transformar em música nacional” (VIANNA, 1995, p. 110).

41 Essa música na verdade não foi criação do Setor. Ela já era usada por torcidas do Vasco/RJ e do Grêmio/RS, por exemplo, com algumas mudanças nos versos. Mas foi a do Grêmio que imprimiu à canção uma batida característica de *barra brava*, provavelmente tendo sido a maior inspiração do Setor. Esse tipo de adaptação de música de torcidas de outros estados é comum em todo o Brasil.

Dá-lhe, dá-lhe, meu Vovô
 Dá-lhe, dá-lhe, meu Vovô
 Sou alvinegro sim, senhor!

O Setor Alvinegro é outra das torcidas que apoiam o Ceara SC, fundada em 2009. Assim como os Cangaceiros, também não se identifica prontamente como uma Organizada, mas sim como uma *barra brava* conforme já visto no Primeiro capítulo. Será visto detalhadamente no item 4.3 que o Setor Alvinegro é a segunda Organizada com a qual os Cangaceiros mais se identificam, mais acham parecida com eles mesmos, ficando atrás apenas da Ceará Chopp.

Aldo, que ocupa um dos principais cargos de diretoria, já havia mostrado a aproximação entre os Cangaceiros e a Ceará Chopp. Quando perguntei se sua torcida costuma fazer caravanas para outras cidades e estados, ele respondeu:

Quando é lugares mais distantes, ou a gente vai com caravanas de outras torcidas que já têm uma tradição de ir pra lugares mais distantes, ou a gente vai por conta própria mesmo, até de avião (...). A gente vai mais com torcidas como a Ceará Chopp, que é uma torcida mais família (Aldo).

Aqui vale ressaltar que a Ceará Chopp não possui uma *performance* típica de Organizada nas arquibancadas. Mesmo tendo camisas e faixas exclusivas, ela não leva bateria nem cria músicas próprias. Seus integrantes assistem aos jogos de maneira menos ativa, no máximo repercutindo músicas que são “puxadas” por outras torcidas. Desta forma, levando-se em conta apenas os grupos de torcedores que executam uma *performance* típica nas arquibancadas, com músicas e coreografias, o Setor Alvinegro é a primeira e única torcida apontada pelos Cangaceiros como semelhante a eles.

Essa identificação não parece ao acaso. Com efeito, a maior parte dos componentes do Setor, de acordo com Moraes (MORAIS, 2015), é composta por “estudantes universitários ou pessoas com formação de Ensino Superior ou que já estavam no mercado de trabalho” (*Ibid.*, p. 30). De acordo com o que já foi visto, os Cangaceiros seguem um perfil aproximado. Deste modo, há pelo menos dois pontos principais de semelhança entre essas duas torcidas: o perfil socioeconômico e a problematização em se definirem como Organizada.

Retomando o fato de os Cangaceiros cantarem com frequência uma música composta pelo Setor Alvinegro, resgato a fala de um dos puxadores da torcida:

As nossas músicas é mais de incentivo ao Ceará. Então tá lá as músicas, assim que sai do Setor Alvinegro, que tem umas músicas legais, também, da Cearamor, ou até mesmo da MOFI, quando elas lançam uma música legal, a gente sempre quer tá puxando, que é pra animar a nossa torcida (Célio).

Não identifiquei, em minhas observações, nenhuma música de autoria da M.O.F.I. que tenha sido cantada pelos Cangaceiros. A respeito da Cearamor, uma das poucas canções de autoria dela que é reproduzida pelo cangaço é “Estaremos Contigo”. Esse grito, entoado desde 2010, costumeiramente é “puxado” pela Cearamor e logo é seguido pela maior parte do estádio. A especificidade da canção “Bebo todas que vier” é que ela não é “puxada” pela maior Organizada do Ceará, mas sim é cantada apenas pelo Setor e pelos Cangaceiros.

Percebi, acompanhando a torcida em jogos, que “Bebo todas que vier” tem um forte impacto nas emoções daqueles torcedores: quando eles estão pouco vibrantes, imediatamente um dos puxadores inicia o grito: “E bebo todas que vier!”, sendo seguido de maneira empolgada pelos demais: “para apoiar meu vovô!”, continuando todos a cantarem a música. Isso também é válido nos momentos em que os Cangaceiros já estão bastante empolgados, servindo como uma maneira de fazer crescer ainda mais aquela energia.

Esse grupo de torcedores costuma fazer, no intervalo dos jogos, uma “rodada de forró”, reunindo integrantes ao redor da bateria, cantando músicas de forró pé de serra ou do forró “moderno” da década de 90. Uma delas, bastante comum nesses momentos, é a “Pergunta sem resposta”, gravada em 1999 pela banda cearense “Brasas do Forró”. Apesar de a década de 1990 indicar o início dos grupos de forró eletrônico, nos quais a sanfona foi substituída pela guitarra (OLIVEIRA LIMA & FREIRE, 2011, p. 2), essa canção da banda Brasas, em sua gravação original, continua a usar do tradicional instrumento.

Notamos, neste item, como os gêneros musicais são usados pelos Cangaceiros ora como aproximação, ora como distanciamento em relação a outras Organizadas. O ritmo do *funk*, fortemente presente no primeiro CD lançado pela torcida, foi propositalmente escolhido para ser um aspecto de semelhança em relação à maioria das outras Organizadas. Já o forró e o samba, efetivamente mais tocados nas arquibancadas, representam o desejo de ser diferente das demais.

As torcidas que têm suas músicas cantadas pelos Cangaceiros são a Cearamor e o Setor Alvinegro. A primeira é a maior e mais tradicional Organizada do Ceará SC. Repercutir suas músicas também pode ser interpretado como um movimento de aproximação a esse *campo* estabelecido das Organizadas tradicionais; por sua vez, o Setor Alvinegro é uma torcida de pequeno porte, que problematiza sua própria condição de Organizada, refuta a violência nas arquibancadas e possui um perfil socioeconômico semelhante aos Cangaceiros. Reproduzir uma música dessa torcida “diferente” é um movimento de distanciamento àquele *campo*.

4.2 Visões sobre violência entre torcidas

A questão dos confrontos entre grupos de torcedores de futebol, muitas vezes sangrentos e até mortíferos, não é algo recente no Brasil nem em boa parte do mundo. Esses conflitos já foram tema de diversos debates e ações governamentais, embora nunca tenham se extinguido.

O contexto brasileiro traz as Organizadas como as principais envolvidas nessas brigas. Durante o segundo capítulo já se discutiu sobre essa questão das razões de torcedores de futebol brigarem entre si. Esses conflitos, em geral, vão para além do pertencimento clubístico⁴², haja vista que não são excepcionais as ocasiões nas quais torcedores de um mesmo time brigam entre si. Pessoas que vêm de um contexto cotidiano de violência – agressões físicas, assaltos, constrangimento de policiais, tráfico, falta de atenção do Estado – e de rivalidades entre bairros podem trazer consigo essa violência aos lugares e grupos que frequentam, como os estádios e as torcidas de futebol.

Alguns grupos de torcedores procuram se desvincular dessa imagem de brigas. Tomando o contexto das torcidas do Ceará SC, o já citado Setor Alvinegro é uma delas. Os Cangaceiros também se esforçam para se mostrar como uma torcida que não se envolve em brigas. Conforme será visto, expressões como “uma família” e um “grupo de amigos” são recorrentes nas falas dos Cangaceiros para se

42 O antropólogo Arlei Damo (DAMO, 2005) conceitua o “clubismo” como a adesão fiel dos torcedores a um time de futebol. É algo tão marcante no universo futebolístico que pode ser compreendido como um valor incorporado à sua cultura e um elemento de diferenciação em relação aos outros esportes. O autor o descreve ainda como “um sistema articulado de crenças e de práticas que, numa perspectiva arrojada, pode ser definido como um totemismo moderno” (*Ibid.*, p. 61).

referirem à sua própria torcida, ressaltando um contexto de “paz e amizade” em contraposição ao de confronto e brigas.

4.2.1 Resignificando o cangaço

Já foi visto no capítulo anterior que a imagem do cangaceiro histórico é dicotômica. Para alguns, está vinculada à ideia de banditismo e violência; para outros, essas figuras históricas seriam exemplo de justiça e reação popular às desigualdades sociais. Há ainda o valor positivo da pessoa forte, destemida. Também já foi dito que a torcida Cangaceiros adotou apenas os aspectos positivos dessa representação. Vale a pena retomar esse trabalho de resignificação, pensando-o a partir dessa perspectiva de distanciamentos e aproximações em relação às Organizadas tradicionais.

A respeito dessa seleção de imagens positivas, Célio comenta:

...Lampião foi realmente uma figura muito... que fez muita guerra nas terras do Nordeste. Mas nossa torcida não tá pra isso, não. Se espelha nele em outras coisas, como conquistas as marias-bonitas, né? (risos). Aí sim (Célio).

A apropriação positiva da imagem do cangaceiro fica perceptível também em alguns dos materiais produzidos pela torcida, aspecto já observado no capítulo anterior. Vale a pena retomar pelo menos dois deles:



Figura 29: a mascote da torcida

A imagem acima nos mostra o escudo dos Cangaceiros usado durante 2014. Nele encontramos o nome da torcida e a mascote. Este é um velhinho vestindo um chapéu de cangaceiro. Levando-se em conta que o Vovô é a mascote

do Ceará Sporting Club, percebe-se que a figura-símbolo da torcida é a personagem do time ao estilo do cangaço.

O Vovô Cangaceiro, além de seu chapéu, veste a camisa do clube. É representado de maneira sorridente e descontraída. Não se percebe nele traços de músculos avantajados, tampouco demonstrações de força física ou raiva. Isso vai de encontro a uma prática comum a várias Organizadas: a de representar a sua mascote por meio de desenhos que ressaltam o grande vigor físico, feições sisudas e, por vezes, usam roupas características de artes marciais como judô e jiu-jítsu. A referência a esses esportes de combate sugere um talento e disposição para a luta por parte da mascote e, por consequência, da torcida e seus integrantes.

A esse respeito, Joseane Ribeiro chama a atenção para a ironia do fato de que as camisas estampadas com mascotes musculosas são, em sua maioria, vestidas por torcedores que ostentam um porte físico magro, distante daquelas imagens de força⁴³. Isso sugere que a figura-símbolo de uma torcida, muitas vezes, simboliza mais uma identidade desejada do que a representação de uma realidade (RIBEIRO, 2010, p. 55).

Os Cangaceiros abriram mão das imagens de músculos, raiva e agressividade para conceber seu símbolo. Não inseriram nele elementos que, na concepção dessa torcida, seriam vinculados à violência. Nas palavras de um dos diretores:

Você pode ver que o vovozinho é uma cara bem alegre, e tal, não passa nada de negativo, Isso aí já é um ponto de aproximação de gentes positivas, boas pra torcida (Aldo).

Nota-se que o cuidado em preservar uma imagem da não violência tem, além do desejo da torcida de ser “bem vista”, o objetivo de evitar a chegada de torcedores “indesejados”, atraídos por representações de agressividade.

Outra característica do Vovô Cangaceiro é aparecer no escudo repetindo o gesto de saudação da equipe: uma mão à altura da boca, representando o ato de beber; a outra com o dedo indicador e o polegar esticados, simulando o formato de um revólver ou espingarda. Esta é a apresentação gestual do lema “Não portamos armas, bebemos cachaça”. Os armamentos, ferramentas comuns aos cangaceiros

43 Ribeiro, em seu trabalho, estudou duas Organizadas ligadas ao Ceará Sporting Club: a Torcida Organizada Cearamor e o Movimento Organizado Força Independente (MOFI).

históricos, são substituídos pela cachaça, no seu sentido de alegria e confraternização. Outro exemplo dessa adaptação está em uma das primeiras camisas lançadas pela torcida, ainda em seu ano de fundação (vide a Figura 10 no capítulo anterior). Nela, além do chapéu característico, a cartucheira de munição típica dos cangaceiros históricos foi mantida. Contudo, em vez de balas, ela porta agora garrafas de cachaça.

Nota-se, após a observação desses materiais, como parte da estética cangaceira foi mantida: o couro, o chapéu e o característico suporte para munição. Há, entretanto, algumas mudanças. Apesar de os cangaceiros históricos terem sua imagem fortemente vinculada ao uso de armas, é notável que elas trazem uma mensagem de bravura, mas também de violência e crime. Os Cangaceiros, fugindo dessas representações negativas, recusam o uso de armamentos, mesmo estando estes fortemente ligados ao imaginário do cangaço. Apenas os aspectos positivos, não violentos, do cangaço devem ser rememorados.

4.2.2 Bebida alcoólica e violência

As bebidas alcoólicas são um tema recorrente nos discursos dos Cangaceiros. Além das referências já mencionadas, elas são citadas pelos torcedores em grande parte de suas músicas, como exemplificam esses versos:

Porque eu gosto de beber, gosto de vibrar
Eu sou cangaceiro.
Gosto de torcer, gosto de cantar
Pelo alvinegro
(Música "Eu vou torcer pro Ceará")

Balança a cachaça no *mei* do corredor
Cangaceiro e Cearamor
(Música "As torcidas estão unidas")

A vida aqui só é ruim
Quando não ganha o vozão
Mas se ganhar dá de tudo
Cachaça tem de montão
Tomara que ganhe logo
Tomara, meu deus, tomara
Não deixo o meu Ceará
Nem se a cachaça acabar.
(Música "Não deixo o meu Ceará nem se a cachaça acabar")

Vamos derrubar o litrão
E torcer pro vozão
de coração
Com minha cachaça na mão
Vou beber de montão

Vai meu vozão
(Música “Pout Porri – Cachaça”)

Percebe-se como há uma referência especial à cachaça dentre as demais bebidas. Esse destilado é fabricado a partir da cana-de-açúcar, um tipo de planta que foi largamente cultivado em terras brasileiras desde os primeiros séculos de sua colonização. Isso se deu modo mais intenso em locais hoje compreendidos como parte da região nordestina: um trecho que vai de Ceará a Sergipe, além do recôncavo baiano (FREIRE, 1967, p. 10). O modo de produção açucareiro teve enorme influência na formação social naquelas terras. Gilberto Freyre destaca um modelo de família aristocrático mais forte que em qualquer outra parte do Brasil, dotado de características “quase feudais”. A base dessa estrutura social da zona canavieira era composta também pelos negros escravizados e pelos homens livres pobres – os sertanejos (*Ibid.*, p. 102-104).

Durante as primeiras décadas do século XX, conforme visto no capítulo anterior, foram criados alguns órgãos estatais voltados ao Nordeste, como o IAA – Instituto do Açúcar e do Alcool; e a SUDENE – Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste. Deve-se entender por “desenvolvimento” uma maior inserção na dinâmica da produção capitalista e em novos modelos de industrialização (PENNA, 1992, p. 29). A chegada desses projetos modernizantes não foi suficiente para alterar as formas de reprodução do capital e desigualdades no Nordeste. Pelo contrário, essas medidas acabaram por reforçar aquele *status quo* (OLIVEIRA, 1993, p. 67).

Os projetos de industrialização do Nordeste não extinguiram a produção agrária do açúcar, mas sim a intensificaram. A partir da década de 70 foi expandida a área ocupada pela plantação de cana-de-açúcar, arroz, cacau, feijão, laranja e milho (ARAÚJO, 1995, p. 129).

Aluísio aponta esse vínculo histórico da cachaça com o Nordeste para explicar a sua citação constante nas músicas. Já Gotardo enxerga um “elemento cultural” na bebida:

A nossa turma gosta de beber. A gente gosta sempre de tomar umas. Mas tudo na paz (...). [A presença da cachaça nas músicas] é porque a cachaça, né... no Nordeste tem a cachaça, no nosso Ceará tem a cachaça. É uma coisa mais assim, pra esse lado... (Aluísio).

E aí, assim, como uma paródia, o cultural da nossa torcida, a cachaça, e aí a gente tenta propagar a cachaça nas músicas (Gotardo).

Assim como seus companheiros acima, Walter também indica um elemento regional, afirmando que a cachaça seria algo “mais nordestino”. Mas traz também outra justificativa: ela seria a predileta entre os torcedores cangaceiros:

A gente é bebedor de cachaça oficial! É mais é cachaça. Fora de casa, as viagens só rola cachaça, pouca cerveja, é mais é cachaça. É mais nordestino, né, a gente é... cearense, Nordeste, bebedor de cachaça, mesmo. Beber até... até ficar alegre [risos] (Walter).

A entrevista com Walter foi realizada no entorno do estádio Castelão, no dia 23 de agosto de 2015, aproximadamente às 15h, portanto uma hora e meia antes de começar o jogo do dia, Ceará SC vs Paraná Clube. O torcedor, visivelmente, já estava bastante “alegre”. Contudo, no momento da nossa conversa ele não estava segurando nenhum copo ou garrafa, o que me impediu de ver que tipo de bebida ele efetivamente estava consumindo. Ele foi o único cangaceiro que apontou a cachaça como bebida favorita daquele grupo de torcedores. Os demais indicaram a cerveja como a preferência.

É o caso, por exemplo, de Gotardo. Embora ele fale sobre o quanto os Cangaceiros gostam de cachaça...

A nossa torcida, em si, é um caso sério com a cachaça [risos]. Meu amigo, eu nunca vi uma torcida pra gostar tanto de beber. Eu vou te contar, é um recorde, viu? (Gotardo).

...reconhece que, apesar desse gosto, não é a ela a bebida mais consumida, mas sim a cerveja:

O que [a gente] bebe mais é a cerveja, cerveja bebe muito. Mas a cachaça é uma aliada muito forte na nossa torcida. A gente não afasta a cachaça não [risos]. Ela tá sempre na nossa roda, ali, sempre bebendo (Gotardo).

Gotardo foi aquele que, como vimos na página anterior, usou o argumento do “cultural” para justificar o destilado de cana nas canções. Aluísio, também na página anterior, explicou essa presença por razões históricas, mas igualmente lembrou que ela não é a mais ingerida:

A maioria [dos Cangaceiros] bebe cerveja. Mas a cachaça, por ser um negócio mais assim, mais nordestino... (Aluísio).

Pode-se compreender que, embora o álcool mais consumido seja a cerveja, a cachaça (que também é apreciada) tem um aspecto simbólico que vai ao

encontro da proposta “cultural” da torcida. Isso lhe garante a condição de bebida-símbolo.

Além dessas duas bebidas já citadas, outras são lembradas em músicas:

Vodca, whisky, cerveja e cachaça
Sou cangaceiro, sou, sou cangaceiro
Vodca, whisky, cerveja e cachaça
Sou cangaceiro, sou, sou alvinegro
(Música “Sou é cangaceiro”)

Mesmo sendo a cerveja o álcool mais consumido, e a cachaça o símbolo, ainda há espaço para se falar de outras bebidas. No trecho acima se lembram de vodca e *whisky*, mas podemos compreender como uma exaltação das bebidas alcoólicas em geral; das sofisticadas às populares, das mais fortes às de menor teor.

A fala de Braga traz uma explicação interessante para isso:

Você sabe que todo nordestino, além de ser apaixonado pelo time, sempre gosta de tomar umas, né? Pessoal [os Cangaceiros] é apaixonado por uma birita, festas. Tem uns que tem a preferência, né? Mas o bom bebedor, ele toma de tudo [risos] (Braga).

Nota-se como a presença da cachaça nas músicas tem, como explicação predominante, o vínculo cultural e histórico dessa bebida com a região Nordeste; Walter acrescenta outro motivo, afirmando que ela seria o tipo alcoólico preferido da torcida. Contudo, apenas ele, dentre os entrevistados, afirmou isso. Outros indicam a cerveja como bebida mais ingerida. Há ainda o exemplo de Braga, para quem o torcedor nordestino deve beber “de tudo”.

Há algo em comum em todas as falas: a afirmação contundente de que a torcida gosta de consumir álcool com intensidade: “a nossa turma gosta de beber”, “um caso sério com a cachaça”, “a gente é bebedor de cachaça oficial”, “pessoal é apaixonado por uma birita”. Isso também é reforçado nas músicas:

Vou dar um gole na cachaça
Eu fico *bebo*⁴⁴ mas não passa
O meu amor ao Ceará
(Música “Eu vim mostrar minha alegria”)

Eu sou é cangaceiro
Torço pro Ceará
Nem que eu morra *bebo*
Eu vou é sacudir a arquibancada

⁴⁴ Expressão coloquial para a palavra “bêbado”.

(Música “Cangaço só na gelada”)

Sou cangaceiro
 Alvinegro
 Já tô é *bebo*
 Quero mais o quê?
 (Música “Pout Porri – Cachaça”)

Vamos beber todas
 Pro vozão vamos torcer
 Ceará Chopp e Cangaceiros
 Fazem o estádio tremer
 (Música “As torcidas estão unidas”)

Com efeito, de acordo com o que observei nos meus momentos juntos à torcida, praticamente todos os integrantes bebem álcool nessas ocasiões, em maior ou menor quantidade. Também percebi como alguns, como disse Walter, ficam “alegres”, com comportamento alterado pelo efeito da bebida, embora raramente eu tenha visto alguém que poderia ser considerado “embriagado”, com as capacidades de raciocínio e equilíbrio comprometidas.

Também constatei como a cerveja é de fato a bebida predominante. A cachaça está presente, com suas garrafinhas sobre as mesas, mas a quantidade de recipientes de cerveja é maior. Geralmente essas garrafas estão guardadas em pequenos isopores, de maneira que o rótulo nem sempre é visível. Mesmo assim, tive ocasiões de perceber que nem todas essas cervejas eram de marcas populares como “Brahma”, “Antarctica”, “Skol”, “Nova Schin”, etc. Encontrei alguns cangaceiros consumindo nomes como “Budweiser” e “Heineken”. Essas são marcas mais caras e que são vendidas no Brasil com o *status* de *premium*⁴⁵.

Conforme já comentado, uma explicação pela frequência da cachaça nas músicas pode ser de ordem identitária: esse destilado, cuja matéria-prima está fortemente associada à história cultural e econômica da região Nordeste, vai muito mais ao encontro do discurso regionalista propagado pela torcida do que qualquer outra bebida. Isso chega mesmo a ser apontado por alguns entrevistados. Mas outra motivação possível, talvez menos evidente, é a questão da virilidade. Conforme será visto detalhadamente no tópico “Violência verbal” deste capítulo, os Cangaceiros compartilham da ideologia, presente em algumas outras Organizadas, de que a

45 A economista Marili Ribeiro assim descreveu a chegada dessas duas marcas ao Brasil em 2011: “A holandesa Heineken e a americana Budweiser vão brigar pelo que se convencionou chamar de mercado ‘premium’, segmento com preço cerca de 20% superior aos das outras cervejas” (RIBEIRO, 2011).

torcida precisa ser máscula. O oponente, para ser desqualificado, é chamado de feminino ou *gay*.

O destilado possui um teor alcoólico muito superior à cerveja. Dizer-se um “bebedor de cachaça”, assim, é mais impactante e viril. E quando a cerveja em questão é *premium* (bebidas desse tipo têm uma imagem de sofisticação, oposta à de rudeza), essa distinção parece ainda mais forte. Tal como os adolescentes “mirrados” de Cearamor e MOFI, que vestem camisas com estampas de mascotes musculosas para se afirmarem fortes e guerreiros (RIBEIRO, 2010, p. 55), os Cangaceiros parecem supervalorizar seu consumo de cachaça na construção da imagem máscula. São os nordestinos “cabra macho” que suportam beber de tudo, em especial, uma bebida forte.

É importante ainda lembrar que os Cangaceiros se recusam a participar de confrontos físicos entre torcedores. Pensando essa disposição para a briga como um *capital* dentro do universo das Organizadas (sobretudo as tradicionais), recusar-se a possuir esse *capital* pode significar uma perda de prestígio dentro desse *campo*. Poderia também indicar uma imagem indesejada de fragilidade, covardia. Declarar-se um bebedor de cachaça, assim, pode servir também como estratégia para recuperar um pouco dessa representação de masculinidade.

Aqui há uma questão interessante: a relação entre bebida alcoólica e confrontos entre torcidas. Os Cangaceiros se posicionam em um delicado meio termo nesse assunto.

A lei federal Nº 10.671, conhecida como Estatuto do Torcedor, foi sancionada, em 2003, pelo então presidente Lula da Silva. Este conjunto de normas dispõe sobre a proteção e defesa dos espectadores de eventos esportivos. Dentre suas várias resoluções, destaco a que proíbe a entrada e o consumo de bebidas alcoólicas dentro das praças esportivas:

CAPÍTULO IV

DA SEGURANÇA DO TORCEDOR PARTÍCIPE DO EVENTO ESPORTIVO (...)

Art. 13-A. São condições de acesso e permanência do torcedor no recinto esportivo, sem prejuízo de outras condições previstas em lei:

(...)

II - não portar objetos, bebidas ou substâncias proibidas ou suscetíveis de gerar ou possibilitar a prática de atos de violência (BRASIL, 2003).

A não-ingestão de álcool dentro dos estádios é tratada, nesta lei, como questão de segurança. Esse tipo de bebida é considerado oficialmente como um potencial estimulador de práticas violentas entre torcedores.

Neste ponto, chama a atenção o fato de os Cangaceiros sustentarem dois discursos que em certa medida podem ser vistos como conflitantes: de um lado, a crítica à violência; do outro, a ode ao consumo de bebidas alcoólicas, que são descritas pelo próprio Estatuto do Torcedor como “suscetíveis de gerar a prática de atos violentos”. Essa possível contradição não parece ser problemática a esses torcedores. Não identifiquei nenhum tipo de música, lema, documento ou nota oficial na qual os Cangaceiros tratassem desse vínculo álcool/violência, nem mesmo como forma de desconstrução. O único momento em que vi os torcedores falando disso foi na situação de entrevista, quando os indaguei diretamente sobre o assunto. As respostas sustentam a ideia de que essa ligação entre álcool e violência não seria correta, embora não haja uma argumentação mais aprofundada sobre isso.

Na minha concepção [creio] que não seja esse fato, relacionado bebida com violência, não, até mesmo porque a violência hoje infelizmente tá no mundo, e não é por conta só da bebida (Célio).

Eu acho que não tem nada a ver, não. Uma bebidazinha lá dentro do estádio não influiria em nada a respeito de briga, não (Aluísio).

Walter reconhece alguma ligação entre álcool e violência, embora a minimize:

Tem algumas pessoas que se altera mais, e tal, faz uma confusãozinha acolá, mas eu acho que não influencia (...). Eu acho que não faz, pra mim, cachaça, bebida alcoólica lá dentro do estádio era pra ser liberado. Acho que não influencia em muita coisa não. Pode influenciar um pouco. Mas, muita coisa, não (Walter).

Os entrevistados também revelam o que compreendem como sendo pontos falhos nesse sistema de proibição: apesar de não ser permitido beber álcool dentro dos estádios, a venda no entorno das praças esportivas é liberada. Além disso, alguns torcedores (não é especificado de quais Organizadas) entrariam com bebidas escondidas:

Hoje é *proibida* a venda dentro do estádio de bebida alcoólica, mas muitos torcedores chega duas horas antes de jogo, mete o pau na cachaça, como a gente chama aqui, e depois lá dentro do jogo... (Célio).

O pessoal acha que vender a bebida dentro do estádio gera confusão. Não concordo muito com isso não, porque... fora do estádio tem, todo mundo bebe, né? Entra, outros entram com bebida (Aluísio).

Eu acho que quem vai pra arrumar confusão arruma. Bebendo ou não bebendo, “eu vou pra arrumar confusão”, o intuito deles de vir pro estádio é esse (...). Porque a gente bebe aqui fora, tem gente que já entra bebo, com intuito de arrumar confusão. Pessoal que usa droga dentro, pessoal que usa droga aqui fora, entra lá dentro já pra arrumar confusão, muito louco, tá entendendo? (Walter).

Além das bebidas consumidas no entorno do estádio e levadas escondidas para as arquibancadas, Walter chama a atenção para outras substâncias: as drogas.

Deste modo, a relação entre álcool e violência, reconhecida pelo Estatuto do Torcedor, não é compartilhada pelos Cangaceiros entrevistados. Para eles, as motivações de brigas nos estádios estão para além da influência do álcool. Além disso, apontam como contraditório o consumo de bebidas no entorno dos estádios, visto que alguns torcedores já iriam bêbados para as arquibancadas. O argumento de que a proibição do álcool não inibirá os que estão realmente dispostos a brigar se faz presente também quando os entrevistados falam sobre a questão da violência nas Organizadas de maneira geral. Isso será visto no próximo tópico.

4.2.3 Violência e Torcidas Organizadas

Dentre as 23 perguntas que compuseram os questionários, seleciono algumas que tratam do tema da violência. Faço uma comparação entre as respostas dadas pelos Cangaceiros e pelos integrantes da Cearamor e da TUF. Busco, com isso, encontrar pontos de semelhança e de diferença entre a torcida que estudo e as maiores Organizadas do estado do Ceará, no que diz respeito à questão da violência entre grupos de torcedores.

Não custa lembrar: a maior parte das perguntas do questionário pedia que fosse dada uma nota de 1 a 5 para diferentes opções. Dar nota 1 ou 2 para uma opção significa que ela tem pouca ou nenhuma relevância; dar nota 4 ou 5 indica que ela tem muita importância na avaliação.

Uma das perguntas foi enunciada exatamente deste modo: “O que você está disposto a fazer junto com sua Torcida Organizada”? Foram dadas seis opções

nesta pergunta, cada uma delas devendo ganhar uma nota de 1 a 5 de acordo com sua importância. Uma das opções foi: “eu estou disposto a brigar”:

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	83,3%	55,3%	55,4%
Nota 02	4,2%	1,2%	3,6%
Nota 03	0,0%	15,3%	7,1%
Nota 04	4,2%	2,4%	1,8%
Nota 05	8,3%	25,9%	32,1%

“Brigar” é uma atitude que pode remeter à imagem de violência, de confrontos físicos. Neste ponto é importante relativizar as respostas. É possível que alguns torcedores, mesmo estando altamente dispostos a brigar, tenham optado por escolher notas baixas ao item, por receio de que uma resposta abertamente ligada à violência pudesse de algum modo se converter em represália a eles e sua torcida. Isso porque, nas semanas em que os questionários foram realizados, as torcidas Cearamor e TUF estavam sob punição do Ministério Público em razão de confrontos físicos ocorridos no ano anterior. De qualquer modo, os números obtidos trazem informações.

Os Cangaceiros foram a torcida que mais deu notas baixas para “estou disposto a brigar”, chegando a 87,5% (somando notas 01 e 02). Chama a atenção que as notas mais altas – ou seja, alta disposição para brigar – ainda atingiram 12,5%. Isso sugere que o discurso de não violência da torcida é o predominante, mas não é seguido por 100% dos integrantes.

Cearamor (56,5%) e TUF (59%) também deram em sua maioria notas baixas, porém em porcentagem expressivamente menor. Ainda que em uma possível situação de desconfiança com os pesquisadores, uma quantidade relevante declarou-se estar muito disposta a brigar (notas 04 e 05): 28,3% na Cearamor, 33,9% na TUF.

Os números indicam que, ao menos em discurso, a disposição para brigar dos Cangaceiros é muito menor do que as duas Organizadas tradicionais.

É possível tomar as respostas dessa pergunta dentro de uma discussão sobre gênero. A princípio, entrar em confrontos físicos poderia ser visto como uma prática mais masculina, menos condizente com a feminilidade. Entretanto, quando

se vê as respostas separadas pela variável “sexo”, somando-se as três torcidas, observa-se o seguinte:

	Feminino	Masculino
Nota 01	62,5%	56,8%
Nota 02	0,0%	3,4%
Nota 03	7,5%	9,3%
Nota 04	5,0%	1,7%
Nota 05	25,0%	28,8%

A distribuição de notas entre homens e mulheres é bastante semelhante: 30% das mulheres afirmam estar muito dispostas a brigar, praticamente o mesmo nos homens: 30,5%. 62,5% delas não estão de modo algum dispostas a isso; nos homens o valor é de 60,2%. Há uma ligeira vantagem feminina nas notas baixas, mas em quantidade bem mais discreta do que a hipótese inicial supunha. Assim, a disposição em brigar é praticamente igual entre os homens e mulheres que responderam ao questionário.

Neste ponto, lembro-me de um verso que é cantado pela Cearamor em referência às suas componentes do sexo feminino:

Charme e porrada
no *mei* do corredor!
Bonde feminino
As gatas da Cearamor!⁴⁶

As torcedoras são ao mesmo tempo caracterizadas por um aspecto sensual – o charme e a beleza – e também pela prática violenta, a “porrada”. Assim, de acordo com o que essa música sugere, a integrante ideal de uma Torcida Organizada deve combinar esses dois elementos: o da delicadeza e o da valentia para brigar.

A Cearamor tem o “bonde”; já a TUF traz o “núcleo feminino”. Ele também ganha músicas especiais exaltando as torcedoras. Músicas, importante lembrar, feitas por homens. Raoni Marques (MARQUES, 2013) apresenta algumas. Destaco

⁴⁶ “Bonde” é uma expressão que vem do *funk* e serve de sinônimo para “grupo”, “ganguê”. O “bonde” feminino é o grupo de mulheres da torcida. “Gata” ou “gato” é um adjetivo (em forma de gíria) bastante frequente para descrever uma pessoa bonita.

uma, apresentada pelo músico “Mc Bacana”⁴⁷ na festa de aniversário de 20 anos daquela Organizada:

Elas vão para o estádio toda linda e sensual.
De camisa da TUF pra mostrar que tem moral.
Mas se bater de frente eu vou logo avisando
o núcleo feminino deixa a carniça chorando.
Desde 91 elas são disposição.
Núcleo feminino as guerreiras do leão⁴⁸.
(Mc Bacana *apud* MARQUES, 2013, p. 66).

A imagem da torcedora ideal da TUF, assim como a da Cearamor, deve aliar características de beleza e sensualidade com a disposição para o confronto. Esse aspecto do preparo à briga é ressaltado na alcunha das torcedoras: “Guerreiras do Leão”.

Essa construção que Cearamor e TUF fazem da torcedora idealizada, que alia o charme com a “porrada”, que é ao mesmo tempo sensual e guerreira, encontra reflexo nas respostas dessas integrantes sobre a disposição para brigar.

Outra pergunta do questionário: “qual sua motivação para ir ao estádio”? Uma das opções foi “minha motivação para ir ao estádio é brigar pelo meu time”. As notas das três torcidas:

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	75,0%	42,4%	43,5%
Nota 02	4,2%	2,4%	3,6%
Nota 03	0,0%	15,3%	10,1%
Nota 04	4,2%	1,2%	5,4%
Nota 05	16,7%	38,8%	37,5%

A opção “minha motivação para ir ao estádio é brigar pelo meu time” é um pouco diferente da que foi vista em “eu estou disposto a brigar junto com minha Torcida Organizada”. Enquanto esta última remete a uma atitude coletiva, “brigar pelo meu time” já pode indicar também uma prática individual. Isso parece ter influenciado nas respostas, haja vista que esta opção teve uma frequência maior de notas altas.

47 Chama-se de “MC” a pessoa que canta ou declama a música *funk*. A sigla vem de “Mestre de cerimônias” (ZENI, 2004, p. 230).

48 O leão é mascote do Fortaleza EC e de sua principal Organizada.

Ainda que tenha recebido em sua maioria notas baixas, a motivação de brigar pelo time teve notas altas expressivas. Os torcedores que mais manifestaram essa motivação foram os da TUF, com 42,9%, seguidos da Cearamor, com 40%. Os Cangaceiros aparecem bem atrás, com 20,9%, tomando as duas notas mais altas.

Novamente é válido lembrar que as respostas podem ter sido influenciadas pelo fato de os torcedores não se sentirem à vontade em declarar uma motivação ligada a algo negativo (a violência), ainda mais em um período em que Cearamor e TUF estavam punidas, exatamente por conta de confrontos físicos. Em situações de maior confiança dos entrevistados, talvez as notas altas ganhassem ainda mais respostas.

É possível constatar que os Cangaceiros novamente refutaram a ideia de violência de maneira bem mais incisiva do que as outras duas. Ainda assim é notório que quase 21% de seus torcedores tenham afirmado essa grande motivação em brigar pelo time, mais uma vez mostrando que o discurso de violência é predominante nos Cangaceiros, mas não reflete 100% da opinião dos componentes.

A opção “eu estou disposto a brigar pelo meu time”, como foi visto, teve uma divisão de respostas muito semelhante entre homens e mulheres. É válido verificar se isso se repete em “minha motivação em ir para o estádio é brigar pelo meu time”:

	Feminino	Masculino
Nota 01	40%	47%
Nota 02	12,5%	1,7%
Nota 03	7,5%	11,4%
Nota 04	10,0%	3,0%
Nota 05	30,0%	36,9%

Percebe-se que a distribuição das notas continua muito semelhante ao que foi visto em “estou disposto a brigar pelo meu time”: As notas altas permanecem praticamente iguais. Exatamente 40% do sexo feminino tem em “brigar pelo meu time” uma forte motivação para ir ao estádio; esses números são de 39,9% nos homens. Do mesmo modo, as notas mais baixas também mostram uma leve

superioridade das notas femininas: 52,5% x 48,7%, mas novamente é uma diferença menor do que a hipótese inicial poderia supor.

As opções “estou disposto a brigar” e “minha motivação em ir ao estádio é brigar pelo meu time” tiveram, em geral, números semelhantes em suas tabelas. Tanto naquelas que dividem as notas por torcidas quando nas que diferenciam pelo sexo. É seguro dizer com base nesses dados que a ideia de brigar pelo time é algo bem mais forte na Cearamor e na TUF do que nos Cangaceiros. Por outro lado, estes últimos possuem alguns integrantes fortemente dispostos e motivados a brigar, demonstrando que o discurso de não violência não é uma unanimidade nesta torcida. Além disso, constatou-se também que a disposição e motivação em brigar são muito semelhantes entre homens e mulheres, afastando a ideia de que a violência dos confrontos físicos é algo que atrai mais os homens que as mulheres. Isso, pelo menos, em fala, em discurso.

Duas outras perguntas relativas à questão da violência nas Organizadas foram feitas. A primeira quis saber: “O que você acha das Torcidas Organizadas em geral”? As alternativas para se dar notas: “são uma família”; “são a que mais têm o time no coração”; “são bagunceiras”; “são briguentas” e “são pacíficas”.

A segunda pergunta diz: “O que você acha da sua Torcida Organizada”, trazendo as mesmas opções. A comparação das respostas entre essas duas perguntas mostrará o que os torcedores veem de semelhante e de diferente entre sua Organizada e as demais.

Começo comparando as respostas entre “acho que as Torcidas Organizadas em geral são uma família” e “Acho que a minha Torcida organizada é uma família”. A noção de família remete a um ambiente aconchegante, seguro e de amizades, daí sua relevância para se tratar sobre a imagem de violência.

Tabela 16: Eu acho que as Torcidas Organizadas em geral são uma família

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	41,7%	12,9%	25,6%
Nota 02	25,0%	3,5%	8,3%
Nota 03	12,5%	22,4%	24,9%
Nota 04	12,5%	12,9%	6,5%
Nota 05	8,3%	48,2%	44,0%

As notas 4 e 5 para essa alternativa apontam a visão de que as Organizadas em geral são fortemente uma família, enquanto as notas mais baixas indicam o julgamento contrário. Nota-se a oposição entre as respostas dos Cangaceiros e das outras duas. Enquanto a minoria do cangaço (20,8%) acha que as Organizadas em geral são uma família, essa consideração salta para 61,1% na Cearamor e 50,5% na TUF. O julgamento de que as organizadas em geral **não** são uma família é compartilhado por quase 67% dos Cangaceiros, contra 16,4% na Cearamor e 33,9% na TUF. Deste modo, para os Cangaceiros, as Organizadas em geral **não** são uma família; Cearamor e TUF pensam o contrário. Comparando essas duas, a Cearamor traz essa visão de maneira ainda mais forte do que na sua rival.

Quando se fala sobre a sua organizada em particular, algumas respostas mudam:

Tabela 17: Eu acho que a minha Torcida Organizada é uma família

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	0,0%	1,2%	4,3%
Nota 02	0,0%	0,0%	1,8%
Nota 03	0,0%	5,9%	5,4%
Nota 04	0,0%	3,5%	5,4%
Nota 05	100%	89,4%	82,7%

Rigorosamente todos os Cangaceiros deram a nota máxima para a afirmação de que eles são uma família, portanto o oposto do que acham a respeito das Organizadas em geral. Cearamor e TUF, que já consideravam as Organizadas em geral uma família, aumentam essa visão quando se tratam delas mesmas. A Cearamor soma, entre notas 04 e 05, 92,9%, a TUF 88,1%. Mais uma vez entre essas duas há uma superioridade nas respostas da Cearamor. A visão da torcida como um ambiente familiar será retomada posteriormente.

As próximas respostas comparadas são: “acho que as Torcidas Organizadas em geral são bagunceiras” e “acho que a minha Torcida organizada é bagunceira”.

Tabela 18: Eu acho que as Torcidas Organizadas em geral são bagunceiras

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	0,0%	14,1%	15,5%
Nota 02	8,3%	9,4%	7,7%
Nota 03	37,5%	31,8%	25,6%

Nota 04	0,0%	5,9%	8,9%
Nota 05	54,2%	38,8%	41,7%

A frase “eu acho que as Torcidas Organizadas em geral são bagunceiras” foi considerada muito verdadeira (notas altas) para pouco mais da metade dos Cangaceiros (54,3%) e da TUF (50,6%). A Cearamor, por sua vez, ficou com 44,7%. As três torcidas trazem porcentagens relevantes no meio-termo. Cearamor e TUF, ainda, chegam a ter notas baixas semelhantes, aproximadamente 23% cada torcida. Isso demonstra como o julgamento de que as Organizadas em geral são bagunceiras não tem uma maioria forte em nenhuma torcida, trazendo opiniões divididas. Não há, neste item, uma divisão de opiniões acentuada entre as torcidas.

Tabela 19: Eu acho que a minha Torcida Organizada é bagunceira			
	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	66,7%	22,4%	23,2%
Nota 02	4,2%	17,6%	11,3%
Nota 03	8,3%	28,2%	22,6%
Nota 04	4,2%	7,1%	7,1%
Nota 05	16,7%	24,7%	34,5%

A porcentagem de Cangaceiros que acham que sua Organizada é bagunceira (20,9%) é bem menor do que a porcentagem de Cangaceiros que acham as Organizadas em geral bagunceiras (54,2)%. Os Cangaceiros que acham que sua torcida **não** é bagunceira (70,9%) também é bastante superior àqueles que acham que as Organizadas em geral **não** são bagunceiras (8,3%). Deste modo, os Cangaceiros se consideram uma torcida muito menos bagunceira do que as Organizadas em geral.

Os números de Cearamor e TUF trazem dados interessantes. A Cearamor mostra relativo equilíbrio nas notas: as mais baixas somam 40%, as mais altas, 31,8%. Não há uma grande predominância de um lado, como ocorre nos Cangaceiros. Já a TUF considera a si mesma uma torcida bagunceira, com 41,6% de notas altas contra 33,5% de notas baixas, mas também aqui não há uma superioridade absoluta de um lado.

As torcidas, ao falarem sobre a “bagunça” nas Organizadas, sejam em geral ou na sua em específico, mostram uma constante divisão de opiniões. A

exceção se dá com os Cangaceiros, quando falam sobre si mesmos. Apenas nesse caso há um claro consenso, o de que **não** são bagunceiros.

As respostas seguintes são: “acho que as Torcidas Organizadas em Geral são briguentas” e “acho que a minha Torcida Organizada é briguenta”. “Briguenta” remete a uma prática violenta mais explícita, intensa.

Tabela 20: Eu acho que as Torcidas Organizadas em geral são briguentas

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	0,0%	14,1%	21,4%
Nota 02	12,5%	11,8%	8,9%
Nota 03	37,5%	29,4%	19,6%
Nota 04	8,3%	7,1%	8,9%
Nota 05	41,7%	37,6%	40,5%

A opinião de que as Organizadas em geral são briguentas traz números semelhantes ao item “são bagunceiras”, com divisão de opiniões. Mesmo as torcidas que mais concordam com essa afirmação – Cangaceiros com 50% e TUF com 49,4% – mostram a presença forte de outras opiniões: o meio-termo nos Cangaceiros (37,5%) e notas baixas na TUF (30,3%). A Cearamor, com 44,7% de notas altas, tem porcentagens semelhantes entre as notas baixas (25,9%) e o meio termo (29,4%). A conclusão disso é semelhante ao item “bagunceiras”: as opiniões sobre essa afirmação são bem divididas. Apesar de haver certo predomínio dos que concordam, os que discordam dela (total ou parcialmente) também estão em presença relevante.

Tabela 21: Eu acho que a minha Torcida Organizada é briguenta

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	91,7%	28,2%	23,2%
Nota 02	0,0%	11,8%	11,9%
Nota 03	4,2%	27,1%	19,6%
Nota 04	0,0%	9,4%	10,7%
Nota 05	4,2%	23,5%	33,3%

Os Cangaceiros mostram consenso em dizer que **não** são briguentos, com 91,7%. Chamam a atenção ainda os 4,2% que disseram ser **sim** uma torcida briguenta, indo de encontro ao discurso de não violência. A Cearamor em sua maioria afirma **não** ser briguenta (40%, somando notas 01 e 02), mas com presença relevante do meio-termo (27,1%) e notas altas (32,9%). Já a TUF se considera **sim**

uma torcida briguenta: 44%, com uma parcela chamativa dos que não consideram sua torcida assim, 35,1%.

Deste modo, os torcedores mostram opiniões relativamente divididas sobre as suas Organizadas serem brigentas. Mais uma vez tem-se a exceção dos Cangaceiros quando falam sobre si mesmos: nesse caso há consenso de que **não** são brigentos.

A visão dos Cangaceiros sobre a violência nas torcidas fica mais nítida observando-se as falas nas entrevistas. Perguntei a eles sobre a relação entre Organizadas de um modo geral (portanto não os Cangaceiros em específico) e violência. Algumas respostas:

Eu acho o seguinte, que o pessoal generaliza muito. Muitas vezes o cara não conhece o que é a torcida por dentro, e tal, o que é que os cara passam, e às vezes julgam sem saber. Tá certo que tem muita vagabundagem em torcida, isso aí é fato, não tenho como negar isso. Sendo que tem muita gente boa também (...). E eu acho isso uma tremenda duma injustiça, porque nas torcidas, principalmente nas maiores, porque elas cresceram duma maneira descontrolada, elas tem muita gente infiltrada lá dentro que usa as torcidas pra realmente cometer atos criminosos. E eu acho que isso cresceu duma forma que eles não têm como ter esse controle (Aldo).

Aldo, um dos principais diretores, defende pelo menos três ideias: a primeira, de que o comportamento das Organizadas não deve ser generalizado: se, por um lado, existem de fato os violentos, “vagabundagem”, pessoas que usam a torcida para “cometer atos criminosos”, por outro lado também se encontram muitos integrantes pacíficos, “de bem”; a segunda ideia é que os componentes violentos seriam “infiltrados”, portanto não devem ser contados como torcedores legítimos. O termo “infiltrado” passa a mensagem de invasão, de colocar-se em um lugar ao qual não pertence e não é desejado; a terceira ideia trazida na fala de Aldo afirma que o grande número de integrantes das Organizadas tradicionais dificultaria o bloqueio da entrada desses componentes indesejáveis. Percebe-se como essa última observação redime, de certo modo, a eventual culpa que os diretores dessas grandes Organizadas poderiam ter em razão dos torcedores violentos. Aldo, sendo ele próprio um membro de diretoria, pode estar vendo o problema pelo ponto de vista de um organizador, mas pode também estar exercendo um papel político ante seus colegas diretores.

Gotardo, que também é um integrante do corpo diretor dos Cangaceiros, faz uma defesa ainda mais direta dos diretores das Organizadas tradicionais, nesse caso a Cearamor:

A Cearamor são o quê? Cinco, dez mil pessoas. Como é que você vai conter cinco, dez mil pessoas num estádio? É difícil. Os cabeças [diretores] em si, eles têm essa mentalidade de... só de vibração, de incentivar, entendeu? Agora, é lógico que tem aqueles componentes, entendeu, que aí é que tá o problema. Que eles vão por eles mesmos. Eles fazem parte da torcida? Fazem, mas eles agem por eles mesmos, e aí entra muito aquela rivalidade bairro contra bairro (Gotardo).

Para Gotardo, os diretores da Cearamor incentivariam a postura de paz, mas não conseguiriam exercer o controle dos integrantes indesejados, que agiriam “por eles mesmos”, ou seja, seus atos violentos não seriam uma recomendação ou desejo da torcida em geral. O entrevistado também cita a questão da rivalidade entre bairros como uma das motivadoras de práticas violentas entre torcidas. Os confrontos não se dariam, então, por razão exclusiva da rivalidade clubísticas: entrariam questões sociais menos explícitas.

Walter, que não exerce cargo de direção nos Cangaceiros, não mostrou a mesma atenção em reduzir a responsabilidade dos diretores das grandes Organizadas. Mesmo assim, sua resposta foca na punição individual dos torcedores violentos, preservando a torcida em geral:

Cara, pelas duas maiores torcidas Organizadas do estado que é Cearamor e a... a outra torcida lá, a TUF, eu acho por causa disso, por eles verem muito na televisão e a imprensa bate muito em cima disso. Tem muito vagabundo? Tem. Acho que há muita ênfase, porque a imprensa bate em cima, porque realmente tem que bater pra, não é nem acabar com a torcida, não, mas é pra tirar esses cara, essa parte da torcida (...) tirar ela [de] dentro dos estádio, pegar e prender (Walter).

Os entrevistados afirmam que nas Organizadas existem integrantes “criminosos” e “vagabundos” que seriam os responsáveis pelos atos violentos envolvendo torcidas. Essas pessoas são descritas como “infiltradas”. Interpretam que as ações violentas dos “infiltrados” acabam por criar uma imagem socialmente negativa das Organizadas em geral, o que seria uma injustiça para com os seus componentes pacíficos.

Estas são, como já disse, as considerações dos entrevistados sobre a relação entre violência nos estádios e as **outras Organizadas**. Quando falam sobre a sua própria, a visão é diferente. García (24 anos) e Braga (35), por exemplo, já fizeram parte do Movimento Organizado Força Independente (MOFI), Organizada

que apoia o Ceará SC e é estigmatizada como “torcida violenta”. Eles apontam a questão da violência como uma das razões para saírem da MOFI e, posteriormente, ingressarem nos Cangaceiros. É válido ressaltar que eles não trocaram uma pela outra: primeiro houve a desvinculação à MOFI; anos depois, a inserção nos Cangaceiros.

García reconhece que alguns integrantes da MOFI se envolviam em brigas, mas aponta motivações para além da questão clubística: a rivalidade de bairros, algo já falado aqui. Foram esses conflitos de bairros, que envolviam a MOFI e a Cearamor, os motivadores para a sua saída da primeira:

Eu saí da MOFI porque depois de uns 2 anos, 3 anos, começou a Cearamor e a MOFI a brigar. Porque a Guanabara saiu da Cearamor, ela foi expulsa, o bairro Guanabara, e ela foi pra Força Independente [MOFI]. Aí pronto, a Guanabara sempre teve a intriga, dentro da Cearamor, com o [bairro] Jereissati, e esses bairros sempre brigaram. Quando a Guanabara foi expulsa, aí ela foi pra Força Independente, aí é que brigava mesmo. Aí a Serrinha era Força Independente e a Guanabara também. Aí era a briga entre Serrinha e Guanabara com o pessoal do Barroso, José Walter e Jereissati. Aí toda vida que se encontrava era briga (García).

O entrevistado, que não morava em nenhum dos bairros em questão, afirma que não se envolvia nos conflitos.

É tanto que toda vida eu tive a camisa da bateria, camisa da MOFI, era o *pau truando*⁴⁹, eu encostado na parede ficava assim [gesto de braços cruzados e observando a briga à distância], aí o pessoal da Cearamor vinha, encostava, a gente ficava conversando, e o pessoal brigando. Eu sempre tive amizade em tudo que foi torcida (García).

Braga descreve assim sua motivação em sair da MOFI:

Eu fiquei na MOFI uns três anos, só (...). [Saí de lá] porque aí, eu considero assim, não vou chamar de “vagabundo”, porque a MOFI é uma torcida que é uma torcida totalmente diferente da dos Cangaceiros. Aqui é um ambiente que a *negada*⁵⁰ gosta de tomar umas, ambiente familiar, né? Já a MOFI é totalmente diferente. Pela fama que a MOFI tem... e também eu saí de lá tá com uns cinco anos, seis anos eu saí da MOFI pra poder vir pra uma torcida mais calma (Braga).

Braga deixou de participar da MOFI por volta de 2010 buscando “uma torcida mais calma”. O encontro com essa nova torcida só aconteceu em 2014, quando conheceu os Cangaceiros. Enquanto descreve esta como “um ambiente familiar” e uma torcida “calma”, a MOFI é apontada como “totalmente diferente”, fazendo referência à “fama”, ou estigma, que a torcida possui.

49 Expressão coloquial que descreve, nesse caso, um confronto físico intenso.

50 Termo coloquial equivalente a “turma”.

A aproximação do entrevistado com a atual torcida se deu por redes sociais na Internet:

Rapaz, eu cheguei através das amizades. O primeiro que eu conheci foi o presidente, achei gente boa (...) através das redes sociais. Aí fui conhecendo a galera, né. Ele me convidou a primeira vez pra gente... porque eu sempre frequentei estádio, mas ele me convidou a primeira vez pra mim poder vir ao cangaço, né? E aí eu achei um ambiente familiar, que eu costumo trazer meus filhos sempre, e gostei (Braga).

O “ambiente familiar” dos Cangaceiros é destacado como um grande motivador para fazer parte dela. De acordo com o que foi visto na vide tabela 17, a torcida Cangaceiros têm uma parcela muito alta de integrantes que a veem como uma família. Outra pergunta do questionário mostra como esse “ambiente familiar” não motivou apenas Braga a entrar na torcida, mas também grande parte dos seus colegas. Perguntou-se “o que levou você a participar da sua Torcida Organizada”? Uma das opções é “me sinto em família”. As notas foram:

Tabela 22: O que me levou a participar da TO: me sinto em família			
	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	4,2%	2,4%	7,1%
Nota 02	0,0%	1,2%	5,4%
Nota 03	4,2%	9,4%	7,1%
Nota 04	4,2%	8,2%	8,9%
Nota 05	87,5%	78,8%	70,8%

Quase 92% dos Cangaceiros, entre notas 04 e 05, indicaram “me sinto em família” como uma razão muito importante para ingressar da torcida. As outras Organizadas também tiveram notas altas na maioria das respostas; Cearamor com 86% e TUF com 79,7%, mas a porcentagem dos Cangaceiros é a mais alta, a única a ultrapassar 90%.

Além de Braga, os torcedores García e Célio também citaram nas suas entrevistas essa questão do “ambiente familiar”:

O pessoal é uma família. É uma família ali. Porque você chega, o pessoal toda vida chega, “e aí, como é que tu tá?”, se você passa dois jogos sem ir, “tava sumido!”, sente a sua falta, ninguém tem intriga com ninguém ali, é uma família ali (García).

Assim, eu vi que os meninos ali é praticamente uma família, né, e é uma torcida diferente. Uma torcida que é Organizada, mas é uma torcida diferente (Célio).

Deste modo, considerar a torcida uma família, sentir-se em família quando se está junto aos integrantes, é um sentimento forte nos Cangaceiros, mais ainda do que nas outras duas torcidas.

A sensação de ambiente familiar está relacionada aos estreitos laços de amizade que esses torcedores criam. Com efeito, os Cangaceiros são os torcedores que mais ingressaram na Organizada para acompanhar os amigos, conforme indicam estas respostas:

Tabela 23: O que me levou a participar da TO: acompanho meus amigos

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	4,2%	3,6%	9,5%
Nota 02	0,0%	4,7%	6,5%
Nota 03	4,2%	12,9%	8,9%
Nota 04	0,0%	5,9%	5,4%
Nota 05	91,7%	72,9%	69,0%

Os Cangaceiros são os que mais ingressaram na torcida para acompanhar amigos: 91,7%. A Cearamor aparece depois, com 78,8%, e a TUF com 74,4%, levando em conta as notas 04 e 05. Percebe-se que a torcida que mais se considera uma família, os Cangaceiros, é também a que mais acompanha amigos. Em contrapartida, a que em menor grau se vê como família, TUF, é a que menos acompanha amigos. Esses laços de amizade que motivam o ingresso na Organizada podem também influenciar na visão de ser uma família.

Voltando a falar de Braga, a informação de que costuma levar os filhos aos jogos (durante a entrevista ele estava acompanhado dos dois meninos, o mais velho com aproximadamente cinco anos) demonstra a confiança que o entrevistado tem na torcida, de que naquele grupo as crianças estarão seguras de conflitos e brigas. Perguntei a ele se levava os filhos aos jogos no período em que era componente da MOFI:

Não, porque eles não era nascidos, ainda. Isso era há sete anos atrás. E mesmo que, na época, se eu já tivesse eles, eu não vinha, porque é uma torcida totalmente diferente, né? Não é criticando, mas... MOFI é uma torcida assim, mais... eu considero uma torcida mais pra jovens (Braga).

O entrevistado reluta em falar explicitamente sobre as práticas violentas das quais integrantes da MOFI participam, embora isso seja percebido em alguns momentos de seu depoimento. É interessante também observar a relação que ele

faz entre juventude e conflitos. A MOFI (uma torcida “totalmente diferente” de um ambiente calmo e familiar) seria ideal para jovens. Visão semelhante tem Aluísio, conforme veremos.

Aluísio tinha 44 anos na data da entrevista e faz parte da torcida desde o início. Tornara-se amigo do presidente pouco tempo antes de a torcida nascer, sendo ela a primeira e, até o momento, única torcida da qual participou.

A nossa torcida, graças a deus, as pessoas que entram nela são pessoas adultas, são pessoas que vem pra se divertir, não pra fazer confusão. É tanto que essa meninada nova, a maioria não se identifica com a nossa torcida, porque acha é que uma torcida... tipo... antiga, quadrada, alguma coisa assim (Aluísio).

O depoimento de Aluísio, além de ressaltar uma aversão à violência, também mostra um vínculo, em sua opinião, entre práticas violentas e juventude. A “meninada” acharia antiquada uma torcida que não vai ao estádio para fazer confusão. Essa postura moderada seria característica de pessoas adultas.

Braga e Aluísio (não custa lembrar que possuíam 35 e 44 anos, respectivamente) chamam a atenção para a diferença de idade entre Cangaceiros e as outras Organizadas. Conforme foi visto no perfil socioeconômico, de fato os primeiros são mais velhos, com uma média de idade superior em quase 13 anos à Cearamor, por exemplo. Além disso, essa Organizada tradicional tem vários adolescentes, contribuindo para essa visão de torcida de jovens, de meninada.

Gotardo, no ano da entrevista, tinha 27 anos. Fora integrante da Cearamor na adolescência, por volta dos 14 até aos 17 anos. Afirma que saiu da torcida porque se mudou para morar em outro estado. Quando voltou para Fortaleza, já com pouco mais de 20 anos, resolveu não voltar à antiga torcida:

Aí então a gente já vem, já começa a fase de amadurecimento, já enxerga já a vida de uma outra forma, e aí, conseqüentemente fui, assim, me afastando da torcida. É tanto que, quando eu já não fazia mais parte da Cearamor, quando ia pra jogo eu já não ficava mais com a Cearamor, ficava mais do lado. Tenho muitos amigos lá, que estão desde a década de 90, e hoje em dia ainda fazem parte da mesma. Mas aí, na minha vida, já não fazia muito sentido. Foi por opção minha, mesmo, de sair. Nada de mais (Gotardo).

Gotardo, mesmo tendo vivido uma experiência negativa de briga com uma torcida rival (vide p. 56 e 57 deste trabalho), não vincula seu afastamento da torcida à questão da violência ou evento traumático. Afirma que foi uma questão de “amadurecimento”. Vemos como, indiretamente, ele sugere que as Organizadas

tradicionais seriam mais adequadas para pessoas mais jovens. Ficou cerca de dois anos assistindo aos jogos sem participar de nenhuma Organizada, até que foi convidado pelo primo para conhecer os Cangaceiros.

Ele [o primo] já fazia o convite há um bom tempo, entendeu? (...) e aí eu tava lá, “eu vou, vou conhecer a rapaziada, vou ver como é o ambiente, a torcida em si”. E aí fui. Fui bem recebido por todos, pelo presidente, pelos integrantes, e faço parte até hoje (...). Cheguei em maio de 2013 (Gotardo).

Mais uma vez a questão do ambiente agradável (dessa vez sem o adjetivo de “familiar”) aparece como fator motivador para se ingressar nos Cangaceiros. Interpretando a fala de Gotardo, essa é, em sua visão, uma torcida para pessoas amadurecidas, já que as Organizadas tradicionais são para pessoas mais jovens.

Célio (32 anos) é outro entrevistado que já fez parte da Cearamor.

Frequentava a Cearamor. Mas chegou um certo ponto que eu vi que não dava mais pra mim na organizada Cearamor, nada contra eles, mas, o círculo de amizades dos Cangaceiros é diferente (...). Durante a adolescência. Até quando eu conheci a torcida Cangaceiros eu não tava mais indo pra torcida organizada. Tava bem distante de torcida (Célio).

Assim como os demais Cangaceiros que já fizeram parte de outras organizadas, García também saiu da sua antiga torcida, ficou um tempo sem participar de grupos organizados desse tipo, até conhecer e se inserir nos Cangaceiros. E também nesse depoimento vemos a ideia dessa torcida como diferente das outras “o círculo de amizades é diferente”. García, em uma fala anterior, também já descrevera sua torcida como uma família.

As falas dos entrevistados mostram como a imagem de torcida “pacífica” e “familiar” é algo que os Cangaceiros conseguiram construir aos olhos de uma parte dos torcedores externos, incluindo integrantes ou ex-integrantes de Organizadas tradicionais. Braga e García, por exemplo, desejando participar de uma torcida com características pacíficas, deixaram sua Organizada tradicional e, posteriormente, aderiram aos Cangaceiros.

Este momento é ideal para voltar ao questionário, comparando mais duas respostas: “eu acho que as Torcidas Organizadas em geral são pacíficas” e “eu acho que a minha Torcida Organizada é pacífica”:

Tabela 24: Eu acho que as Torcidas Organizadas em geral são pacíficas

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
--	-------------	----------	-----

Nota 01	50,0%	11,8%	29,2%
Nota 02	12,5%	5,9%	10,1%
Nota 03	20,8%	40,0%	19,6%
Nota 04	12,5%	7,1%	7,7%
Nota 05	4,2%	35,3%	32,7%

Vimos nas tabelas 18 e 20 que, quando falam sobre as Organizadas em geral serem “bagunceiras” ou “briguentas”, as três torcidas mostravam opiniões divididas. Já quando tratam sobre a característica de “pacíficas”, nota-se que os Cangaceiros têm uma opinião que prevalece. Isso porque 16,7% dos Cangaceiros concordam que as Organizadas em geral são pacíficas, contra 42,4% da Cearamor e 40,4% da TUF. Enquanto a maioria de Cearamor e TUF acha que as Organizadas em geral são pacíficas, os Cangaceiros pensam o contrário.

Mesmo assim, chama a atenção a presença relevante de outras opiniões dentro das torcidas. A TUF é um exemplo claro: se 40,4% concordaram com a afirmação, outros 39,3% discordaram (notas 1 e 2), praticamente um empate. A Cearamor, por sua vez, mostra uma presença forte de componentes que escolheram o meio-termo: 40%. Os Cangaceiros também apresentam certa divisão de opiniões, mas de maneira bem menos marcante do que nas outras duas. Isso mostra que, se por um lado os Cangaceiros têm uma visão mais consolidada sobre o assunto (para eles as organizadas **não** são pacíficas), Cearamor e TUF trazem visões mais divididas, com certa predominância de que elas são **sim** pacíficas.

Tabela 25: Eu acho que a minha Torcida Organizada é pacífica

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	0,0%	4,7%	19,0%
Nota 02	0,0%	5,9%	11,3%
Nota 03	4,2%	25,9%	21,4%
Nota 04	0,0%	18,8%	11,3%
Nota 05	95,8%	44,7%	36,3%

Quase 96% dos Cangaceiros se descrevem como uma torcida pacífica. Nenhum deles deu notas baixas a essa opção. Deste modo, é clara a visão deles sobre a questão da violência entre torcidas: as outras Organizadas são bagunceiras, briguentas e, por consequência, não são pacíficas. Já eles seriam o oposto: muito pacíficos.

A Cearamor tem 63,5% de respostas (notas 04 e 05) de que ela é **sim** pacífica. Esses números caem na TUF: 47,6%, com expressivos 30,3% de torcedores que consideram que sua torcida **não** é pacífica. Isso mostra que, das três, a TUF é a que mais se mostra dividida ao falar sobre a questão da violência dentro dela mesma. Embora a maior porcentagem considere sua torcida pacífica e não briguenta, esses números são bem menores do que os observados em outras Organizadas.

Considerar sua torcida bagunceira, briguenta ou pacífica deve influenciar no grau de segurança que o torcedor sente em participar dela. Quando foi perguntado no questionário “o que levou você a participar da sua Torcida Organizada”?, uma das opções foi “me sinto seguro”. As notas ficaram assim:

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	0,0%	7,1%	13,1%
Nota 02	0,0%	2,4%	6,0%
Nota 03	12,5%	14,1%	23,2%
Nota 04	4,2%	16,5%	8,9%
Nota 05	83,3%	60,0%	48,2%

Grande parte dos Cangaceiros se sente segura em sua torcida: 87,5%. Em seguida vem a Cearamor, com 76,5%. Os integrantes da TUF foram os que menos se mostraram seguros dentro de sua torcida: 57,1%. Esse menor sentimento de segurança faz sentido quando lembramos que a TUF foi a torcida considerada mais briguenta e menos pacífica por seus próprios componentes. Os Cangaceiros são a torcida que mais se considera pacífica, não bagunceira e não briguenta. Esses aspectos influenciaram no grau de segurança que sentem em fazer parte da Organizada.

O tema da violência física é um dos principais pontos de afastamento dos Cangaceiros em relação às Organizadas tradicionais. A visão que os primeiros têm sobre as torcidas em geral e a sua em particular, no tocante à violência, é bastante distinta. Observam a si mesmos como uma família pacífica, que não é bagunceira nem briguenta, na qual se sentem seguros. As outras seriam bagunceiras, briguintas (ainda que por conta de ações de “infiltrados”). Por isso não seriam pacíficas, tampouco poderiam ser consideradas uma família.

Os componentes de Cearamor e TUF também tendem a considerar sua torcida mais pacífica do que as demais, mas com predominância de notas bem menores do que as dos Cangaceiros. Consideram a si mesmas e às Organizadas em geral como famílias, e veem seu nível de bagunça e de briga mais ou menos semelhante ao das outras.

Conclui-se disso tudo: a maneira como os Cangaceiros veem a si mesmos e às outras torcidas no tocante à violência é diferente do modo como Cearamor e TUF fazem essa comparação: enquanto essas duas torcidas tradicionais tendem a considerar suas características como mais ou menos equivalentes às características das Organizadas em geral, nos Cangaceiros predomina a visão de serem bem mais diferentes dos torcedores organizados como um todo.

Entretanto, mesmo esse forte elemento de afastamento traz pontos de aproximação: apesar de se recusarem a entrar em confronto físico, os Cangaceiros ainda assim encontram meios de declarar sua virilidade, tal como o fazem as Organizadas tradicionais. Uma das maneiras de se mostrar máscula é pelo consumo de álcool, especialmente a cachaça. Outra forma frequente de ostentação da virilidade é por meio dos “xingamentos” aos rivais, chamando-os de femininos/homossexuais. Esse é o tema do próximo tópico.

4.2.4 Violência verbal e questões de gênero

Durante jogos do Ceará no estádio Presidente Vargas⁵¹, não é raro ouvir integrantes da torcida cantando músicas direcionadas a atletas do time adversário, que, em trabalhos de aquecimento às bordas do gramado, ficam a uma pequena distância dos Cangaceiros, curta o suficiente para que consigam ouvir aqueles torcedores. Quando os jogadores correm, alguns Cangaceiros cantam:

Corre, veado!
Corre, veado!
Senão eu te como
cozido ou assado.

51 O Estádio Presidente Vargas (PV) tem atualmente capacidade para cerca de 20 mil pessoas. É uma praça esportiva de estrutura bem menor que o principal estádio cearense, a Arena Castelão, que comporta mais de 60 mil torcedores. Os Cangaceiros, no PV, localizam-se a uma distância curta para o gramado em relação ao Castelão, onde ficam no anel superior do estádio.

Quando os atletas dão saltos, também são alvos de versos: “Pula veadinho! Pula veadinho”!

Duas das músicas que compõem o CD da torcida também apresentam trechos em que o adversário é rotulado de homossexual:

Meu Vozão é o terror
Leão gay tu passa é mal
Cangaceiros e o Setor Alvinegro
têm moral
(Música “As Torcidas Estão Unidas”)

Sou alvinegro apaixonado
Ceará até morrer
Lê lê lê, lê lê lê
Eu tô botando é pra foder
Lê lê lê, lê lê lê
E o leão gay na Série C⁵²
Lê lê lê
(Música “Lê lê lê alvinegro”)

É perceptível como as palavras “gay” e “veado” são usadas para se referir de maneira depreciativa aos adversários. Esse tipo de “xingamento” contribui na percepção de como o *campo* do futebol, do mesmo modo que outras esferas da vida social, é marcado por ideais de masculinidade e virilidade.

A cultura comum ao futebol é sabidamente androcêntrica, sendo o estádio um espaço privilegiado de experimentação e, também, celebração da virilidade. Para tanto, a desqualificação do oponente, seja ele o time, o torcedor, ou mesmo um outro profissional do esporte, tradicionalmente se baseou na imputação de uma suposta feminilidade – relacionada tanto às mulheres como aos homossexuais. Este é o universo cultural e simbólico que os jovens torcedores irão encontrar e integrar. Integrar de fato, posto que passarão a compartilhar e manusear determinados códigos, na busca do pertencimento e da diluição no espaço físico e simbólico do futebol (RIBEIRO, 2010, p. 134).

A visão do futebol como algo masculino não é recente, tampouco se fez apenas no âmbito das representações sociais. Ela é muitas vezes posta em prática. Tomando como exemplo nosso país, em 1942 foi sancionado pelo presidente Getúlio Vargas o decreto 3.199, que em seu artigo 54 proibiu às mulheres praticarem esportes “incompatíveis com a sua natureza” (CASTELLANI FILHO, 2012). Esta resolução foi reforçada em 1965, já durante o período militar, com a Deliberação 7/65. Nela, o Conselho Nacional de Desporto especificou quais eram as atividades

52 O Campeonato Brasileiro de Futebol é dividido em quatro divisões em ordem decrescente de prestígio: Série A, Série B, Série C, Série D. O Fortaleza EC, desde o ano 2010 até a data de defesa desta tese, estava disputando a Série C. Isso era motivo de chacota pelos torcedores do Ceará SC, já que a equipe alvinegra sempre se manteve, em sua história, em uma das duas primeiras divisões.

esportivas não-condizentes com o ser mulher: “lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo, halterofilismo e baseball” (*Ibid.*). A proibição se estendeu até 1979.

Luiz Henrique de Toledo (TOLEDO, 1996), ao categorizar os cantos das Organizadas do estado de São Paulo, os divide em quatro tipos: autoafirmação, incentivo ao time, protestos e intimidação. Destaca que a temática da sexualidade está amplamente presente em todos eles e indica que os cantos de protesto e intimidação usam palavrões sexuais com o fim de ridicularizar os xingados:

Nos cantos de *protesto* e *intimidação* os palavrões (...) exprimem, de maneira jocosa, a *passividade sexual* e, em decorrência deste estereótipo, a subordinação e *fraqueza* tanto dos jogadores, dirigentes, árbitros, polícia, quanto dos torcedores adversários (*Ibid.*, p. 66, destaques no original).

Há assim uma visão de que o futebol é lugar de masculinidade e virilidade. A afirmação de que o oponente é feminino, homossexual, sexualmente passivo mostra-se uma estratégia para desqualificar, inferiorizar, enfraquecer.

Existe por parte dos Cangaceiros, assim como em boa parcela das Organizadas, práticas que podem ser compreendidas como violentas, não do ponto de vista físico, mas do verbal. O uso de xingamentos para ferir moralmente o adversário é um tipo dessa violência. A naturalização da construção social que afirma que o homossexual e o feminino são inferiores também é um tipo de violência verbal que esses torcedores ao mesmo tempo sofrem e ajudam a reproduzir.

A inferiorização do adversário por esses meios é algo frequente no futebol (RIBEIRO, 2010, p. 134). Tomando o exemplo cearense, as maiores Organizadas do estado, conforme já dito, usam constantemente expressões como “Cearagay” ou “TUF gay” para se referir aos rivais, seja nas músicas, nos gritos no estádio ou mesmo em conversas.

A postura dos Cangaceiros diante disso também indica um movimento pendente de aproximação e afastamento: por um lado, eles se recusam a participar de confrontos físicos e em ofender diretamente uma torcida rival (fala-se em “leão gay”, não em “TUF gay”), distanciando-se do modelo tradicional das Organizadas; entretanto, desqualificam o adversário e tentam inferiorizá-lo chamando-o de *gay*, tal como as Organizadas tradicionais fazem. Agindo assim, os Cangaceiros mostram que, mesmo não trocando socos, mantêm sua virilidade e o desprezo ao rival.

Para concluir a discussão sobre homofobia, é importante ressaltar que essa postura observada entre os torcedores dentro do contexto futebolístico não reflete necessariamente um comportamento igual em outras esferas da vida social. Ribeiro demonstra como essa intolerância, entre seus interlocutores, se daria especificamente na situação de torcida: o mesmo componente que afirma não ter problemas em conviver com homossexuais no dia a dia se mostra bem menos disposto a isso quando o ambiente de convívio é a torcida. Isso porque ter um integrante *gay* na Organizada seria dar munção às chacotas dos rivais:

Ao conversar com os integrantes das torcidas, o preconceito e o aparente desprezo pelo indivíduo "gay" não se apresentou de modo absolutizante. Em todas as entrevistas e conversas informais com os torcedores, inquiri sobre as suas possíveis relações com indivíduos gays e sobre a possibilidade de "gays" integrarem as torcidas organizadas. Com relação à primeira questão, a maioria declarou não ter problemas quanto à convivência com gays em seus bairros. Já com relação à participação nas torcidas organizadas, a maioria se opõe, por motivos diversos, todos relacionados à vivência do campo futebolístico como espaço marcadamente androcêntrico (RIBEIRO, 2010, p. 133-134).

Ribeiro aponta algumas expressões usadas pelos torcedores nas respostas. Todas elas mostram a preocupação dos torcedores com a maneira pela qual seriam vistos pelos adversários: "o povo ia maiá", "a torcida fica mal vista", "pega mal", "queima o filme", "nada contra, só pra evitar gozação", "eles (rivais) iam zoar". Uma frase resume um ponto de vista mais radical: "Leva mal não, mas a gente ia era espancá" (*Ibid.*, p. 135).

Deste modo, a rivalidade clubística pode contribuir na construção do sentimento de intolerância sexual. Pessoas que em outras esferas da vida são (ou afirmam ser) "tolerantes", no ambiente do futebol flexibilizam abertamente essa postura moral em nome de outros fatores, como o *capital* simbólico futebolístico da virilidade.

Algumas perguntas do questionário nos ajudam a refletir sobre a questão de gênero no comportamento dos torcedores. Quando se perguntou "O que você está disposto a fazer com sua Torcida Organizada", duas opções eram "eu estou disposto a fazer coreografia" e "eu estou disposto a chorar".

Tabela 27: Eu estou disposto a fazer coreografia			
	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	0,0%	2,4%	4,2%

Nota 02	4,2%	2,4%	1,2%
Nota 03	4,2%	2,4%	7,1%
Nota 04	25%	1,2%	3,6%
Nota 05	66,7%	91,8%	83,9%

Fazer coreografia é uma prática visivelmente positiva, também contribuindo na qualidade da *performance* nas arquibancadas. Ela também recebeu largamente notas altas das três torcidas, mas com porcentagens menores do que, por exemplo, “estou disposto a cantar” (Tabela 11). As notas mais baixas para esse item também foram muito mais lembradas do que em relação a “cantar”, chegando a pouco mais de 4% nos Cangaceiros e 4,8% na Cearamor, e 5,4% na TUF, juntando as notas 01 e 02.

Chama a atenção o caso dos Cangaceiros. Apesar de estarem praticamente empatados em primeiro lugar nesse quesito (91,7% x 91,8%), eles foram os torcedores que menos deram nota máxima a essa opção. Lembro que, aplicando o questionário com um componente da torcida, ele deu nota 02 para essa opção, justificando: “aí também já é *baitolagem*⁵³”. Fazer coreografia não é algo que remeta a violência, mas pode, talvez, significar para alguns torcedores uma perda do *capital* simbólico de virilidade.

Separar as respostas de homens e de mulheres nos ajuda a perceber sobre a influência dessa questão de gênero na disposição em fazer coreografia:

	Feminino	Masculino
Nota 01	2,5%	3,4%
Nota 02	0,0%	2,1%
Nota 03	2,5%	5,9%
Nota 04	2,5%	5,1%
Nota 05	92,5%	83,5%

Exatamente 95% das mulheres de todas as torcidas mostrou grande disposição em fazer coreografia, dando notas 04 ou 05, enquanto esse número se reduz para 89,6% entre os homens. Essa maior disposição feminina corrobora com a hipótese de que “fazer coreografia” pode ser visto pelos torcedores como uma atitude afeminada, pouco viril.

⁵³ Expressão coloquial que indica atitude afeminada exercida por indivíduo do sexo masculino.

Essa mesma discussão pode ser feita sobre o item “eu estou disposto a chorar”:

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	8,3%	9,4%	11,3%
Nota 02	0,0%	1,2%	3,0%
Nota 03	8,3%	8,2%	12,5%
Nota 04	4,2%	2,4%	4,2%
Nota 05	79,2%	78,8%	69,0%

Chorar é mais uma alternativa que não remete à violência e que está ligada ao modo ideal de ser um torcedor. Chorar indica envolvimento emocional ao time. Por outro lado, pode ser interpretada de maneira negativa, indicando fraqueza pessoal e feminilidade, afinal “homem não chora”. Pode sugerir ainda falta de qualidade do time. Esses aspectos negativos talvez expliquem a presença, mesmo minoritária, de notas baixas a essa opção: 8,3%, 10,6% e 14,3%, levando em conta as notas 01 e 02. O meio termo também não foi ignorado na escolha dos torcedores, mas a maioria ainda ficou com as notas mais altas. Cangaceiros (83,4%) e Cearamor (81,2%) mostraram porcentagens relativamente próximas, mais elevadas que a da TUF (73,2)%.

Vejamos como esse item ficou distribuído entre os sexos:

	Feminino	Masculino
Nota 01	5,0%	11,4%
Nota 02	2,5%	2,1%
Nota 03	2,5%	11,9%
Nota 04	5,0%	3,4%
Nota 05	85,0%	71,2%

Novamente as mulheres se mostraram mais dispostas do que os homens em fazer algo visto por alguns como “afeminado”: chorar. São 90% delas contra 74,6% dos homens.

“Fazer coreografia” e “chorar” são, deste modo, disposições mais femininas do que masculinas, dentro do universo de torcedoras e torcedores

consultados. Aqui é interessante ver a porcentagens de mulheres e homens em cada torcida:

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Feminino	8,3%	16,5%	14,3%
Masculino	91,7%	83,5%	85,1%
Sem Resposta	-	-	0,3% ⁵⁴

Os Cangaceiros são a torcida com menor porcentagem de participação feminina, enquanto a Cearamor é a maior nesse quesito. Isso mostra como as notas femininas foram pouco significativas nas porcentagens dos Cangaceiros. Mesmo assim, eles se mostraram praticamente empatados com a Cearamor em disposição a fazer coreografia. Além disso, foram os que mais se dispuseram a chorar. Se a presença feminina não influenciou a porcentagem das respostas dos Cangaceiros, o motivo de eles serem a torcida mais propensa às “disposições femininas” deve ter outra explicação. Talvez o fato de serem torcedores mais velhos e de maior grau de escolaridade contribua para esse maior amadurecimento, mesmo existindo aqueles que se recusam a fazer algo por ser “baitolagem”. Amadurecimento que, contudo, não evita o uso da violência verbal de caráter homofóbico nas arquibancadas.

4.3 Identificação com outras Organizadas

Após todas essas comparações entre Cangaceiros e outras Organizadas é possível compreender melhor a relação de afinidade que os torcedores do cangaço têm com as diferentes Organizadas do Ceará SC, sendo possível lançar hipóteses sobre o porquê de essa afinidade ser maior com algumas do que com outras.

Trago agora as perguntas do questionário que se referem especificamente do modo como os torcedores consultados enxergam às demais Organizadas, em relação à sua própria torcida. Uma delas foi: “qual Torcida Organizada do seu time você considera que se comporta de maneira mais parecida com a sua”? As opções foram todas as Organizadas do Ceará SC: Cangaceiros, Cearamor, Ceará Chopp, Fúria Jovem, MOFI e Setor Alvinegro. O questionário

54 Um dos formulários preenchidos pela TUF está com o campo “sexo” sem resposta.

aplicado aos Cangaceiros não trazia a opção de votar em sua própria torcida, o mesmo valendo para o questionário da Cearamor. As respostas foram⁵⁵:

Tabela 32: Qual Torcida Organizada do seu time você considera que se comporta de maneira mais parecida com a sua?

Torcida	Cangaceiros	Cearamor	Ceará Chopp	Fúria Jovem	MOFI	Setor Alvinegro	N.R.
Respostas dos Cangaceiros	4,2% ⁵⁶	0	54,2%	0	0	41,7%	0
Respostas da Cearamor	17,6%	-	11,8%	17,6%	49,4%	1,2%	2,4%

Pouco mais de 54% dos Cangaceiros consultados apontaram a Ceará Chopp como a torcida que se comporta de maneira mais semelhante à deles. O Setor Alvinegro veio em seguida, com 41,7%. As outras torcidas não receberam nenhuma indicação. Essas três Organizadas ausentes – Cearamor, Fúria Jovem e MOFI – seguem o modelo tradicional de Organizadas. Assim, os Cangaceiros não acham de modo algum que as Organizadas tradicionais se comportam de maneira parecida a eles.

As notas da Cearamor são diferentes: a MOFI recebeu 49,4% das notas. A segunda maior porcentagem foi dividida entre a Fúria Jovem (outra Organizada de modelo tradicional) e os Cangaceiros. A Ceará Chopp fica em terceiro, com 11,8%. Já o Setor Alvinegro quase não foi lembrado: apenas 1,2%.

Esses números mostram que, quando se trata de identificação com outras Organizadas, a percepção dos Cangaceiros se fecha exclusivamente em torcidas que fogem do modelo tradicional e que trazem um perfil socioeconômico semelhante aos deles. A Cearamor, por sua vez, tem um pouco mais de abertura com as Organizadas que propõem modelos alternativos e de padrão socioeconômico diferente, como Cangaceiros e Ceará Chopp.

⁵⁵ A TUF também respondeu a essa pergunta, tendo como opções as outras Organizadas do Fortaleza. Analiso apenas as respostas de Cangaceiros e Cearamor, que são de maior interesse desta pesquisa.

⁵⁶ Um dos componentes respondeu que a torcida mais semelhante aos Cangaceiros era a própria Cangaceiros (mesmo não havendo a opção no questionário de torcida votar em si mesma), dizendo com isso que não haveria nenhuma comparável.

A pergunta seguinte foi: “qual Torcida Organizada do seu time você considera que se comporta de maneira mais diferente da sua”? As respostas trazem algumas curiosidades:

Tabela 33: Qual Torcida Organizada do seu time você considera que se comporta de maneira mais diferente da sua?

Torcida	Cangaceiros	Cearamor	Ceará Chopp	Fúria Jovem	MOFI	Setor Alvinegro	N.R
Respostas dos Cangaceiros	-	20,8%	4,2%	20,8%	54,2%	0	0
Respostas da Cearamor	22,4%	-	11,8%	10,6%	22,4%	32,9%	0

As respostas dos Cangaceiros sobre a torcida que se comporta mais diferentemente da sua são coerentes com aquelas sobre a torcida mais parecida: as Organizadas tradicionais, que na pergunta anterior foram apontadas como as menos parecidas, agora são indicadas como as mais diferentes: Cearamor e Fúria Jovem empatadas com 20,8%, e MOFI na liderança, com 54,2%. Ceará Chopp e Setor Alvinegro, indicadas como as mais semelhantes, também são apontadas como as menos diferentes.

Já as respostas da Cearamor para as duas perguntas (“qual torcida se comporta de maneira mais parecida” e “qual torcida se comporta de maneira mais diferente”) não se encaixam tão bem. A Organizada que foi indicada como a mais parecida – MOFI – foi apontada como a segunda mais diferente. Os Cangaceiros, que para a Cearamor era a segunda torcida mais parecida com eles, também é a segunda mais diferente, empatada com a MOFI. As notas para o Setor Alvinegro se equivalem: eles são a torcida menos parecida e a mais diferente, na avaliação da Cearamor. A Fúria Jovem, Organizada de modelo tradicional, foi a menos diferente.

Vale a pergunta: se MOFI e Fúria Jovem são duas Organizadas de modelo tradicional, por que a primeira foi considerada uma das mais diferentes, enquanto a segunda foi vista como a menos diferente? A resposta pode estar na história: Fúria Jovem e Cearamor protagonizaram uma forte rivalidade, que culminou com a quase extinção da primeira no começo dos anos 2000. Muitos dos integrantes daquela migraram para a recém-fundada MOFI (nascida em 2003), fazendo com que essa torcida herdasse a antiga rivalidade. MOFI e Cearamor construíram então um

histórico de brigas, sustentaram uma rivalidade por vezes maior do que em relação à TUF (RIBEIRO, 2010, p. 6). Já a Fúria Jovem, mesmo com o passado conflituoso com a Cearamor, passou anos no ostracismo, invisível no *campo* das grandes Organizadas, voltando a se fortalecer após o ano de 2010. Não encontrei registros de confrontos nos últimos anos entre ela e a maior torcida do Ceará SC. Assim sendo, a MOFI tem uma história recente de conflitos com a Cearamor, já a Fúria Jovem não.

As notas dos Cangaceiros sobre a torcida “mais diferente” combinam bem com as respostas sobre a torcida “mais parecida”. Isso reforça as considerações sobre como este grupo de torcedores, no mundo das Organizadas, possui grande afinidade com as torcidas com proposta alternativa e perfil socioeconômico próximo ao seu, tendo pouquíssima proximidade com as de modelo tradicional. As notas da Cearamor revelam uma maior complexidade nesse julgamento. A mesma torcida que é dita como muito parecida também é apontada como diferente, e vice-versa. Pode-se inferir que a Cearamor tem uma visão mais heterogênea sobre as outras Organizadas, enxergando nelas alguns pontos em comum e outros de diferença. Já os Cangaceiros, nesta lógica, trazem uma visão mais homogênea sobre as demais torcidas.

Outras perguntas que mostram a afinidade (ou falta dela) entre as torcidas são: “que nota [de 01 a 10] você dá para as outras Torcidas Organizadas do seu time” e “que nota você dá para a sua Torcida Organizada”? Na tabela abaixo mostro a **média** das notas que Cangaceiros e Cearamor deram para si mesmas e para outras torcidas do Ceará SC.

Tabela 34: Que nota você dá para a sua e para as outras Torcidas Organizadas do seu time?						
Torcida	Cangaceiros	Cearamor	Ceará Chopp	Fúria Jovem	MOFI	Setor Alvinegro
Respostas dos Cangaceiros	9,71	6,08	7,88	5,13	4,17	7,76
Respostas da Cearamor	7,99	9,65	8,49	7,04	6,94	8,08

As duas torcidas deram para si as notas mais altas, sendo a média dos Cangaceiros ainda maior que a da Cearamor. Percebe-se como os primeiros são mais exigentes: enquanto eles deram três notas iguais ou inferiores à casa dos seis,

a Cearamor deu apenas uma nota assim. As avaliações mais baixas dos Cangaceiros foram exatamente para três Organizadas de modelo tradicional, o que reforça ainda mais a conclusão de que esta é uma torcida que tem uma afinidade muito pequena com o padrão vigente de Organizadas.

A Cearamor, por sua vez, deu as notas mais altas (excetuando-se a sua própria) para as torcidas de modelo alternativo: Ceará Chopp, Setor Alvinegro e Cangaceiros, mais uma vez mostrando sua maior abertura com essas novas propostas de Organizadas. Suas colegas de modelo tradicional ficaram com as notas mais baixas. Novamente vê-se uma complexidade nas respostas da Cearamor: as torcidas mais parecidas – MOFI e Fúria Jovem – receberam as notas mais baixas.

Chama a atenção também como Ceará Chopp e MOFI ocupam posições opostas. A primeira é sempre avaliada de maneira positiva tanto pelos Cangaceiros como pela Cearamor: é vista como parecida, como pouco diferente e recebe notas altas de ambas. Isso mostra como essa torcida, mesmo tendo uma *performance* discreta nas arquibancadas (como já foi dito, ela não tem bateria e não “puxa” músicas”) ela conseguiu conquistar uma posição positiva no mundo das Organizadas do Ceará SC. Com a MOFI a situação não é a mesma: do ponto de vista dos Cangaceiros, ela é a menos parecida, mais diferente e a que recebe menor nota; para a Cearamor há a ambiguidade: é ao mesmo tempo a mais parecida, uma das mais diferentes e a que recebe menor nota.

Perguntei a alguns Cangaceiros sobre a relação de sua torcida com as outras do Ceará SC. Aldo, um dos principais diretores, respondeu:

Eu acho que a gente exclusivamente é a única torcida que a gente se dá bem com todo mundo. Porque você sabe que às vezes tem rivalidade até entre torcidas do próprio time. Porque é um jogo de vaidade, muito, que rola, é um querendo aparecer mais do que o outro (Aldo).

Há pelo menos duas informações importantes aqui: uma é a visão do diretor de que os Cangaceiros são uma torcida bem vista por todas as outras. Em sua opinião seria até mesmo a única a alcançar essa unanimidade. Não tenho dados para dizer como os Cangaceiros são vistos por todas as demais Organizadas, mas, ao menos do ponto de vista da Cearamor, de fato, eles parecem ter uma imagem positiva, conforme foi visto nas tabelas. Contudo, essa exclusividade é uma

avaliação otimista demais, já que a Ceará Chopp também apareceu como uma torcida bem vista.

A outra informação é a disputa travada por Organizadas do próprio time em busca de visibilidade, “um querendo aparecer mais do que o outro”. De acordo com o que tratei no Primeiro capítulo, a visibilidade de uma Organizada é conquistada, nas arquibancadas, pela sua *performance*, suas faixas, bandeiras, roupas, bateria, vozes, bem como outros objetos usados ocasionalmente, como balões, sinalizadores, papel picado, dentre outros. Fora das arquibancadas, essa visibilidade se dá pelas festas, pelas camisas usadas por seus componentes nas ruas, pelos percursos feitos na cidade (gritando e soltando rojões de dentro dos ônibus, por exemplo) e pela aproximação com pessoas importantes do time: presidência, conselheiros, torcedores ilustres, políticos ligados ao clube, dentre outros.

A maioria desses quesitos é amplamente dominada pela Cearamor. Ela é a Organizada mais antiga e a que possui maior número de componentes, o que possibilita mais vozes nas arquibancadas e mais fonte de renda para providenciar os materiais que a tornam bastante visível nos estádios.

Por outro lado, o *capital* político representado pela proximidade com pessoas importantes do clube não é monopolizado por esta torcida. Os Cangaceiros, por exemplo, em suas festas de aniversário contam com a presença de diretores do clube, bem como de conselheiros e/ou políticos. Alguns diretores da torcida trabalharam em campanhas eleitorais do então presidente e de um dos conselheiros do clube. Presumo que outras torcidas do Ceará SC também tenham algum tipo de *capital* político, mesmo porque é do interesse do clube manter diálogo com suas Organizadas, dado o poder que elas têm de fazer protestos e pressionar jogadores, treinadores e diretores.

Os confrontos físicos são outra maneira de se conseguir visibilidade. Toledo destaca como as brigas entre Organizadas de um mesmo time podem ter como motivação a disputa por uma posição privilegiada aos olhos dos demais torcedores e/ou diretoria do clube. Essa explicação vai ao encontro do pensamento de Aldo sobre a guerra de vaidades entre torcidas.

A hostilidade entre Torcidas Organizadas de um mesmo time consiste em uma disputa tanto em termos de prestígio e poder de influenciar em algumas decisões dentro do clube, quanto em relação ao papel perante a torcida do time no geral (TOLEDO, 1996, p. 107).

Joseane Ribeiro compreende os conflitos físicos como meio de as torcidas conseguirem repercussão na mídia e de seus componentes fugirem da invisibilidade social:

Trata-se de fazer o que for preciso para ser visto, para ser foco, para não se perder no mar de invisibilidade e indefinição de onde eles conseguiram a duras penas emergir (...), e o possível, para estes jovens, passa pela violência, afinal a violência também sai na televisão, é o que mais sai. E nas revistas. E nos jornais. (RIBEIRO, 2010, p. 63-64).

Sejam quais forem suas motivações, os confrontos físicos podem ser uma ferramenta de visibilidade para outras Organizadas, mas não para os Cangaceiros. Toledo fala dos conflitos como forma de ganhar poder de voz junto à diretoria do clube; os Cangaceiros procuram isso por meio da interação direta com diretores e conselheiros. O autor também cita o “papel perante a torcida do time em geral” como motivador de brigas; os Cangaceiros buscam essa visibilidade, como já dito, pelas vias da *performance* nas arquibancadas. Por sua vez, Ribeiro interpreta os confrontos como forma de se ter visibilidade na mídia e fuga da invisibilidade social; os Cangaceiros conseguem certa repercussão midiática graças ao seu discurso sobre identidade nordestina, que volta e meia chama a atenção de programas de TV ou jornais. Quanto à questão da invisibilidade social, o perfil socioeconômico dessa torcida mostra que seus integrantes em geral não parecem sofrer desse problema.

Voltando à fala de Aldo sobre a relação dos Cangaceiros com outras torcidas:

A gente é uma torcida que tem as nossas vestes, muitos usam chapéu de cangaceiro, e tal, e as outras torcidas tem aquela simpatia (...). Às vezes eu acho que eles acham até engraçado, uma coisa diferente, né. Embora que a gente faça aquilo não é no intuito de ser engraçado, é no intuito de representar mesmo a nossa região. Sendo que os cara não entendem às vezes e acha só engraçado, né, não tem uma bagagem cultural pra ver o outro lado da moeda, né, da mensagem que a gente quer passar. E isso é um dos motivos também, que a gente sempre foi muito bem recebido (Aldo).

O entrevistado acredita que nem todos os torcedores compreendem a proposta dos Cangaceiros de falar sobre identidade nordestina. Para ele, algumas torcidas tomariam as vestes e chapéus de cangaceiro como simples objeto de curiosidade, exotismo, bom humor, sem compreender a profundidade que esses símbolos, na visão dos Cangaceiros, possuem. Esse desconhecimento, ainda na

avaliação de Aldo, se daria pela falta de “bagagem cultural”. Fica implícita a opinião de que os Cangaceiros teriam um *capital* cultural mais elevado que essas outras torcidas. Embora o entrevistado não as nomeie, é possível considerar que ele esteja se referindo àqueles grupos de torcedores que os Cangaceiros consideram mais diferentes deles mesmos: as Organizadas tradicionais.

Conforme já dito no capítulo anterior, os Cangaceiros nasceram, também na explicação de Aldo, como um “movimento cultural”, uma tentativa explícita de ser diferente das Organizadas tradicionais. Ser um “movimento cultural” em um universo em que muitos não teriam grande “bagagem cultural” é, além de uma maneira de propor um novo modelo de torcida, também uma forma de demarcar a sua distinção pelo *capital* cultural. É uma das formas como essa torcida se vê e deseja ser vista pelas outras.

Célio acredita que o forró trazido pelos Cangaceiros para as arquibancadas é uma das grandes formas dessa torcida atrair a simpatia de outros torcedores.

Quem realmente gosta do Ceará, e gosta dum bom forró, quando chega na torcida dos Cangaceiros, se ele tiver com uma camisa do Ceará, ou de outra torcida, a primeira coisa que ele quer é comprar a camisa dos Cangaceiros, pelo modelo, [pelo fato] de ser bonita, no próximo jogo já quer tá lá próximo da torcida, pelos nossos cânticos na arquibancada, que é de incentivo, que é diferente, um forró, e a pessoa, como diz, apaixona pela primeira vista. Quando chega lá, que vê um forrozinho troando às vezes num intervalo de jogo, às vezes a gente leva um sanfoneiro lá, leva uma zabumba, e faz muito forró. Acho que todo cearense gosta. E quem chega lá, na torcida, gosta também (Célio).

Célio acredita que os Cangaceiros atraem a simpatia de todos os “que realmente gostam do Ceará, e gostam de um forró”, sendo componente de outras Organizadas ou não. Se Aldo crê que alguns torcedores não compreendem a profundidade do discurso regionalista da torcida, Célio vê o elemento do forró como algo acessível, um gosto em comum entre os diferentes torcedores. As pessoas se aproximariam da torcida ao ouvirem-na tocando músicas de forró.

A questão do discurso regional, então, mais uma vez revela o movimento de aproximação e distanciamento, na análise das falas desses entrevistados. Para Aldo, é um fator de distinção, separação entre os que têm ou não o *capital* cultural para compreender esses símbolos; por outro, na visão de Célio, um dos elementos dessa identidade regional, o forró, serve de aproximação entre os Cangaceiros e

demais torcedores, de organizadas ou não. Célio traz, na discussão sobre afinidade entre torcedores, uma questão nova, o gosto em comum por um estilo de música. Neste caso não é uma relação entre torcidas, grupos, mas torcedores, indivíduos, que podem ou não fazer parte de uma Organizada. Se um torcedor gostar de forró, ele poderá se aproximar dos Cangaceiros e passar a integrá-los, independente de questões socioeconômicas ou filiação a outras torcidas.

4.4 Identificação com os torcedores comuns

O universo dos torcedores de futebol não se restringe aos grupos Organizados. Os torcedores comuns, entendidos aqui como aqueles que não integram nenhuma Organizada, representam a maior parte do público que torce para um time. A presença deles também é importante para a *performance* das Organizadas nas arquibancadas, visto que eles são fundamentais para se encher o estádio, fazer coro às músicas “puxadas” pelos grupos organizados, ajudar nas coreografias, agitar bandeirões, comprar camisas das Organizadas (mesmo sem fazer efetivamente parte delas) dentre outros. A afinidade com esses torcedores comuns é outro ponto que mostra, ao mesmo tempo, semelhanças e diferenças entre os Cangaceiros e outras Organizadas.

As perguntas “o que você acha das Torcidas Organizadas em geral” e “o que você acha da sua Torcida Organizada”, com as quais já trabalhei aqui, tinham ainda mais duas opções, que trago agora. São elas: “eu acho que as Organizadas em geral são as que mais têm o time no coração” e “eu acho que a minha Organizada é a que mais tem o time no coração”.

Tabela 35: Eu acho que as Torcidas Organizadas em geral são as que mais têm o time no coração

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	20,8%	3,5%	6,0%
Nota 02	12,5%	1,2%	4,2%
Nota 03	29,2%	2,4%	10,7%
Nota 04	4,2%	9,4%	4,2%
Nota 05	33,3%	83,5%	74,4%

Esta opção mostra pensamentos contrários entre os Cangaceiros e as outras duas torcidas. Há um equilíbrio, nos primeiros, entre notas 01 e 02 (33,3%) e notas 04 e 05 (37,5%), com uma presença relevante também do meio-termo. Isso

mostra como os Cangaceiros tem uma opinião dividida quanto à afirmação de que as Organizadas em geral são as que mais têm o time no coração, com uma discreta superioridade dos que a acham correta. Cearamor e TUF, por outro lado, concordam com essa afirmação de maneira muito mais veemente. Dentre elas, a Cearamor atinge a porcentagem mais alta, 92,9%, ficando a TUF com 78,6%.

Tabela 36: Eu acho que a minha Torcida Organizada é a que mais tem o time no coração

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	0,0%	2,4%	1,8%
Nota 02	0,0%	1,2%	2,4%
Nota 03	16,7%	1,2%	5,4%
Nota 04	12,5%	5,9%	4,8%
Nota 05	70,8%	89,4%	85,1%

Os Cangaceiros mostraram uma visão dividida sobre as Organizadas em geral, mas tiveram consenso ao falar sobre si mesmos: para 83,3% deles sua torcida é a que mais tem o time no coração. Cearamor e TUF, que já tinham o predomínio de notas altas ao se referir às Organizadas em geral, aumentam ainda mais essas porcentagens ao tratarem de si mesmas: a primeira com 95,3%, a segunda com 89,9%.

Achar que as Organizadas em geral e a sua em particular são as que possuem um vínculo emocional mais forte como o time também indica, indiretamente, sentir-se um torcedor mais comprometido que os demais. Dessa forma, uma escala decrescente de envolvimento com o time traz: em primeiro lugar, minha organizada; em segundo, as outras; por último, os torcedores comuns. As três torcidas mostram essa visão, mas as duas Organizadas tradicionais defendem-na com mais veemência, enquanto os Cangaceiros estão um pouco mais divididos.

Há outra pergunta do questionário que ajuda a pensar essa questão hierárquica: “como você percebe os torcedores do seu time que não fazem parte de nenhuma Torcida Organizada”? Foram dadas cinco opções para receber notas, das quais destaque três: “são menos dedicados”; “são importantes porque também incentivam o time” e “não ligo pra eles”.

Tabela 37: Os torcedores do meu time que não fazem parte de nenhuma Torcida Organizada são menos dedicados.

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
--	-------------	----------	-----

Nota 01	45,8%	21,2%	42,3%
Nota 02	4,2%	4,7%	7,1%
Nota 03	16,7%	21,2%	10,7%
Nota 04	0,0%	8,2%	1,8%
Nota 05	29,3%	44,7%	38,1%

Cangaceiros e TUF têm visões semelhantes quando a essa afirmação. Predomina em ambas as torcidas o julgamento de que não é verdadeira. Para elas, os torcedores comuns são tão dedicados quanto os organizados. Mas chama a atenção também a quantidade dos que acham que os torcedores comuns são **sim** menos dedicados: 29,3% nos Cangaceiros e quase 40% na TUF. A Cearamor tem uma visão diferente, achando em sua maioria que os torcedores comuns **são de fato menos dedicados**, com 52,9% das respostas. Também há de se destacar os de visão contrária, quase 26%. A presença de porcentagens relevantes nas opiniões minoritárias mostra como as visões majoritárias não são consensuais. Deste modo, em geral, Cangaceiros e TUF acham que os torcedores comuns são tão dedicados quanto os Organizados; a Cearamor pensa o contrário. Todas as torcidas têm uma parcela significativa de componentes que discordam das visões predominantes.

Tabela 38: Os torcedores do meu time que não fazem parte de nenhuma Torcida Organizada são importantes porque também incentivam o time

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	4,2%	0,0%	10,1%
Nota 02	0,0%	2,4%	3,0%
Nota 03	4,2%	16,5%	9,5%
Nota 04	4,2%	9,4%	4,2%
Nota 05	83,3%	71,8%	73,2%
Não respondeu	4,2%	-	-

Prevalece nas respostas a ideia de que os torcedores comuns são importantes, porque também incentivam o time. As opiniões discordantes são em porcentagem bem menor do que no item anterior. Vale observar que nenhuma torcida chegou aos 90% de notas altas: os mais próximos foram os Cangaceiros, com 87,5%, somando notas 04 e 05. Eles, vale lembrar, já tinham mostrado ser os que menos tendem a concordar que as Organizadas são as que mais têm o time no coração. Isso mostra que os Cangaceiros, mais do que as demais torcidas, enxergam importância nos torcedores comuns.

Essa maior valorização que os Cangaceiros dão para os adeptos em geral fica evidenciada também na opção “não ligo pra eles” do questionário:

Tabela 39: Os torcedores do meu time que não fazem parte de nenhuma Torcida Organizada: não ligo pra eles

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nota 01	45,8%	21,2%	42,3%
Nota 02	4,2%	4,7%	7,1%
Nota 03	16,7%	21,2%	10,7%
Nota 04	0,0%	8,2%	1,8%
Nota 05	29,2%	44,7%	38,1%

Notas **altas** para esse item significa que a pessoa que respondeu **não** liga para os torcedores comuns. Notas baixas, por sua vez, indicam que essa pessoa se importa **sim** com os mesmos.

Os Cangaceiros foram os que deram menos notas altas: 29,2%. Esse percentual aumenta bastante na TUF, com 39,9% e chega ao patamar mais alto na Cearamor, com 53,9%. Assim, os Cangaceiros são os que mais se importam com os torcedores comuns, enquanto a Cearamor é a que menos pensa assim.

Comparando as cinco últimas tabelas, pode-se ver que, se por um lado as Organizadas em questão consideram a si mesmas como os torcedores que mais tem o time no coração, por outro elas reconhecem que os torcedores comuns, mesmo amando um pouco menos o time, também se dedicam e o incentivam. Isso é um ponto em comum a essas três Organizadas. Entretanto, é seguro dizer que os Cangaceiros se diferenciam em certa medida por serem os que mais valorizam e se importam com os torcedores comuns, e os que enaltecem um pouco menos o vínculo afetivo das Organizadas (em geral ou a sua própria) com o time.

4.5 Companhias e influências para torcer e para entrar na Organizada

Além das visões sobre as outras Organizadas e os torcedores comuns, existem ainda mais pontos de diferenças e aproximações entre os Cangaceiros e as organizadas tradicionais. Eles dizem respeito às influências que motivaram a torcer pelo time e a ingressar na torcida, bem como às companhias e ao modo de ir ao estádio.

Outra indagação importante era saber com quem esses torcedores costumam ir ao estádio. Será que as companhias que os Cangaceiros escolhem são as mesmas das outras duas? A resposta está na tabela a seguir:

Tabela 40: Eu costumo vir ao estádio com:			
	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Amigos	41,7%	56,5%	64,3%
Vizinho	0,0%	0,0%	1,2%
Esposa/esposo	12,5%	3,5%	7,7%
Família	29,2%	12,9%	7,7%
Namorada/namorad o	0,0%	7,1%	2,4%
Só com a Organizada	8,3%	16,5%	13,1%
Outros	8,3%	3,5%	3,6%

É preciso reconhecer que nessa pergunta pode haver uma dubiedade nas respostas. As pessoas consultadas poderiam considerar seus colegas de Organizada como amigos, o que tornaria menos preciso os números das opções “amigos” e “só com minha Torcida Organizada”. Mesmo assim é possível perceber informações interessantes. “Amigos” é a mais votada em todas as torcidas, com maior porcentagem na TUF (64,3), seguida de Cearamor (56,5) e por último os Cangaceiros (41,7). Esta foi a única que não alcançou pelo menos 50% nessa opção. Já a segunda opção mais votada é diferente entre os Cangaceiros e as duas outras. Estas selecionaram “só com a Organizada”, enquanto os Cangaceiros ficaram com “família”. Desta forma, Cearamor (73%) e TUF (77,4%) vão ao estádio largamente com amigos e/ou com colegas de torcida. Em contrapartida, a opção “só com a Organizada” foi a menos votada pelos Cangaceiros. Isso significa que os integrantes dessa torcida pouco vão ao estádio com colegas de cangaço; também mostra que, para ir aos jogos, o vínculo familiar é mais importante para os Cangaceiros, enquanto que na Cearamor e TUF as redes de amizade são mais relevantes nesse momento.

Com efeito, é uma característica dos integrantes de organizadas tradicionais irem ao estádio em grupos, sendo raro alguém ir sozinho (DIÓGENES, 2003, p. 79). Entra também aí a já discutida questão de bairro: os componentes de um mesmo bairro se reúnem para ir juntos, bradando os gritos de guerra e o nome do bairro em seu percurso. Os Cangaceiros, por sua vez, não costumam ter esse

tipo de mobilização. Eles vão chegando aos poucos no ponto de encontro da torcida no entorno do estádio; sozinhos ou em grupos “de carona” muito pequenos. Marcelo Ribeiro também comenta esse aspecto:

Diferentemente dos microexércitos da Cearamor ou M.O.F.I, os membros do Cangaço chegavam muitas vezes individualmente, em seus próprios veículos, em alguns casos, a “carona amiga” proporcionava a chegada de pequenos grupos de mais de três membros RIBEIRO, 2014, p. 73).

A companhia para ir ao estádio, muito mais do que um detalhe, é importante para compreender parte da própria constituição da torcida. Ir ao estádio com a torcida do bairro, gritando o nome dessas duas fontes de pertencimento pelas ruas, demonstra forte vínculo de afinidade desses torcedores com essas duas dimensões, lugar de moradia e Organizada. Em contrapartida, se dirigir à arena esportiva individualmente e em silêncio indica outro tipo de relação com aquelas dimensões.

A opção ir com esposa/esposo é maior nos Cangaceiros, seguidos de TUF e Cearamor. Isso é coerente com a faixa etária das torcidas, visto que, como sabemos, os Cangaceiros têm a maior média de idade. Já a alternativa “com a/o namorada/o” teve zero votos nos Cangaceiros. A Cearamor ficou com o maior percentual, 7,1. A TUF, 2,4. É interessante, contudo, ver essas respostas tomando como comparação a variável “sexo”. Isso porque não é incomum ouvir o julgamento de que as mulheres que vão ao estádio estão geralmente acompanhando os namorados ou esposos. Vejamos como isso se mostrou nas respostas:

Tabela 41: Eu costumo vir ao estádio com: divisão por sexo		
	Feminino	Masculino
Amigos	57,5%	60,2%
Vizinho	0,0%	0,8%
Esposa/esposo	15,0%	5,5%
Família	0,0%	13,1%
Namorada/namorado	7,5%	3,0%
Só com a Organizada	15,0%	13,6%
Outros	5,0%	3,8%

Com efeito, as mulheres que vão ao estádio acompanhando esposos(as) ou namorados(as) estão em número proporcionalmente maior do que os homens que vão com mesmo tipo de companhia: 22,5% contra 8,5%, respectivamente. Por outro lado, esse não é o principal tipo de acompanhante das mulheres nos estádios:

elas vão, em sua maioria, ao lado das amigas, 57,5%. O mesmo vale para os homens, 60,2%. Percebemos que são inclusive porcentagens relativamente próximas. Deste modo, tomando as mulheres integrantes de Torcidas Organizadas que vão ao estádio, elas o fazem sobretudo na companhia de amigas e amigos. Os parceiros ou parceiras aparecem em segundo lugar, bem atrás numericamente.

Essas conclusões sugerem que a afirmação de que as mulheres vão ao estádio para acompanhar seus parceiros ou parceiras precisa ser repensada, ao menos no que diz respeito às integrantes das Organizadas em questão. Mostra ainda que essas torcedoras de fato têm um vínculo com o time e a torcida. Embora não tenha sido alvo do questionário, é possível imaginar que, mesmo entre aquelas que vão na companhia de esposos(as) ou namorados(as), talvez exista uma parcela que já torcia pelo clube e frequentava a torcida antes do referido relacionamento começar.

Uma pergunta relacionada a esta foi a seguinte: “você vem ao estádio com um torcedor do outro time e se separa dele dentro do estádio”? O objetivo aqui foi medir o grau de tolerância que os consultados têm com torcedores rivais, especialmente em dias de jogo. É esperado que todos tenham algum amigo que torça para um time rival, e que essa convivência aconteça de maneira mais ou menos pacífica cotidianamente. Em dias de jogo, entretanto, quando a rivalidade se torna mais intensa, talvez a amizade fique de certo modo à prova. Ir ao estádio acompanhado do rival, então, é um teste ainda maior. Vejamos as respostas:

Tabela 42: Você vem ao estádio com um torcedor do outro time e se separa dele dentro do estádio?			
	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Nunca venho	37,5%	76,5%	79,8%
Venho uma ou outra vez	50,0%	20,0%	16,1%
Sempre venho	12,5%	3,5%	4,2%

Aqui é importante levar em conta que as Organizadas tradicionais, conforme já dito, geralmente dirigem-se ao estádio em grupos de torcedores da própria torcida, o que por consequência reduz bastante as chances de ir com um amigo fã da equipe adversária. Exemplo disso é que as respostas de Cearamor e TUF são relativamente semelhantes. Elas, em sua maioria, nunca vão ao estádio

com esse tipo de companhia. Uma minoria, que não chega a 20%, vai ocasionalmente; e uma parcela muito pequena deles sempre vai. Com os Cangaceiros dá-se o oposto: exatamente metade deles vai “uma vez ou outra”, enquanto 12,5% sempre vão. Desse modo, a maioria desses torcedores vive a experiência de ir ao estádio com um torcedor adversário, mesmo que apenas esporadicamente. A porcentagem dos que nunca vão também é relevante, próxima a 38%. Desta forma, dentre essas três torcidas, os Cangaceiros são os que mais exercitam esse “teste” de tolerância com torcedores adversários, enquanto as Organizadas tradicionais são mais fechadas em si mesmas no que diz respeito às companhias durante o trajeto ao estádio.

Outro conjunto de perguntas tratou do início dos vínculos com o time e com a torcida. Com qual idade se começa a torcer por um time? E o ingresso em uma Organizada, também se dá na mesma época? Esses dados são equivalentes entre homens e mulheres, ou há diferenças? As próximas tabelas analisarão isso.

Tabela 43: Quando você começou a torcer pelo time?			
	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Infância até 12 anos)	87,5%	84,7%	83,3%
Adolescência (entre 13 e 17)	8,3%	12,9%	14,3%
Adulto (acima de 17)	4,2%	2,4%	2,4%

As respostas das três torcidas foram parecidas. A maioria dos torcedores começou a torcer pelo time ainda na infância. Todas as torcidas passaram dos 80%. Os números mais altos foram nos Cangaceiros, em seguida Cearamor e, depois, TUF. Também foram poucos os que iniciaram esse vínculo afetivo com o clube na fase adulta. Novamente os Cangaceiros tiveram a porcentagem mais elevada: 4,2%. Cearamor e TUF empataram com 2,4%. Assim sendo, não há diferenças significativas entre os Cangaceiros e os componentes das outras duas torcidas no que diz respeito a essa questão. Será que o mesmo vale dentro da divisão por sexo?

Tabela 44: Quando você começou a torcer pelo time? (divisão por sexo)		
	Feminino	Masculino
Infância até 12 anos)	67,5%	86,9%
Adolescência (entre 13 e 17 anos)	30,0%	10,6%
Adulto (acima de 17 anos)	2,5%	2,5%

Tanto mulheres como homens começaram em sua maioria a torcer pelo time ainda na infância, mas os números são sensivelmente maiores entre eles, se aproximando dos 87%, enquanto elas ficam com 67,5%. Isso porque uma boa parte das mulheres só iniciou esse vínculo na adolescência, expressivos 30%, enquanto os homens ficam com 10% nesse caso. Desse modo, a tendência das mulheres a torcer pelo time na adolescência é maior que a dos homens. Não há dados para assegurar o porquê disso. Volta a hipótese de que é na adolescência que começam os namoros e, assim, as supostas influências de namorados(as) em fazê-las torcer pelo time. Entretanto, como visto na discussão da tabela 39, mesmo que exista essa influência, muitas torcedoras continuam indo ao estádio e participando da Organizada não mais com aqueles(as) companheiros(as), mas com amigas.

Esses são os dados sobre o início do vínculo afetivo com o clube. É hora de compará-los com a idade de ingresso na Organizada:

Tabela 45: Quando você ingressou na sua Torcida Organizada?			
	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Infância até 12 anos)	0,0%	28,2%	28,6%
Adolescência (entre 13 e 17 anos)	0,0%	56,5%	54,3%
Adulto (acima de 17 anos)	100%	15,3%	16,7%
Não respondeu	-	-	0,4

Aqui há uma óbvia limitação nas respostas dos Cangaceiros: seu componente mais jovem a responder ao questionário tinha 24 anos à época (2015); a torcida foi fundada em 2011. Por consequência, todos entraram na torcida já como adultos. Os dados das outras duas torcidas mostram grandes semelhanças, com pouca variação percentual entre as respostas. Tanto os componentes da Cearamor quanto os da TUF entraram na Organizada ainda adolescentes. A segunda faixa de idade mais mencionada foi a infância, ambas na casa dos 28%. Isso mostra como o ingresso nas organizadas tradicionais se dá cedo, boa parte às vezes ainda na infância.

Quanto aos Cangaceiros, valho-me dos dados qualitativos das entrevistas. Dentre os interlocutores que disseram ter feito parte de uma Organizada antes – Aldo, Célio, Gotardo, Braga e García – todos afirmaram terem entrado naquela torcida quando adolescentes. Os três primeiros na Cearamor; ou outros dois

na MOFI. Eles seguiram, então, a tendência de que a maior parte dos componentes das Organizadas tradicionais ingressa nelas entre os 13 e 17 anos.

Falta ainda ver as respostas a essa pergunta distribuída a partir da comparação entre homens e mulheres:

	Feminino	Masculino
Infância até 12 anos)	10,0%	28,8%
Adolescência (entre 13 e 17 anos)	60,0%	48,7%
Adulto (acima de 17 anos)	30,0%	22,0%
Não respondeu	-	0,4%

Mulheres e homens entraram nas suas Organizadas, em sua maioria, na adolescência. Entretanto, enquanto as mulheres chegam a exatos 60%, os homens não alcançam nem os 50%, ficando com 48,7%. O número de mulheres que entrou na Organizada na fase adulta é maior, 30% contra 22,0%. Já na infância a predominância é dos meninos, 28,8%, bem mais do que os 10% de meninas. Isso mostra que as mulheres tendem a ingressar em uma Organizada mais tardiamente do que os homens. Neste ponto considero válido lançar a hipótese de que os homens conquistam mais cedo a liberdade de ingressar na vida pública, enquanto às mulheres reserva-se (ou impõe-se) a vida privada por mais tempo. Discussões mais detalhadas sobre isso exigiriam dados mais profundos e uma pesquisa que se detivesse nessa temática.

A última pergunta do questionário que tomo para análise é a que toca no ponto primordial a partir do qual todas essas discussões se desenvolveram. Afinal, o que levou essas pessoas a torcerem pelos seus times? Uma hipótese comum é a influência familiar. Mas até onde isso realmente se refletiu nas torcidas estudadas? E quanto às amizades? Se um clube viver uma fase de glórias, ou tiver um jogador carismático, isso realmente se converterá em novos torcedores?

	Cangaceiros	Cearamor	TUF
Família	66,7%	69,4%	60,1%
Amigos	20,8%	17,6%	23,2%
A fase vitoriosa	8,3%	1,2%	1,8%

do time			
Algum jogador específico	0,0%	0,0%	0,6%
Outros	4,2%	11,8%	14,3%

Os Cangaceiros e as Organizadas tradicionais têm respostas semelhantes sobre o motivo de torcer para o time. Os integrantes das três torcidas foram influenciados, em maior parte, pela família. Todas ficaram na casa dos 60%, com destaque à Cearamor, com 69,4%. Os segundos mais influenciados foram os Cangaceiros, 66,7%. A TUF ficou com 60,1%. A influência dos amigos também é de certo modo semelhante nos três casos. Ela foi um pouco maior entre os componentes da TUF, seguidos dos Cangaceiros e, depois, da Cearamor. Chama a atenção a influência praticamente nula de um jogador em específico. Por mais que os grandes atletas sejam idolatrados, tenham seus nomes gritados pelos torcedores, eventualmente ganhem bandeiras em homenagem, virem garotos propaganda de produtos dos clubes... mesmo assim sua influência para conseguir novos adeptos ao clube é desprezível, no caso dos torcedores e torcidas consultados. De todos os que responderam ao questionário, uma única pessoa, da TUF, indicou um atleta como motivação para escolher aquele clube.

A diferença mais significativa entre as torcidas ficou na opção “a fase vitoriosa do time”. Já foi comentado aqui que o “torcedor ideal” deve estar ao lado do clube nos bons e nos maus momentos. Declarar-se fã do clube apenas nos momentos de vitória é “ser modinha”, é ser visto com reprovação. O mesmo julgamento vale para a justificativa de se escolher um time para torcer. Selecionar um clube apenas pela vitória é também “ser modinha”, é estar interessado apenas nas vitórias, e não nos sentimentos mais profundos que ligam equipe e torcida. As escolhas de Cearamor (1,2%) e TUF (1,8%) para a “fase vitoriosa” foram muito baixas. Já os Cangaceiros proporcionalmente, se mostraram mais influenciados por isso: 8,3%. Deste modo, no momento de escolher um time para torcer, os Cangaceiros se mostraram um pouco mais interessados na fase vitoriosa.

Essas informações não concordam com o que foi visto na Tabela 08, ainda no primeiro capítulo. Lá se questionou em que grau (nota 01 a 05) a fase vitoriosa motivava o torcedor a ir ao jogo. As respostas mostraram que Cearamor e TUF levavam isso bem mais em conta do que os Cangaceiros. Isso sugere que o

torcedor, no momento de optar por um clube, leva em conta outros aspectos que não a fase. Entretanto, uma vez assumido esse vínculo afetivo, o sucesso do time passa a ter importância para que o torcedor se disponha a sair de casa para ir até o estádio.

Os Cangaceiros Alvinegros se definem como uma torcida "diferente". Isso está presente constantemente em suas falas. Levando-se em conta que eles propõem uma maneira "diferente" de se torcer, essa diferença deve se dar em relação às torcidas que já estão presentes há mais tempo no mundo do futebol, as Organizadas tradicionais. Seus principais diretores chegam mesmo a afirmar que o intuito inicial sequer era formar uma torcida Organizada, mas sim um "movimento cultural". Por outro lado, pude observar que, além de buscarem distanciamento das Organizadas tradicionais, em várias oportunidades os Cangaceiros tentam o oposto, se aproximar daquele modelo já consolidado, como uma forma de encontrar um lugar dentro do *campo* das Torcidas Organizadas.

O objetivo deste capítulo foi identificar em quais situações os Cangaceiros procuravam a aproximação ou o afastamento do modelo tradicional de Organizadas, e por quê. Viu-se que essas proximidades/distinções são estratégias para, ao mesmo tempo, se consolidar no *campo* das Organizadas e se firmar como um novo modelo de torcer.

Por outro lado, levei em conta que as semelhanças e diferenças dos Cangaceiros em relação a outras torcidas nem sempre devem ser uma estratégia consciente de lutar por um lugar no *campo* das torcidas. Pensando nisso, lancei mão do questionário que comparava as opiniões dos Cangaceiros e de duas Organizadas tradicionais – Cearamor e TUF – sobre diversos assuntos relacionados ao mundo dos torcedores e torcidas. Essa comparação mostrou como os Cangaceiros são, de fato, uma torcida de opiniões predominantemente diferentes em relação às Organizadas tradicionais em muitos aspectos, mas ainda assim conserva alguns pontos de semelhança, que talvez eles sequer imaginassem existir.

As respostas dos questionários mostraram ainda como Cearamor e TUF, duas torcidas tradicionalmente rivais e que já se envolveram em diversos confrontos físicos, são, na verdade, uma espécie de "espelho" uma da outra, com muitas

similitudes de opiniões, disposições e motivações, além do perfil socioeconômico semelhante, conforme visto no primeiro capítulo.

Todas as três torcidas consultadas no questionário mostraram grande disposição em cantar no estádio, mas o tipo de músicas que estão dispostas a cantar é diferente. As Organizadas tradicionais usam predominantemente o *funk*. Os Cangaceiros, visando aceitação no universo das torcidas, também usam esse ritmo, sobretudo no seu CD. Já as canções no estádio lançam mão muito mais do forró, pelo seu vínculo com uma identidade de Nordeste, além de axé e samba, estilos musicais vibrantes e que servem de alternativa à batida *funk*, justamente para se diferenciar das Organizadas tradicionais.

A mascote da torcida é outro ponto de diferenciação: ao contrário das Organizadas tradicionais e seus personagens musculosos e agressivos, os Cangaceiros optaram por um vovô de feições alegres e sem músculos exagerados. As armas de fogo, típicas da figura do cangaceiro histórico, são deixadas de lado. Isso faz parte de um discurso contra a violência, amplamente usado pelos Cangaceiros. Essa torcida vê a si mesma como pacífica, enquanto encara as Organizadas tradicionais como violentas.

O conceito de violência que predomina nos cangaceiros é o dos confrontos físicos. A violência verbal dos termos pejorativos e frases homofóbicas estão presentes, do mesmo modo que nas organizadas tradicionais. O uso dessa violência verbal ajuda a criar uma imagem de virilidade, importante no *campo* das torcidas. Tão importante que é desejável que mesmo as mulheres demonstrem disposição à briga. Outra maneira de conquistar o capital simbólico da virilidade é a autoproclamação "bebedores de cachaça". O vínculo existente entre consumo de álcool e prática de atos violentos não é problematizada pela torcida, que na verdade rechaça essa ligação. Apesar dessa exibição de virilidade, os Cangaceiros ainda assim mostraram-se mais dispostos a praticar atitudes "femininas", como fazer coreografia e chorar, do que as outras Organizadas consultadas.

O discurso de torcida pacífica está presente na visão dos próprios componentes de que os Cangaceiros são uma família, e que se sentem seguros dentro da torcida. Para eles as outras organizadas não podem ser descritas desse

modo. Já as Organizadas tradicionais vêm a si mesmas e às torcidas em geral como uma família.

Os Cangaceiros sentem muito mais afinidade pelas Organizadas de propostas alternativas do que pelas tradicionais. Julgam-se muito mais parecidos com aquelas do que com estas. Por sua vez, a Cearamor indicou ser mais aberta às Organizadas de modelo alternativo, enxergando alguns pontos de semelhança com elas. Em contrapartida, as respostas dos Cangaceiros indicam que eles, bem mais do que as outras torcidas, se importam bastante com os torcedores comuns.

O discurso de identidade também é acionado pelos Cangaceiros como uma forma de distinção, afinal as Organizadas tradicionais não teriam a “bagagem cultural” necessária para reconhecer a profundidade dele. Mesmo assim, o elemento do forró aparece como uma oportunidade de aproximação: todos os que gostam desse ritmo musical, independentemente de serem ou não torcedores organizados, poderiam simpatizar e se aproximar dos Cangaceiros.

A maneira de ir ao estádio é um ponto de distinção. Enquanto as Organizadas comumente se deslocam em pequenos grupos ligados aos bairros, gritando ao longo do percurso os nomes do time e do lugar de moradia, os Cangaceiros vão geralmente com amigos ou família, e pouco com colegas da torcida.

Já a idade em que começaram a torcer pelo time é um ponto em comum entre todos: a infância é o principal período. Do mesmo modo, a pergunta “quem levou você a torcer pelo time” também apresentou semelhanças: a família em primeiro lugar e os amigos em segundo foram as grandes motivações na hora de se escolher um time para torcer. Neste ponto há uma pequena diferença para os Cangaceiros: eles foram a torcida que mais mostrou ter sido influenciada pela fase vitoriosa do time, ainda que os componentes dessa situação sejam uma minoria.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo dos torcedores de futebol é bastante heterogêneo. A aparente homogeneidade que a massa das torcidas leva a crer ao observador distante logo se desfaz quando se chega para dentro das arquibancadas. Além das diferenças de idade e socioeconômicas, os fãs dos times se diferenciam também pelo modo de torcer. Alguns apoiam a equipe solitariamente, ou em pequenos grupos de família ou amigos. São os “torcedores comuns”. Outros se reúnem em grupos que se organizam para promover uma festa empolgante nas arquibancadas: as Torcidas Organizadas.

Existem características comuns à maioria das Organizadas. Elas produzem materiais como camisas, bandeiras e faixas. Levam instrumentos musicais para executar canções de amor ao time (e uma grande parcela delas cantam também exaltando a si mesmas e fazendo chacota com os rivais) e fazem coreografias. Às vezes levam apitos, balões, confetes, rolos de papel, sinalizadores e todo o tipo de instrumentos que tornam essa *performance* visualmente excitante. Esse desempenho nas arquibancadas gera admiração dos demais torcedores, da imprensa e dos jogadores. As organizadas também têm certa influência junto às diretorias do clube. Como seu poder de incentivar os jogadores em campo é tão forte quanto sua capacidade de vaiar, realizar protestos, e até mesmo cooptar votos a um candidato ligado ao time, os diretores do clube desejam manter diálogos com essas organizações.

Por outro lado, existem aspectos que distinguem as Organizadas entre si, inclusive aquelas de um mesmo time. Se os valores como *performance* nas arquibancadas, desejo de apoiar o time, influência política, visibilidade e respeito são comuns a qualquer uma delas, outros valores são mais polêmicos. Um deles é o *capital* da violência. Algumas torcidas desejam passar a imagem de guerreiras, de terem disposição para o combate físico enfrentando rivais. Isso é desejado e estimulado entre seus componentes, homens ou mulheres. Esse espírito combativo se reflete em certos materiais dessas torcidas, como as mascotes: estas são geralmente musculosas, trazem feições agressivas, por vezes vestem uniformes de artes marciais e não raramente são desenhados lutando (e vencendo) seus

adversários. Isso também está presente nas músicas, que muitas vezes falam em “dar porrada” e “levar para o cemitério” os oponentes. Há uma série de questões sociais que ajudam a compreender as motivações desses torcedores (em sua maioria jovens) em se sentirem atraídos por esse tipo de imagem. O contexto social de pobreza, estigma e pouca atenção do Estado mostram um cenário em que os jovens têm possibilidades muito limitadas de construção de uma imagem social ativa ou positiva. Ingressar em uma torcida e assumir os valores de “guerreiro” e “disposição” é uma maneira de participar de um grupo social no qual não será discriminado e ainda poderá ser admirado por trazer consigo os valores positivos desse grupo. Além disso, por vezes, o contexto social desses jovens é marcado pelo uso da violência como forma de resolver impasses. Crescem habituados a isso e carregam consigo essas lógicas e posturas para onde vão, incluindo os estádios de futebol.

Outras torcidas rechaçam veementemente esse *capital* da violência. Para elas, práticas assim são ações de “falsos torcedores”, de pessoas em conflito com a lei, e essas torcidas críticas de modo algum se identificam com isso. São as “Organizadas alternativas”, em oposição às “Organizadas tradicionais”. As alternativas propõem novos modelos de conduta e valores para as Torcidas Organizadas. Essas propostas em geral rechaçam as práticas e representações de violência; pedem que as torcidas falem menos dos rivais e mais sobre os próprios times. Em última instância, desejam mesmo o fim dos modelos tradicionais de Organizadas. Elas próprias têm certas dificuldades em se definirem como tal. Expressões como “somos um movimento”, “uma família” ou “uma *barra brava*” são usadas por essas torcidas como forma de deixar claro o quanto não estão envolvidas com aquele modelo tradicional. Quando realmente precisam se definir como Organizada, logo vêm adjetivos como “diferente” e “diferenciada”.

Os valores das Organizadas, sejam aqueles compartilhados por todas ou os polêmicos, estão sempre em disputa. Por mais que as torcidas estabeleçam entre si uma situação de paz ou amizade, cada uma quer se destacar ante as demais. Os confrontos entre torcidas acionam e atualizam o *capital* da violência: mesmo um grupo numericamente inferior não deve fugir da briga. A coragem de encarar o combate por si só é um ganho desse valor. Todas também buscam aumentar seu número de membros, seja para ampliar a rede de amizades, para aumentar as

vozes e a festa nas arquibancadas ou, ainda, para crescer o número de doações financeiras e de trabalho voluntário em prol da torcida. Por menores que sejam o número de integrantes ou os recursos, todas as torcidas fazem suas faixas, camisas e bandeiras para demarcar seu lugar. Fazer-se ver, mesmo que de maneira secundária quando comparada às grandes torcidas, também é um ganho. A presença de diretores, jogadores, políticos e outras personalidades ligadas ao clube em eventos da torcida também está em jogo. Se uma torcida não tem tanto poder de incentivo ou de protesto, ter um diretor presente em sua festa de aniversário também é válido como uma conquista política. Essa disputa se torna mais forte quando lembramos que as organizadas alternativas questionam certos valores hegemônicos entre as tradicionais, desejando uma grande reformulação na estrutura de *capitais* e comportamentos das organizadas.

É nesse contexto que aparecem os Cangaceiros Alvinegros, Organizada alternativa ligada ao Ceará SC fundada em 2011. Nasceu como “movimento cultural”, e isso por pelo menos duas razões: primeiro não desejava a alcunha de Torcida Organizada; segundo, seus componentes tinham o grande objetivo de falar sobre a “cultura nordestina” nas arquibancadas e despertar em todos o “orgulho de ser nordestino”. Esse talvez seja seu grande diferencial em relação às demais torcidas.

A questão da identidade regional está presente em praticamente tudo o que os Cangaceiros fazem. Todos os seus materiais trazem elementos que, no julgamento dos componentes, remetem a uma cultura nordestina: camisas, faixas, bandeiras, chapéus de couro. As músicas em grande parte são paródias de forró, ritmo que é outro símbolo de “nordestinidade”. Se algumas organizadas fazem bandeiras com a foto de ex-jogadores ou de figuras como Bob Marley e Che Guevara, os Cangaceiros preferiram homenagear pessoas que de algum modo estão ligadas ao Nordeste: Luiz Gonzaga, Dominginhos, Patativa do Assaré e Antônio Conselheiro. O próprio nome da torcida é uma referência ao movimento do cangaço, que teve em Virgulino Lampião seu maior líder. Isso está presente também na mascote, o Vovô com chapéu de cangaceiro.

A maior parte dos símbolos acionados pela torcida remete a uma representação de Nordeste que traz várias características. A região é tratada de

maneira homogeneizada: pouco se fala nos estados ou em outros tipos de divisão, e muito no Nordeste como um grupo único; o Nordeste é retratado quase exclusivamente pelo seu sertão, e não pela vida urbana; esse sertão é, na maior parte das vezes, descrito pelo seu lado de dificuldade, a seca, a fome e a pobreza; contudo, há momentos também de se falar do sertão por aspectos positivos, como as festas, os forrós, a alegria, a cultura, a bravura. A crítica que essa torcida faz aos torcedores exofiliados e à estrutura do futebol brasileiro mostra uma imagem de Nordeste (representado pelo seu futebol) transformado em vítima dentro de uma polarização Nordeste x Sudeste.

Todas essas representações sobre a região Nordeste não foram frutos exclusivos da imaginação desses torcedores. Elas fazem parte de uma ideologia muito bem planejada e articulada, o “discurso regionalista nordestino”, nascido em meados do Século XIX com finalidades políticas, sociais e econômicas bem definidas: o desejo das elites açucareiras e algodozeiras em ganhar atenção e investimentos estatais por meio da imagem de um Nordeste pobre e seco. Essa representação, consolidada por meios como mídia, literatura, artes e academia, permanece nos dias de hoje não como resquício, mas como uma representação social bem estruturada.

Essa torcida tomou imagens de Nordeste socialmente vistas como negativas e até motivos de preconceito, discriminação e estereótipo (fome, seca, pobreza) e as reinterpretou, agora pela dimensão do orgulho. Se um integrante da torcida, o atual presidente foi “xingado” de “cangaceiro” por um carioca, a torcida responde: sou cangaceiro sim, e com orgulho. Desconstrói aspectos indesejados, como o da violência dos cangaceiros históricos, e reforça o “lado bom”: a coragem, a bravura, a virilidade e as festas.

O discurso regional, como dito, é um dos principais aspectos de diferenciação dos Cangaceiros em relação às demais Organizadas. Mesmo que outras torcidas pontualmente falem sobre sua região, apenas os Cangaceiros fazem isso de maneira tão sistemática e abundante. Essa torcida traz ainda mais discursos. Um deles é o da não violência, em conformidade com as demais Organizadas alternativas. Sua mascote não faz referência a artes marciais, sentimento de raiva ou brigas; suas músicas também não falam sobre entrar em confrontos físicos com

ninguém; os casos pontuais de algum integrante se envolver em “baderna” são resolvidos com expulsão. Por outro lado, vê-se que a violência combatida é a física, os combates sangrentos. Outro tipo de violência, a simbólica, está presente através de xingamentos e falas de cunho homofóbico. Os gritos afirmando que o adversário é feminino ou homossexual não são raros. Isso mostra um ponto de aproximação entre os Cangaceiros e as organizadas tradicionais, que também lançam mão da homofobia para desqualificar seus oponentes.

A dicotomia “crítica à violência física” e “uso da violência verbal” não se constitui como o único momento em que os Cangaceiros parecem, ao mesmo tempo, se distanciarem e se aproximarem do modelo de torcidas tradicionais. O cangaço está em um movimento frequente: ora deseja se assemelhar às Organizadas; ora quer mostrar que é diferente. Foi importante ver em quais circunstâncias se deu essa aproximação ou distanciamento, e de que maneira a torcida fez isso.

O uso do *funk* como ritmo das músicas no primeiro CD do cangaço é um exemplo de proximidade/afastamento. Conforme alguns componentes disseram, as torcidas do estado tradicionalmente tocam *funk*; se os Cangaceiros estavam nascendo enquanto torcida, se apresentado às outras Organizadas, aos demais torcedores e à imprensa, eles não deveriam romper com uma prática tão tradicional. Por outro lado, a maioria das músicas que foram parodiadas no CD é de forró, seja o pé-de-serra ou o eletrônico. Além disso, mesmo a batida *funk* das músicas por vezes é acompanhada de instrumentos forrozeiros como sanfona e triângulo. Aqui vem o distanciamento: somos parecidos no *funk*, mas somos diferentes na presença do forró e na simbologia que esse ritmo tem com o Nordeste.

A resignificação da figura do Cangaceiro também segue esse movimento. Por um lado ele representa o discurso da não violência ao ser magro, ao não usar armamento e ao seguir o lema “não portamos armas, bebemos cachaça”; por outro, o cangaceiro está ligado à imagem da bravura, virilidade, do “cabra macho”, que são valores positivos nas torcidas tradicionais. Se chamar o oponente de “gay” é uma forma de desqualificação, autoproclamar-se “cabra macho” deve ser entendido como positivo. Assim, a interpretação que os Cangaceiros dão a essa figura histórica segue, ao mesmo tempo, o distanciamento de certos valores das

Organizadas tradicionais (violência física) e a aproximação a outros (violência verbal).

O valor da virilidade também está presente nos Cangaceiros através da ode à bebida alcoólica, com especial referência à cachaça. Apesar de não terem a disposição para a briga, esses torcedores reforçam sua masculinidade supervalorizando sua prática de consumo de álcool. A bebida mais consumida pela maioria deles é a cerveja, em alguns casos até cervejas *premium*. Entretanto, afirmam-se com vigor “bebedores de cachaça”, um destilado de teor alcoólico bem mais elevado que o da cerveja.

Outras distinções/semelhanças entre os dois lados são menos evidentes, talvez para eles próprios. Dizem respeito ao modo como as torcidas veem a si mesmas, às outras, aos torcedores comuns; tratam também das disposições, motivações e formas de ir ao estádio. Essas informações foram conseguidas de maneira mais eficaz através da aplicação e análise de questionários. Nesse processo, compararam-se as respostas dos Cangaceiros com as da principal Organizada do Ceará SC, a Cearamor, e a maior torcida do seu rival Fortaleza EC, a TUF.

Os Cangaceiros veem a si mesmos como uma família, mas pensam diferente sobre as organizadas em geral. Os componentes destas, por sua vez, acham que tanto suas torcidas em específico quanto as Organizadas em geral são uma família. Do mesmo modo, os Cangaceiros consideram a si mesmos uma torcida pacífica, mas não pensam o mesmo das demais. Por sua vez, Cearamor e TUF tendem mais a considerar que as organizadas em geral, assim como as suas próprias, são pacíficas. Os Cangaceiros são os que mais se consideram pacíficos. Não por acaso, foram também os que mais se declararam sentirem-se seguros em sua torcida.

Os torcedores do cangaço sentem muito mais afinidade pelas Organizadas alternativas do que pelas demais, e se importam bastante com os torcedores comuns. Já a Cearamor, mesmo sendo uma torcida tradicional, mostrou bom grau de afinidade com as alternativas, embora tenha indicado se importar menos com os torcedores comuns.

Os Cangaceiros encaram seu aspecto regional como uma forma de distinção: acreditam que nem todos os torcedores (nos quais se incluem as organizadas tradicionais) teriam o *capital* cultural necessário para compreender o significado desse discurso. À exceção fica para o elemento do forró, símbolo mais conhecido e apreciado por qualquer um, seja ou não de organizada.

A maneira de ir ao estádio é diferente nos Cangaceiros. Eles vão pouco com os colegas de Organizada, e mais com amigos ou família. Nas torcidas tradicionais há o costume de ir em grupos, geralmente ligados aos bairros.

Tanto os integrantes das torcidas tradicionais quanto os Cangaceiros começaram a torcer pelo seu time ainda na infância. A influência disso também é ponto em comum: a família foi a principal razão, seguida dos amigos. Há um ponto de diferença: os Cangaceiros foram os que mostraram se influenciar um pouco mais com a fase vitoriosa do time, enquanto para as outras torcidas isso foi praticamente irrelevante. Em contrapartida, os Cangaceiros indicaram ser os que menos precisam da fase vitoriosa do time para se motivar a ir ao estádio.

Os Cangaceiros Alvinegros, no contexto das Torcidas Organizadas de Futebol do Ceará, integram o perfil de Organizadas alternativas. Nasceram como “movimento cultural”, mas precisaram se definir como Organizada por determinação do Ministério Público. Assumiram essa condição, mas trataram de advertir: somos uma Organizada diferente. Essa diferença está marcada especialmente pelo discurso “cultural” sobre o Nordeste e pela crítica à violência física entre as torcidas. Essa característica de diferenciação faz com que ela possa ser classificada como uma “Organizada alternativa”. Isso não a impede, contudo, de frequentemente se aproximar de alguns valores e práticas típicos das Organizadas tradicionais. Tal fato faz com que os Cangaceiros sigam um delicado e constante movimento em relação àquelas torcidas, hora de aproximação, ora de afirmação de distinção. Essas semelhanças e diferenças, entretanto, nem sempre são do conhecimento dos próprios sujeitos.

REFERÊNCIAS

ABREU, José Capistrano de. **Capítulos de história colonial** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2009. Disponível em <<http://books.scielo.org>>.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN/Massangana; São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.

ALDEMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 11, v.2, p. 445-465, jul./dez. 2003.

ALMEIDA, Rosiléia de Oliveira. A construção do Nordeste como região do atraso nos discursos sobre a exploração econômica da cana-de-açúcar. In: **Candombá – Revista Virtual**. 2007, p. 123-137.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. Nordeste, nordestes: que nordeste? In: AFFONSO, Rui de Britto Álvares & SILVA, Pedro Luiz Barros (orgs.). **Desigualdade regionais e desenvolvimento**. São Paulo: Unesp, 1995.

BARREIRA, Irllys & VIEIRA, Sulamita. Recriação de espaços simbólicos: o sertão e a cidade. In: **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 41. n. 1, p. 114-128, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

BRASIL. **Lei nº 10.671**, de 15 de maio de 2003. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.671.htm>. Acesso em: 01 e junho de 2015.

CAMPOS, Flávio de. & TOLEDO, Luiz Henrique de. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. **Revista USP**. São Paulo, n. 99, p. 123-138. 2013.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Unesp, 2006.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de. **O Nordeste e o regime autoritário: discurso e prática do planejamento regional**. São Paulo: Hucitec/Sudene, 1987.

CATTANI, Antônio David (Org.). **#protestos: análise das ciências sociais**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014.

CAVALCANTE. Diego Frank Marques. **Faces do futebol-arte no Brasil: da sedução malandra à imaginação tática**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

COELHO, Tiago da Silva. Candido Portinari e Graciliano Ramos: diálogos de *Vidas Secas* com *Os Retirantes*. In: **Revista Baleia na Rede**, n. 11, vol. 1, p. 36-51, 2014.

COSTA, Liduina Farias Almeida da. A construção do Nordeste: uma violência cordial. In: BARREIRA, César & LINS, Daniel (Org.). **Poder e violência**. Fortaleza: EUFC, 1996.

CURI, Martin. A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, n. 40, v. 19, p. 65-88, jul./dez. 2013.

DAMASCENO, Alberto. **Futebol cearense**: um século de história. Fortaleza: [s.n.], 2002.

DAMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

_____. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. 1998. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

DIÓGENES, Glória. **Itinerários de corpos juvenis**: o baile, o jogo e o tatame. São Paulo: Annablume, 2003.

_____. **Territorialidade e violência**: Novos ritos de ordenação urbana nas grandes metrópoles. Fortaleza: s/e, 1999.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FABRIS, Annateresa & FABRIS, Mariarosaria. A função social da arte: Cândido Portinari e Graciliano Ramos. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, n. 38, p. 11-19, 1995.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORI, Mary (Org.) & PINSKY, Carla Bassanezi (Coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

FRANÇA JUNIOR, Luís Celestino de. Seca. In: CARVALHO, Gilmar de (org.), **Bonito pra chover**: ensaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

FREIRE, Gilberto. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1967.

_____. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981.

GARRIGA ZUCAL, José. Pibitos chorros, fumancheros y con aguante: El delito, las drogas y la violencia como mecanismos constructores de identidad en una hinchada del fútbol. In: ALABARCÉS, Pablo et. al. **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo, 2005, p. 59-72.

GAUDIN, Benoit. **East-african runners**: socially-constructed sport abilities and migration networks. 2014. Disponível em: <urmis.unice.fr/?Gaudin-Benoit-899> Acesso: 22 de fevereiro de 2016.

GUEDES, Simoni Lahud. **O futebol brasileiro**: instituição zero. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1977.

GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: o caso da Copa de 70. Dissertação (mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, 2006.

HELAL, Ronaldo. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. In: **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, ano 8, v. 8, n. 21, p. 11-37, mar. 2011.

HELAL, Ronaldo. SOARES, Antônio Jorge & LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de & SILVA, Melba Fernanda da. No tempo da charanga. In: **Esporte e Sociedade**, ano 2, v. 4, nov. 2006 – fev. 2007.

LOVISOLO, Hugo. Sociologado esporte: viradas argumentativa. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 26., 2002, Caxambu. **Anais...** ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 2002.

MARQUES, Ana Cláudia Duarte Rocha & VILELLA, Jorge Luiz. O poder e o território do bandido: reflexões sobre Lampião, o Rei do Cangaço. In: **Revista Ilha**. Florianópolis, n.0, p. 119-138, out. 1999.

MARQUES, Raoni Oliveira. **Guerreiras do leão**: gênero e torcidas organizadas. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. 2013.

MENEZES, Djacir. **O Outro Nordeste**: ensaio sobre a evolução social e política do Nordeste da 'Civilização do Couro' e suas implicações históricas nos problemas gerais. Fortaleza: Casa de José de Alencar/UFC, 1995.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. Existe o Nordeste? (gênese de sua invenção como região). In: **Revista do Instituto do Ceará**, v. 119, p. 125-179, 2005.

Ministério Público do Estado do Ceará. **MP-CE celebra TAC com torcidas organizadas**. Disponível em:

<<http://www.mpce.mp.br/servicos/asscom/destaques.asp?cd=1300>>. Acesso em 31 de janeiro de 2016.

MORAES, Jonas Rodrigues de. Polifonia de sons: a construção da identidade nordestina na produção musical e na trajetória artística de Luiz Gonzaga e Torquato Neto. In: **Projeto História**, v. 43, jul./dez. 2011.

MORAIS, Diego Batista de. **O jogo na arquibancada**: o *Setor Alvinegro* as *performances* do torcer no contexto do futebol espetacularizado. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. 2015.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, Jocimar (Org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. O último refúgio da língua geral no Brasil. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, v.26, n.76, set./dez. 2012.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)giao: SUDENE**, Nordeste. Planejamento e conflitos de classes. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1993.

OLIVEIRA JUNIOR, Ricardo César Gadelha de. **Doação e trabalho voluntário dos torcedores no futebol cearense: o caso do Movimento Independente da Torcida Tricolor**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. 2012.

OLIVEIRA LIMA, Maria Érica de & FREIRE, Libny. Forró eletrônico: um olhar na produção cultural regional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. **Anais...** Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2011.

ORTIZ, Renato. A procura de uma sociologia prática. In: ____ (Org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1993, p. 7-36.

PALOMBINI, Carlos. Soul brasileiro e funk carioca. In: **Revista Opus**. Goiânia, v. 15, n. 1, p. 37-61, jun. 2009.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina**. São Paulo: Cortez, 1992.

PIMENTA, Rosângela Duarte. **Arte e força no futebol brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Humanidade, Universidade Federal do Ceará, 2002.

____. **Desvendando o jogo: o futebol amador e a pelada na cidade e no sertão**. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. Sociabilidades torcedoras: uma análise da forma de torcer em Fortaleza nos anos 1960 e 1970. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DO CEARÁ, 14., 2014, Limoeiro do Norte. **Anais...** Associação Nacional de História, 2014a.

____. Torcida Organizada Garra Tricolor: sociabilidades, identidade e memórias em Fortaleza (1980-1992). In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 12., Teresina. **Anais...** Associação Brasileira de História Oral, 2014b.

RIAL, Carmen. Fronteiras e zonas na circulação global dos jogadores brasileiros de futebol. In: **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, n. 109, v. 14, p. 5-34, 2009.

____. Rúgbi e judô: esporte e masculinidade. In.: PEDRO, Joana Maria & GROSSI, Miriam Pillar (Org.). **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. **Conflitos, territórios e identificações: o encontro de experiências nas torcidas organizadas Cearamor e M.O.F.I**. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, 2010.

RIBEIRO, Marcelo da Silva. **Identidade futebolística e regional das arquibancadas**: o caso da Torcida Organizada Cangaceiros Alvinegros e sua ideologia de valorização regional. 2014. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, 2014.

RIBEIRO, Marli. Uma guerra premium: Heineken x Budweiser. **Estadão**, São Paulo, 25 jul. 2011. Disponível em: <economia.estadao.com.br/noticias/749435> Acesso: 12 de dezembro de 2015.

ROGÉRIO, Radamés de Mesquita. **No “segundo tempo da vida”**: o jogador de futebol e a passagem para a pós-carreira. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, 2014.

ROGÉRIO, Radamés de Mesquita & VASCONCELOS, Leonardo Costa de. A Copa do Mundo Brasil 2014 como instrumento de “modernização conservadora”: o caso de Fortaleza como cidade-sede. In: **Esporte e Sociedade**, ano 9, n. 23, mar. 2014.

SABINO, César & LUZ, Madel T. Forma da dor e dor da forma: significado e função da dor física entre praticantes de *bodybuilding* em academias de musculação do Rio de Janeiro. In: **Phisics – Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v, 24, n. 2, p. 467-490, 2014.

SEEMANN, Jörn. Geografia, geograficidade e a poética do espaço: Patativa do Assaré e as paisagens da região do Cariri (Ceará). **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 50-73, set. 2007.

SILVA NETTO, Gilberto da Motta e & SANTOS, Francisco Xavier dos. Pertencimento clubístico: uma avaliação da produção socioantropológica sobre o tema. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE e PRÉ-ALAS BRASIL, 15., 2012, Teresina. **Anais...** 2012.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **O regionalismo nordestino**: existência e consciência da desigualdade social. São Paulo: Moderna, 1984.

SOARES, Antônio Jorge. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, Pablo (Org.). **Futbologías**: fútbol, identidade y violencia em América Latina. Buenos Aires, CLACSO, abr. 2003, p. 145-162.

_____. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, 1998.

SOARES, Antônio Jorge & LOVISOLO, Hugo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 1, p. 129-143, set. 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TROTTA, Felipe. O forró eletrônico no Nordeste: um estudo de caso. In: **Intertexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 20, p. 102-116, jan./jun. 2009.

VASCONCELOS, Artur Alves de. 2011. **Identidade futebolística**: os torcedores “mistos” no Nordeste. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. 2011.

VASCONCELOS, Artur Alves de & ABREU, Domingos Sávio. #Onordestemerece um #Nordestelivre: futebol e identidade regional na TV Esporte Interativo. In: **Esporte e Sociedade**, ano 10, n. 24, mar. 2015.

VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha. In: **Remate de Males**, Campinas, v.13, p. 41-46, 1993.

VIEIRA, Inês Zena Almeida. **Delicadeza e espírito de grupo**: o basquetebol como invenção cultural. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. 2009.

VIEIRA, Sulamita. **O sertão em movimento**: a dinâmica da produção cultural. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

WACQUANT, Loïc. Esclarecer o habitus. In: **Educação & linguagem**. N. 16, p. 63-71, jul./dez. 2007.

ZENI, Bruno. O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva. In: **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 18, n. 50, jan./abr. 2004.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

As entrevistas seguiram o formato semiestruturado, de maneira que cada interlocutor teve algumas ou várias perguntas feitas de acordo com o andamento da conversa. Indico a seguir as perguntas mais comuns a todos:

1. Está há quanto tempo na torcida? Como foi o ingresso nela?
2. Você sabe de onde surgiu a ideia de fazer essa torcida?
3. Você já tinha feito parte de alguma Torcida Organizada antes? Existe diferença entre a torcida antiga e os Cangaceiros?
4. Como se dá a relação com outras torcidas do Ceará?
5. Vocês costumam viajar para acompanhar o time em alguns jogos?
6. Você torce ou já torceu por outro time, além do Ceará?
7. As ideias sobre o desenho das camisas e de outros materiais, geralmente são de quem?
8. A escolha dessas músicas pra serem parodiadas, como é feita?
9. Você já chegou a ir a um baile *funk*?
10. Qual bebida vocês consomem mais?
11. Por que se fala tanto de cachaça nas músicas?
12. Por que escolheram homenagear Luiz Gonzaga, Dominginhos, Patativa do Assaré?
13. Você já conhecia a obra desses artistas antes de entrar na torcida?
14. A cor laranja, ela em um significado específico?
15. As Torcidas Organizadas de um modo geral têm uma imagem de violência. Por que você acha que isso acontece?
16. Muita gente acha que a bebida alcoólica pode incentivar uma pessoa a cometer atos violentos. Você acha que existe essa relação de álcool com violência?
17. Essa figura do cangaceiro também é vista por algumas pessoas como algo violento. Como você vê isso?
18. Você já chegou a se envolver em algum confronto físico entre torcedores?

APÊNDICE B – MODELO DE QUESTIONÁRIO

O questionário aplicado entre as três torcidas foi igual para todas elas. Foram feitas apenas as adaptações necessárias no momento de citar as demais Organizadas do time.

Idade _____
 Sexo M () F ()
 Bairro em que mora _____

Escolaridade

- () Analfabeto/fundamental I incompleto
- () Fundamental I completo / Fundamental II incompleto
- () Fundamental II completo / Médio incompleto
- () Médio completo / superior incompleto
- () Superior completo

Quando você começou a torcer pelo time?

- () Infância (até 12 anos)
- () Adolescência (entre 12 e 17 anos)
- () Adulto (acima de 17 anos)

Quem levou você a torcer pelo time?

- () Família
- () Amigos
- () Fase vitoriosa do time
- () Algum jogador específico
- () Outros _____

Quando você ingressou na Cearamor?

- () Infância (até 12 anos)
- () Adolescência (entre 12 e 17 anos)
- () Adulto (acima de 17 anos)

Você participa ou participou de outra Torcida Organizada?

- () Participo de duas ou mais Torcidas Organizadas
- () Já participei de outra(s), mas saí
- () Nunca participei de outra Torcida Organizada

[Se tiver respondido a opção 02 do item anterior] Por que saiu da sua antiga Torcida Organizada?

- () Porque estava violenta
- () Porque fiz inimizades
- () Porque achava ela pouco vibrante
- () outra _____

O que levou você a participar da Torcida Organizada? Dê uma nota de 1 a 5 para cada resposta. 1 é o menos importante e 5 é o mais importante na sua escolha.

- () Porque me sinto seguro

-) Porque motivo meu time
-) Porque acompanho meus amigos
-) Porque me sinto em família
-) Porque me sinto Nordestino

O que está disposto a fazer junto com sua Torcida Organizada? Dê uma nota de 1 a 5 para cada resposta. 1 é o menos importante e 5 é o mais importante na sua escolha.

-) Eu estou disposto a cantar
-) Eu estou disposto a fazer coreografia
-) Eu estou disposto a gritar
-) Eu estou disposto a brigar
-) Eu estou disposto a chorar
-) Eu estou disposto a ajudar com dinheiro

Qual sua motivação para ir ao Estádio? Dê uma nota de 1 a 5 para cada resposta. 1 é o menos importante e 5 é o mais importante na sua escolha.

-) Fazer parte da torcida organizada
-) É o meu momento de lazer
-) Gosto de ver o jogo ao vivo
-) Gosto de participar da festa e da vibração da torcida
-) A fase vitoriosa do clube
-) Incentivar meu time
-) Brigar pelo meu time

O que você acha das Torcidas Organizadas em geral (as do Fortaleza e as do Ceará)? Dê uma nota de 1 a 5 para cada resposta. 1 é o menos importante e 5 é o mais importante na sua escolha.

-) São uma família
-) São os que mais têm o time no coração
-) São bagunceiros
-) São briguentos
-) São pacíficos

O que você acha da Torcida Organizada do seu time? Dê uma nota de 1 a 5 para cada resposta. 1 é o menos importante e 5 é o mais importante na sua escolha.

-) É uma família
-) São os que mais têm o time no coração
-) São bagunceiros
-) São briguentos
-) São pacíficos

Que nota você dá para a sua Torcida Organizada? Dê uma nota de 01 a 10. _____

Que nota você dá para as outras Torcidas Organizadas do seu time? Dê uma nota de 1 a 10 para cada uma delas: [O questionário aplicado com a Cearamor troca a primeira opção por "Cangaceiros Alvinegros"; já o direcionado à TUF cita as Organizadas do Fortaleza EC. O mesmo vale para as duas próximas perguntas]

- Cearamor
- Ceará Chopp
- Fúria Jovem do Ceará
- M.O.F.I.
- Setor Alvinegro

Qual Torcida Organizada do seu time você acha que se comporta de maneira mais parecida como a sua?

- Cearamor
- Ceará Chopp
- Fúria Jovem do Ceará
- M.O.F.I.
- Setor Alvinegro

Qual Torcida Organizada do seu time você acha que se comporta de maneira mais diferente da sua?

- Cearamor
- Ceará Chopp
- Fúria Jovem do Ceará
- M.O.F.I.
- Setor Alvinegro

Com quem você costuma vir ao Estádio?

- Família
- Esposa (o)
- Namorada (o)
- Só com a Torcida Organizada
- Amigos
- Vizinho
- Outros _____

Você vem ao estádio com um torcedor do outro time e se separa dele dentro do estádio?

- Nunca venho
- Venho uma ou outra vez
- Sempre venho

Quantas vezes vem ao estádio no estado do Ceará durante o mês ver o Ceará jogar?

- 1 2 3 4 5 Todos os jogos

Com que frequência vai ao Estádio em outros estados durante o mês?

- Nunca fui
- Raramente
- Algumas vezes
- Com frequência
- Todos os jogos

Como você percebe os torcedores do seu time que não fazem parte de nenhuma T.O.? Dê uma nota de 1 a 5 para cada resposta. 1 é o menos importante e 5 é o mais importante na sua avaliação.

- São menos dedicados
- São pé frio
- São importantes porque também incentivam o time
- São modinhas
- Não ligo pra eles

Qual a renda familiar na sua casa? [Salário mínimo = R\$ 788,00]

- até um salário mínimo
- até 2 salários
- até 3 salários
- até 5 salários
- até 10 salários
- mais de 10 salários

Você torce ou já torceu por um time de futebol fora do seu estado?

- Sim
- Não
- Já torci

[Se tiver respondido “não” ou “já torci” na questão anterior] Em uma palavra, como você descreveria a pessoa que torce para um time de outro estado?
